



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

PROC.-	546
LIV.-	01
PAG.-	15
REG.-	457

TÍTULO: "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"

AUTOR CESAR VIEIRA

DISTRIBUIÇÃO

PROTOCOLOS:

44456/SRA/BSB

00018/SRA/BSB

54629/SRA/BSB

37903/SRA/BSB

12626/SRA/BSB

40177/SR/SP

32029/SRA/BSB

39751/SRA/BSB

4525/DCDP/BSB

8059/83/DCDP

2

Ilustríssimo Senhor

PROF. WILSON ALMEIDA DE AGUIAR

DD. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do DPF

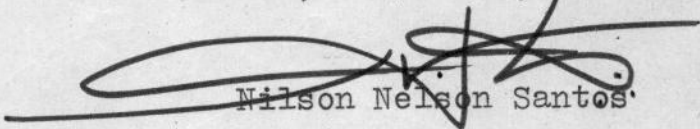
Nilson Nelson Santos, abaixo assinado, por autorização do Sr. César Vieira, autor da peça teatral / "O EVANGELHO SEGUNDO ZABEDEU", vem mui respeitosamente a presença de V.Sa. solicitar a Renovação de Censura para a referida peça, cujo certificado anterior, expedido em 14/08/68 / recebeu o número 457/68.

Outrossim, informa a V.Sa. que os cortes mencionados no anterior "script" liberado pela Censura / Federal foram definitivamente efetuados, e, não fazem parte dos textos que ora lhe enviamos, conforme poderá ser verificado.

Nestes Termos, Respeitosamente

Pede Deferimento

Brasília, 09 de março de 1970.

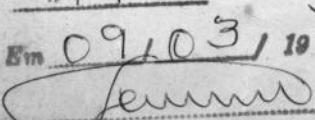

Nilson Nelson Santos

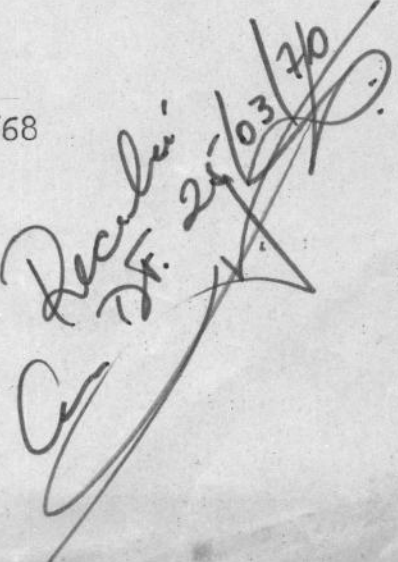
Em Anexo: Certificado de Censura nº 457/68

Autorização da SBAT nº 179579

4 () cópias do texto

QUATRO

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 4998
Em 09/03/70

Protocolista


Recibido 25/03/70
Car



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

V8

P A R E C E R

Documentação

- a) Título em Português: " O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU "
- b) Título original: XXXXXXXX
- c) Autor: CÉSAR VIEIRA
- d) Tradutor: XXXXXX
- e) Diretor: XXXXXXXX
- f) Produtor: XXXXXXXX
- g) Companhia: XXXXXXXX
- h) Classificação da Censura: IMPRÓPRIA - para menores de 18 anos.

Análise Ambas as peças são iguais, contando com os cortes que foram efetuados por determinação da Censura.

- a) Gênero: Drama: baseado em tema histórico.
- b) Argumento: Antonio Conselheiro, e seus ~~seus~~ acompanhantes, lutavam para libertarem-se no movimento do Canudos. Primeiramente, vamos encontrar Antonio Conselheiro atuando junto aos seus fieis, doutrinando-os. Depois verificamos a repreensão militar, exposta de tal maneira que coloca os militares em situação um tanto delicada. Mas tendo em vista que a peça é baseada em fato histórico, e, que a exposição do autor não chega a ferir as atuais forças militares, a peça deverá continuar com a mesma impropriedade, que é, imprópria para menores de 18 anos.
- c) 1 - Mensagem: penas conta-nos um fato histórico, mas não chega a trazer, uma mensagem bem esclarecedora.

2 - Impressão final: Peça feita com base nos fatos históricos.

- d) Diálogos: Próprios da peça, porém agora já sem os palavrões.
- e) Cenas: normais.

f) Personagens: ZECA; PONCIANO ; VOUQUES; JOÃO LINDOSO; PEDRÃO; VICENTE;
MAGDA; CICO; ANA; SUSANA E ETC....

g) Valor educativo: Não apenas histórica.

III) Conclusão Peça que pelo seu conteúdo , merece um voto de louvor.

Brasília, 23 de março de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº 215

Lúcio Jaimes Acosta
 Lúcio Jaimes Acosta

Sr. Chefe da seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada com o voto do Técnico de Censura Credenciado LUCIO JAIME ACOSTA, que a examinou:

TÍTULO :- O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

AUTOR :- CESAR VIEIRA

REST. :- 18 ANOS

EM, 24-03-70

TETC-SC-SCDP

Arquivado
24/3/70
 Censor Lúcio Acosta indicou
 a impropriedade para menores de
 18 anos. SM 8.

Em 24/3/70

[Assinatura]

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto
— de 1920. —



Filiada à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores.
— de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340,p.5

Direitos de Representação

Autorização Nº 179579

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: *Evangelho Segundo Lebedev*

Original de *Cesar Vieira*

Música de

Tradução de

No Teatro *CAMA* Cidade *A. Varfo*

Empresa *Teatro do Oute* Pela Cia.

nos dias *Para Censura da peça*

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

.....% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Em-

prêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente au-

enticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral paga-

mento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Varfo, 6 de *Fevereiro* de 1950.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêto Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarês, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340, p. 7
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 457/68

PEÇA -/::: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU ::/-

ORIGINAL DE CÉSAR VIEIRA

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 14 de A G O S T O de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

Brasília, 14 de AGOSTO de 19 68

N. Braga
Chefe do S. C. D. P.

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

COM CORTES

apca/

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0340, p. 8

Certifico constar do livro nº 01 - fôlha nº 14v, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -::: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU :::

Original de CÉSAR VIEIRA

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de CIA. PROFISSIONAL DE TEATRO BENJAMIM CATTAN (SP)

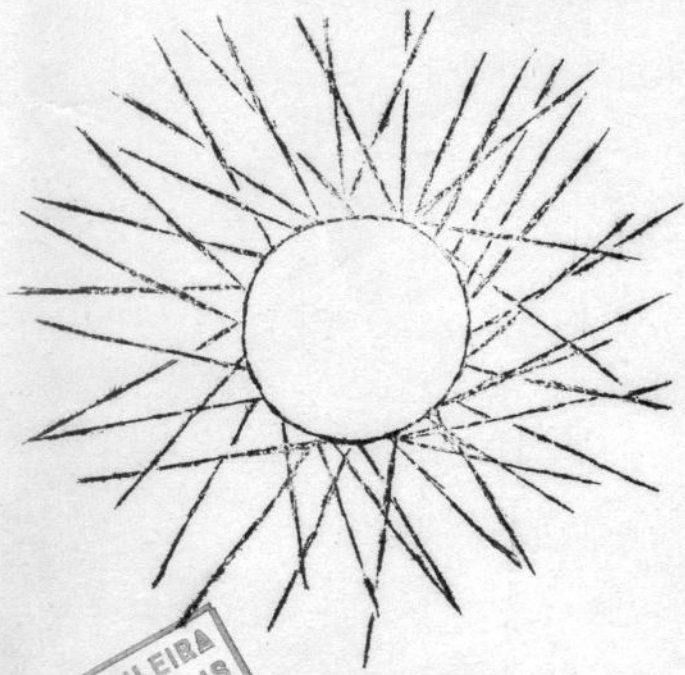
Tendo sido censurada em 08 de A G O S T O de 19 68 e recebido a seguinte classificação: === IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS, COM A SUPRESSÃO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES ASSINALADAS ÀS FLS. 06 (SEIS) e 07 (SETE) DO PRIMEIRO ATO E, FLS. 03 (TRÊS), 05 (CINCO), 10 (DEZ), 11 (ONZE) e 13 (TREZE) DO SEGUNDO ATO DO SCRIPT ORIGINAL APRESENTADO AO SCDP PARA CENSURA ===

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

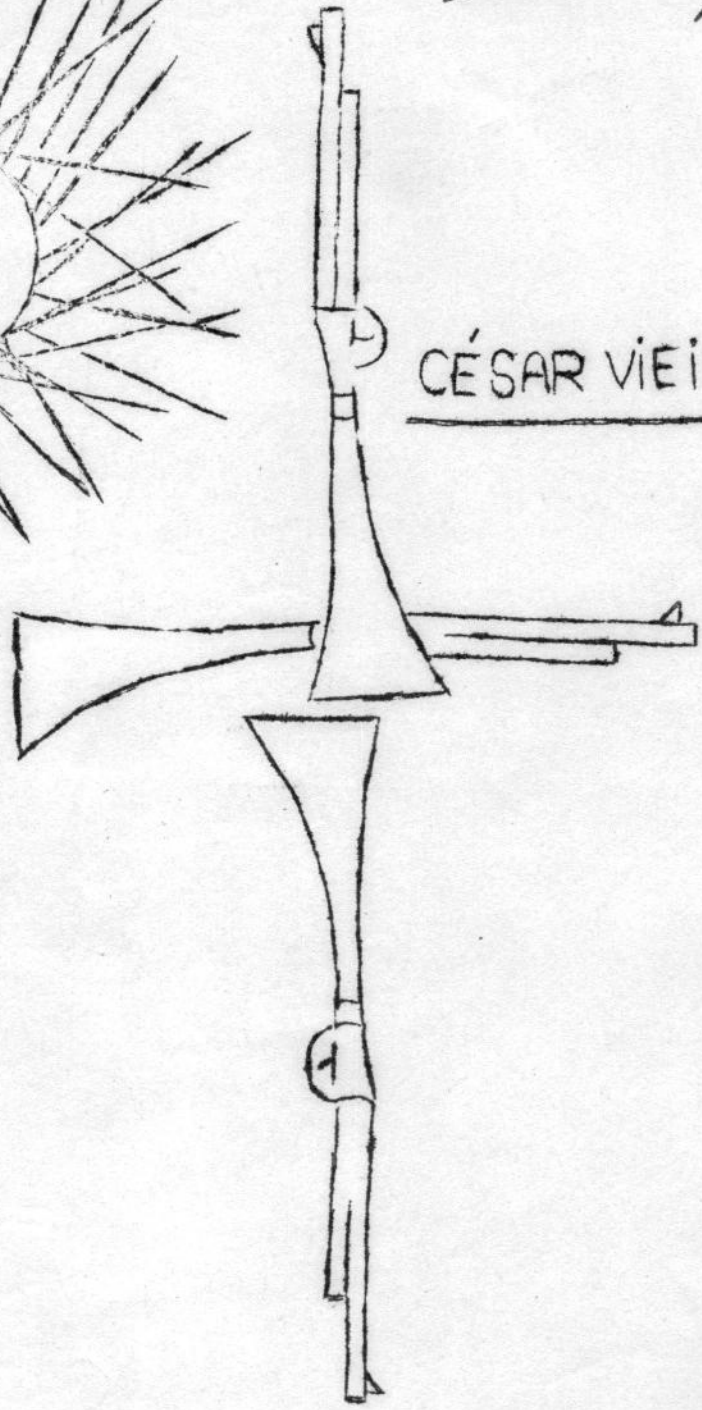
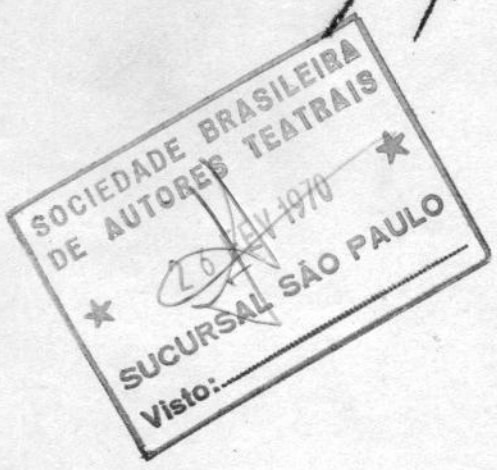
Brasília, 14 de A G O S T O de 19 68

- JOSE SAMPAIO BRAGA -

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



CÉSAR VIEIRA



EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

- "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" -

- BIBLIOGRAFIA :

- OS SERTÕES - Euclides da Cunha
- Diário de uma expedição - Canudos - Euclides da Cunha
- DISCURSOS NO CONGRESSO SOBRE A GUERRA DE CANUDOS -
Ruy Barbosa
- EPILEPSIA E CRISE - Afrânio Peixoto
- CASA GRANDE E SENZALA - Gilberto Freire
- O CAPITÃO JAGUNÇO - Paulo Dantas
- HISTÓRIA DO BRASIL - Pedro Calmon
- HISTÓRIA SOCIAL DO BRASIL - Pedro Calmon
- Revista de História 3. Paulo - N°s. 57 de 1.964
- TERRA DA LUZ - Filgueiras Lima
- JUDAS ISCARIOTES - Leonid Andreiff
- ORIGENS DO CRISTIANISMO - J. Lentesnam
- O SEBASTIANISTA - Palmeirin
- O ROMANCE DE ALKACER XIBIR - Cancioneiro Popular Portu-
guês
- TRADIÇÕES POPULARES - Amadeu Amaral
- ANTOLOGIA DO FOLCLORE BRASILEIRO - Luiz Câmara Cascu
do
- VIOLEIROS DO NORTE - Leonardo Motta
- A BAIÁ DE OUTRORA - Miguel Querino
- BIBLIA
- TRIUNFO PARADOXAL - Padre Santo Armelin
- ANAIS DO CONGRESSO DE HISTÓRIA DA BAIÁ - IV - 575 - 1950
- Frei João Evangelista de Monte Marciano
- "RERUM NOVARUM"
- "MATER ET MAGISTRA"
- "POPULORUM PROGRESSO"
- GENERAL ARTHUR OSCAR, UM SOLDADO DO IMPÉRIO E DA
REPÚBLICA - General Carlos Eugênio A. Guima-
rães
- ENSAIO SOBRE A PSICOLOGIA DA INFANTARIA
- Tenente Coronel Bouchacourt
- EXPEDIÇÕES MILITARES CONTRA CANUDOS
- General Tristão de Alencar Araripe
- A QUARTA EXPEDIÇÃO À CANUDOS - Major Constantino Mery
- A GUERRA DE CANUDOS - Tenente Henrique Duque Estrada de
Macedo Soares
- ACIDENTES DA GUERRA - Emygdio Dantas Barreto (Oficial do
Exército)
- ÚLTIMA EXPEDIÇÃO À CANUDOS - Emygdio Dantas Barreto
- RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA GUERRA
- Rio - Agosto - 1898
- JOÃO ABADE - A. Felício dos Santos

7

1 - Curriculum Vitae de Cesar Vieira
(Edibal Almeida Piveta)

- 1 - Viagem de estudo à Europa (1.956)
- 2 - Lecionou "Direito Eleitoral" na Brochings Institucion da George Washington University - Washington DC - 1.966 -
- 3 - Autor de 4 Projetos de Reforma Eleitoral, em discussão na Câmara Federal.
- 4 - Advogado e Jornalista.
- 5 - Membro Honorário da "La Manna Experimental Teather", de New York - U.S.A.

a

2 - Obras

- 1 - "UM UISQUE PARA O REI SAUL" - Teatro
 Texto premiado no "I Seminário Carioca de Dramaturgia"
 Premiado também no "V Festival Nacional de Teatro do Estudante - Rio de Janeiro - 1.968
 Prêmio Molière outorgado à atriz Glaucê Rocha por seu desempenho nesse monólogo (melhor atriz de 1.968)
 Peça escolhida para representar o Brasil no "Festival Internacional de Teatro em Lisboa"
 Em fase de montagem em Buenos Aires e Montevideu
- 2 - "ALEXANDRE DE GUSMÃO" - Ensaio Biográfico
 1º Prêmio no "Concurso Literário do IV Centenário da Cidade de São Paulo"
- 3 - "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" - Teatro
 Adaptação de "OS SERTÕES", de Euclides da Cunha
- 4 - "OS SINCEROS" - Teatro
- 5 - "O TRANSPLANTE" - Teatro
- 6 - "CORINTHIAS, MEU AMOR" - Roteiro Cinematográfico
- 7 - "SANTOS DUMONT" - Ensaio Biográfico
- 8 - "PADRE FELJO" - Ensaio Biográfico
- 9 - EM BUSCA DA VERDADE ELEITORAL - Estudo sobre legislação
- 10 - "MAR DE LAMA" - Romance - ficção política
- 11 - "AMOR DE NAPOLEÃO" - Romance histórico
- 12 - "LOMBROSIEL" ou "A SOLUÇÃO MULATA PARA O PROBLEMA DA AUTORIA DAS OBRAS DE W. SHAKESPEAR" - Teatro
- 13 - "ALGUÉM LATE LA FORA" - Teatro
- 14 - "JESUS EM BRASÍLIA" - Contos
- 15 - "O JULGAMENTO DE MANÉ GARRINCHA" - Poesia
- 16 - "CALADAR" - Teatro
- 17 - "REI MOMO" - Teatro

AUTO DOS FATOS QUE SE SUCEDERAM DURANTE A "GUERRA DOS CANUDOS", NO SERTÃO DA BAHIA-- CONFORME FÔRAM VISTOS POR ZEBEDEU MARTINS COMEDOR DE FOGO DO CIRCO "IRMÃOS TIBÉRIO" EM SUAS ANDANÇAS PELO BRASIL COM ESSE E OUTROS CIRCOS.

--O--O--O--

"SEREI UM VINGADOR E TEREI DESEMPENHADO UM GRANDE PAPEL NA VIDA: O DE ADVOGADO DOS POBRES SERTANEJOS ASSASSINADOS POR UMA SOCIEDADE PULHA, COBARDE E SANGUINÁRIA."

- Euclides da Cunha -

"CANUDOS É UMA EXPRESSÃO DE FÉ CABOCIA, ERRADA, BRONCA, MAS QUE ACREDITA NA SOBREVIVÊNCIA DO MITO SEBASTIANISTA NOS SERTÕES, O QUAL NO FUNDO PROMETIA UMA TERRA MELHOR, LONGE DAS INJUSTIÇAS, DOS DESMANDOS DOS OPRESSORES E LATIFUNDIÁRIOS."

-- Paulo Dantas --

--O--O--O--

PRIMEIRO ATO

Cena I - Apresentação da trupe
Cena II - Conselheiro menino
Cena III - Pescadores de homens
Cena IV - A César o que é de César
Cena V - Expulsão dos vendilhões do Templo
Cena VI - Cena final do 1º Ato com artistas do circo.

SEGUNDO ATO

Cena I - Entrada apoteótica de Moreira César
Cena II - Nuvem do céu há de vir
Cena III - Morte de Moreira César
Cena IV - O tempo que nos resta
Cena V - Merda na República
Cena VI - Enterro de Pajeu
Cena VII - Morte do Conselheiro
Cena VIII - Encerramento com os artistas do circo.

--O--O--O--O--O--O--O--O--O--

P E R S O N A G E N SDO CIRCO :

- 1) - ZECA TIBÉRIO - Mestre de Cerimônias
 - 2) - PONCIANO - o domador
 - 3) - SANA ANDRÉ - o mágico
 - 4) - VOUQUES - o palhaço
 - 5) - JOÃO LINDOSO - o anão
 - 6) - PEDRÃO - o lutador negro
 - 7) - ZEBEDEU MARTINS - o autor e ator, mudo
 - 8) - VICENTE - artista convidado
 - 9) - CHICO TIBÉRIO - "ponto"
 - 10) - MAGDA - primeira bailarina
 - 11) - ANA - bailarina
 - 12) - SUSANA - bailarina
- e MIMOSO - um jegue
PELUDOS - ajudantes de circo.

DO DRAMA (A SEREM REPRESENTADOS PELOS ARTISTAS DO CIRCO):

- 1) - CONSELHEIRO MENINO
- 2) - MARIA CHANA - mãe do Conselheiro
- 3) - VICENTE - pai do Conselheiro
- 4) - CONSELHEIRO
- 5) - ISABEL - uma doida velha
- 6) - MANOEL QUADRADO - discípulo do Conselheiro
- 7) - JOÃO ABADÉ - discípulo do Conselheiro
- 8) - ANTONIO BEATINHO - discípulo do Conselheiro
- 9) - PAJEU - discípulo do Conselheiro e chefe de guerrilhas
- 10) - TIA BENTA - uma velha
- 11) - PRIMEIRO COBRADOR
- 12) - SEGUNDO COBRADOR
- 13) - FREI JOÃO EVANGELISTA DO MONTE MARCIANO
- 14) - FREI CAETANO PAPTISTÃO
- 15) - CORONEL MOREIRA CÉSAR - comandante 3ª expedição
- 16) - CORONEL TAMARINDO - membro do estado maior de M. César
- 17) - UM OFICIAL
- 18) - MULHER AGREGADA ÀS TROPAS
- 19) - MORENA
- 20) - PRAÇA JOÃO
- 21) - PRIMEIRO PRAÇA
- 22) - GENERAL-EM-CHEFE - comandante da 4ª expedição contra Canu-
dos
e JAGUNÇOS, SOLDADOS, ETC..

RECOMENDAÇÕES DO AUTOR ZEBEDEU MARTINS AOS SRS. PROPRIETÁRIOS
DE CIRCO QUE DESEJAREM FAZER A REPRESENTAÇÃO DO DRAMA
"A GUERRA DE CANUDOS".-

Primeira recomendação, feita sem obrigação, como todas as outras, de ser seguida, mas com os riscos que poderão vir da desobediência.

É aconselhável que os personagens do drama sejam representados pelos artistas do circo que com eles tiverem maior semelhança (seja de físico, de roupas ou no jeito de agir e pensar). Assim, o domador fará os papéis de militares, ministros, etc.. O Mestre de Cerimônias fará bispos, freis, fazendeiros e outros - quejandos. O anão deverá ser aproveitado na interpretação de crianças. Já Pedrão, o lutador misterioso, (O Gigante de Ébano) - encarnará o papel de Pajeu, por ser personagem de cor. Os homens do povo (crentes, vaqueiros, soldados e todas as pessoas mais - simples) estarão a cargo do Palhaço Vouques e "Peludos" (ajudantes de circo). Mas o importante mesmo é que Vicente, ator - treante, só faça o papel de Antonio Conselheiro. O autor Zebedeu Martins só aparecerá em papéis de mímica, mudo como é... mas deverá entrar no maior numero de figuração possível.

Uma outra recomendação que se faz é que, como o drama foi escrito numa mistura de falas usadas no nordeste e de fala-falada pelo caipira do interior de São Paulo, é bom que se frize - bem esse ponto, pois o drama feito de ovida, de orelhada... e o jeito de se comunicar de cada um dos informantes é que foi - guardado, conforme os causos iam sendo desfiados.

Quanto ao ponto sua voz será ouvida sussurada uma ou outra vez, a critério do encenador, a fim de marcar mais sua presença - e não ficarem fora de mão suas falas assinaladas no texto.

As roupas-vestimenta não precisam ser de aparência igual às do sertão da Bahia, mas é sempre bom que tenham uma quedazinha - das coisas de lá. É forçoso que os dois grupos em luta tenham uma cor diferente: os praças do governo tendendo pro vermelho e os - jagunços cambiando pro azul.

O dirigente do espetáculo poderá fazer entre uma cena e - outra que ajudantes do circo façam a mudança do cenário sempre - sob ordens do Mestre de Cerimônias e do domador, que usam de - grosseria para com eles. (além das mudanças dessa forma assina - ladas no texto).

As músicas são quase todas de caboclos de São Paulo e da Bahia e tem também umas cantadas por velhos portugueses sonhando sempre com o moço-rei D. Sebastião.

Enfim, as recomendações costumeiras para um bonito espetáculo que esta historia dos Canudos como bom drama merece: muito jogo de Luz, sempre com usança do vermelho e do azul, e movimentação a mais não poder pra todos os lados do picadeiro, que não deve ser pequeno e deve estar coberto com serragem e palha miuda.

ZEBEDEU MARTINS

- autor -

PRIMEIRO ATOCENA - I

ANTES DE ABRIR-SE A CORTINA, OUVEM-SE RUÍDOS CARACTERÍSTICOS DE CIRCO: RUGIDOS, BANDA AFINANDO INSTRUMENTOS - BARULHO DE COISAS ARRASTADAS, ORDENS ABAFADAS.

A BANDA, LENTAMENTE, ENTRA NUMA MELODIA DE DOBRADO POPULAR.

DOIS OU TRÊS "PELUDOS" (AJUDANTES DE CIRCO) COM FARDAS POÍDAS, AZUIS, NAS QUAIS EM AMARELO LÊ-SE MAL E MAL- "GRAN CIRCO IRMÃOS TIBÉRIO" DISTRIBUEM PROGRAMAS PELO PÚBLICO.

O PROGRAMA É IMPRESSO NUM PAPEL VERMELHO, POROSO, COM LETRAS GRANDES, DE TIPOS ANARQUISADOS.

TOCA A SIRENE UMA VEZ, UMA OUTRA, ENFIM UMA TERCEIRA E DERRADEIRA VEZ.

ACORDES SOLENES. ABREM-SE AS CORTINAS.

O PALCO: UM PICADEIRO COBERTO COM SERRAGEM.

PONTO VISÍVEL PARA O PÚBLICO.

PELO MEIO DAS CADEIRAS ENTRA ZECA TIBÉRIO, MESTRE-DE CERIMÔNIAS, SEGUIDO DE TÔDA A TROUPE, APOTEÓTICAMENTE FORMADA EM DUAS FILAS OLÍMPICAS.

O ANÃO LINDOSO VEM MONTADO NO JEGUE MIMOSO.

-O-O-O-O-

ZECA TIBÉRIO - Distinto, seletto e educado público. A Empresa "Gran Circo Irmãos Tibério" agradece a generosa presença de V.Sas. e meretíssimas famílias no espetáculo de gala desta noite. Pedimos que todos colaborem com o maior silêncio para que nada se perca e todos possam compreender o drama que aqui vamos mostrar:

REPIQUE DA BANDA.

"A Guerra de Canudos" ou "A Vitória da República e da fé sobre os Fanáticos de Antonio Conselheiro". A verdadeira história da epopeia ocorrida nos sertões da Bahia.

Um drama que vem de cidade em cidade, de estado em estado, obtendo a maior consagração popular pelo seu elevado teor religioso e patriótico:

REPIQUE DA BANDA.

"A GUERRA DE CANUDOS".

REPIQUE DA BANDA.

No espetáculo desta noite teremos o desempenho de toda nossa brilhante companhia.

A MEDIDA QUE ZECA APRESENTA OS ARTISTAS FAZEM DEMONSTRAÇÕES DE SUAS HABILIDADES.

Ponciano, o grande, o domador indomável, aclamado no Brasil e na Europa.

Sana André, o mago insuperável, o rei dos mágicos.

Vouques, o palhaço, o único que fez rir presidentes, príncipes e até reis.

ZECA TIBÉRIO (continuando) - Magada, a Salomé brasileira, a bailarina da dança do ventre e dos sete vus.

João Lindoso, o único anão malabarista do mundo; e seu jegue - Mimoso, pelo qual já recusou somas altíssimas.

Pedraão, o misterioso lutador negro, o gigante de ébano. Estréia hoje. É o mais forte dos brasileiros. Torce uma barra de ferro com os dentes.

E as exóticas, luxuriantes, bailarinas, Ana e Susana, inigualáveis em seus ritmos bárbaros.

Todos eles aqui estão nesta noite para vos mostrar como foi "A Guerra de Canudos", de autoria do mais glorioso membro de nossa Empresa, Zebedeu Martins, que, além de escritor, é o maior comedor de fogo das Américas.

Ele também representará, mas só em mímica, não fala, pois perdeu as cordas vocais num acidente da profissão.

ZEBEDEU, ALÉM DA ESPADA COM FOGO, TEM UMA PLUMA PARA ESCREVER - E UM PERGAMINHO.

E, prezado, distinto, educado e seletto público, creio que estais extranhando a ausência de Bibi Gestas, o equilibrista louco.

Por motivo de força maior, ele não poderá apresentar-se... e será substituído por Vicente, artista convidado.

ENTRA VICENTE, DESAJEITADO, TRAJE LARGO, AZUL.

Para Pedraão, o lutador misterioso, e para Vicente, ambos estreantes hoje, pedimos vossa compreensão, pois se prontificaram a colaborar nesta emergência, para não vos deixar sem espetáculo. Desculpem, portanto, algumas falhas.

E Chico Tibério, o "ponto" mais elogiado pela crítica da Capital Federal.

E ainda este que vos fala, Zeca Tibério, Mestre de Cerimônias.

REPIQUE.

E agora, com vossa autorização, vamos a

REPIQUE

"GUERRA DE CANUDOS".

ESCURECE. A TROUPE SAI LENTAMENTE. CHICO TIBÉRIO ENTRA NA CASINHOLA DO PONTO. SURGE UM QUADRO RÚSTICO ESCRITO.

INSCRIÇÃO NO QUADRO: "Muitos empreenderam compor a história dos acontecimentos que em Canudos se sucederam como nos contaram aqueles que foram desde o princípio testemunhas oculares dos feitos. Também a mim me pareceu bem, depois de haver diligentemente investigado tudo, escrever esta história, para que todos conheçam a verdade".

CENA II

CENA TÔDA CANTADA E EM MÍMICA. MARIA CHANA, MÃE DO CONSELHEIRO, LAVA ROUPA E PASSA AS PEÇAS AO PAI DO CONSELHEIRO, QUE AS ESTENDE NO VARAL.

O CONSELHEIRO MENINO BRINCA COM O JEGUE E UMA ENORME BOLA VERMELHA DE PLÁSTICO.

MÚSICA: - Maria lavava, José estendia,
estava Maria a beira do rio
lavando as roupinhas de seu pequeno filho.

O CONSELHEIRO MENINO, AO BATER A BOLA, MACHUCA LEVE MENTE A MÃO. CORRE ATÉ A MÃE. MARIA CHANA, TERNA, BEIJA A MÃO DO GAROTO. A CRIANÇA VOLTA A BRINCAR.

MÚSICA - Maria lavava, José estendia,
Chorava o menino da mão que doia.
MARIA CHANA (cantando) - Não chores, menino, não chores, amor,
Calai, meu menino, calai, meu amor,
que a faca que corta dá talho sem dor.
Os filhos dos homens em castelos dourados
e vós, meu menino, em terras suado.

MÚSICA (côro) - Maria lavava, José estendia...

O GAROTO BATE A BOLA VÁRIAS VÊZES, ATÉ QUE ESTA LHE ESCAPA DAS MÃOS E VAI ROLANDO... ROLANDO... ESCURECE.

CENA III

LUZ ACOMPANHA A BOLA. ATÉ O OUTRO LADO DO PICADEIRO. A BOLA BATE NUMA ÁRVORE. PARA. A ÁRVORE É UM UMBUZEIRO GIGANTE- NUMA PRAÇA DA VILA DE CHOCHORRÓ, ANOS DEPOIS DA CENA ANTERIOR. ANTONIO VICENTE, O CONSELHEIRO, CAMISOLÃO AZUL, BARBAS COMPRIDAS, BREVIÁRIO E BORDÃO, PREGA.

ESCUAM: PEREGRINOS, ROMEIROS, MULHERES.

UMA VELHA SUJA, MALTRAPILHA, É ISABEL A DOIDA, FICA TODO O TEMPO A BALOUÇAR, COMO SE EMBALADA POR UMA MÚSICA IMAGINÁRIA.

ISABEL SENTA NA BOLA. BRINCA COM ELA.

CONSELHEIRO: Meus irmãos. Foi para isso que eu vim. Trago nos ombros pesada tarefa para executar.

PONTO: - ... trago missão...

CONSELHEIRO: - Trago missão para cumprir. Foi para isso que eu vim. Tenho um poderio que farci brotar no meio desses car-dos e desses cerdos.

O CONSELHEIRO PARA DE FALAR, COMO SE VICENTE, ARTISTA CONVI-DADO ESQUECESSE O TEXTO. O PONTO O AJUDA EM VOZ SUSSURADA A PRINCÍPIO.

PONTO: - ... meus irmãos, obedecerei a igreja...

CONSELHEIRO CONTINUA MUDO. NAO REPETE AS PALAVRAS DO "PONTO!"

PONTO: - ... meus irmãos, obedecerei a igreja e aos dez mandamentos...

CONSELHEIRO: - Meus irmãos, sou um apóstolo do Senhor, que me ungiu para evangelizar os pobres...

PONTO: - para receberdes vossa recompensa no Paraíso...

CONSELHEIRO: - Para proclamar a libertação dos cativos, para pôr em Liberdade os oprimidos. Irmãos desta Vila de Chochor-ró. Tomai temência, porque o Senhor também disse: "Sofrereis persegui-ção dos maus e retribuireis com benefícios derramados por onde passar-des. Mas terás como meus santos apóstolos, o teu povo, que te segui-rá noite e dia sem parar. Deste povo rebanho, serás o guia."

BADALAM SINETAS.

PEREGRINO: - Hora do Conselheiro aconselhar com seu bom conselho.

Fila, irmãos, fila. Hora do Bom Jesus, Antonio Conselhei-ro aconselhar com seu bom conselho. Fila, irmãos, fila.

OS PENITENTES COLOCAM-SE ORDENADAMENTE EM FILA. ISABEL, A DOIDA, REPETE CANTANDO.

ISABEL: - (cantando) - Fila, irmãos, fila.

1º PEREGRINO: - Vosmecê aí na frente, irmão. Vem chegando. O Bom Jesus Conselheiro espera. Sem arreccio. Vem, irmão. CONSELHEIRO SENTA, UM ROMEIRO SE APROXIMA. UM SERTANEJO FORTE, VIOLÃO A MÃO, GIBÃO DE COURO, CARTUCHEIRA, FACA DE ARRASTO. A-JOELHA, BEIJA A MÃO DO CONSELHEIRO.

1º ROMEIRO: - Paz em Deus, a bença.

CONSELHEIRO: - Te abençoô, filho, que a tua morada seja sempre de paz. Que a mim te traz?

1º ROMEIRO: - Eu não tenho pai nem mãe,
nem neste mundo parente;
sou filho das tristes erva,
neto das águas corrente;
meu nome é Manoel Quadrado,
vivi sempre pelo sertão escorraçado.

CONSELHEIRO: - Sei, filho, sei. Onde vosmecê mora?

MANOEL QUADRADO: - Eu não só daqui, tô chegando agora.
Prá vim ouvi o bom conselho, andei léguas afora.
Por favor, não me mando embora.

CONSELHEIRO: - Mas diz, filho, que a mim te traz?

MANOEL QUADRADO: - Uma tarde, pai, ano faz,
encontrei uma morena,
morena dos oio grande;
sombраница de veludo.
Dinheiro tinha nada,
mas corpo valia tudo...

ISABEL: - (cantando) - Dinheiro tinha nada,
mas corpo valia tudo... tudo... tudo...

OS PEREGRINOS FAZEM MENÇÃO DE CONTÊ-LA. ISABEL, AO CANTAR, EN-SAIA PASSOS DE DANÇA.

CONSELHEIRO: - Deixa, irmãos, segue, meu filho, conta, te escuto.

ISABEL AQUIETA.

MANOEL QUADRADO: - Com a morena me engraceci.

Ela comigo se engraçô.

Acertamo tudo de acordo

... como manda a Santa Igreja. (PAUSA)

PONTO: - ... mas depois a coisa...

MANOEL QUADRADO: - Mas depois a coisa deu prá mudá.

Parece até praga de Satana.

Na mulhé um papo foi nascendo

e dia a dia mais crescendo.

E Com o papo uma febre terçã,

... que, como fogo, coívarava clá por dentro.

PONTO: - ... mas ... só de erva conhecedô...

MANOEL QUADRADO: - Só de erva conhecedô:

dei até infusão de rabo de preá,

sem nada adiantá.

Andamo de tratadô em tratadô...

buscamo até médico da capitã. (PAUSA)

Porque com mulher papuda,

tapejara só casa com uma condição:

da mulhé dormi na cama

e o papo dormi no chão.

ISABEL: - (cantando) - do papo dormi na cama e a mulher dormi no chão
... dormi no chão...

157

MANOEL QUADRADO: - Não é esse o caso, digo com precisão, pois quero ela... Mas quero ela boa, E se vosmecê, Santo milagreiro, não me ajudá, minha cabeça vai ficar girando atoa.

CONSELHEIRO: - Filho, ferve n'agua uma folha de chique-chique, coloca uma toalha branca no papo da mulher e emborça com vagoza um copo d'agua, dizendo por três vezes: Jesus morreu, Jesus ressuscitou. Vai, Manoel Quadrado, segue teu caminho, que em três dias - o mal está curado...

MANOEL QUADRADO BEIJA A MÃO DO CONSELHEIRO. SAI RESPEITOSAMENTE. ISABEL, SEMPRE DANÇANDO, CHEGA PERTO DO CONSELHEIRO.

ISABEL: - (cantando) - Venho de Patamutê, onde a anta caiu n'agua vestida de maltratos, vestida de maltratos. Venho de Patumaté, meu nome é Isabe... vestida de maltratos... Visita nos vem fazê, nosso rei Sebastião, coitado daquele que esteve na lei do cão. Visita nos vem fazê nosso rei Sebastião, nosso rei Sebastião...

ISABEL AJOELHA-SE AO LADO DO CONSELHEIRO. APOIA A CABEÇA EM SEU MANTO. O CONSELHEIRO AFAGA SEUS CABELOS. ISABEL ACALMA TANTAMENTE. UM ROMEIRO LEVA ISABEL DOCEMENTE, ELA SENTA-SE AO LONGE. O PEREGRINO QUE MANDARA OS ROMEIROS FICAREM EM FILA, CHEGA-SE AO CONSELHEIRO.

PEREGRINO: - Meu bom Jesus, permiti, eu queria ficar pelos caminho errante vosmecê acompanha...

CONSELHEIRO: - A estrada é longa, cheia de pedras e entolhos... Ainda assim viríeis?

PEREGRINO: - Sigo vosmecê, porque diz do céu e das coisa aqui da terra também, prá melhora nossa sorte... Tô cansado de falação dos bem só prá depois da morte. Nada mais há que eu queira - tanto, que ainda na estera do vosso manto.

CONSELHEIRO: - Seja pois! Há muito que entre os romeiros te vejo. Forte és, melhor no andejo. Como te chamam?

PEREGRINO: - João, senhor; sobrenome Abade. De profissão: vaqueiro, agora, escudo do Conselheiro!

UM ROMEIRO MAGRO, DE BARBICHA, ENSAIA PASSAR FURTIVAMENTE PELO CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO: - Quem és, que há muitas jornadas noto, me seguindo pelos matos ignoto? E esse olhar? Olhas para mim, como se adorasses a Eucaristia.

3º ROMEIRO: - Por padre fui criado, vivi sempre na sacristia... Vosso xará no nome sou, pois Antonio fui batizado; de "Beato" pelo povo sou chamado. Queria a seu rebanho me junta, prá num vé mais criancinha de fome mirra. E, de permoio, o Paraizo alcança.

CONSELHEIRO: - Assim seja, filhos. Pois eis que agora, para meu povo, logo quero dar uma nova Jerusalém, onde não haverá choro, nem clamor... não haverá criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus, porque aquele que morrer aos cem anos, morrerá jovem... e o meu povo edificará casas e nelas habitará... e plantará milho e jerimun e comerá o que plantar...

PONTO: - ... para que... depois na vida eterna...

CONSELHEIRO: - Para que... desfrute o meu povo de toda a obra de suas próprias mãos...

PONTO: - ... e edificarão com o sofrimento o reino dos céus...
 CONSELHEIRO: - Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam...

O PONTO DESACORÇA. DESISTE.

CONSELHEIRO: - Não trabalharão de balde, nem terão filhos para a calamidade, e não farão mal nem dano algum! (PAUSA)
 Assim seja, filhos. Em verdade, vos digo: - quereis ser meus seguidores e eu vos farei de homens, pescadores.

O CONSELHEIRO LEVANTA-SE. ABENÇO. TODOS BAIXAM A CABEÇA. O CONSELHEIRO VAI SAINDO LENTAMENTE, OS ROMEIROS O ACOMPANHAM. ISABEL COMEÇA A CANTAR (SEMPRE DANÇANDO)

ISABEL: - Venho de Patamutó,
 vestida de maltratos, vestida de maltratos...

Do céu, do céu veio uma luz
 que Jesus mandou.

Conselheiro Aparecido dos males nos livrou

Conselheiro Aparecido dos males nos livrou...

ROMEIROS: - Conselheiro Aparecido dos males nos livrou...
 Conselheiro Aparecido dos males nos livrou...

SAEM TODOS CANTANDO. ISABEL POR ÚLTIMO. ESCURECE LENTAMENTE.

CENA IV

AO LONGE, LUZES DA VILA DE NATUBA. SEMI PENUMBRA. UM JEGUE PASTA.

MANOEL QUADRADO E PAJEU NUM DESAFIO COM VIOLÃO. PAJEU É UM NEGRO FORTE, TEM UMA FACA DE ARRASTO E UMA ESPINGARDA. DOIS OU TRÊS TAPEJARAS ESCUTAM.

MANOEL QUADRADO: - A vida de gente pobre
 padeco, não tem altura;
 a vida de gente rica
 arregala e tem fartura.

PAJEU: - O rico levanta cedo,
 toma café com mistura;
 O pobre bebe garapa,
 quase sempre sem doçura.

MANOEL QUADRADO: - Gente rica fica doente,
 vem logo o dotô e cura;
 Quando pobre fica doente,
 o remédio é sepultura.

PAJEU: - Cavalo de gente rica
 tem passo, tem andadura;
 a egua de gente pobre
 é calombo e pisadura.

MANOEL QUADRADO: - A perna de moça rica
 é bonita e tem grossura;
 gambito de moça pobre
 perde até pra saracura.

MANOEL QUADRADO E PAJEU (JUNTOS): - Quando a gente pobre morre
 vai goza lá nas alturas;
 O rico vai é pros quinto
 fervendo na fervedura.

TAPEJARAS ENSAIAM APLAUSOS. POUCO ANTES DO FIM DO DESAFIO, DOIS VULTOS SE ACERCAM: JOÃO ABADÉ E ANTONIO BEATINHO, DISCÍPULOS DO CONSELHEIRO. APROXIMAM-SE DO JEGUE. DESAMARRAM-NO.

PAJEU: - Ei... ó do lá... deixa o jegue...
 MQUADRADO: - Mexe não! Prá que solta o bichinho? É jegue nunca montado.
 , seja de home ou de muic...

mexe não...

JOÃO ABADE: - Adescurpa, irmão Pajeu; não se arreccio Mestre Quadrado.
 São João Abade, discípulo do Conselheiro, a vosmocês mandado.

PAJEU: - De há muito o pó da sola do Santo busco... e sua palavra a mim dirigida será sem tardança obedecida.

ANTONIO BEATINHO: - Nosso Bom Jesus está a légua de jornada e logo em Natuba dará entrada de seu povo seguido. E há pouco a Mestre Abade falou: - João, o Beato chamai e para Natuba rumai...

PONTO: - ... logo as portas...

A. BEATINHO: - Logo as portas da aldeia um jegue estará. Seu dono é moço Pajeu, que entre os meus quero. Ao seu lado;

Manoel Quadrado, que há muito espero. Se vos questionarem, dizei: - O Bom Jesus do Jegue uso fará, mas logo o devolverá.

MQUADRADO: - Leva o jegue, falo por mim, irmão, e por Pajeu, porque no burrico tenho meação. Leva e diz ao Santo, que Manoel Quadrado, do Conselheiro devedor, de hoje pra frente, está com ele o sua gente.

PAJEU: - (Afagando o jegue) - Vai, bichinho, carrega o Santo com carinho. Traiz ele com vagareza e cuidado, que nós fais o fato anunciado.

PAJEU TIRA A MANTA DO CORPO E COLOCA NO BURRICO. BEATINHO E ABADE SAEM DEVAGAR, LEVANDO O JEGUE.

PONTO: - ... irmãos, povo de Natuba...

MQUADRADO: - Irmãos, povo de Natuba, o Bom Jesus vai chegar. Depressa, irmãos, prá estrada, pro profeta dá entrada.

PAJEU: - (como um arguto) - Povo de Natuba, alcluia. Descobri vossas cabeças, irmãos. Tô chegando o Bom Jesus, Antonio, Santo, Pai e Conselheiro. Alcluia.

SURGEM MORADORES DA VILA DE NATUBA. AO LONGE, OUVES-SE UM CANTO. É A GENTE DO CONSELHEIRO QUE SE APROXIMA.

MÚSICA: - Do céu, do céu veio uma luz
 Que Jesus mandou...
 Conselheiro Aparecido dos males nos livrou...
 Conselheiro Aparecido dos males nos livrou...

ENTRA O CONSELHEIRO MONTADO NO JEGUE, COM ELE, ABADE, BEATINHO, ROMEIROS. TRAZEM UMA IMAGEM NUM ORATÓRIO E UMA GRANDE CRUZ.

MÚSICA: - Do céu, do céu veio uma luz
 Que Jesus mandou...
 Conselheiro Aparecido dos males nos livrou...
 Conselheiro Aparecido dos males nos livrou...

O POVO DE NATUBA SAUDA O CONSELHEIRO COM VIVAS, ESTENDENDO MANTOS, COLOCANDO RAMOS DE ÁRVORES, FLORES, EM SUA PASSAGEM. MISTURAM-SE O POVO DE NATUBA. E A GENTE DO CONSELHEIRO.

VOZES: - Hosana. Hosana
 Bendito o que vem em nome do Senhor.
 Alcluia. Alcluia.
 Viva o Bom Jesus Conselheiro.
 Alcluia.

ENTRA UMA VELHA CORRENDO (TIA BENTA) PERSEGUIDA POR DOIS COBRADORES MUNICIPAIS DE IMPOSTOS. AGARRA-SE AOS PÉS DO CONSELHEIRO. AJOEIHA-SE.

TIA BENTA: - Meu pai Santo, agasalho a proteção pra uma velha perseguida pela Lei do cão.

ANTES QUE O CONSELHEIRO RESPONDA, OS COBRADORES AGARRAM A VELHA. MURMÚRIOS DE PROTESTO ENTRE O POVO.

Primeiro Cobrador: - Num adianta invocá proteção de Santo nenhum. Vosmece vai com a gente.

O CONSELHEIRO APEIA-SE. OS COBRADORES SOLTAM A VELHA.

CONSELHEIRO: - Quem a mim se dirigir, coisa querendo pedir, seja homem ou fraca mulher, nunca partiu sem dizer o que quer

ABADE E PAJEÚ DÃO EMPURRÕES NOS COBRADORES.

JOÃO ABADE: - Num esutô, cabra safado? Arreda, peste.

1º COBRADOR: - É por ordem do Chico Dantas, o prefeito. Essa velha, por Tia Benta conhecida, imposto num que paga de suas estera vendida.

TIA BENTA: - Verdade não, pai. Querê, quero. Posso não, pai. Estera vendo por quatro vinhem, aqui que me desdiga alguém. Se treis pago pelo materia, que ja não é do bão, como posso ao prefeito da o último tostao? Do que vo vive? E os neto-orfao, vo dexe morre? Me ajuda, pai, pelo Jesus menino, pelas estrela do destino, ajuda eu, pai.

CONSELHEIRO: - Mestre Abade, procura as tábuas dessa lei. Quero ver.

PAJEÚ: - Precisa, não, pai. Tão aqui.

PAJEÚ, AO FUNDO, ARRANCA UM QUADRO DE MADEIRA, QUE PASSA A BEATINHO E ESTE AO CONSELHEIRO, CONSELHEIRO LÊ EM SICÊNCIA.

PONTO: - ... é desrespeito. Arrancô a lei ...

1º COBRADOR: - É desrespeito. Arranco a lei da República.

2º COBRADOR: - Fica calmo, e meio.

PAJEÚ: - Cia, desgraçado.

MUSICA: - Garantidos pela lei, aqueles malvado estão,
Nos temos a lei de Deus, eles tem a lei do cão.
Eles tem a lei do cão, nos temos a lei de Deus,
Garantidos pela lei, aqueles malvado estão.

1º COBRADOR: - É desrespeito, vosmece, Conselheiro, está indo mui longe. Num arrespeita nem o prefeito, nem a Republica.

2º COBRADOR: - Calma, num vai mais ofende o Santo.

1º COBRADOR: - Tem do do que sua gente vai passa. Então, crê que imposto num é pra paga?

ABADE AMEAÇA AGREDIR O PRIMEIRO COBRADOR.

CONSELHEIRO: - Deixa o homem, João. Eu não disse que a lei é para ser desrespeitada. Eu não vim para abolir as leis, mas para melhorar as leis. Se é uma lei errada, cabe amim ao meu povo mostrar a norma acertada. (PAUSA) Depois, meu filho, vosmece é cobrador de quem: da Republica ou do Imperador?

1º COBRADOR: - Trabalho pro municipio de Natuba, logo, sô da República servido.

CONSELHEIRO: - Beato, me dá uma moeda.

BEATO LIRA DO GRANDE SACO DE DINHEIRO QUE SEMPRE TRAZ CONSIGO UMA MOEDA.

CONSELHEIRO: - Agora, filho, sem tardança, me dá resposta. De quem é esta figura que a moeda mostra?

CONSELHEIRO EXIBE A MOEDA AOS COBRADORES.

1º COBRADOR: - É de Pedro Molenga, o Imperadô. Mas é que o dinheiro da Republica aqui ainda nao chego.

CONSELHEIRO: - Ao Imperador o que deve ser do Imperador; ao Senhor o que é do Senhor, e ao povo o que é do meu povo.

Essa lei de cobrar imposto de esteira por pobre feita injustiça é; pra minha gente, nao dou nela fe.

PONTO: - ... cuidado, Santo, essa prática perigosa...

1º COBRADOR: - Cuidado, Santo. Essa prática perigosa se faiz. Cum governo e soldado num é bom se dasavim, que isso pode leva a mau fim.

ABADE: - Inda fala. Te abro no meio. Cala.

ABADE CORRE SOBRE O PRIMEIRO COBRADOR, SEGUIDO DE PAJEÚ. CONSELHEIRO FAZ UM GESTO DE CALMA. O PRIMEIRO COBRADOR FOGE. O SEGUNDO COBRADOR CAI DE JOELHOS.

2º COBRADOR: - Se perdão ainda tenho, posso me aquentá ao vosso lenho?

CONSELHEIRO: - Como a todos, te esperavá, te conhecia. Um dos nossos seras a partir deste dia.

BEATINHO: - Ele tem uma sacola cos dinheiro robado dos impostos. Vó pega pra nossa gente distribui com justeza e gosto.

O CONSELHEIRO ASSENTE. BEATO ARRANCA A SACOLA DO COBRADOR. BEATO SAI. CONSELHEIRO TOMA A TÁBOA DA LEI NAS MÃOS.

CONSELHEIRO: - Ao Imperador o que é do Imperador, ao meu povo o que é do meu povo. Eu queimo essa lei e tudo o que demal aparecer do novo. Queima, mestre Abade, queima.

PASSA A TÁBUA DA LEI A ABADE. PAJEÚ ACENDE UMA TOCHA. INCENDEIAM A TÁBUA DA LEI. CLARÃO CRESCENDO A MEDIDA QUE A CENA SE DESENVOLVE. PEQUENO A PRINCÍPIO, ILUMINANDO DEPOIS TODO O PICADEIRO.

CONSELHEIRO: - (como num flash, dentro da cena) - Vocês agora vão sofrer com isso, mas eu que cuido de vocês, fico para protege-los. (PAUSA) A família real foi por Deus substituída para governar o Brasil. Que o presidente se convença desso e a Republica ha de cair por terra.

MÚSICA: - Viva Isabel, a Redentora;
Proclamando com ardor,
Viva o defunto Imperador.

CONSELHEIRO: - Quem subiu ao poder pela força das armas praticou uma injustiça contra os mandos reais do nosso trono.

MÚSICA: - Saiu D. Pedro para o reino de Lisboa
Acabou-se a monarquia e o Brasil ficou a toa.
Acabou-se a monarquia e o Brasil ficou a toa.

CONSELHEIRO: - A república é obra da incredulidade e o casamento civil é a lei do escândalo.

MÚSICA: - Casamento vão fazendo	Desgraçado são aqueles
Sq pro povo iludir	pra fazerem a eleição
vao casar o povo todo	abatendo a lei de Deus
no casamento civil	suspendendo a lei do cão.

CONSELHEIRO: - Agora veio a república com toda a ingratidão, mas há de mil rebanhos correr, da praia para o sertão, e haverá muitos chapeus e poucas cabeças, e haverá muito pasto e pouco rasto, e um so pastor e um so rebanho. (PAUSA) E quando as nações brigarem com as nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra e a Prussia com a Prussia, das ondas do mar sairá D. Sebastiao, com todo o seu exercito, e entao o sertao vivara praia e a praia vai virar sertão.

MÚSICA: - Num dia de cerração, montado em seu cavalo,
quem quiser pode espera-lo, seu rei Sebastião.
Sebastião já chegou e traz muito regimento
acabando com o civil e fazendo o casamento.
O anti-Cristo nasceu e quer no Brasil mandar
Mas aí está o conselheiro para dele nos livrar.
Visita nos vem fazer El Rei Sebastião
Coitado daquela pobre que estive na lei do cão.

PONTO: - ... depois da vida cumprida aquele tiver...

CONSELHEIRO: - E aquele que tiver uma bolsa a tomé...

PONTO: - ... depois da vida cumprida aquele que...

CONSELHEIRO: - Aquele que não têm uma espada, venda su hábito e compre um gladio, porque das ondas do mar sairá D. Sebastião.

MÚSICA: - Montado em seu cavalo, num dia de cerração,
quem quiser pode espera-lo, seu rei Sebastião.
É tudo sera festejo, parece que já o vejo
moço-rei a governar, moço-rei a governar...

BEATO: - (como um arauto) - É preciso uma terra encontra...

PAJEU: - (" " ") - Pro nosso povo mora...

ABADE: - (" " ") - E dessa República escapá...

CONSELHEIRO: - A caminho, filhos, a caminho.

A MEDIDA QUE O CONSELHEIRO FALA, FUNDO MUSICAL EM SURDINA, TODOS
CAMINHAM PELO PICADEIRO ATÉ ESTACAREM NUM LUGAR DO OUTRO LADO.
É A FAZENDA VELHA, A BEIRA DO RIO VAZA-BARRIS.

CONSELHEIRO: - É aqui, é aqui a terra da promessa. Neste lugar dos
Canudos nos vamos abancar. Neste rio do Vaza-Barris
vai correr leite e de cuscus de milho serão as suas barrancas. E nos
outros rios, no Mucujim, no Umbranas, vai descer mel... Nas colinas,
nas serras, tudo dará em abundância: canade açúcar de descascar com
os dedos, gerimun à farta, e chuva... muita chuva...

Meu povo vai fazer o saco nas vilas por cerca e trazer tudo para
cá, e Mestre Abade - comandante do povo - vai distribuir tudo por
igual, porque depois da enchente vem a semente. A peste não entra.
É aqui que será o Império de Belo Monte.

A MEDIDA QUE A PRÓXIMA MÚSICA FÔR CANTADA, HAVERÁ INTENSA
MOVIMENTAÇÃO DE POVO, ARRUMANDO O LUGAR ESCOLHIDO.

A MOVIMENTAÇÃO É MAIS OU MENOS ASSIM: ABADE E PAJEU FICAM UMA
CRUZ. JAGUNÇOS FAZEM TRAÇADO PARA CASA. BEATO RECOLHE DINHEIRO.
JAGUNÇOS ARAM A TERRA.

MANOEL QUADRADO DISTRIBUI PÁS, ENXADAS, INSTRUMENTOS DE TRABALHO.
ABADE DISTRIBUI ESP/INGARDAS

MÚSICA: - É aqui, é aqui, o Império de Belo Monte,
É aqui, é aqui, canta jagunço, canta irmão,
Reza com o Conselheiro, a tua libertação.
O sertão todo em flor esplende e cheira;
Jagunço! Chegou a hora da redenção!
Teu braço não mais vai bater o solo
Sob o manto pesado do feitor;
Teu pão não mais vira da ganância alheia
mirrado e triste como um fruto podre.
Teus filhos não mais dormirão ao relento,
tatuados de bexigas, comidos de ulcera,
castigados de maleita.
Tua mulher não mais irá viver na casa dos outros
Como um traste qualquer.
Tu não terás mais ponto nem feitor
Nem a zanga do coronel, nem as ordens do doutor.

(continua)

MÚSICA: - (continuação)
 Volta a terra, jagunço,
 Larga o rifle, mas deixa perto!
 Cava o solo que anseia pela semente,
 Trabalha, jagunço, mas vigia sempre.
 É aqui, é aqui; o Império de Belo Monte;
 É aqui, é aqui!

ABADE: - (como um arauto) - Vem, irmão.

SOM DE TROMBETA SERTANEJA.

ABADE: - Vem, irmão.

CHEGAM VÁRIOS ROMEIROS. A "CANÇÃO DOS JAGUNÇOS É ENTOADA EM
 SURDINA, DURANTE A CENA.

VOZ: - E povo chega como uma enchente. Do mar pro sertão, do sertão
 pro sertão.

VOZES: - De Itabaiana. De Queimada.
 Da Bahia. Do Piauí.
 De Cansanção. De Massacará.
 De Jacobina. De Itapicuru.
 Do Cumbe. Do Ceará.
 De Pernambuco. De Traipu.

ABADE: - Vem, irmão!

TUDO VAI SE TRANSFORMANDO ATÉ ENTRAR NUMA ROTINA DE TRABALHO,
 AMOR E PAZ.

-O-O-O-O-

SUB-CENA.

ENTRAM DOIS OU TRÊS "PELUDOS", ARRUMAM O PICADEIRO
 PARA A CENA SEGUINTE, ESPICACADOS COM VIOLENCIA PE
 LO MESTRE DE CERIMÔNIAS E PELO DOMADOR.

CENA V

SURGEM, NUMA ELEVACÃO DO PICADEIRO, COM UMA RAMPA ATÉ O
 RÉIS DO CHÃO, FREI JOÃO EVANGELISTA DO MONTE MARCIANO E FREI CAETANO
 PAPTISTÃO. DESCEM POR ENTRE O POVO DE CANUDOS QUE TRABALHA E CANTA.
 OS FRADES VEM EM SANTA MISSÃO PARA SALVAR OS JAGUNÇOS...

A MEDIDA QUE DESCEM, PASSANDO PELO POVO, A MÚSICA CESSA
 E O POVO FICA ESTATICO, EM SILÊNCIO.

FREI MARCIANO É ALTO E SOLENE. FREI PAPTISTÃO É CORCUN-
 DA.

CHEGAM A PORTA DA IGREJA NOVA, EM CONSTRUÇÃO. VÊ-SE
 UM SINO, PRESO A UMA COLUNA E UMA VELHA PLA DE BATISADOS.

OS FRADES SÃO RECEBIDOS PELO CONSELHEIRO, ACOMPANHADO
 DE ABADE, PAJEU, BEATO, TIA BENTA E POVO.

FREI MARCIANO: - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

CONSELHEIRO: - Para sempre seja louvado, tão bom senhor!

FREI MARCIANO: - Aqui venho em fim todo de paz, em missão sagrada, falar a essa gente de padre há muito abandonada.

CONSELHEIRO: - No que a vossccs puder ajudar, podeis contar.

PONTO: - ... na casa que reservei...

CONSELHEIRO: - (com má vontade) - Na casa que reservei para o vigário do Cumbe, logo ali na rua do Campo Alegre, podeis vos alojar; suprimento de boca mando já providenciar. Nada vos há de faltar.

FREI MARCIANO: - Estamos em missão sagrada, ordenada pelo Arcebispo da Bahia, D.Jerônimo Tomé, preocupado por ter o povo de Canudos perdido a fé...

CONSELHEIRO: - Assim fato não é! Meu povo é respeitador das coisas da Igreja, e eu de mim nada mais quero do que viver em paz, além de aqui e ali uns açudes d'agua arrumar... e o fruto do plantio a cada um assegurar.

FREI MARCIANO: - (cortando) No entretanto, essa não é a notícia que temos. S.Excia., o governador Rodrigues de Lima, este caso acompanha porque o governo desrespeitado foi. Sem dizer que nas coisas de Deus, mais aqui se fala no temporal do que no espiritual.

CONSELHEIRO: - O governo, do sertão, só se lembra pra buscar soldado em tempo de guerra e imposto no tempo de paz.

FREI PAPTISTÃO: - (baixo, a Marciano) - Eis aí. Eis aí a prova. É um revolucionário. Eis aí.

CONSELHEIRO: - Se vossccs quiserem, a igreja vou mostrar... Por favor, queiram me acompanhar.

OS TRÊS ANDAM POR ANDAIMES. EM BAIXO, ABADE, PAJEÚ E O POVO ACOMPANHAM.

CONSELHEIRO: - (apontando) - Uma das tôrres daqui sairá, ali a base da outra. Mais acima, do outro lado, a nova pia de batizados. E na frente, a nave...

PONTO: - ... o altar dourado...

CONSELHEIRO: - (com má vontade) - ... o altar dourado, com um Santo Antonio de Portugal mandado. E o povo, na volta do trabalho, todas as noites estará...

FREI MARCIANO: - (cortando) - Senhor Antonio Mendes Maciel, como já vos disse, meu fim é todo de paz, e por isso extranhar devo de enxergar tantos homens armados...

CONSELHEIRO: - É para minha guarda e da minha gente que o povo está armado. Porque fato conhecido é, que a polícia atacou-me e quiz matar-me num lugar chamado Masseté, onde houve mortes de um e outro lado...

FREI MARCIANO: - Caminho legal para isso existe. Uma queixa à Justiça podeis apresentar.

RISOS.

TIA BENTA: - (imitando) - "Uma queixa à Justiça podeis apresentar"... bah!!!

RISOS.

CONSELHEIRO: - No tempo da monarquia, deixei-me prender porque reconhecia o Governo. Hoje, não, porque não reconheço a República.

FREI PAPTISTÃO: - Eis aí. É um revoltoso, eis aí.

FREI MARCIANO: - Vou abrir a Santa Missão, para batizar, confessar e explicar ao povo transviado a pensar na vida eterna...

23

PONTO: - ... e não apenas na felicidade terrena...
 FREI MARCIANO: - E não apenas na felicidade terrena e vou ainda aconselhar essa gente toda a largar as armas e voltar para seus lares...
 VOZ: - Nós, queremos ficar.
 VOZES: - Nós queremos acompanhá o Conselheiro.
 TIA BENTA: - Não queremos o padre hereje.

O CONSELHEIRO COM UM GESTO SILENCIA O POVO.

CONSELHEIRO: - Meu frade, acolhida do irmão vos dei e, além de me agredir, nem seu nome sei.
 FREI MARCIANO: - O nome numa hora assim pouco importa; o que interessa é saber que Cristo nos exorta!

RUMOR DE DESAPROVAÇÃO DO POVO.

FREI MARCIANO: - À Ordem dos Capuchinhos pertencemos, Frei Caetano Paptistão, é eu que a Missão chefiou: Frei João Evangelista do Monte Marciano.
 CONSELHEIRO: - Nada há nos Canudos que assuste um mariano.
 FREI MARCIANO: - Senhor, se é católico, deve considerar que a igreja condena as revoltas e aceitando todas as formas de governo...
 TIA BENTA: - As igreja tá sempre cos poderoso...
 FREI MARCIANO: - ... ensina que os poderes constituídos regem os povos em nome de Deus.
 ABADE: - Safa, padre nação.
 FREI MARCIANO: - É assim em toda a parte; a França que é uma das principais nações da Europa foi monarquia por muitos séculos, mas há mais de vinte anos que é República e todo o povo de lá, sem exceção dos monarquistas, obedece às autoridades.
 PAJEU: - Esse povo tá errado de aceitar as coisas má...
 TIA BENTA: - Nós num tem nada cos franceses, nós que o Conselheiro aqui no sertão.
 VOZES: - Abaixo os padres do governo.

CONSELHEIRO ACALMA O POVO.

CONSELHEIRO: - Não sou nenhum vagabundo de Deus. Sei o que é bom para o meu povo. Se a gente da França aceita a república, pior para eles e mais ainda se a igreja apoia...
 FREI MARCIANO: - Então afirma que a Igreja da França errou?
 FREI PAPTISTÃO: - Sacrílego, além de revoltoso, cis aí.
 CONSELHEIRO: - Não sei se errou ou acertou, das coisas de lá não posso dizer, mas das daqui posso e quero; foi para isso que eu recebi minha embaixada. Comigo os mansos possuirão da terra, mas os que tem fome e sede de justiça também serão saciados.
 FREI PAPTISTÃO: - Está adulterando as escrituras, sacrílego.

VOZES AGRESSIVAS DE DESAPROVAÇÃO

ABADE: - Cala, urubu de corcova.
 TIA BENTA: - Queto, corcunda safardana.
 CONSELHEIRO: - No dia que virá e perto está; que será um grande dia aquele e não há outro semelhante, o Senhor dos Exércitos afastará o jugo do pescoço de seu povo e nunca mais estrangeiros farão escravo este povo.

74

FREI PAPTISTÃO: - Agora adultera Jeremias. Excomunhão. É caso de escomunhão.

CONSELHEIRO: - Aqui nos Canudos meu povo vai viver em paz, porque nós outros lugares está tudo contaminado pela República.

BEATO: - Tem de sê assim. Foi por isso que nós ficamos com o Conselheiro.

PONTO: - ... é mau esse pensar...

FREI MARCIANO: - É mau esse pensar e doutrina errada é a vossa.

TIA BENTA: - O padre é que tem doutrina errada então o nosso Conselheiro.

VOZES: - Abaixo os padre hereje e republicano. Viva o Bom Jesus.

PAJEÚ: - Morra o padre nação.

TIA BENTA: - Viva o Bom Jesus Conselheiro.

FREI MARCIANO: - Proibe então a Santa Missão?

PONTO: - ... eu não estorvo.

CONSELHEIRO: - Eu não estorvo essa Santa Missão, mas também não desarmo minha gente.

CONSELHEIRO SAI.

CENA VI

MESMO CENÁRIO DA ÚLTIMA CENA. FREI MARCIANO PREGA. POR PERTO, FREI PAPTISTÃO. OUVEM: - ABADE, BEATO, PAJEÚ, TIA BENTA E POVO.

A MEDIDA QUE ESTA CENA SE DESENVOLVER, ESCORREGARÃO DO ALTO DA NAVE GRANDES FAIXAS NEGRAS E ROXAS, LENTAMENTE, ATÉ TRANSFORMAR O LOCAL QUE ERA ALEGRE, EM SOMBRIO.

FREI MARCIANO: - A bem-aventurança eterna será obtida através de...

JAGUNÇOS ENTREOLHAM-SE SEM ENTENDEREM.

FREI MARCIANO: - ... obras pias, desprendimento, sacrifícios e, principalmente...

PONTO: - ... aceitação das condições que a divina...

FREI MARCIANO: - Aceitação das condições que a divina providência nos impôs... (P.USA) - Pode-se jejuar muitas vezes comendo carne ao jantar e uma chavena...

TIA BENTA: - Chavena?

FREI MARCIANO: - ... chavena de café pela manhã...

PAJEÚ: - Isso não é jejuar. É comer à farta.

RISOS. PAJEÚ E TIA BENTA SAEM.

FREI MARCIANO: - ... a cada missa assistida, a cada óbulo...

OLHARES ESPANTADOS.

FREI MARCIANO: - ... óbulo doado à Santa Igreja, estareis assegurando uma parcela do Paraíso e livrando-vos dos castigos eternos do inferno.

PONTO: - ... o respeito ao sagrado...

FREI MARCIANO: - O respeito ao sagrado direito de propriedade...

A MEDIDA QUE MARCIANO PREGA, PAPTISTÃO COLOCA MESINHAS COM IMAGENS DE SANTOS, VELAS, TERÇOS, AGUA BENTA EM VIDROS ANFORA DOS DE DIVERSAS CORES; TUDO AMONTADO, COM PREÇOS ESPETADOS EM CIMA, COMO NUMA FEIRA. DESCEM AS FAIXAS NEGRAS E ROXAS.

25

-18-

FREI MARCIANO: - ... a cada oração, a cada prece, ou mesmo a cada terço adquirido ou imagem comprada, uma graça vos será acrescentada.

FREI PAPTISTÃO: - Terços de vidro de Espanha por dois tostões, trezentos dias de indulgências acompanham. Madonas dos espinhos, importadas de Paris, dão direito a um Santo colorido de papel e graças mil.

FREI MARCIANO: - Devagar, Paptistão, não se exceda.

PAPTISTÃO QUER CONTER-SE MAS SEU TEMPERAMENTO NÃO PERMITE.

FREI PAPTISTÃO: - Águas bentas, bentas pelas mãos de D. Tomé, Arcebispo da Bahia, dois tostões também a garrafinha, ricamente lapidada, 100 dias de indulgências garantidos!

UM JAGUNÇO APROXIMA-SE E COMPRA. PAGA. BEATO INTERVÉM. ARRANCA A GARRAFA, TOMA O DINHEIRO, EMPURRA PAPTISTÃO, QUEBRA A GARRAFA NO CHÃO. O JAGUNÇO FOGE.

BEATO: - Padre sem vergonha!

BEATO SAI.

FREI MARCIANO: - Tudo aqui fere a Deus.

PONTO: - ... ainda é tempo...

FREI MARCIANO: - ... ainda é tempo de salvar vossas almas; o govêrno providências logo vai tomar; vocês todos devem dispersar-se, voltar às casas, reconhecer às autoridades, obedecer aos padres, ainda é tempo!

ENTRA O CONSELHEIRO ENFURECIDO, ACOMPANHADO DE MESTRE QUADRADO E OUTROS. VAI DERRUBANDO AS MESAS DE COMERCIO A MEDIDA QUE PASSA. QUADRADO JOGA PAPTISTÃO AO CHÃO.

CONSELHEIRO: - Fora! Esta é a casa do Senhor e vós fizestes dela um balcão de negócios e um centro de politicação. Fora.

FREI MARCIANO: - Depois tarde será para o arrependimento. Pensai...

CONSELHEIRO: - Fora. Fora.

ABADE: - Esse frade Marciano mais o corcunda Cactano estão de inteligência co govêrno e só querem abri caninho pras tropa que vem de surpresa prendê o Conselheiro e acaba co'a nossa raça. Fora cos padre safado. Fora.

VOZES: - Abaixo os frade republicano. Fora. Fora.

COM UM APITO, JOÃO ABADE ORIENTA O POVO QUE EM MOVIMENTOS HARMÔNICOS, VAI EXPULSANDO OS FRADES. FREI MARCIANO SAI, TENTANDO MANTER A DIGNIDADE. FREI PAPTISTÃO AGARRA O QUE PODE DE SEUS TRASTES E SAI SOB GRITOS.

SOBEM AS FAIXAS NEGRAS E A NAVE CLARELA ALEGRE DE NOVO.

LUZ EM RESISTÊNCIA.

ACENDE NOS DOIS PADRES SUBINDO A MESMA RAMPA POR ONDE DESCERAM PARA ENTRAR EM CANUDOS, VERGADOS SOB O PESO DOS TRASTES E DA HUMILHAÇÃO.

CHEGAM AO ALTO DA RAMPA. PAPTISTÃO CAI AO CHÃO, CABEÇA ENFIADA NOS TRASTES. MARCIANO OLHA A VILA AOS PÉS. TIRA A SANDÁLIA, SACODE O PÓ SOBRE CANUDOS E AMALDIÇA A CIDADE.

FREI MARCIANO: - Povo maldito! Tapera desgraçada!
Da tua arrogância, em breve, nada ficará!
Antonio Maciel, te amaldiçoó, a ti e a tua /
gente do inferno!
Desses Canudos imundos, nem uma pedra restará!
Delenda est Canudos!

SAEM.

VOZES: - (com ironia) - Delenda est Canudos.

PANO.

NA FRENTE DO PANO, ENTRA ZECA TIBÉRIO, MESTRE DE CERIMÔNIAS.

ZECA TIBÉRIO: - Respeitável e seletto público, aqui termina o primeiro ato do belo espetáculo "A Guerra de Canudos". Tudo correu bem... mas uma desculpa apresento pela atuação de Vicente, o ator convidado, que não conhecendo bem as falas, vez por outra descuidou-se. Desculpai, senhoras e senhores.

Agora, podeis vos regalar nas barracas de garapa, amendoim e pipoca.

Enquanto isso, Zebedeu, nosso grande autor, ficará por entre vós, para assinar as musicas do drama que podeis adquirir por preços modicos...

ZEBEDEU DESCE PARA O MEIO DO PÚBLICO, LEVANDO A PLUMA PARA ASSINAR, ACOMPANHADO DE MIGDA, A PRIMEIRA BAILARINA, RICAMENTE VESTIDA, E UM PELUDO. AMBOS CARREGAM FOLHETOS DAS MUSICAS DO DRAMA, PARA SEREM VENDIDOS AOS ASSISTENTES.

VOZES: - Garapa. Amendoim. Tremoços. Pipoca. Pipoooca.

VOZ: - (alto falante) - (ao fundo) - Amanhã ainda "A Guerra dos Canudos", e sábado inicia o sensacional espetáculo "A Morte do Capitão-Mór". Não percam.

MÚSICA DE CIRCO.

FIM DO PRIMEIRO ATO

--O--O--O--O--O--

--O--O--O--

--O--

S E G U N D O A T O

21 - 20-

ANTES DE ABRIR-SE O PANO.

VOZ (ao fundo - alto falante) - Distinto, seloto e educado público, com vossa permissão, iniciamos agora o segundo ato da "Guerra de Canudos".

Pedimos de novo que se mantenha o máximo silêncio, a fim de que nada se perca e todos possam aproveitar tudo o que esse formidável drama nos ensina.

ABRE-SE O PANO.

C E N A I

OUVE-SE UMA VOZ, IDENTICA A DE UM LOCUTOR DE FUTEBOL AO DAR A CONSTITUIÇÃO DAS EQUIPES QUE VÃO ADENTRAR O CAMPO PARA UM JOGO.

VOZ (pregão esportivo): - A nova expedição contra Canudos está assim constituída: - Chefe, Coronel Antonio Moreira César; oficiais, Coronel Pedro Nunes Tamarindo, Major Cunha Mattos e Capitão Salomão da Rocha; Capitão Pedreira Franco, Tenente Avila e outros menos graduados. Ainda 1.300 soldados, estupendamente armados. Eriosa cavalaria. Quinze milhões de cartuchos e setenta tiros de artilharia.

MOREIRA CESAR SURGE AO RÉ DO PICADEIRO E COMEÇA A SUBIR UMA RAMPA. MOREIRA CESAR ESTÁ DE UNIFORME. É UM HOMEM PEQUENO, CALVO, PALIDO. SOFRE DE EPILEPSIA.

VOZ (pregão esportivo): - Acompanhado da confiança popular, Moreira César partiu do Rio de Janeiro, desembarcou em Salvador, e, como um raio, em 5 dias estava em Queimadas; em mais duas jornadas chega ao alto da favela, pronto para o embate decisivo com os jagunços de Antonio Conselheiro. O país aguarda, com intensa expectativa, o início do combate. Os prognósticos favorecem a brava equipe de Moreira César, invicta em todos os encontros nos campos do sul do país.

MOREIRA CÉSAR CHEGA AO MEIO DA RAMPA. ENTRAM OFICIAIS UNIFORMIZADOS CORRENDO. PARAM ENTRE O INÍCIO DA RAMPA E O LUGAR ONDE SE ENCONTRA MOREIRA CÉSAR. SAUDAM O PÚBLICO COMO UM TIME DE FUTEBOL. ESTÃO O CORONEL TAMARINDO E OUTROS OFICIAIS.

OFICIAIS: - (côro, saudando) Arakan, barambaka,
stumberô, stumberô,
macambô, macambeca...
Rico rico, rico ra...
ra - ra - ra...
Moreira-Moreira-Moreira-reira - reira...
Moreira César, César, César, César...

MOREIRA CÉSAR SOBE MAIS UNS PASSOS COM SOLENIDADE. A MEDIDA QUE ELE SOBE, A SAUDAÇÃO ESPORTIVA VAI SE TRANSFORMANDO NUMA SAUDAÇÃO DE TRIUNFO ROMANO.

OFICIAIS: = Viva Moreira César. Viva César.
Ave César. Ave César.

MOREIRA CÉSAR CHEGA AO FIM DA RAMPA, SENTA NUM TRONO ROMANO, EM SEMI-CÍRCULO, COBERTO COM CETIM VERMELHO E PURPURA. EM VOLTA, OS OFICIAIS. ENTRA UMA MULHER SUJA, TERÇO PRESO À ROUPA, CRUZ DE MADEIRA (AGREGADA ÀS TROPAS). NUM RELANCE, SOBE CORRENDO A RAMPA. JOGA-SE AOS PÉS DE MOREIRA CÉSAR. OS OFICIAIS SALTAM. TEMEM UM ATENTADO. MCESAR ASSUSTA-SE.

MCESAR: - Arreda, mulher, arreda. Que ó? Que ó?

COM DESESPERO A MULHER AGARRA A MÃO DE MCESAR.

MCESAR: - Arreda, arreda.

A MULHER COLOCA UMA CRUZ DE MADEIRA NA MÃO DE MCESAR.

MULHER: - É prá protegê vosmecê, senhor generá. Vai precisá. É santa cruz protetora.

MCESAR GARGALHA.

MCESAR: - Deixa prá lá, velha beata.

EMPURRA A MULHER COM O PÉ. JOGA A CRUZ NO CHÃO. PEGA A ESPADA.

MCESAR: - Deixa prá lá, que santa cruz protetora coisa nenhuma. Eu só acredito na força da minha espada.

MCESAR GARGALHA. A MULHER SAI.

MÚSICA: * Vai, vai, vai, infantaria...
vem, vem, vem, infantaria...
Avante, avante, infantaria...
É o sétimo batalhão de infantaria,
Moreira Cesar, nosso chefe, nosso guia,
vai, vai, vai, infantaria...

ENQUANTO SOA A MÚSICA, MCESAR, ACOMPANHADO PELOS OFICIAIS, ANDA PELO PICADEIRO, COMO NUMA REVISTA. TODOS TEM UM AR GLORIOSO, MARCIAL. MCESAR BATE COM O PÉ NUMA GARRAFA. MÚSICA CESSA.

MCESAR: - Que joça é essa?

OFICIAL: - (abaixando-se e pegando a garrafa) Uma garrafa, meu coronel.

MCESAR: - Dê prá cá.

MCESAR PEGA A GARRAFA.

MCESAR: - Coronel Tamarindo!

MCESAR FICA ROXO. AMEAÇA UM ATAQUE DE EPILEPSIA. RETORNA AO NORMAL. TAMARINDO ADIANTA-SE E PERFILA-SE.

TAMARINDO: - Pronto, meu coronel.

MCESAR: - Já deter minei: não quero aguardente em minha tropa...

TAMARINDO: - Coronel, não vejo em que...

MCESAR: - Não interrompa. Não quero aguardente em minha tropa nem prá remédio.

TAMARINHO: - Não posso ser responsabilizado por...

MCESAR: - Seu ordenança esteve ontem na Fazenda Cachimbé e trouxe para o acampamento mais de dúzia de garrafas de mandureba.

Repito: - Não admito álcool em minha tropa e muito menos que meus oficiais façam uso dele.

MCESAR: - O infante é o melhor dos soldados, quando tem um bom chefe. Não se esqueça, Coronel Tamarindo, que se algo me suceder, o senhor é quem assume o comando, deve dar o exemplo.

PONTO: - ... a infantaria quer que...

MCESAR: - A infantaria quer que seu chefe a comande em condições de superioridade. O chefe não é um igual. O infante sabe...

TAMARINDO: - (a parte) Epilético filho da puta.

MCESAR: - ... reconhecer seu comandante sem precisar olhar-lhe os galões.

PONTO: - ... e, além disso, coronel, hoje ...

MCESAR: - E além disso, coronel, hoje, ao inspecionar o acampamento, encontrei as instalações sanitárias em péssimo estado. E quando visito uma casa e encontro um local desses imundo, firmo logo conceito: é casa mal orientada e mal dirigida.

TAMARINDO: - Pois eu, meu coronel, quando vejo uma casa arder, não me preocupo com a latrina.

MCESAR: - Dê sua opinião, Cel. Pedro Nunes Tamarindo, quando esta for solicitada, entendido?

TAMARINDO: - (mei o a parte) Epilético filho da puta.

MCESAR: - Disse alguma coisa, coronel?

TAMARINDO: - Concordava, não há motivo para disputa.

PAUSA.

MCESAR: - Senhores!

MCESAR SOLENE. OS OFICIAIS PERFILAM-SE.

MCESAR: - Senhores, como todos sabem, estou muito doente. Há dias que não me alimento, mas amanhã, vou almoçar em

Canudos.

OFICIAIS: - Amanhã?!?!?

MÚSICA "VAI VAI INFANTARIA" COMEÇA/A SOAR BAIXINHO.

MCESAR: - Vamos atacar Canudos amanhã, pela madrugada. O plano é este
MÚSICA MAIS ALTO.

MCESAR: - A cavalaria descera pelo outeiro da favela, com a cobertura da artilharia, sob o comando do Capitão Salomão e eu mesmo cairei sobre o arraial a frente do setimo.

PONTO: - ... Canudos será...

MCESAR: - Canudos será tomada sem se perder um só homem. Alguma dúvida, senhores?

SILÊNCIO.

MCESAR: - Então, aos preparativos.

MÚSICA: - Vai, vai, vai, infantaria...
 vem, vem, vem, infantaria...
 Avante, avante, infantaria...
 É o sétimo batalhão de infantaria,
 Moreira Cesar, nosso chefe, nosso guia,
 Vai, vai, vai, infantaria...

CENA II

GRUPO DE JAGUNÇOS EM PREPARATIVOS PARA O COMBATE.
 ESTÃO: O CONSELHEIRO, JOÃO ABADÉ, PAJEÚ, MANOEL QUADRADO
 E OUTROS. PELO CHÃO, SACOS E CORDAS.

CONSELHEIRO: - Pega os homens, Irmão Pajeú, espalha por toda a serra,
 desde o Caypan até o Cambaio.
 ABADÉ: - Põe gente nos mutuais, cava buraco fundo e esconde os homens
 ali. Quando os cabra do governo surgirem, fogo neles. Vai, irmão.
 PAJEÚ: - SALVE o Bom Jesus.

PAJEÚ SAI.

ABADÉ: - Mestre Quadrado, vai com rapidez, de cada cem em cem jarda,
 faz um cercado com folha de mandacaru, põe um homem dentro com
 quinhentos cartuchos. Derrama dessas armadilhas por toda a margem do
 Vaza-Barra. Um dos nossos vai sempre segura um batalhão das fraquezas
 do governo. Os cabra do Moreira Cesar vão correr que nem animal cabrito
 desce descendo montanhas, mordidos pelas favelas, escoraçado.
 MQUADRADO: - Viva o Bom Jesus Conselheiro!

MANOEL QUADRADO SAI.

MÚSICA: - Nuvem do céu há de vir...
 Pros inimigos destruir...

ENTRAM TIA BENTA E BEATO. TRAZEM SACOS E CORDAS. FAZEM
 REVERÊNCIA PARA O CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO: - Quantas colmeias trouxe, tia Benta?
 BENTA: - Trinta e três, meu Santo, com cinco já pega dantes, trinta e
 oito são somadas.
 PONTO: - ... bom, e vosmece, mestre...
 CONSELHEIRO: - Muito Bom! E vosmece, mestre Beato?
 BEATO: - Meu Bom Jesus, arrumei mais de duas dúzias, além das perdidas
 que se esborracho no chão, na hora de enfiar no saco.
 ABADÉ: - Co as cento e poucas que já tínhamos, dão mais de duzentas.
 CONSELHEIRO: - Alguém ficou ferido?
 BEATO: - Chegamos de mansinho, como vosmecê falou, na hora da meia noite.
 Os bichinho tava tudo dormindo... ainda sim, tia Benta levou
 ferroadinha na mão.
 BENTA: - Foi uma das grandes, das vermelhas. Saiu da cormeia, voô prá cima
 de mim, carvo o ferrão. Tá inchado que dói.

CONSELHEIRO: - Deixa ver.

CONSELHEIRO EXAMINA A MÃO DE BENTA.

PONTO: - ... esfrega fumo com força...

CONSELHEIRO: - Esfrega fumo com fôrça em cima, depois derrama um pouco de mandureba... mexo com bicho há mais de dez anos e nunca fui mordido nem picado. Toma tento, irma: abeia é bicho bom, só pica quando provocado, fora disso é manso como lova-deus. Passeia na mão e perfuma até...

MÚSICA: - Nuvem do céu há de vir...
Pros inimigos destruir...

CONSELHEIRO: - Agora, Mestre Abade, vai dizer com fervor e jeito tudo o que deve ser feito.

O CONSELHEIRO SAI.

ABADE: - Sei que nós pode conta com a ajuda do céu... mais nos causas demilagre e sempre bom da uma m aozinha... Agora, irmãos, vão tudo vosmece se coloca nas altura da serra e fica lá bem caludós até a hora que ouvi o meu apito... Então, pega no saco e gira assim...

ABADE PEGA UMA CORDA COM UM SACO AMARRADO E GIRA SÔBRE A CABEÇA.

ABADE: - Depois, joga em cima das tropa do ruinoso, do Morera César... Os sacos vão se abri, as colmeia arreventa e os bichinho vão caí que nem enxame de Belzebu nós praça... num vai fica moleque da fraqueza do governo nos Canudos... vão corre até abaíca o mar-oceano... Agora, vão irmãos, com presteza. Oia, espera o apito. Num vão se açulera Espera o apito. Vão.

OS JAGUNÇOS SAEM.

MÚSICA: - Nuvem do céu há de vir...
Pros inimigos destruir...

CENA III

FLASH - MOREIRA CÉSAR ESPADA À MÃO.

MCÉSAR: - Avante, sétimo. Avante. Pela Pátria. Não dai quartel. Artilharia, fogo. Avante.

RUIDO DE LUTA. APITOS. TIROS.

VOZES: - (jagunços) - Vem, sol dado safado.
Chega, cachorro da República.
Arreda Viva o Conselheiro!

TIROS. SINOS.

MCÉSAR: - Parem, lutem, covardes, lutem.

TIROS.

VOZES (soldados): - Milagre! Milagre! Tá descendo nuvem do céu prá nos mata! Milagre!

BARULHO. TIROS.

MCESAR:- Milagre merda nenhuma. É mosquito. Parem, covardes.

MCESAR TENTA CONTER OS SOLDADOS QUE FOGEM.

MCESAR: - Parem, lutem, covardes. É preciso ter dignidade. Parem...

MCESAR CAI FERIDO NA BARRIGA.
ESCURECE.

CHEGAM ATÉ MCESAR CAÍDO, TAMARINDO, OUTROS OFICIAIS.
BARULHO DE COMBATE DECRESCER.

MCESAR: - Me pegaram... mas não é nada... coisa à toa...

FAZ UM MOVIMENTO. OFICIAL AJOELHA-SE, APOIA A CABEÇA DO
CHEFE NO PEITO.

MCESAR: - Que lugar é este?

OFICIAL: - Acho que é a "Fazenda Velha"... mais cem jardas e estávamos
dentro do arraial.

TAMARINDO: - É a "Fazenda Velha", no sítio das Umburanas.

OFICIAL: - Que ordena agora, meu coronel? Que fazer?

MCESAR: - Que fazer? Continuar a luta. Lutar até o último homem.

TAMARINDO: - Não tem mais quase nenhum.

MCESAR: - E o capitão Salomão?

OFICIAL: - Morto.

MCESAR: - MORTO?

PONTO: - ... morreu como um herói...

OFICIAL: - Morreu como um herói, caiu dizendo: "onde fica a bateria,
fica seu capitão."

MCESAR: - Era um homem...

MCESAR GEME. CONTORCE-SE.

TAMARINDO: - Creio, coronel, que devemos recuar...

MCESAR: - Recuar? O setim não recua nunca. Mantenha posição, coronel
Tamarindo, mantenha posição...

OFICIAL: - É difícil, meu coronel, impossível...

MCESAR: - É uma ordem. Mantenha posição... até o último soldado
Reforços vem aí... mantenha posição...

TAMARINDO: - (a parte para o oficial): - Assumo o comando, o homem não
se aguenta mais.

OFICIAL: - Como?

TAMARINDO: - Mande tocar o "retirar".

UM OFICIAL SAI.

TAMARINDO: - Meu coronel, é melhor que...

OUVE-SE O TOQUE DE RECUAR.

MCESAR: - Toque de retirada?! Quem mandou?... aí... covardes... Estou
morrendo, mas não compactuo com essa felonía... aí... é
desonrar minha carreira. Mancha meu nome, profana os penachos do sétim-
mo.

TOQUE DE RECUAR MAIS PERTO. AGUDO. MCESAR CONTRAI-SE.

MCESAR: - Eu... não aceito... comigo... morre a ... república...

MCESAR MORRE. OFICIAL DEIXA O CORPO CAIR. LEVANTA-SE.
OS OFICIAIS FICAM DE PÉ. OBSERVAM O CHEFE MORTO.

TAMARINDO: - (a parte) Eu sabia que essa bosta ia estourar nas
minhas costas.

OFICIAL: - Que ordens têm, meu comandante?

TAMARINDO: - Debandar! Em tempo de guerra, cada um, cuide de si.
TODOS SAEM CÉLERES, CADA UM POR UM LADO.

LUZ EM RESISTÊNCIA.

O CORPO DE MCESAR FICA SÓ. RUÍDO DE TIROS DECRESCENDO
AO LONGE ATÉ PARAR COMPLETAMENTE.
COMEÇAM A CHEGAR MULHERES JAGUNÇAS. OLHAM O CADÁVER.
GIRAM EM TORNO DELE.

COMEÇAM A DANÇAR LENTAMENTE EM VOLTA. APRESSAM DEPOIS
EM RÍTIMO DE CIRANDA.

MÚSICA: - Ummm... Ummm... uuummm...
ummm... uuummm... uuummm...

Moreira César, olhos de cana caiana,
foi ferido nos Canudos, foi morrer nas Umburana...

Moreira César, olhos de cana caiana,
foi ferido nos Canudos, foi morrer nas Umburana...

Uuummm... uuummm... uuummm...
uummm... uuummm... uuummm...

SUB CENA AJUDANTES DE CIRCO PROVIDENCIAM A MUDANÇA
DO CENÁRIO. PREPARAM O PICADEIRO MALTRATADOS POR ORDENS
VIOLENTAS DO MESTRE DE CERIMÔNIAS E DO DOMADOR.

CENA IV

ANOITECER. BADALADAS LENTAS DO SINO. SOB A LATADA DA
IGREJA NOVA, UMA MORENA, MUITO BELA, AJOELHADA, REZA.
MAIS À ESQUERDA, PAJEU, APOIADO NA LATADA EM SILÊNCIO.
AO FUNDO, SOM DE LADAINHAS, HINOS RELIGIOSOS. FOGUEIRAS
FOGO-DESMAIAM. ENTRA DANSANDO, ISABEL, A DOIDA.

ISABEL: - (cantando) Venho de Patamutê,
onde a an-ta caiu n'água
vestida de maltratos...
vestida de maltratos...

PASSA CORRENDO PELA MOÇA AJOELHADA. TIRA O CHALE DOS
OMBROS DA MORENA. CORRE DESVAIRADA, DANSANDO COM O CHALE.

ISABEL: - Eu vim ajudá o Conselheiro...

FAZ PIRUETAS LOUCAS PELO PICADEIRO..

PONTO: - ... eu sou Isabel, a Redentora...

ISABEL: - Eu sou Isabel, a Redentora, Imperatriz do Brasil. Tenho um filho meu imperador, de barbas brancas, que foi concebido de um facho de luz na hora da estrela guia, aquela de luz bendita que me fecundou. Venho com ordens diretas do céu. Trago embaixadas de poderes pro meu Santo Conselheiro...

ISABEL VAI ATÉ A MOÇA. EMPURRA-A. PAJEÚ APROXIMA-SE.
A VELHA VOLTEIA, SEMPRE FAZENDO CÍRCULOS COM O CHALE.

ISABEL: - Deixa eu passá, gente. Não posso ser contrariada na estampa de meu filho Imperador...

ISABEL FICA SÉRIA. SAI CANTANDO DOCEMENTE. AO SAIR,
JOGA O CHALE PARA DENTRO.

ISABEL: - (saindo) - Venho de Patamuté,
onde a anta caiu n'água
vestida de maltratos...
vestida de maltratos...

PAJEÚ APANHA O CHALE, LEVA-O ATÉ A MOÇA.

PAJEÚ: - (entregando o chale) - Uma morena anssim bonita num carece de rezar... Abasta o mimo, que tempra sua alma salva... Me Morena, se eu pudera no mundo forma altar, nele te poria pro povo te adora...

A MORENA LEVANTA.

MORENA: - Não diz anssim não, seu moço... trais desgraça... não quero nem os ouvido deixa aberto pra essas coisa do cão escuta...

PAJEÚ: - Modo de dize, irma... e os modo do dize, as veiz num concorda com os modo do senti... num carece de explicação, foi uma sincera saudação...

PONTO: - ... pra falá dos seus olho grande...

PAJEÚ: - Pra falá dos seus olho grande, dos seus lábio fino... (PAUSA)
nunca arreparo, pois, neste seu irmao, mariposando por cerca de vosmece?

MORENA: - Arrepará, arreparei...

PAJEÚ: - E foi bom?

MORENA: - Sei, nao... nem seu nome sei...

PAJEÚ PEGA O VIOLÃO.

PAJEÚ: - Sou Pajeú, assim me tratam os que me conhecem. Sou raiz de cajazeira, pau que amarga, flor que cheira, cravo das menina, suspiro das casaça, beijo das solteira.

MORENA: - Vosmeçe e dos que vive se adoçando só de vê rabo de saia ondula... nem que seja no vara...

PAJEÚ LARGA O VIOLÃO.

PAJEÚ: - É minha apresentação, sentido faz não... Foi Mestre Quadrado que ensinou... e sq falação, conteúdo tem nada, não...

MORENA: - Assim me sai melho... num há meste sertão mulher que goste de homẽ com fama de pombo arrulhado...

TOCA O SINO. SINAL DE RECOLHER.

MORENA: - É o recolhe, vou chegando. Boas noite, seu Pajeú.
 PAJEÚ: - Vai não, moça. Fica um pouco só... a lua vai despontando...
 queda aqui... conversa... quem sabe o pouco que nos resta?
 MORENA: - Posso não... Mestre Abade, ordem deu: depois da última ba-
 dalada, habitante dos Canudo tem que tá recolhido a morada.
 PAJEÚ: - João ABADÉ dessas coisa num entende.
 MORENA: - Inda ontem vi você obedecendo a êle, pois não?
 PAJEÚ: - Nas coisa da guerra, obedeço-obedecendo, nas outra, não.
 Home que faiz gosto a macho, só conheço o barbero, que
 alisa o freguês na cara, passa pente e bota cheiro. (PAUSA) Escuta,
 irmã olha no mato os bicho cantando, ouve o bate das asa dos passaro
 se aquetando... as águas do vaza-barris tão murmurando:
 - fica, irmã, fica... mantém conversa...
 PONTO: - ... as arage que beija...
 PAJEÚ: - As arage que beija as pedra do Caypan, que faiz as fôlha
 assobia de manso, triste, no Cambaio, também fala-voando:
 fica, irmã, fica, mantém conversa... quem sabe o tempo que nos resta?

PAJEÚ PEGA A MÃO DA MOÇA. AMBOS FICAM APOIADOS NA LATADA.
 PAJEÚ PASSA OS BRAÇOS NOS OMBROS DA MORENA.

MORENA: - ... o tempo que nos resta... é pouco, pois, então?
 PAJEÚ: - Sabe, ninguém sabe, não...
 PONTO: - ... mas o presidente da...
 PAJEÚ: - Mas o presidente da república, força-montão tão armando...
 So nas Queimadas tem mais de 5.000 praça, vindo de tudo lado.
 Do Sergipe, das Alagoas, e muitos estrangeiro das terra grande, tudo
 gente lá dos baixo... Paulista tem que nem forniga...
 MORENA: - Essas tropa do governo do diabo não vão vê nem as torre
 das igreja de Belo-Monte.
 PAJEÚ: - Tem mais de trinta canhão-matadara...
 MORENA: - Prá acaba como bigorná na loja da Chica Ferrera...
 PONTO: - ... são vinte batalhão...
 PAJEÚ: - São vinte batalhão do exercito e mais cinco das polícia dos
 estado, diz eles que vem prá acaba com o Conselheiro e arrasa
 com tudo.
 MORENA: - O morera César tá ali prá acaba com essa presunção, com
 quatro metro de chita e sete palmo no chão...
 PAJEÚ: - Vi, eles vem, se voltam, sei não... Dexe vi, soldado ladrão,
 a gente recebe de chicote na mão...

MÚSICA.

PAJEÚ AO VIOLÃO, OU CÔRO CANTADO.

AS ESTROFES SÃO SEIS, QUE Podem SER REDUZIDAS A TRÊS OU
 QUATRO.

MORENA: - Na ponta do faca os cinco mirvão acabá. Não vão nem passá a vereda sagrada do Massacará.

PAJEÚ: - Se o tempo que nos resta é poco ou não, ninguém sabe, não... por via das duda, carece de aproveita. E da devera, pombinha, da faia que toda muié bonita têm: de querê bem a todo mundo ou num gostá de ninguém, prefiro que...

MORENA: - Mestre Pajeú, deixa a falação. Das minha faia conhece poco. Das qualidade sabe nenhuma... (PAUSA) Olha os grilo cantando; as flores esparrama perfume na noite; os vaga-lume fais estréla-verde nas marge do Vaza-Barris... vamos até lá, deixa a conversa... quem sabe o tempo que nos resta...

AMBOS SAEM ABRAÇADOS.

CENA V

LUZ ACENDE NUM CANTO DO PICADEIRO. TRINCHEIRA AVANÇADA DO EXERCITO DA REPÚBLICA. É UMA TRINCHEIRA NATURAL, CONSTITUÍDA DE ENORMES PEDRAS. HÁ NO CENTRO, UMA PEDRA MAIOR, CHEIA DE INSCRIÇÕES PATRIÓTICAS, PORNOGRÁFICAS, CORAÇÕES, ETC... NO CENTRO, EM DESTAQUE, A FRASE: "VIVA A REPÚBLICA". O PRAÇA JOÃO, DE PÉ, DESENHA UM CORAÇÃO. OUVEM-SE AO LONGE TIROS ESPAÇADOS.

PRIMEIRO PRAÇA: - O baile começou.

VOZ: - Oh, João, se abaxa, cuidado, rapaz.

PRIMEIRO PRAÇA: - Tá querendo levá uma bala na cabeça, seu?

O PRAÇA JOÃO NÃO LIGA PARA OS AVISOS. CONTINUA DESENHANDO, DÁ UM PASSO ATRÁS, OLHA O DESENHO, VOLTA, ESCRIVE UM NOME NO CORAÇÃO: "ANA". PEGA A ESPINGARDA, TOMA POSIÇÃO, OLHANDO A TERRA DE NINGUÉM A SUA FRENTE. LUZ EM RESISTÊNCIA NA TRINCHEIRA DOS SOLDADOS; FICA APENAS O TÊNUE FOCO-DE UMA PEQUENA FOGUEIRA...

LUZ ACENDE NO CANTO OPOSTO DO PICADEIRO, ENTRE O LUGAR ONDE A LUZ ACENDE E A TRINCHEIRA DO GOVERNO FICA UM VAZIO: A TERRA DE NINGUÉM.

NO CANTO ONDE ACENDEU A LUZ ESTÃO QUATRO OU CINCO TRINCHEIRAS CIRCULARES DOS JAGUNÇOS, DE MEIO METRO DE FUNDURA, CAVADAS NA TERRA, ESPAÇADAS UMAS DAS OUTRAS POR ALGUNS PASSOS.

ESTÃO: - JOÃO ABADE, PAJEÚ, MANOEL QUADRADO, DOIS OU TRÊS JAGUNÇOS. JOÃO ABADE VAI DE TRINCHEIRA EM TRINCHEIRA, DISTRIBUINDO CARTUCHOS, EXAMINANDO ARMAS, CICIANDO ORDENS. REBATE DE SINOS. LUZ AUMENTA NA TRINCHEIRA DOS SOLDADOS. O ESPAÇO INTERMEDIÁRIO DO PICADEIRO PERMANECE AS ESCURAS.

MÚSICA: - Postos estão frente a frente
os dois valorosos campos;
a um lado el-rei maluco, Sebastião do outro lado.
Moço-rei Sebastião, valente e determinado
Ai, se como eras valente, fôsses bem aconselhado.

E os mouros já sem conta - suas hostes vão cercando
que por cada um dos seus - são eles dezoito tantos.
Manda el-rei que nada teme - da peloja deitar bando,
a frente dos seus galopa clamando: - a eles, Santiago.

SINOS. TIROS. INICIA O COMBATE. GRITOS.

JOÃO ABADE: - Viva o Bom Jesus Conselheiro!

UM OFICIAL: - Viva a República! Avançar!

ABADE: - Mais arriba, irmão. Sobe na árvore. Larga fogo. Mete chumbo.

JOÃO ABADE ORDENA OS MOVIMENTOS DOS JAGUNÇOS, SINCRONIZANDO-OS COM APITOS. MOVIMENTAÇÃO DOS JAGUNÇOS E DOS SOLDADOS.

QUADRADO: - Venham, seu praças veacos. Quanto mais viciem, mais morrem.

PAJEÚ: - Eu daqui não saio. Sô como prego em pau de ferro. Me arrebento dentro, mas não saio.

ABADE: - Fogo neles. Viva o Bom Jesus Conselheiro!

PONTO: - ... viva a república!...

OFICIAL: - Viva a República!

PAJEÚ: - Esta é minha casa. Ninguém vai me tocá... Cois tem ó lombança. Esse troço de canhão é matadera de merda... o mar também ronca.

PONTO: - ... avante ... pela Pátria!

OFICIAL: - Avante, pela Pátria! Viva Floriano!

ABADE: - Chega, seus maçon protestante, chega!

PAJEÚ: - Ven, cabrada safada, quero vê essa terra cheia de sangue até nas canela.

QUADRADO: - Ven, seus porco, o padroero d'océis é fêmea, mas o meu é macho.

FLASH - JOÃO ABADE CANTANDO, ENTREMENDO COM O CÔRO.

MÚSICA: - Eu sou aquele que disse
e como disse não nego.
Levo faca, levo chumbo,
morro solto e não me entrego.

MÚSICA: - (continuação)

Diz minha mãe que eu nasci
num dia de quarta, fora;
quando fôran no da banho,
foi visto pela partera
que eu trazia na cintura
marca de cartuchera...

Meu nome é João Abade,
tenido em todo o sertão.
Na calma só como ovelha,
na raiva viro leão...

O COMBATE DIMINUI DE INTENSIDADE ATÉ CESSAR COMPLETAMENTE.
SILÊNCIO DE NOITE NO CAMPO DE BATALHA. TRINCHEIRA DOS SOL
DADOS ILUMINADA APENAS POR UMA FOGUEIRA.
DO OUTRO LADO, TRINCHEIRAS DOS JAGUNÇOS ILUMINADAS PELO
LUSCO-FUSCO DE DUAS PEQUENAS FOGUEIRAS. MAQUADRADO SOBE
NUMA ELEVAÇÃO, MÃO EM CONCHA JUNTO À BOCA, GRITA PARA OS
SOLDADOS: -

MAQUADRADO: - Oh! Severino, Severinoooo...

SILÊNCIO.

MAQUADRADO: - Oh, José, Josécccccc... aresponde, José, aresponde...

SILÊNCIO.

PAJEÚ: - João, tá me ouvindo, João?

SILÊNCIO.

PAJEÚ: - Eh, João, sei que ocê tá aí. João, aresponde, tá me iscul-
tando?

PRAÇA JOÃO: - Tô ouvindo, sim. Que é que você quer?

PAJEÚ: - Grato por atender. Onde vosmecê é?

JOÃO: - Sou lá do baixo, do São Paulo.

MAQUADRADO: - É dos paulista, é dos piô. Cautela, Mestre Pajeú.

PAJEÚ: - Como é que tá aí do seu lado, irmão? Tem comida a farta?

JOÃO: - Mantimento tem à vontade, água é que escasseia um tanto.

ABADE: - Esse povareu que tá tudo aí é macaco ou praça?

PRIMEIRO PRAÇA: - Tá querendo sabê o que, jagunço safado?

ABADE: - Perguntava por mal pergunta...

PAUSA;

MAQUADRADO: - Ei, occis, paulista, porque tão aqui mata-matando a gen-
te?

PAUSA;

MAQUADRADO: - Arresponde, paulista, porque tão aqui mata-matando a
gente?

PRAÇA JOÃO: - Porque vosmecês querem acabar com a República?

PAJEÚ: - Nois só que vivê em paz...

MAQUADRADO: - O povo do Conselheiro só quêtrabaiá em sossêgo.

PRIMEIRO PRAÇA: - Então o Conselheiro não quer derrubar o presidente?

ABADE: - O Bom Jesus só quê que ninguém venha bolir com a gente do
Belo Monte.

MAQUADRADO: - Occis tão morrendo à toa... Garanto que nem sabe o que
é essa joça de República...

OUVEM-SE VOZES COMO NUM ECO.

VOZES: - Que é essa joça de República? Que é essa joça de República?
 MQUADRADO: - Arresponde, irmão, que é essa joça de República?
 PRAÇA JOÃO: - Eu não sei direito o que é essa República.
 PRIMEIRO PRAÇA: - Eu também não...

\ VOZES COMO NUM ECO.

VOZES: - Nem eu... nem eu...

PRAÇA JOÃO: - Antes dessa guerra, eu nunca escutara coisa de Repúbli-
 ca.

VOZES: - nem eu... nem eu...

ABADE: - Porque vosmecês num larga essas gente perversa das terra gran-
 de?

PAJEÚ: - Deixa êsses pessoá ruinoso do govêrno. Deixa.

MQUADRADO: - Vem vivê aqui no Belo Monte com a gente. Larga êsses
 govêrno do litorá. Vem aqui prá as fartura dos Canudos.

PRAÇA JOÃO: - Tô na duvida.

PRIMEIRO PRAÇA: - Esse convite é prá valô?

ABADE: - De devera, irmão, pode chega, palavra de João Abade, comandan-
 te do povo, falando pelo Santo Conselheiro. Pode chega.

PAJEÚ: - Vem aqui, cois será, irmão prá nois, com as mesma benção do
 santo e morada ao pé da igreja nova. Chega, irmão.

O PRAÇA JOÃO, ACOMPANHADO DO PRIMEIRO PRAÇA E OUTROS SOLDA-
 DOS SAI DA TRINCHEIRA. JOGAM ARMAS, ENCAMINHAM-SE CAUTELO-
 SOS PARA O LADO DOS JAGUNÇOS. SURGE UM OFICIAL.

OFICIAL: - Vocês aí, aonde é que vão? Pare, seus desertores. Alto,
 traidores. Alto, voltem.

OS DOIS SOLDADOS VOLTAM PARA A TRINCHEIRA. O PRAÇA JOÃO
 CONTINUA A AVANÇAR.

OFICIAL: -

Toma.

O OFICIAL ATIRA. JOÃO CAI, MORTALMENTE FERIDO. ESCURECE.
 LUZ SÓ SOBRE JOÃO, QUE SE ARRASTA LENTAMENTE ATÉ ENTRAR NA
 SUA TRINCHEIRA. PEGA NO GIZ, AINDA NO CHÃO, E APOIANDO-SE
 NA PEDRA, LEVANTA-SE. OSCILANTE, COMEÇA A ESCREVER NA PEDRA:
 INICIA A ESCREVER NO CORAÇÃO POR ELE MESMO HÁ POUCO DESE-
 NHADO E VAI COM SUAS LETRAS COBRINDO O "VIVA A REPÚBLICA".
 ESCREVE: - "M-E-R-D-A". NO "A" FINAL, CAI ESTENDENDO A PER-
 NA DA LETRA ATÉ O CHÃO. MORRE. RECOMEÇA O COMBATE. VIOLENTO.

OFICIAL: - Artilharia, fogo!

TIROS. BARULHO DE COMBATE.

OFICIAL: - Infantaria, avançar. Viva Floriano, pela direita, pela
 Pátria. Ocupem o morro. Cavalaria, carga. Viva a República.

ENTRAM MAIS SOLDADOS. CERCAM OS JAGUNÇOS.

OFICIAL: - Eh, jagunços, vocês estão perdidos. O arraial está cercado.

PONTO: - ... o exército já...

OFICIAL: - O exército já tomou a rua da professora... as casa verne-
 lhas caíram tôdas... se entreguem...

PAJEÚ: - Ó seu majô, deixa de lambuja...

OFICIAL: - Garanto a vida de todos. Se entreguem. É o meu ultimatum.
 Vocês não tem mais comida. Se entreguem.

40

-22-

MQUADRADO: -Aqui ninguém como urtimatu. Tem passoca de sobra...

OFICIAL: - Rendam-se. Dou mais um minuto. Rendam-se.

ABADE: - Larga a falação, inselência. Aproveita o minuto prá se abanca pro outro lugar. Fogo nêlo, irmãos. Viva o Bom Jesus!

RECRUDESCE O COMBATE. OS JAGUNÇOS SAEM DE SUAS COVA-TRIN-
CHEIRAS E RECUAM SEMPRE LUTANDO. O OFICIAL ATIRA EM PAJEÚ,
MQUADRADO SALTA A FRENTE DO CRIULO E RECEBE NO PEITO A
BALA A ELE ENDEREÇADA. QUADRADO CAI. MORRE. PAJEÚ; AINDA
ATIRANDO, AJOELHA-SE, AMPARA O CORPO DE MQUADRADO.

MÚSICA: - Ao vê-lo que assim jazia, Sebastião solta um brado:
Ai de mim, até que extremo, aqui me vejo chegado;
de aceitar com tua morte a vida que já desamo.
Mas espera, amigo, espera, não será por mais de ano.
Que o rei que sabe morrer, morre ao pé do seu vassalo.
Isto dizendo com mágoa, dum salto monta o cavalo.
Com fúria se torna aos mouros, onde o combate é mais bravo.
Busca morrer, dando mortes, busca a morte, Sebastião;
E agora a hora, esta morte é salvação!

PAJEÚ ATIRA COM RAIVA; É ATINGIDO. CAI. MORRE. ABADE E
DOIS JAGUNÇOS ARRASTAM SEU CORPO. SOLDADOS OCUPAM AS
TRINCHEIRAS DOS JAGUNÇOS. LUZ EM RESISTÊNCIA. SILÊNCIO.
FLASH. SILHUETA DO ABADE E DOIS JAGUNÇOS CONTRA A LUZ
DAS FOGUEIRAS, SAINDO LENTAMENTE, CARREGANDO CORPO DE PAJEÚ.

MÚSICA: - Me corte, que eu nasço sempre
Sou que nem soca de cana...
Me cortem que eu nasço sempre
Sou que nem soca de cana...

CENA VI

PRIMEIROS ALBORES DA ALVORADA. ABADE E JAGUNÇOS CARREGAM
NUMA REDE O CORPO DE PAJEÚ. CAMINHAM DEVAGAR.
NO OUTRO LADO DO PICADEIRO, ENTRA O CONSELHEIRO COM
BEATINHO, A MORENA DE PAJEÚ, VELHA TIA BENTA E ROMEIROS.
ENCONTRAM-SE NO MEIO DO PICADEIRO. O CONSELHEIRO AJOELHA-SE
AO LADO DO CORPO DE PAJEÚ. SOPRE PROFUNDAMENTE. O CONSELHEI-
RO LEVANTA-SE. SOBE NUMA ELEVÇÃO. VÊ-SE SÓ A SUA SILHUETA
MARCADA EM LUZ. ALGUNS JAGUNÇOS AJOELHAM-SE.

CONSELHEIRO: - Irmão Pajeú, não sei de que vosmecê morreria;
uns me alertaram que foi de bala, outros que não seria;
Das coisas que vosmecê gostava, não gosta mais:
cavalo galopeiro, lamparina de gas,
falar franco na frente, nunca negacear por trás;
da morena de olhos grandes e lábios finos
que está aqui no fim do seu destino,
de ajudá os pequeninos,
da querença de não ter forte prá bater no fraco,
da vida vivida sem alarma de sino:

Essas coisas, irmão Pajeú, eu garanto, vão ter conti-
nuação

MÚSICA: - Me cortem que eu nasço sempre
sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO: - Só sei que de morte degolada não foi que Mestre Pajeú chegou a este fim; por isso, aqui no Império de Belo Monte, ele vai continuar a viver: no jagunço que nasce, no romeiro que reza, no jagunço que luta, no umbuzeiro que cresce, na ave que voa...

CÔRO: - Me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO: - Até a hora do voltar... o irmão Pajeú e todos os que caíram: no Massotó, no Caypan, no Chochorro, no Canbaio, nas bordas do Vaza-Barris, até a hora do voltar...

CÔRO: - Me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO: - Aquêles que são os mornos: nem frio, nem quente; ou os desgraçados que duvidam do sol e acreditam na tocha, esses eu vomito todos.

CÔRO: - Sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO: - Estava escrito que neste anos, as águas iam ficar em sangue e o sol nalgum lugar se confrontar cai com a terra; e há de chover grande chuva de estrêlas... a a quando virdes os Canudos sitiados, sahereis que está próxima a devastação. Ai, então, das que estiverem grávidas...

A MORENA DE PAJEÚ PROTEGE A BARRIGA.

CONSELHEIRO: - Ai das que amamentarem, porque haverá grande aflição na terra e ira contra o meu povo.

CÔRO: - Me cortem que eu nasço sempre, me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO: - Muitos cairão ao fio da espada e serão levados cativos por tôdas as nações.

CÔRO: - Sou que nem soca de cana, sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO: - Mas...

PONTO: - ... todás essas aflições serão recompensadas na vida eterna...

CONSELHEIRO: - ... no ano dos 900 ...

PONTO: - ... essas aflições serão recompensadas na vida eterna...

CONSELHEIRO: - ... num dos anos dos 1.900...

UM JAGUNÇO LEVANTA UMA TOSCA CRUZ, ONDE ESTÁ PENDURADO UM COURO À GUIA DE PERGAMINHO.

CONSELHEIRO: - ... num dos anos dos 1.900, eu voltarei...

ENQUANTO FALA, O CONSELHEIRO DESENHA NO COURO UMA CRUZ. NA PARTE DE CIMA, DO LADO ESQUERDO, PÕE O NÚMERO "UM", DO OUTRO LADO, O NÚMERO "NOVE". NOS DOIS LADOS DE BAIXO, ACRESCENTA DUAS INTERROGAÇÕES, UMA DE CADA LADO.

CONSELHEIRO: - Eu voltarei lá pelas bandas das terras baixas, lá pelos lados do sul... voltarei porque sou o alfa e o ômega...

O CONSELHEIRO DESENHA UM ALFA E UM ÔMEGA.

CONSELHEIRO: - E então os orgulhosos vão tremer, os poderosos vão ser destronados, os fartos serão despojados e nutridos os esfaimados...

BEATO: - (meio a parte) Num tá interessando essas coisa prá depois...

ABADE: - Queto, irmão Beato.

BEATO (meio a parte): - Bem aventuraça prá depois num serve... De dantes, isso a igreja já apontava nas

falação dos padre...

ABADE: - Cala, Beato, aqueta...

BEATO: - O Santo prometeu mel e leite prá agora, não prá depois... Do que valeu então essas mortandade tôda?

ABADE: - Nas hora do combate, vosmecê nunca foi dos primero...

BEATO: - Meu combate é outro, de mais valia...

BEATO SAI.

CONSELHEIRO: - ... e vou chegar numa nuvem do cerração com poder e grande glória, junto com Pajeu e o Rei D. Sebastião com todo o seu exército...

MÚSICA (CÓRO): - Montado no seu cavalo
num dia de cerração,
quem quiser pode esperá-lo
El Rei D. Sebastião...

CONSELHEIRO: - E então, nesse ano marcado, exultai e erguei vossas cabeças, porque o rei D. Sebastião vai enfiar sua espada encantada na pedra até os copos... (PAUSA)

PONTO: - ... e vai garantir com isso a salvação eterna de ...

CONSELHEIRO: - E vai tirar no fio da espada todos os que estiverem do lado da República...

PAUSA. A AURÉOLA DE LUZ QUE ENVOLVE A SILHUETA DO CONSELHEIRO AUMENTA.

CONSELHEIRO: - Em verdade vos digo, irmãos, que esta geração não passará sem que isso aconteça. Passarão o céu e a terra, mas o que vos digo hoje, diante do corpo de Mestre Pajeu e na Anunciação da vinda d'El Rei D. Sebastião não passará.

OS JAGUNÇOS LAVANTAM E SAEM LENTAMENTE CARREGANDO O CORPO DE PAJEU.

MÚSICA: - Por três noites e três dias
haverá mil agônias
que eu aqui não vos direi.
Andara tudo de luto
sem os campos darem fruto
sem se seguir a lei.

Nas profecias
dos modernos Isaías
há uma que diz assim:
com fé espere o povo por
mim!

-o-o-o-o-

Se alguém duvida do dia
aqui lhe ponho os sinais:
como reza a profecia
como ela reza, não mais:
veras no céu um cometa
e do nascente,
segundo cre muita gente,

virá vindo a cerração
e depois dela desfeita
surgirá a boa seita
D'El Rei D. Sebastião.
Montado em seu cavalo
num dia de cerração
quem quiser pode esperá-lo
El Rei D. Sebastião.

-o-o-o-o-o-

SUB-CENA. Mudança de CENÁRIO FEITA PELOS "PELUDOS" SOB
ORDENS DO MESTRE DE CERIMÔNIAS E DO DOLADOR.
VOUQUES, O PALHAÇO, AJUDA OS PELUDOS.
ZECA TIBÉRIO, AGRESSIVO, ABRESSA OS GAROTOS. DÁ UM SAPANÃO
NUM DELES. REAGINDO, VOUQUES AVANÇA SOBRE ZECA. PONCIANO,
O DOLADOR, INTERVEM EM AUXÍLIO DE ZECA. VOUQUES E PONCIANO
MEDEM-SE. VOUQUES VOLTA A ARRUMAR O CENÁRIO.

-o-o-o-o-o-

CENA VII

OS MUROS DA NAVE DA IGREJA NOVA EM RUINAS. SINO DEPENDU-
 RADO NUMA COLUNA SEMI-DESTRUÍDA PELO FOGO. AO LADO, A PIA
 BATISMAL, RACHADA, COM ÁGUA.
 EM CONTINUAÇÃO A NAVE, MUROS DESTRUÍDOS PELOS COMBATES,
 FORMANDO UM LABIRINTO QUE SE ESTENDE DA NAVE ATÉ O INÍCIO
 DA BORDA DO PICADEIRO DE UM DOS LADOS. À ESQUERDA.
 NA NAVE, O CONSELHEIRO, JOÃO ABADE E UM ROMEIRO. O CON-
 SELHEIRO ESTÁ DE HÁBITO IMPECÁVELMENTE LIMPO E TEM UMA
 CRUZ DE PRATA COM CORRENTE PENDURADA AO RESCOÇO; UMA CHAVE,
 TAMBÉM DE PRATA, PRESSA AO CORDÃO DA TÚNICA.
 O ROMEIRO DORME DEITADO NO CHÃO. ABADE COCHILA APOIADO NA
 NAVE.
 O CONSELHEIRO NUNCA RÉSTEA DE LUZ VELA.
 UM VENTO LUGUBRE, CICIENTE, AGITA AS VESTES. AO LONGE,
 BARULHO DE TIROS DE ARTILHARIA.
 ENTRAM PELO LABIRINTO DE MUROS. ÀS OCULTAS, BEATINHO,
 SEGUIDO DE UM OFICIAL E DOIS PRAÇAS. ESQUEIRAM-SE POR
 ENTRE AS PAREDES.
 A ENTRADA DA NAVE, ESTACAM. BEATO ENTRA, OFICIAL E OS
 PRAÇAS FICAM ESCONDIDOS, OBSERVANDO A NAVE.
 CONSELHEIRO E BEATINHO ENCLAMAM-SE. PAUSA. MÚSICA.

CÔRO: - Aquele que me falseia
 come e bebe na minha mesa...

BEATO CAMINHA VAGAROSAMENTE ATÉ O CONSELHEIRO. ABADE TENTA
 INTERPOR-SE ENTRE ELES. O CONSELHEIRO FAZ UM GESTO. ABADE
 PARA. BEATO CHEGA ATÉ O CONSELHEIRO, BEIJA-O NA FACE.
 BEATO SAI POR UM LADO, MÚSICA.

CÔRO: - Aquele que me falseia
 come e bebe na minha mesa...

ENTRAM O OFICIAL E UM PRAÇA.

OFICIAL: - Viva a República.

TIROS.

OFICIAL: - Morre, traidor.

ROMEIRO FOGE.

SUB CENA TÔDA EM SONHO. TIROTEIO CONTINUA. ABADE CORRE
 PARA PROTEGER O CONSELHEIRO. O CONSELHEIRO SAI VAGAROSAMEN-
 TE, DILUINDO-SE, FLUINDO PARA O CHÃO.

CONSELHEIRO: - Até quando, Senhor, clamarei e não me escutarás?

O CONSELHEIRO MORRE. ABADE CAI AO SEU LADO DIREITO. O OFICIAL TOIBA DO LADO ESQUERDO. OS TRÊS MORTOS COM OS BRAÇOS ABERTOS. O CONSELHEIRO UM POUCO MAIS ACIMA. O PRAÇA FOGÊ PARA AS RUINAS. RUÍDO DE VENTO AUMENTA. RELAMPAGOS DE CIRCO. ESTRONDO DE BALA BANTENDO EM SINO, COM ECO AGUDO. PROLONGADO.

SILÊNCIO.

ENTRA ISABEL, A DOIDA. TEM DUAS SINETAS NAS MÃOS. DANSA E CANTA APENAS A MELODIA DE QUALQUER DAS MÚSICAS CANTADAS POR ELA ANTERIORMENTE. CIRCUNDA OS CORPOS, TILINTANDO AS SINETAS, COMO FAZEM OS COROINHAS. AJOELHA-SE, TOMA O CONSELHEIRO MORTO NOS BRAÇOS. PAUSA. SILÊNCIO.

ISABEL SAI BILBALHANDO AS SINETAS.

ENTRAM DOIS PRAÇAS. CHEGAM ATÉ OS CORPOS. TIRAM A CRUZ E A CHAVE DE PRATA DO CORPO DO CONSELHEIRO. DISPUTAM OS OBJETOS. TIRAM PARA O ÍMPAR. O QUE GANHA AMARRA OS OBJETOS NUM LENÇO E ENFIA NO BOLSO DA FANDA ESTROPIADA. CLARIN DE VITÓRIA.

VOZ: - Viva a República.

VOZES: - Viva a Republica.

ACORDES DE HINO MARCIAL.

VOZ: - O general em chefe.

VOZES: - O general em chefe.

ENTRA O GENERAL EM CHEFE, SEGUIDO DE UM OFICIAL. OS PRAÇAS PERFILAM-SE. O GENERAL EXAMINA OS CORPOS, EMPURRA COM O PÉ O CADAVER DO OFICIAL. OBSERVA ATENTAMENTE O CONSELHEIRO. FAZ UM GESTO. O OFICIAL SAI. PAUSA. RETORNA NUM SEGUNDO, TRAZENDO BEATINHO.

O GENERAL APONTA O CORPO DO CONSELHEIRO. BEATO OLHA COM DESDÉM.

GENERAL: - Então?

BEATO: - É o Santo, num tem dúvida.

GESTO DO GENERAL. O OFICIAL EMPURRA BEATO. BEATO SAI ESCOLTADO POR UM PRAÇA.

GENERAL: - Tirem os outros, tirem os outros, chus, chus, rápido.

AFASTAM OS DOIS OUTROS CORPOS. FICA SÓ O DO CONSELHEIRO.

FLASH DO GENERAL EM CHEFE.

GENERAL: - Pelo que ordenei que se passasse a verificar a exata identidade de pessoa...

PONTO: - ... tendo-se reconhecido...

GENERAL: - ... tendo-se reconhecido ser o corpo do famigerado Antonio Vicente Mendes Maciel, vulgo Bom Jesus Conselheiro, como consta de ata lavrada. Mandei-o fotografar para terem certeza de ser ele aqueles que o conheceram.

ENTRA UM PRAÇA COM UMA DESPROPORCIONAL MÁQUINA FOTOGRÁFICA TIPO CAIXÃO. PÕE O PANO PRETO SOBRE A CABEÇA, ENFOCA O CADAVER DO CONSELHEIRO. EXPLODE O MAGNÉSIO COM ESTRONDO.

ESCURECE. PAUSA.

SURGE O TRADICIONAL RETRATO DO CONSELHEIRO, EM CONTRASTE NEGATIVO, PRESO POR DUAS CORDAS. COMEÇA A SUBIR LENTAMENTE. MÚSICA.

E cortaram a cabeça do conselheiro e trouxeram num caixote de sal no selim de um animal.

Examinando o crâneo, na Capital, a ciência disse: normal.

O RETRATO FINDA A ASCENÇÃO. ESCURECE. SILÊNCIO. SURGE UM QUADRO RÚSTICO ESCRITO. O QUADRO É ASSIM:

"E SE ALGUÉM FIZER QUALQUER ACRÉSCIMO ÀS VERDADES CONTIDAS NESTE DRAMA, DEUS LHE ACRESCENTARÁ OS FLAGELOS NELE DESCRITOS; E SE ALGUÉM TIRAR QUALQUER COISA, DEUS TIRARÁ DEÍ E A SUA PARTE NA ÁRVORE DA VIDA"

PANO

CENA FINAL COM OS ARTISTAS DO CIRCO.

À FRENTE DO PANO, SURGE ZÉCA TIBÉRIO, COM ROUPA DE MESTRE DE CERIMÔNIAS.

ZÉCA TIBÉRIO: - Prezado e seletto público. Aquí se encerra a apresentação do maravilhoso drama "A Guerra de Canudos", que o "Gran Circo Irmãos Tibério" espera tenha sido do vosso inteiro agrado.

Repetimos as desculpas pela apresentação de Vicente Pedrão, artistas que estrearem nesta noite, garantindo que, nos próximos espetáculos não cometerem as perdoáveis falhas de hoje.

E agora, nossos artistas distribuirão - gratuitamente - suas fotos ao distinto público.

Muito obrigado e muitíssima boa noite.

ABRE-SE O PANO. MESMO CENÁRIO DA CENA DA MORTE DO CONSELHEIRO. NO PICADEIRO, ESTÁTICOS, VICENTE NUM PLANO SUPERIOR; LOGO ABAIXO, PEDRÃO, E UM POUCO MAIS ABAIXO AINDA: ZEBEDEU.

"ZEBEDEU TEM NAS MÃOS A PLUMA DE ESCREVER E SEU INSTRUMENTO DE TRABALHO COM FOGO".

O CARTÃO DISTRIBUÍDO AO PÚBLICO É ASSIM:

- NO LADO DA FRENTE, EM CIMA, OS DIZERES: "RETRATO DO ARTISTA VOUQUES". NO MEIO UM CÍRCULO DE PAPEL PRATEADO - DE PROTEGER CIGARROS, QUE REFLITA DEFORMANDO O ROSTO DE QUEM OLHAR. FLECHA INDICATIVA COM OS DIZERES: "ISTO É UM ESPELHO"

NO OUTRO LADO DO CARTÃO, ESTARÃO IMPRESSOS OS DIZERES:

"VENDO ELE QUE A ESPADA VEM SOBRE A TERRA DEVE TOCAR A TROMBETA E AVISAR O POVO". EZEQUIEL, 33/4.

V6

- 39 -

A DISTRIBUIÇÃO PROSSEGUE COM AS PORTAS DE SAÍDA PARA O PÚBLICO FECHADAS, ATÉ QUASE TODOS OS ASSISTENTES TEREM RECEBIDO OS CARTÕES.

SOM VIOLENTO DE TROMBETA AO FUNDO DO PICADEIRO. OS ARTISTAS PARA A DISTRIBUIÇÃO, VIRAM-SE PARA O PICADEIRO INDICANDO-O AO PÚBLICO. FICAM ESTATÍCOS. SOA A TROMBETA. UMA SEGUNDA, E AINDA UMA TERCEIRA VEZ; ENTRA PELO ALTO DO PICADEIRO UM GRANDE COMETA DOURADO. PARA EM CIMA DE VICENTE. VICENTE DESCE ATÉ A ZEBEDEU, PASSA A MÃO EM SEU ROSTO, DEMORA-SE NA BÓCA, ZEBEDEU ESTREMECE. MURMURA PALAVRAS ININTELGÍVEIS, RECUPEROU A VOZ!

ZEBEDEU ATIRA A PLUMA DE ESCREVER, CORRE ATÉ A PIA, ENFIA NA ÁGUA SEU INSTRUMENTO INCENDIADO. AO APAGAR-SE, SURGE EM SUAS MÃOS UMA ESPADA.

MÚSICA SÓ ORQUESTRADA.

"NUM DIA DE CERRAÇÃO"...

ZEBEDEU CORRE ATÉ O SINO, BATE VIOLENTAMENTE COM A ESPADA. VIRA-SE PARA A TROUPE.

ZEBEDEU: -é agora! é agora!

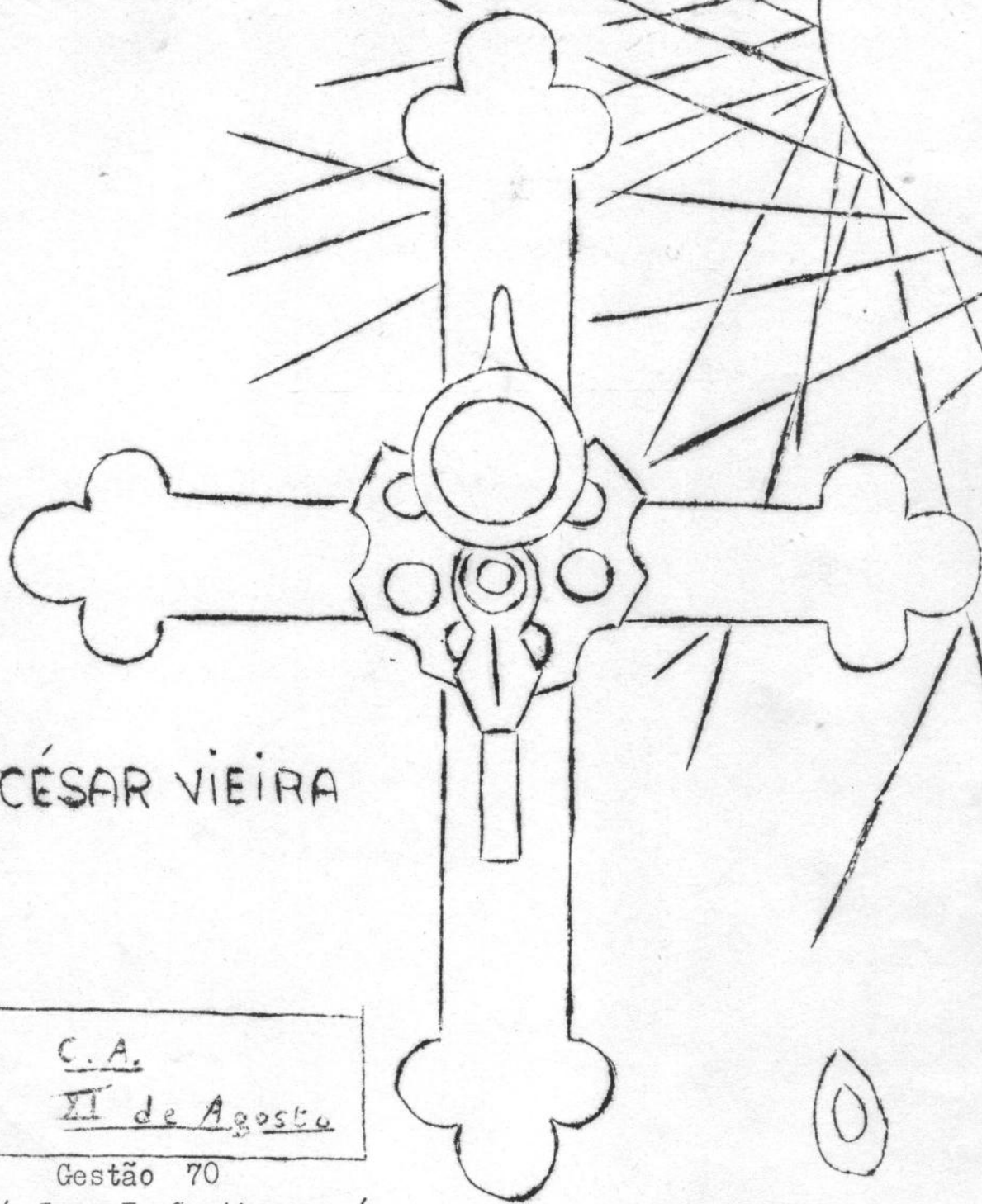
MAGDA, A PRIMEIRA BAILARINA, VOUQUES, O PALHAÇO, E UM DOS PELUDOS, CORRENDO, SALTAM PARA O PICADEIRO. VOUQUES, AO CORRER, DESVENSILHA-SE DA ROUPA DE PALHAÇO; TEM UM TRAJE SIMPLES POR BAIXO. VICENTE, ZEBEDEU, PEDRAO, MAGDA, VOUQUES E O PELUDO, SAEM PELO LADO ESQUERDO DO PICADEIRO, ACOMPANHADOS PELO COMETA DOURADO. CESSA A MÚSICA "NUM DIA DE CERRAÇÃO"...

O RESTO DA TROUPE, SEM INTUSIASMO, TERMINA A DISTRIBUIÇÃO DOS CARTÕES AO PÚBLICO.

VÓS "AUTO-FALANTE": - Não percam nosso próximo espetáculo "A Morte do Capitão Mor"... Não percam!

ABREM-SE AS PORTAS PARA O PÚBLICO.

F I M



CÉSAR VIEIRA

C.A.

II de Agosto

Gestão 70

/ Luiz E. Curti /

EVANGELHO
SEGUNDO
ZEEBEDU

Dedicado

A

L. A. SAH2



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0340, p. 52

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 457/68

PEÇA -/!!! O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU !!!/-

ORIGINAL DE CÉSAR VIEIRA

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 14 de AGOSTO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 14 de AGOSTO de 19 68

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P.

Aloysio Muehlethaler de Souza
ALOYSIO MUELETHALER DE SOUZA

apca/

COM CORTES

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0340, p. 53

-01-

-14v-

Certifico constar do livro nº _____ fôlha nº _____, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada **:-::: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU :-:-**



Original de **CÉSAR VIEIRA**

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de **CIA. PROFISSIONAL DE TEATRO BENJAMIM CATTAN (SP)**

Tendo sido censurada em **08** de **A G O S T O** de 19 **68** e recebido a seguinte classificação: **:::= IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS,**

COM A SUPRESSÃO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES ASSINALADAS ÀS FLS. 06 (SEIS) e 07 (SETE) DO PRIMEIRO ATO E, FLS. 03 (TRÊS), 05 (CINCO), 10 (DEZ), 11 (ONZE) e 13 (TREZE) DO SEGUNDO ATO DO SCRIPT ORIGINAL APRESENTADO AO SCDP PARA CENSURA:::=

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

14 de **A G O S T O** de 19 **68**
Brasília, _____ de _____ de 19 _____

- **JOSE SAMPAIO BRAGA** -

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0340, p. 54
D S G - SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

CÓPIA PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

Brazos

DR IDIBAL ALMEIDA PIVETA
RUA SENADOR PAULO EGÍDIO 15 - 4º ANDAR SALA 403
SÃO PAULO - CAPITAL

317 24 7 68

C: REFERÊNCIA SUA CARTA DATADA 17-7-68 VG INFORMO
V Sª PEÇA TEATRAL "EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" SOMENTE HOJE
CHEGOU SCDP PT TODAVIA NÃO PODERÁ TER ANDAMENTO PROCESSO
FALTA UMA CÓPIA SCRIPT ET AUTORIZAÇÃO AUTOR OU SEAT FINA
LIDADE EXAME PRÉVIO PT SDS ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
CHEFE SCDP

Recebido

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917

Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.

End. Teleg.: SBAT - RIO

RIO DE JANEIRO — BRASIL

DR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340, p. 55

Direitos de Representação

Autorização Nº 170667

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: *O EVANGELHO SEGUINDO ZEREBRO*

Original de *João Viana*

Música de _____

Tradução de _____

No Teatro _____ Cidade *S. Paulo*

Empresa _____ Pela Cia. _____

nos dias *PARA CENSURA NA PELA*

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de *4* % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ _____ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

SAT 04/10/58 de *Julho* de 1958

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.

— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de selo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340, p. 56

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

LS

S. Paulo - julho - 17 - 1.968

53

Ao Ilustre Chefe do
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Depto. Polícia Federal
BRASILIA

Prezado Senhor

Venho mui respeitosamente à presença de
V. Excia. expor e requerer o seguinte :

1 - Há cerca de 90 (NOVENTA) dias,
(TRÊS MESES) o diretor teatral Benjamin Cattam, de S.
Paulo - Capital enviou a esse D. Serviço para exame o tex-
to para teatro de autoria de César Vieira, denominado
" O Evangelho Segundo Zebedeu ".

2 - A montagem dessa peça por exigir
muitos atores e difíceis canções e músicas é das mais caras.
A simples contratação de atores para início de ensaios é
muito onerosa.

3 - O início dos trabalhos com rela-
ção a esse texto só poderá ser feito após a liberação
do mesmo por esse D. Serviço, a fim de evitar graves
prejuízos.

4 - A Cia Benjamin Cattam tem neces-
sidade urgente de receber o resultado da presente consulta
a fim de iniciar a montagem do texto ou decidir o que fa-
rá...

5 - Há mais de 90 (noventa) dias
a peça se encontra em Brasília a espera da censura!!!

6 - A fim de evitar quaisquer dúvidas
anexo a esta, na qualidade de advogado do Autor César Vieira
envio, novamente, duas cópias do texto.

Ne certeza de sua atenção, e providên-
cias no sentido da liberação ou decisão com relação ao tex-
to " O Evangelho Segundo Zebedeu ", subscrevo-me

Atenciosamente



IDIBAL ALMEIDA PIVETA
- Advogado -

Rua SENADOR Paulo Egidio - 15

Sala 403 - 4º andar - fone 33 40 72 ou 70 47 22

S. Paulo - Capital

S. Paulo - julho - 29 - 1.968

Ao Sr.

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZADD. Cefe do SCDP
BRASILIA*Recebido
em 2/8/68
Piveta*

Prezado Senhor

Agradecendo sua comunicação de 24 do corrente, tomo a liberdade de informar a V. S. o seguinte :

1 - O texto teatral " O Evangelho - Segundo Zebedeu ", de autoria de Cesar Vieira foi enviado a esse D. Serviço há mais de 3 (três) meses, acompanhado da autorização da SBAT e das cópias de Lei.

2 - Como tardava uma solução , na qualidade de representante de César Vieira enviei novamente 2 (duas) cópias e solicitei andamento do mesmo.

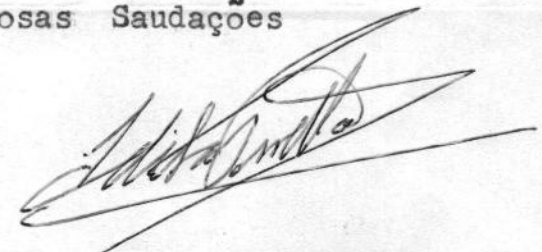
3 - Creio que houve algum extravio.

4 - Atendendo então ao exposto em seu telegrama envio mais uma cópia da peça e outra autorização da SBAT .

5 - Renovo aqui a informação que a Cia. Profissional de Teatro Benjamin Cattán tem necessidade urgente de uma solução sobre o aludido texto a fim de poder acertar sua programação no presente ano e iniciar os ensaios do " Evangelho segundo Zebedeu ", se a mesma for liberada...

Solicitando a devida atenção de V. S. para aurgência que o presente pedido exige, despeço me renovando minhas

Atenciosas Saudações



Idibal Almeida Piveta

- Advogado -

Rua Senador Paulo Egidio - 15

Sala 403 - 4º andar

S. PAULO - Capital



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

55

Peça Teatral: O EVANGELHO SEGU NDO ZEBEDEU

Autor: Cesar Vieira

Parecer.

-O tema é um fato histórico: Antônio Conselheiro e seus seque-
zes.

A peça foi dividida em dois atos. No ~~primeito~~ primeiro, Antônio Conse-
lheiro atua junto a seus fiéis. No segundo, a repressão mili-
tar ao messiânico.

No segundo capítulo, o autor imagina cenas em que os militares,
incumbidos de desarticular o movimento de Canudos, no sertão
bahiano, aparecem em situação de crítica.

E no primeiro, são padres.

PALAVRÕES:

Fls. 6: ... é calombo e pisadura;

Primeiro ato

Fls. 7 ... Virge na bunda;

Fls. 3

Segundo ato

Fls. 3...Epilético filho da puta
(várias vezes)

Fls. 5...Praça fiu da puta;

Fls. 6...Milagre merda nenhuma;

Fls. 7...essa bosta ia estourar...;

fls. 11...:matadera de merda; mijo nele; morra essa República
de bosta;urubu de caganeira;
(outras, na mesma página)

F ls.13....: Desertor, filho da puta;

Situações críticas:

fls. 1 e seguintes. São os oficiais e soldados incumbidos de
combater Antônio Conselheiro e seus fiéis.

-

Fls. 10, música falando de "soldado ladrão..."

(ambas as situações no segundo ato).

Os motivos imaginados não guardam relação com fatos presentes;
pertencem às páginas da história. A ela pertence também a



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

66

animosidade do sertanejo ao receber forças policiais ou militares, incumbidas de zelar pela segurança no interior, quando destinadas a reprimir movimentos de cangaço.

Entendo que o autor tem a liberdade de se armar com fatos históricos na sua produção artística.

É assim em todo o mundo.

Não poderíamos ser de outra maneira.

Os palavrões desnecessários, contudo, entendo que devam ser eliminados.

Talvez os necessários para mostrar o homem rústico do interior poderiam ser tolerados.

Quais?: os mais leves, como miço nele; etc...

Diante do exposto, com os cortes sugeridos, entendo que a peça O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU pode ser liberada para maiores de 18 anos.

Brasília, 8 de agosto de 1.968

Sr. Chefe da Seção de Censura.

Encaminho anexo a peça abaixo indicada, com o voto do Censor RONCADOR, que a examinou.

TÍTULO:- O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

AUTOR:- Cesar Vieira

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 18 (dezoito) anos com cortes às fls. 1, 3, 5, 6, 7, 10 e 13.

Em, 08/agosto/68

JOSE CAMPALLO BRAGA

TCTC-SCDP/DF

Expedir os certificados
de acordo com voto do
Censor Roncador.
Em 13/8/68
G. P. B.

57 ✓

“ O

Evangelho

Segundo

Zebedeu⁷

de

César

Vieira

Rua Senador Paulo Egídio - 15

Sala 403

S. Paulo - Capital

fone < 33-40 72
70-47 22

AUTO DOS FATOS QUE SE SUCEDERAM DURANTE A "GUERRA DOS CANUDOS", NO SERTÃO DA BAHIA, CONFORME FORAM VISTOS POR ZEBEDEU MARTINS, COMEDOR DE FOGO DO CIRCO "IRMÃOS TIBÉRIO" EM SUAS ANDANÇAS PELO BRASIL COM ESSE E OUTROS CIRCOS.

— O — O — O —

"SEREI UM VINGADOR E TEREI DESEMPENHADO UM GRANDE PAPEL NA VIDA: O DE ADVOGADO DOS POBRES SERTANEJOS ASSASSINADOS POR UMA SOCIEDADE PULHA, COBARDE E SANGUINÁRIA."

- Euclides da Cunha -

"CANUDOS É UMA EXPRESSÃO DE FÉ CABOCLA, ERRADA, BRONCA, MAS QUE ACREDITA NA SO BREVVIVÊNCIA DO MITO SEBASTIANISTA NOS SERTÕES, O QUAL NO FUNDO PROMETIA UMA TERRA MELHOR, LONGE DAS INJUSTIÇAS DOS DESMANDOS DOS OPRESSORES E LATIFUNDIÁRIOS."

- Paulo Dantas -

— O — O — O —

PRIMEIRO ATO

Cena I - Apresentação da troupe
Cena II - Conselheiro menino
Cena III - Pescadores de homens
Cena IV - A César o que é de César
Cena V - Expulsão dos vendilhões do Templo
Cena VI - Cena final do 1º Ato com artistas do circo.

SEGUNDO ATO

Cena I - Entrada apoteótica de Moreira César
Cena II - Nuvem do céu há de vir
Cena III - Morte de Moreira César
Cena IV - O tempo que nos resta
Cena V - Merda na República
Cena VI - Enterro de Pajem
Cena VII - Morte do Conselheiro
Cena VIII - Encerramento com os artistas do circo.

— O — O — O — O —

PERSONAGENSDO CIRCO :

- 1) - ZECA TIBÉRIO - Mestre de Cerimônias
- 2) - PONCIANO - o domador
- 3) - SANA ANDRÉ - o magico
- 4) - VOUQUES - o palhaço
- 5) - JOÃO LINDOSO - o anão
- 6) - PEDRÃO - o lutador negro
- 7) - ZEBEDEU MARTINS - o autor e ator, mudo
- 8) - VICENTE - artista convidado
- 9) - CHICO TIBÉRIO - "ponto"
- 10) - MAGDA - primeira bailarina
- 11) - ANA - bailarina
- 12) - SUSANA - bailarina

e MIMOSO - um jegue
 PELUDOS - ajudantes de circo.

DO DRAMA (A SEREM REPRESENTADOS PELOS ARTISTAS DO CIRCO):

- 1) - CONSELHEIRO MENINO
- 2) - MARIA CHANA - mãe do Conselheiro
- 3) - VICENTE - pai do Conselheiro
- 4) - CONSELHEIRO
- 5) - ISABEL - uma doida velha
- 6) - MANOEL QUADRADO - discípulo do Conselheiro
- 7) - JOÃO ABADÉ - discípulo do Conselheiro
- 8) - ANTONIO BEATINHO - discípulo do Conselheiro
- 9) - PAJEU - discípulo do Conselheiro e chefe de guerrilhas
- 10) - TIA BENTA - uma velha
- 11) - PRIMEIRO COBRADOR
- 12) - SEGUNDO COBRADOR
- 13) - FREI JOÃO EVANGELISTA DO MONTE MARCIANO
- 14) - FREI CAETANO PAPTISTÃO
- 15) - CORONEL MOREIRA CÉSAR - comandante 3a. expedição
- 16) - CORONEL TAMARINDO - membro do estado maior de M. César
- 17) - UM OFICIAL
- 18) - MULHER AGREGADA ÀS TROPAS
- 19) - MORENA
- 20) - PRAÇA JOÃO
- 21) - PRIMEIRO PRAÇA
- 22) - GENERAL-EM-CHEFE - comandante da 4a. expedição contra Canudos e JAGUNÇOS, SOLDADOS, ETC..

RECOMENDAÇÕES DO AUTOR ZEBEDEU MARTINS AOS SRS. PROPRIETÁRIOS DE
CIRCO QUE DESEJAREM FAZER A REPRESENTAÇÃO DO DRAMA
"A GUERRA DE CANUDOS".

Primeira recomendação, feita sem obrigação, como todas as outras, de ser seguida, mas com os riscos que poderão vir da desobediência.

É aconselhável que os personagens do drama sejam representados pelos artistas do circo que com eles tiverem maior semelhança (seja de físico, de roupas ou no jeito de agir e pensar). Assim, o domador fará os papéis de militares, ministros, etc.. O Mestre de Cerimônias fará bispos, freis, fazendeiros e outros quejandos. O anão deverá ser aproveitado na interpretação de crianças. Já Pedrão, o lutador misterioso, (O Gigante de Ébano) encarnará o papel de Pajeú, por ser personagem de cor. Os homens do povo (crentes, vaqueiros, soldados e todas as pessoas mais simples) estarão a cargo do Palhaço Vougues e "Peludos" (ajudantes de circo). Mas o importante mesmo é que Vicente, ator estrepante, só faça o papel de Antonio Conselheiro. O autor Zebedeu Martins só aparecera em papéis de mímica, nudo como é... mas deverá entrar no maior número de figuração possível.

Uma outra recomendação que se faz é que, como o drama foi escrito numa mistura de falas usadas no nordeste e de fala-falada pelo caipira do interior de São Paulo, é bom que se frise bem esse ponto, pois é drama feito de cívica, de orelhada... e o jeito de se comunicar de cada um dos informantes é que foi guardado, conforme os causos iam sendo desfiados.

Quanto ao ponto sua voz será ouvida sussurada uma ou outra vez, a critério do encenador, a fim de marcar mais sua presença e não ficarem fora de mão suas falas assinaladas no texto.

As roupas-vestimenta não precisam ser de aparência igual às do sertão da Bahia, mas é sempre bom que tenham uma quedazinha das coisas de lá. É forçoso que os dois grupos em luta tenham uma cor diferente: os praças do governo tendendo pro vermelho e os jagunços cambiando pro azul.

O dirigente do espetáculo poderá fazer entre uma cena e outra que ajudantes do circo façam a mudança do cenário sempre sob ordens do Mestre de Cerimônias e do domador, que usam de grosseria para com eles. (além das mudanças dessa forma assinaladas no texto).

As músicas são quase todas de caboclos de São Paulo e da Bahia e tem também umas cantadas por velhos portugueses sonhando sempre com o moço-rei D. Sebastião.

Enfim, as recomendações costumeiras para um bonito espetáculo que esta história dos Canudos como bom drama merece: muito jogo de luz, sempre com usança do vermelho e do azul, e movimentação a mais não poder pra todos os lados do picadeiro, que não deve ser pequeno e deve estar coberto com serralagem e palha miúda.

ZEBEDEU MARTINS
- autor -

PRIMEIRO ATOCENA I

ANTES DE ABRIR-SE A CORTINA, OUVEM-SE RUÍDOS CARACTERÍSTICOS DE CIRCO: RUGIDOS, BANDA AFINANDO INSTRUMENTOS, BARULHO DE COISAS ARRASTADAS, ORDENS ABAFADAS.

A BANDA, LENTAMENTE, ENTRA NUMA MELODIA DE DOBRADO POPULAR.

DOIS OU TRÊS "PELUDOS" (AJUDANTES DE CIRCO) COM FARDAS POÍDAS, AZUIS, NAS QUAIS EM AMARELO LÊ-SE MAL E MAL "GRAN CIRCO IRMÃOS TIBÉRIO" DISTRIBUEM PROGRAMAS PELO PÚBLICO.

O PROGRAMA É IMPRESSO NUM PAPEL VERMELHO, POROSO, COM LETRAS GRANDES, DE TIPOS ANARQUIZADOS.

TOCA A SIRENE UMA VEZ, UMA OUTRA, ENFIM UMA TERCEIRA E DERRADEIRA VEZ.

ACORDES SOLENES. ABREM-SE AS CORTINAS.

O PALCO: UM PICADEIRO COBERTO COM SERRAGEM.

PONTO VISÍVEL PARA O PÚBLICO.

PELO MEIO DAS CADEIRAS ENTRA ZECA TIBÉRIO, MESTRE DE CERIMÔNIAS, SEGUIDO DE TÔDA A TROUPE, APOTEÔTICAMENTE FORMADA EM DUAS FILAS OLÍMPICAS.

O ANÃO LINDOSO VEM MONTADO NO JEGUE MIMOSO.

—O—O—O—O—O—

ZECA TIBÉRIO — Distinto, seletor e educado público. A Empresa "Grande Circo Irmãos Tibério" agradece a generosa presença de V. Sas. e meretíssimas famílias no espetáculo de gala desta noite. Pedimos que todos colaborem com o maior silêncio para que nada se perca e todos possam compreender o drama que aqui vamos mostrar:

REPIQUE DA BANDA.

"A Guerra de Canudos" ou "A Vitória da República e da fé sobre os Fanáticos de Antonio Conselheiro". A verdadeira história da epopeia ocorrida nos sertões da Bahia.

Um drama que vem de cidade em cidade, de estado em estado, obtendo a maior consagração popular pelo seu elevado teor religioso e patriótico:

REPIQUE DA BANDA.

"A GUERRA DE CANUDOS".

REPIQUE DA BANDA.

No espetáculo desta noite teremos o desempenho de toda nossa brilhante companhia.

A MEDIDA QUE ZECA APRESENTA OS ARTISTAS FAZEM DEMONSTRAÇÕES DE SUAS HABILIDADES.

Ponciano, o grande, o domador indomável, aclamado no Brasil e na Europa.

Sana André, o mago insuperável, o rei dos mágicos.

Vouques, o palhaço, o único que faz rir presidentes, príncipes e até reis.

ZECA TIBÉRIO (continuando) - Magda, a Salomé brasileira, a bailarina da dança do ventre e dos sete veus.

João Lindoso, o único ahão malabarista do mundo, e seu jegue Mimoso, pelo qual já recusou somas altíssimas.

Pedraço, o misterioso lutador negro, o gigante de ébano. Estréia hoje. É o mais forte dos brasileiros. Torce uma barra de ferro com os dentes.

E as exóticas, luxuriantes, bailarinas, Ana e Susana, inigualáveis em seus ritmos barbaros.

Todos eles aqui estão nesta noite para vos mostrar como foi "A Guerra de Canudos", de autoria do mais glorioso membro de nossa Empresa, Zebedeu Martins, que, além de escritor, é o maior comedor de fogo das Américas.

Ele também representará, mas só em mímica, não fala, pois perdeu as cordas vocais num acidente da profissão.

ZEBEDEU, ALÉM DA ESPADA COM FOGO, TEM UMA PLUMA PARA ESCREVER E UM PERGAMINHO.

E, prezado, distinto, educado e seletor público, creio que estais extranhandô a ausência de Bibi Gestas, o equilibrista louco.

Por motivo de força maior, ele não poderá apresentar-se... e será substituído por Vicente, artista convidado.

ENTRA VICENTE, DESAJEITADO, TRAJE LARGO, AZUL.

Para Pedraço, o lutador misterioso, e para Vicente, ambos estreantes hoje, pedimos vossa compreensão, pois se prontificaram a colaborar nesta emergência, para não vos deixar sem espetáculo. Desculpem, portanto, algumas falhas.

E Chico Tibério, o "ponto" mais elogiado pela crítica da Capital Federal.

E ainda este que vos fala, Zeca Tibério, Mestre de Cerimônias.

REPIQUE.

E agora, com vossa autorização, vamos a

REPIQUE

"GUERRA DE CANUDOS".

ESCURECE. A TROUPE SAI LENTAMENTE. CHICO TIBÉRIO ENTRA NA CASINHOLA DO PONTO. SURGE UM QUADRO RÚSTICO ESCRITO.

INSCRIÇÃO NO QUADRO: "Muitos empreenderam compor a história dos acontecimentos que em Canudos se sucederam como nos contaram aqueles que foram desde o princípio testemunhas oculares dos feitos. Também a mim me pareceu bem, depois de haver diligentemente investigado tudo, escrever esta história, para que todos conheçam a verdade".

CENA II

CENA TÔDA CANTADA E EM MÍMICA. MARIA CHANA, MÃE DO CONSELHEIRO, LAVA ROUPA E PASSA AS PEÇAS AO PAI DO CONSELHEIRO, QUE AS ESTENDE NO VARAL.

O CONSELHEIRO MENINO BRINCA COM O JEGUE E UMA ENORME BOLA VERMELHA DE PLÁSTICO.

MÚSICA: - Maria lavava, José estendia,
estava Maria a beira do rio
lavando as roupinhas de seu pequeno filho.

O CONSELHEIRO MENINO, AO BATER A BOLA, MACHUCA LEVEMENTE A MÃO. CORRE ATÉ A MÃE. MARIA CHANA, TERNA, BEIJA A MÃO DO GAROTO. A CRIANÇA VOLTA A BRINCAR.

MÚSICA - Maria lavava, José estendia,
Chorava o menino da mão que doía.
MARIA CHANA (cantando) - Não chores, menino, não chores, amor,
Calai, meu menino, calai, meu amor,
que a fada que corta da talho sem dor.
Os filhos dos homens em castelos dourados
e vós, meu menino, em terras suado.
MÚSICA (côro) - Maria lavava, José estendia...

O GAROTO BATE A BOLA VÁRIAS VÊZES, ATÉ QUE ESTA LHE ESCAPA DAS MÃOS E VAI ROLANDO... ROLANDO... ESCURECE.

CENA III

LUZ ACOMPANHA A BOLA. ATÉ O OUTRO LADO DO PICADEIRO. A BOLA BATE NUMA ÁRVORE. PARA. A ÁRVORE É UM UMBUZEIRO GIGANTE NUMA PRAÇA DA VILA DE CHOCHORRÓ, ANOS DEPOIS DA CENA ANTERIOR.
ANTONIO VICENTE, O CONSELHEIRO, CAMISOLÃO AZUL, BARBAS COMPRIDAS, BREVIÁRIO E BORDÃO, PREGA.
ESCUTAM: PEREGRINOS, ROMEIROS, MULHERES.
UMA VELHA SUJA, MALTRAPILHA, É ISABEL A DOIDA, FICA TODO O TEMPO A BALOUÇAR, COMO SE EMBALADA POR UMA MÚSICA IMAGINÁRIA.
ISABEL SENTA NA BOLA, BRINCA COM ELA.

CONSELHEIRO: - Meus irmãos. Foi para isso que eu vim. Trago nos ombros pesada tarefa para executar.

PONTO: - ... trago missão...

CONSELHEIRO: - Trago missão para cumprir. Foi para isso que eu vim. Tenho um poderio que farei brotar no meio desses cardos e desses cerdos.

O CONSELHEIRO PARA DE FALAR, COMO SE VICENTE, ARTISTA CONVIDADO, ESQUECESSE O TEXTO. O PONTO O AJUDA EM VOZ SUSSURADA A PRINCÍPIO.

PONTO: - ... meus irmãos, obedecel a igreja...

CONSELHEIRO CONTINUA MUDO. NÃO REPETE AS PALAVRAS DO "PONTO".

PONTO: - ... meus irmãos, obedecel a igreja e aos dez mandamentos...

CONSELHEIRO: - Meus irmãos, sou um apóstolo do Senhor, que me ungiu para evangelizar os pobres...

PONTO: - ... para recebendes vossa recompensa no Paraíso...

CONSELHEIRO: - Para proclamar a libertação dos cativos, para pôr em liberdade os oprimidos. Irmãos desta Vila de Chochorró. Tomai temência, porque o Senhor também disse: "Sofrereis perseguição dos maus e retribuireis com benefícios derramados por onde passardes. Mas terás como meus santos apóstolos, o teu povo, que te seguirá noite e dia sem parar. Desta povo rebanho, serás o guia."

BADALAM SINETAS.

PEREGRINO: - Hora do Conselheiro aconselhar com seu bom conselho.

Fila, irmãos, fila. Hora do Bom Jesus, Antonio Conselheiro aconselhar com seu bom conselho. Fila, irmãos, fila.

OS PENITENTES COLOCAM-SE ORDENADAMENTE EM FILA. ISABEL, A DOIDA, REPETE CANTANDO.

ISABEL: - (cantando) - Fila, irmãos, fila.

1º PEREGRINO: - Vossmecê aí na frente, irmão. Vem chegando. O Bom Jesus Conselheiro espera. Sem arreceio. Vem, irmão.

CONSELHEIRO SENTA. UM ROMEIRO SE APROXIMA. UM SERTANEJO FORTE, VIOLÃO A MÃO, GIBÃO DE COURO, CARTUCHEIRA, FACA DE ARRASTO. A JOELHA, BEIJA A MÃO DO CONSELHEIRO.

1º ROMEIRO: - Paz em Deus, a bença.

CONSELHEIRO: - Te abençoe, filho, que a tua morada seja sempre de paz. Que a mim te traz?

1º ROMEIRO: - Eu não tenho pai nem mãe,
nem neste mundo parente;
sou filho das tristes erva,
neto das águas corrente;
meu nome é Manoel Quadrado,
vivi sempre pelo sertão escorçado.

CONSELHEIRO: - Sai, filho, sei. Onde vossmecê mora?

MANOEL QUADRADO: - Eu não só daqui, tô chegando agora.
Prá vim ouvi o bom conselho, andei léguas afora.
Por favor, não me mande embora.

CONSELHEIRO: - Mas diz, filho, que a mim te traz?

MANOEL QUADRADO: - Uma tarde, pai, ano faz,
encontrei uma morena,
morena dos olhos grande,
sombanceia de veludo.
Dinheiro tinha nada;
mas corpo valia tudo...

ISABEL: - (cantando) - Dinheiro tinha nada;
mas corpo valia tudo... tudo... tudo...

OS PEREGRINOS FAZEM MENÇÃO DE CONTÊ-LA. ISABEL, AO CANTAR, ENSAIA PASSOS DE DANSA.

CONSELHEIRO: - Deixa, irmãos, segue, meu filho, conta, te escuto.

ISABEL AQUIETA.

MANOEL QUADRADO: - Com a morena me engracei.
Ela comigo se engraçou.
Acertamo tudo de acordo
... como manda a Santa Igreja. (PAUSA)

PONTO: - ... mas depois a coisa...

MANOEL QUADRADO: - Mas depois a coisa deu prá mudá.
Parece até praga de Satana.
Na mulhé um papo foi nascendo
e dia a dia mais crescendo.
E com o papo uma febre terça,
... que, como fogo, coívarava ela por dentro.

PONTO: - ... mas ... só de erva conhecedo...

MANOEL QUADRADO: - Só de erva conhecedo:
dei até infusão de rabo de preá,
sem nada adianta.
Andamo de tratado em tratado...
buscamos até médico da capita. (PAUSA)
Porque com mulher papuda,
tapejara só casa com uma condição:
da mulhé dormi na cama
e o papo dormi no chão.

ISABEL: - (cantando) - do papo dormi na cama e a mulher dormi no chão...
dormi no chão...

MANOEL QUADRADO: - Não é esse o caso, digo com precisão, pois quero ela... Mas quero ela boa. E se vosmecê, Santo milagrero, não me ajudá, minha cabeça vai ficar girando átoa.

CONSELHEIRO: - Filho, ferve n'agua uma folha de chique-chique, coloca uma toalha branca no papo da mulher e emborea com vagareza um copo d'agua, dizendo por três vezes: Jesus morreu, Jesus ressuscitou. Vai, Manoel Quadrado, segue teu caminho, que em três dias o mal está curado...

MANOEL QUADRADO BEIJA A MÃO DO CONSELHEIRO. SAI RESPEITOSAMENTE.
ISABEL, SEMPRE DANSANDO, CHEGA PERTO DO CONSELHEIRO.

ISABEL: - (cantando) - Venho de Patamutê, onde a anta caiu n'agua vestida de maltratos, vestida de maltratos.
Venho de Patamutê;
meu nome é Isabe...
vestida de maltratos...
Visita nos vem fazer, nosso rei Sebastião;
coitado daquele que estive na lei do cão.
Visita nos vem fazer, nosso rei Sebastião,
nosso rei Sebastião...

ISABEL AJOELHA-SE AO LADO DO CONSELHEIRO. APOIA A CABEÇA EM SEU MANTO. O CONSELHEIRO APOIA SEUS CABELOS. ISABEL ACALMA TOTALMENTE. UM ROMEIRO LEVA ISABEL DOCEMENTE, ELA SENTA-SE AO LONGE. O PEREGRINO QUE MANDARA OS ROMEIROS FICAREM EM FILA, CHEGA-SE AO CONSELHEIRO.

PEREGRINO: - Meu bom Jesus, permiti, eu queria ficar... Pelos caminhos errante vosmecê acompanhá...

CONSELHEIRO: - A estrada é longa, cheia de pedras e entolhos... Ainda assim viráeis?

PEREGRINO: - Sigo vosmecê, porque diz do céu e das coisas aqui da terra também, pra melhorá nossa sorte... Tô cansado de falação dos bem só pra depois da morte. Nada mais há que eu queira tanto, que anda na estera do vosso manto.

CONSELHEIRO: - Seja pois! Há muito que entre os romeiros te vejo. Forte és, melhor não andejo. Como te chamás?

PEREGRINO: - João, senhor; sobrenome Abade. De profissão: vaquero, agora, escudo do Conselheiro!

UM ROMEIRO MAGRO, DE BARBICHA, ENSAIA PASSAR FURTIVAMENTE PELO CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO: - Quem és, que há muitas jornadas noto, me seguindo pelos matos ignoto? É esse olhar? Olhas para mim, como se adorasses a Eucaristia.

ROMEIRO: - Por padre fui criado, vivi sempre na sacristia... Vosso xará no nome sou, pois Antônio fui batizado; de "Beato" pelo povo sou chamado. Queria a seu rebanho me junta, pra num vé mais criancinha de fome mirra. E, de permeio, o Paraíso alcança.

CONSELHEIRO: - Assim seja, filhos. Pois eis que agora, para meu povo, logo quero dar uma nova Jerusalém, onde não haverá choro, nem clamor... não haverá criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus, porque aquele que morrer aos cem anos, morrerá jovem... e o meu povo edificará casas e nelas habitará... e plantará milho e jerimum e comerá o que plantar...

PONTO: - ... para que... depois na vida eterna...

CONSELHEIRO: - Para que... desfrute o meu povo da toda a obra de suas próprias mãos...

MQUADRADO: - Não é esse o caso, digo com precisão, pois quero ela...
Mas quero ela boa, E se vosmeçê, Santo milagrero, não
me ajudá, minha cabeça vai ficar girando átoa.

CONSELHEIRO: - Filho, ferve n'agua uma folha de chique-chique, coloca
uma toalha branca no papo da mulher e embeberca com
vagareza um copo d'agua, dizendo por três vâzes: Jesus morreu, Jesus
ressuscitou. Vai, Manoel Quadrado, segue teu caminho, que em três dias
o mal está curado...

MANOEL QUADRADO BEIJA A MÃO DO CONSELHEIRO. SAI RESPEITOSAMENTE.
ISABEL, SEMPRE DANSANDO, CHEGA PERTO DO CONSELHEIRO.

ISABEL: - (cantando) - Venho de Patamutê, onde a anta caiu n'agua.
vestida de maltratos, vestida de maltratos.
Venho de Patamutê,
meu nome é Isabê...
vestida de maltratos...
Visita nos vem fazê, nosso rei Sebastião,
coitado daquele que estive na lei do cão.
Visita nos vem fazê, nosso rei Sebastião,
nosso rei Sebastião...

ISABEL AJOELHA-SE AO LADO DO CONSELHEIRO. APOIA A CABEÇA EM SEU
MANTO. O CONSELHEIRO APAGA SEUS CABELOS. ISABEL ACALMA TOTALMEN-
TE. UM ROMEIRO LEVA ISABEL DOCEMENTE, ELA SENTA-SE AO LONGE.
O PEREGRINO QUE MANDARA OS ROMEIROS FICAREM EM FILA, CHEGA-SE AO
CONSELHEIRO.

PEREGRINO: - Meu bom Jesus, permiti, eu queria ficar...
Pelos caminhos errante vosmeçê acompanhá...

CONSELHEIRO: - A estrada é longa, cheia de pedras e entolhos... Ainda
assim viráeis?

PEREGRINO: - Sigo vosmeçê, porque diz do céu e das coisas aqui da
terra também, pra melhorá nossa sorte... Tô cansado de
falação dos bem so pra depois da morte. Nada mais há que eu queira
tanto, que anda na estera do vosso manto.

CONSELHEIRO: - Seja pois! Há muito que entre os romeiros te vejo.
Forte és, melhor não andejo. Como te chamás?

PEREGRINO: - João, senhor; sobrenome Abade. De profissão: vaquero,
agora, escudo do Conselheiro!

UM ROMEIRO MAGRO, DE BARBICHA, ENSAIA PASSAR FURTIVAMENTE PELO
CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO: - Quem és, que há muitas jornadas noto, me seguindo
pelos matos ignoto? E esse olhar? Olhas para mim,
como se adorasses a Eucaristia.

3º ROMEIRO: - Por padre fui criado, vivi sempre na sacristia... Vosso
xará no nome sou, pois Antônio fui batizado; de "Beato"
pelo povo sou chamado. Queria a seu rebanho me junta, pra num ye
mais criancinha de fome mirra. E, de permeio, o Paraíso alcança.

CONSELHEIRO: - Assim seja, filhos. Pois eis que agora, para meu povo,
lôgo quero dar uma nova Jerusalém, onde não haverá choro,
nem clamor... não haverá criança para viver poucos dias, nem velho que
não cumpra os seus, porque aquele que morrer aos cem anos, morrerá
jovem... e o meu povo edificará casas e nelas habitará... e plantará
milho e jeximum e comerá o que plantar...

PONTO: - ... para que... depois na vida eterna...

CONSELHEIRO: - Para que... desfrute o meu povo de toda a obra de suas
próprias mãos...

PONTO: - ... e edificarão com o sofrimento o reino dos céus...
 CONSELHEIRO: - Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam...

O PONTO DESACORDEIA. DESISTE.

CONSELHEIRO: - Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a calamidade, e não farão mal nem dano algum! (PAUSA)
 Assim seja, filhos. Em verdade, vos digo: se quereis ser meus seguidores e eu vos farei de homens, pescadores.

O CONSELHEIRO LEVANTA-SE. ABENÇOÁ. TODOS BAIXAM A CABEÇA. O CONSELHEIRO VAI SAINDO LENTAMENTE, OS ROMEIROS O ACOMPANHAM. ISABEL COMEÇA A CANTAR (SEMPRE DANSANDO)

ISABEL: - Venho de Patamutê,
 vestida de maltratos, vestida de maltratos...

Do céu, do céu veio uma luz
 que Jesus mandou.

Conselheiro Aparecido dos males nós livrou...

Conselheiro Aparecido dos males nós livrou...;

ROMEIROS: - Conselheiro Aparecido dos males nós livrou...;
 Conselheiro Aparecido dos males nós livrou...

SAEM TODOS CANTANDO. ISABEL POR ÚLTIMO. ESCURECE LENTAMENTE.

CENA IV

AO LONGE, LUZES DA VILA DE NATUBA. SEMI PENUMBRA. UM JEGUE PASTA.

MANOEL QUADRADO E PAJEU NUM DESAFIO COM VIOLÃO. PAJEU É UM NEGRO FORTÉ, TEM UMA FACA DE ARRASTO E UM ESPINGARDA. DOIS OU TRÊS TAPEJARAS ESCUTAM.

MANOEL QUADRADO: - A vida de gente pobre
 padeca, não tem altura;
 a vida de gente rica
 arregala e tem fartura.

PAJEU: - O rico levanta cedo,
 toma café com mistura;
 O pobre bebe garapa,
 quase sempre sem doçura.

MANOEL QUADRADO: - Gente rica fica doente,
 vem logo o doto e cura;
 Quando pobre fica doente,
 o remédio é sepultura.

PAJEU: - Cavalo de gente rica
 tem passo, tem andadura;
 a égua de gente pobre
 é calamba e pisadura.

MANOEL QUADRADO: - A filha de moça rica
 é bonita e tem grossura;
 gambito de moça pobre
 perde até pra saracura.

MANOEL QUADRADO E PAJEU (JUNTOS): - Quando a gente pobre morre
 vai goza lá nas alturas;
 O rico vai é pros quintos
 fervendo na fervedura.

TAPEJARAN ENSAIAM APLAUSOS. POUCO ANTES DO FIM DO DESAFIO, DOIS VULTOS SE ACRICAM: JOÃO ABADE E ANTONIO BEATINHO, DISCÍPULOS DO CONSELHEIRO. APROXIMAM-SE DO JEGUE. DESAMARRAM-NO.

PAJEU: - Ei... ó de lá... deixa o jegue...

MQUADRADO: - Mexe não! Prá que solta o bichinho? É jegue nunca montado. Virge de bunda nele esfregada, seja de home ou de muie...

mexe não...

JOÃO ABADE: - Adescurpa, irmão Pajeu, não se arrecefe, Mestre Quadrado. Se João Abade, discípulo do Conselheiro, a vosmecas mandado.

PAJEU: - De há muito q po da sola do Santo busco... a sua palavra a mim dirigida será sem tardança obedecida.

ANTONIO BEATINHO: - Nosso Bom Jesus está a légua de jornada e logo em Natuba dará entrada de seu povo seguido. E há pouco a Mestre Abade falo: - João, o Beato chamaí e para Natuba rumai...

PONTO: - ... Logo às portas...

A. BEATINHO: - Logo às portas da aldeia um jegue estará. Seu dono é mego Pajeu, que entre os meus quero. Ao seu lado,

Manoel Quadrado, que há muito espero. Se vos questionarem, dizei: - o Bom Jesus do Jegue uso fará, mas logo o devolverá.

MQUADRADO: - Leva o jegue, falo por mim, irmão, e por Pajeu, porque no burrico tenho meação. Leva e diz ao Santo, que Manoel Quadrado, do Conselheiro devedor, de hoje prá frente, está com ele e sua gente.

PAJEU: - (afagando o jegue) - Vai, bichinho, carrega o Santo com carinho. Traiz ele com vagareza e cuidado, que nós fais o fato anunciado.

PAJEU TIRA A MANTA DO CORPO E COLOCA NO BURRICO. BEATINHO E ABADE SAEM DEVAGAR, LEVANDO O JEGUE.

PONTO: - ... irmãos, povo de Natuba...

MQUADRADO: - Irmãos, povo de Natuba, o Bom Jesus vai chegar. Depressa, irmãos, prá estrada, pro profeta dá entrada.

PAJEU: - (como um arauto) - Povo de Natuba, aleluia. Descobri voßsas cabeças, irmãos. Tá chegando o Bom Jesus, Antonio, Santo, Pai e Conselheiro. Aleluia.

SURGEM MORADORES DA VILA DE NATUBA. AO LONGE, OUVI-SE UM CANTO. É A GENTE DO CONSELHEIRO QUE SE APROXIMA.

MÚSICA: - Do céu, do céu veio uma luz
Que Jesus mandou...
Conselheiro Aparecido dos males nos livros...
Conselheiro Aparecido dos males nos livros...

ENTRA O CONSELHEIRO MONTADO NO JEGUE, COM ELE, ABADE, BEATINHO, ROMEIROS. TRAZEM UMA IMAGEM NUM ORATÓRIO E UMA GRANDE CRUZ.

MÚSICA: - Do céu, do céu veio uma luz
Que Jesus mandou...
Conselheiro Aparecido dos males nos livros...
Conselheiro Aparecido dos males nos livros...

O POVO DE NATUBA SAUDA O CONSELHEIRO COM VIVAS, ESTENDENDO MANTOS, COLOCANDO RAMOS DE ÁRVORES, FLORES, EM SUA PASSAGEM. MISTURAM-SE O POVO DE NATUBA E A GENTE DO CONSELHEIRO.

VOZES: - Hosana, Hosana.
Bendito o que vem em nome do Senhor.
Aleluia, Aleluia.
Viva o Bom Jesus Conselheiro.
Aleluia.

ENTRA UMA VELHA CORRENDO (TIA BENTA) PERSEGUIDA POR DOIS COBRADORES MUNICIPAIS DE IMPOSTOS. AGARRA-SE AOS PÉS DO CONSELHEIRO. AJOEIHA-SE.

TIA BENTA: - Meu pai Santo, agasalho e proteção prá uma velha perseguida pela lei do cão.

ANTES QUE O CONSELHEIRO RESPONDA, OS COBRADORES AGARRAM A VELHA. MURMÚRIOS DE PROTESTO ENTRE O POVO.

PRIMEIRO COBRADOR: - Num adjanta invocá proteção de Santo nenhum. Vosmecê vai com a gente.

O CONSELHEIRO APEIA-SE. OS COBRADORES SOLTAM A VELHA.

CONSELHEIRO: - Quem a mim se dirigir, coisa querendo pedir, seja homem ou fraca mulher, nunca partiu sem dizer o que quer.

ABADE E PAJEU DÃO EMPURRÕES NOS COBRADORES.

JOÃO ABADE: - Num escuto, cabra safado? Arreda, peste.

1º COBRADOR: - É por ordem do Chico Dantas, o prefeito. Essa velha, por Tia Benta conhecida, imposto num que paga de suas estera vendida.

TIA BENTA: - Verdade não, pai. Querê, quero. Posso não, pai. Estera vendo por quatro vintém, aqui que me desdiga alguém. Se treis pago pelo material, que já não é do bão, como posso ao prefeito dá o último tostão? Do que vó vive? E os neto-orião, vó deixa morrer? Me ajuda, pai, pelo Jesus menino, pelas estrela do destino, ajuda eu, pai.

CONSELHEIRO: - Mestre Abade, procura as tábuas dessa lei. Quero ver.

PAJEU: - Precisa, não, pai. Tão aqui.

PAJEU, AO FUNDO, ARRANCA UM QUADRO DE MADEIRA, QUE PASSA A BEATINHO E ESTE AO CONSELHEIRO. CONSELHEIRO LÊ EM SILÊNCIO.

PONTO: - ... é desrespeito. Arranco a lei...

1º COBRADOR: - É desrespeito. Arranco a lei da República.

2º COBRADOR: - Fica calmo, é meio.

PAJEU: - Cala, desgraçado.

MÚSICA: - Garantidos pela lei, aqueles malvado estão, Nos temos a lei de Deus, eles tem a lei do cão. Eles tem a lei do cão, nos temos a lei de Deus, Garantidos pela lei, aqueles malvado estão.

1º COBRADOR: - É desrespeito, vosmecê, Conselheiro, está indo mui longe. Num arrespeita nem o prefeito, nem a República.

2º COBRADOR: - Calma, num vai mais ofendê o Santo.

1º COBRADOR: - Tem do do que sua gente vai passá. Então, crê que imposto num é prá pagá?

ABADE AMEAÇA AGREDIR O PRIMEIRO COBRADOR.

CONSELHEIRO: - Deixa o homem, João. Eu não disse que a lei é para ser desrespeitada. Eu não vim para abolir as leis, mas para melhorar as leis. Se é uma lei errada, cabê a mim ao meu povo mostrar a norma acertada. (PAUSA) Depois, meu filho, vosmecê é cobrador de quem da Republica ou do Imperador?

1º COBRADOR: - Trabalho pro município de Natuba, logo, só da República servido.

CONSELHEIRO: - Beato, me dá uma moeda.

BEATO TIRA DO GRANDE SACO DE DINHEIRO QUE SEMPRE TRAZ CONSIGO UMA MOEDA.

CONSELHEIRO: - Agora, filho, sem tardança, me dá resposta. De quem é esta figura que a moeda mostra?

CONSELHEIRO EXIBE A MOEDA AOS COBRADORES.

70

-9-

1º COBRADOR: - É de Pedro Molenga, o Imperadô. Mas é que o dinheiro da República aqui ainda não chegou.

CONSELHEIRO: - Ao Imperador é que deve ser do Imperador; ao Senhor o que é do Senhor, e ao meu povo o que é do meu povo. Essa lei de cobrar imposto de esteira por pobre feita injustiça é; pra minha gente, não deu nela fé.

PONTO: - ... cuidado, Santo, essa prática perigosa...

1º COBRADOR: - Cuidado, Santo. Essa prática perigosa se faz. Com governo e soldado num é bom se desavin, que isso pode levá a mau fim.

ABADE: - Inda fala. Te abro no meio. Cala.

ABADE CORRE SOBRE O PRIMEIRO COBRADOR, SEGUIDO DE PAJEÚ. CONSELHEIRO FAZ UM GESTO DE CALMA. O PRIMEIRO COBRADOR FOGE. O SEGUNDO COBRADOR CAI DE JOELHOS.

2º COBRADOR: - Se perdão ainda tenho, posso me aquentá ao vósso lenho?

CONSELHEIRO: - Com a todos, te esperava, te conhecia. Um dos nossos serás a partir dêste dia.

BEATINHO: - Ela tem uma sacola cos dinheiro robado dos imposto. Vó pegá pra nossa gente distribuí com justeza e gosto.

O CONSELHEIRO ASSENTE. BEATO ARRANCA A SACOLA DO COBRADOR. BEATO SAI. CONSELHEIRO TOMA A TÁBUA DA LEI NAS MÃOS.

CONSELHEIRO: - Ao Imperadô o que é do Imperador, ao meu povo o que é do meu povo. Eu queimo essa lei e tudo o que de mal aparecer de novo. Queima, mestre Abade, queima.

PASSA A TÁBUA DA LEI A ABADE. PAJEÚ ACENDE UMA TOCHA. INCENDEIAM A TÁBUA DA LEI. CLARÃO CRESCENDO À MEDIDA QUE A CENA SE DESENVOLVE. PEQUENO A PRINCÍPIO, ILUMINANDO DEPOIS TODO O PICADEIRO.

CONSELHEIRO: - (como num flash, dentro da cena) - Vocês agora vão sofrer com isso, mas eu que cuido de vocês, fico para protegê-los. (PAUSA) A família real foi por Deus constituída para governar o Brasil. Que o presidente se convença disso e a República há de cair por terra.

MÚSICA: - Viva Isabel, a Redentora,
Proclamando com arder,
Viva o defunto Imperador.

CONSELHEIRO: - Quem subiu ao poder pela força das armas praticou um injustiça contra os mandos reais do nosso trono.

MÚSICA: - Saiu D. Pedro para o reino de Lisboa
Acabou-se a monarquia e o Brasil ficou à toa
Acabou-se a monarquia e o Brasil ficou a toa.

CONSELHEIRO: - A república é obra da incredulidade e o casamento civil é a lei do escândalo.

MÚSICA: - Casamento vão fazendo
só pro povo iludir
vão casar o povo todo
no casamento civil
Desgraçado são aqueles
pra fazerem a eleição
abatendo a lei de Deus,
suspendendo a lei do céu.

CONSELHEIRO: - Agora veio a república com toda a ingratidão, mas há de mil rebanhos correr, da praia para o sertão, e haverá muitos chapéus e poucas cabeças, e haverá muito pasto e pouco rasto, e um só pastor e um só rebanho. (PAUSA) E quando as nações brigarem com as nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra e a Prússia com a Prússia, das ondas do mar sairá D. Sebastião, com todo o seu exército, e então o sertão virará praia e a praia vai virar sertão.

MÚSICA: - Num dia de cerração, montado em seu cavalo,
quem quiser pode esperá-lo, seu rei Sebastião.
Sebastião já chegou e traz muito regimento
acabando com o civil e fazendo o casamento.
O anti-cristo nasceu e quer no Brasil mandar
Mas aí está o Conselheiro para dele nos livrar.
Visita nos vem fazer El Rei Sebastião
Coitado daquele pobre que estive na lei do cão.

PONTO: - ... depois da vida cumprida aquele tiver...

CONSELHEIRO: - É aquele que tiver uma bolga a toma...

PONTO: - ... depois da vida cumprida aquele que...

CONSELHEIRO: - Aquele que não tem uma espada, vendá seu hábito e compre
um gládio, porque das ondas do mar sairá D. Sebastião.

MÚSICA: - Montado em seu cavalo, num dia de cerração,
quem quiser pode esperá-lo, seu rei Sebastião.
É tudo será festejo, parece que já o vejo
moço-rei a governar, moço-rei a governar...

BEATO: - (como um arauto) - É preciso uma terra encontrá...

PAJEÚ: - (" " ") - Pro nosso povo morá...

ABADE: - (" " ") - É dessa república escapá...

CONSELHEIRO: - A caminho, filhos, a caminho.

A MEDIDA QUE O CONSELHEIRO FALA, FUNDO MUSICAL EM SURDINA. TODOS
CAMINHAM PELO PICADEIRO ATÉ ESTACAREM NUM LUGAR DO OUTRO LADO.
É A FAZENDA VELHA, À BEIRA DO RIO VAZA-BARRIS.

CONSELHEIRO: - É aqui, é aqui a terra da promessa. Neste lugar dos
Canudos nós vamos abancár. Neste rio do Vaza-Barris vai
correr leite e de cuscus de milho serão as suas barrancas. E nos
outros rios, no Mucujin, no Umbyranas, vai descair mel... Nas colinas,
nas serras, tudo dará em abundância: cana de açúcar de dessecar com
os dedos, gerimun a farta, e chuva... muita chuva...

Meu povo vai fazer o saco nas vilas por cerca e trazer tudo para
cá, e Mestre Abade - comandante do povo - vai distribuir tudo por
igual, porque depois da enchente vem a semente. A peste não entra.
É aqui que será o Império de Belo Monte.

À MEDIDA QUE A PRÓXIMA MÚSICA FÔR CANTADA, HAVERÁ INTENSA
MOVIMENTAÇÃO DE POVO, ARRUMANDO O LUGAR ESCOLHIDO.
A MOVIMENTAÇÃO É MAIS OU MENOS ASSIM: ABADE E PAJEÚ FINCAM UMA
CRUZ. JAGUNÇOS FAZEM TRAÇADO PARA CASA. BEATO RECOLHE DINHEIRO.
JAGUNÇOS ARAM A TERRA.
MANOEL QUADRADO DISTRIBUI PÂS, ENXADAS, INSTRUMENTOS DE TRABALHO.
ABADE DISTRIBUI ESPEINGARDAS.

MÚSICA: - É aqui, é aqui, o Império de Belo Monte,
É aqui, é aqui, canta jagunço, canta irmão,
Reza com o Conselheiro, a tua libertação.
O sertão todo em flor splende e cheira;
Jagunço! Chegou a hora da redenção!
Têu braço não mais vai bater o solo
Sob o manto pesado do feitor;
Teu pão não mais virá da ganância alheia
Mirrado e triste como um fruto podre.
Teus filhos não mais dormirão ao relento,
tatuados de bexigas, comidos de úlcera,
castigados de maleita.
Tua mulher não mais irá viver na casa dos outros
Como um traste qualquer.
Tu não terás mais ponto nem feitor
Nem a zanga do coronel, nem as ordens do doutor.

(continua)

MÚSICA: - (continuação)

Volta à terra, jagunço,
larga o rifle, mas deixa perto!
Cava o solo que anseia pela semente;
Trabalha, jagunço, mas vigia sempre.
É aqui, é aqui, o Império de Belo Monte;
É aqui, é aqui!

ABADE: - (como um arauto) - Vem, irmão.

SOM DE TROMBETA SERTANEJA.

ABADE: - Vem, irmão.

CHEGAM VÁRIOS ROMEIROS. A "CANÇÃO DOS JAGUNÇOS É ENTOADA EM
SURDINA, DURANTE A CENA.

VOZ: - E povo chega como uma enchente. Do mar pró sertão, do sertão
pro sertão.

VOZES: - De Itabaiana. De Queimada.
Da Bahia. Do Piauí.
De Cansanção. De Massacará.
De Jacobina. De Itapicuru.
Do Cumbe. Do Ceará.
De Pernambuco. De Traipu.

ABADE: - Vem, irmão!

TUDO VAI SE TRANSFORMANDO ATÉ ENTRAR NUM ROTINA DE TRABALHO,
AMOR E PAZ.

— O — O — O — O —

SUB-CENA.

ENTRAM DOIS OU TRÊS "PELUDOS", ARRUMAM O PICADEIRO
PARA A CENA SEGUINTE, ESPICADOS COM VIOLENCIA PE
LO MESTRE DE CERIMÔNIAS E PELO DOMADOR.

— O — O — O — O —

CENA V

SURGEM, NUMA ELEVACÃO DO PICADEIRO, COM UMA RAMPA ATÉ O
RÉS DO CÃO, FREI JOÃO EVANGELISTA DO MONTE MARCIANO E FREI -
CAETANO PAPTISTÃO. DESCEM POR ENTRE O POVO DE CANUDOS QUE TRA-
BALHA E CANTA. OS FRADES VEM EM SANTA MISSÃO PARA SALVAR O S
JAGUNÇOS...

A MEDIDA QUE DESCEM, PASSANDO PELO POVO, A MÚSICA CESSA
E O POVO FICA ESTÁTICO, EM SILÊNCIO.

FREI MARCIANO É ALTO E SOLENE. FREI PAPTISTÃO É COR-
CUNDA.

CHEGAM A PORTA DA IGREJA NOVA, EM CONSTRUÇÃO. VÊ-SE
UM SINO, PRESO A UMA COLUNA E UMA VELHA PIA DE BATISADOS.

OS FRADES SÃO RECEBIDOS PELO CONSELHEIRO, ACOMPA-
NHADO DE ABADE, PAJEU, BEATO, TIA BENTA E POVO.

FREI MARCIANO: - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

CONSELHEIRO: - Para sempre seja louvado, tão bom senhor!

FREI MARCIANO: - Aqui venho em fim todo de paz, em missão sagrada, falar a essa gente de padre há muito abandonada.

CONSELHEIRO: - No que a vossmecês puder ajudar, podeis contar.

PONTO: - ... na casa que reservei...

CONSELHEIRO: - (com má vontade) - Na casa que reservei para o vigário do Cumbe, logo ali na rua do Campo Alegre, podeis vos alojar; suprimento de boca mando já providenciar. Nada vos há de faltar.

FREI MARCIANO: - Estamos em missão sagrada, ordenada pelo Arcebispo da Bahia, D. Jerônimo Tomé, preocupado por ter o povo de Canudos perdido a fé...

CONSELHEIRO: - Assim fato não é! Meu povo é respeitador das coisas da Igreja, e eu de mim nada mais quero do que viver em paz, além de aqui e ali uns agudes d'agua arrumar... e o fruto do plantio a cada um assegurar.

FREI MARCIANO: - (cortando) No entretanto, essa não é a notícia que temos. S. Excia., o governador Rodrigues de Lima, este caso acompanha porque o governo desrespeitado foi. Sem dizer que nas coisas de Deus, mais aqui se fala no temporal do que no espiritual.

CONSELHEIRO: - O governo, do sertão, só se lembra prá buscar soldado em tempo de guerra e imposto no tempo de paz.

FREI PAPTISTÃO: - (baixo, a Maratano) - Eis aí. Eis aí a prova. É um revolucionário. Eis aí.

CONSELHEIRO: - Se vossmecês quiserem, a igreja vou mostrar... Por favor, queiram me acompanhar.

OS TRÊS ANDAM POR ANDAIMES. EM BAIXO, ABADE, PAJEÚ E O POVO ACOMPANHAM.

CONSELHEIRO: - (apontando) - Uma das torres daqui sairá, ali a base da outra. Mais acima, do outro lado, a nova pia de batizados. E na frente, a nave...

PONTO: - ... o altar dourado...

CONSELHEIRO: - (com má vontade) - ... o altar dourado, com um Santo Antonio de Portugal mandado. E o povo, na volta do trabalho, todas as noites estará...

FREI MARCIANO: - (cortando) - Senhor Antonio Mendes Maciel, como já vos disse, meu fim é todo de paz, e por isso extranhar devo de enxergar tantos homens armados...

CONSELHEIRO: - É para minha guarda e da minha gente que o povo está armado. Porque fato conhecido é, que a policia atacou-me e quiz matar-me num lugar chamado Masseté, onde houve mortes de um e outro lado...

FREI MARCIANO: - Caminho legal para isso existe. Uma queixa à Justiça podeis apresentar.

RISOS.

TIA BENTA: - (imitando) - "Uma queixa à Justiça podeis apresentar"... bah!!!

RISOS.

CONSELHEIRO: - No tempo da monarquia, deixei-me prender porque reconhecia o Governo. Hoje, não, porque não reconheço a República.

FREI PAPTISTÃO: - Eis aí. É um revoltoso; eis aí.

FREI MARCIANO: - Vou abrir a Santa Missão, para batizar, confessar e explicar ao povo transviado a pensar na vida eterna...

PONTO: - ... e não apenas na felicidade terrena...

FREI MARCIANO: - E não apenas na felicidade terrena e vou ainda aconselhar essa gente toda a largar as armas e voltar para seus lares.

VOZ: - Nós queremos ficar.

VOZES: - Nós queremos acompanhá o Conselheiro.

TIA BENTA: - Não queremos o padre hereje.

O CONSELHEIRO COM UM GESTO SILÊNCIA O POVO.

CONSELHEIRO: - Meu frade, acolhida de irmão vos dei e, além de me agradecer, nem seu nome sei.

FREI MARCIANO: - O nome numa hora assim pouco importa; o que interessa é saber que Cristo nos exorta!

RUMOR DE DESAPROVAÇÃO DO POVO.

FREI MARCIANO: - À Ordem dos Capuchinhos pertencemos, Frei Cáetano Paptistão, é eu que a Missão chefo: Frei João Evangelista do Monte Marciano.

CONSELHEIRO: - Nada há nos Canudos que assuste um mariano.

FREI MARCIANO: - Senhor, se é católico, deve considerar que a igreja condena as revoltas e aceitando todas as formas de governo...

TIA BENTA: - As igreja tá sempre cos poderosos...

FREI MARCIANO: - ... ensina que os poderes constituídos regem os povos em nome de Deus.

ABADE: - Saba, padre maçon.

FREI MARCIANO: - É assim em toda a parte; a França que é uma das principais nações da Europa foi monarquia por muitos séculos, mas há mais de vinte anos que é República e todo o povo de lá, sem exceção dos monarquistas, obedece as autoridades.

PAJEU: - Esse povo tá errado de aceitar as coisas má.

TIA BENTA: - Nós num tem nada cos franceses, nós que o Conselheiro aqui no sertão.

VOZES: - Abaixo os padres do governo.

CONSELHEIRO ACALMA O POVO.

CONSELHEIRO: - Não sou nenhum vagabundo de Deus. Sei o que é bom para o meu povo. Se a gente da França aceita a república, pior para eles e mais ainda se a igreja apoia...

FREI MARCIANO: - Então afirma que a Igreja da França errou?

FREI PAPTISTÃO: - Sacrílego, além de revoltoso, eis aí.

CONSELHEIRO: - Não sei se errou ou acertou, das coisas de lá não posso ~~me~~ dizer, mas das daqui posso e quero; foi para isso que eu recebi minha embaixada. Comigo os mansos possuirão da terra, mas os que tem fome e sede de justiça também serão saciados.

FREI PAPTISTÃO: - Esta adulterando as escrituras, sacrílego.

VOZES AGRESSIVAS DE DESAPROVAÇÃO.

ABADE: - Cala, urubu de corcova.

TIA BENTA: - Queto, corcunda safardana.

CONSELHEIRO: - No dia que virá e perto está; que será um grande dia aquele e não há outro semelhante, o Senhor dos Exércitos afastará o jugo do pescoço de seu povo e nunca mais estrangeiros farão escravo este povo.

FREI PAPTISTÃO: - Agora adultera Jeremias. Excomunhão. É caso de excomunhão.

CONSELHEIRO: - Aqui nos Canudos meu povo vai viver em paz, porque nos outros lugares está tudo contaminado pela República.

BEATO: - Tem de se assim. Foi por isso que nós ficamos com o Conselheiro.

PONTO: - ... é mau esse pensar...

FREI MARCIANO: - É mau esse pensar e doutrina errada é a vossa.

TIA BENTA: - O padre é que tem doutrina errada e não o nosso Conselheiro.

VOZES: - Abaixo os padre hereje e republicano. Viva o Bom Jesus.

PAJEU: - Morra o padre maçon.

TIA BENTA: - Viva o Bom Jesus Conselheiro.

FREI MARCIANO: - Proibe então a Santa Missão?

PONTO: - ... eu não estorvo.

CONSELHEIRO: - Eu não estorvo essa Santa Missão, mas também não desarmo minha gente.

CONSELHEIRO SAI..

CENA VI

MESMO CENÁRIO DA ÚLTIMA CENA. FREI MARCIANO PREGA. POR PERTO, FREI PAPTISTÃO. OUVEM: - ABADE, BEATO, PAJEU, TIA BENTA E PÓVO.

À MEDIDA QUE ESTA CENA SE DESENVOLVER, ESCORREGARÃO DO ALTO DA NAVE GRANDES FAIXAS NEGRAS E ROXAS, LENTAMENTE, ATÉ TRANSFORMAR O LOCAL QUE ERA ALEGRE, EM SOMBRIO.

FREI MARCIANO: - A bem-aventurança eterna será obtida através de...

JAGUNÇOS ENTREGOLHAM-SE SEM ENTENDEREM.

FREI MARCIANO: - ... obras pias, desprendimento, sacrifícios e, principalmente...

PONTO: - ... aceitação das condições que a divina...

FREI MARCIANO: - Aceitação das condições que a divina providência nos impõe... (PAUSA) ... Pode-se jejuar muitas vezes comendo carne ao jantar e uma chavena...

TIA BENTA: - Chavena?

FREI MARCIANO: - ... chavena de café pela manhã...

PAJEU: - Isso não é jejuar. É comer a falta.

RISOS. PAJEU E TIA BENTA SAEM.

FREI MARCIANO: - ... a cada missa assistida, a cada óbulo...

OLHARES ESPANTADOS.

FREI MARCIANO: - ... óbulo deão à Santa Igreja, estareis assegurando uma parcela do Paraíso e livrando-vos dos castigos eternos do inferno.

PONTO: - ... o respeito ao sagrado...

FREI MARCIANO: - O respeito ao sagrado direito de propriedade...

À MEDIDA QUE MARCIANO PREGA, PAPTISTÃO COLOCA MESINHAS COM IMAGENS DE SANTOS, VELAS, TERÇOS, AGUA BENTA EM VIDROS ANFORADOS DE DIVERSAS CÔRES, TUDO AMONTOADO, COM PREÇOS ESPETADOS EM CIMA, COMO NUMA FEIRA. DESCEM AS FAIXAS NEGRAS E ROXAS.

FREI MARCIANO: - ... a cada oração, a cada prece, ou mesmo a cada terço adquirido ou imagem comprada, uma graça vos será acrescentada.

FREI PAPTISTÃO: - Terços de vidro de Espanha por dois tostões, trezentos dias de indulgências acompanham. Madônas dos espinhos, importadas de Paris, dão direito a um Santo colorido de papel e graças mil.

FREI MARCIANO: - Devagar, Paptistão, não se exceda.

PAPTISTÃO QUER CONTER-SE MAS SEU TEMPERAMENTO NÃO PERMITE.

FREI PAPTISTÃO: - Águas bentas, bentas pelas mãos de D. Tomé, Arcebispo da Bahia, dois tostões também a garrafinha, ricamente lapidada, 100 dias de indulgências garantidos!

UM JAGUNÇO APROXIMA-SE E COMPRA. PAGA. BEATO INTERVÉM. ARRANCA A GARRAPÁ, TOMA O DINHEIRO, EMPURRA PAPTISTÃO. QUEBRA A GARRAFA NO CHÃO. O JAGUNÇO FOGE.

BEATO: - Padre semvergonho!

BEATO SAI.

FREI MARCIANO: - Tudo aqui fere a Deus...

PONTO: - ... ainda é tempo...

FREI MARCIANO: - ... ainda é tempo de salvar voossas almas; o governo providências logo vai tomar; vocês todos devem dispersar-se, voltar as casas, reconhecer as autoridades, obedecer aos padres. Ainda é tempo!

ENTRA O CONSELHEIRO ENFURECIDO, ACOMPANHADO DE MESTRE QUADRADO E OUTROS. VAI DERRUBANDO AS MESAS DE COMÉRCIO À MEDIDA QUE PASSA. QUADRADO JOGA PAPTISTÃO AO CHÃO.

CONSELHEIRO: - Fora! Esta é a casa do Senhor e vós fizestes dela um balcão de negócios e um centro de politização. Fora.

FREI MARCIANO: - Depois tarde será para o arrependimento. Pensai...

CONSELHEIRO: - Fora. Fora.

ABADE: - Esse frade Marciano, mais o gercunda Caetano estão de inteligência co governo e só querem abrir caminho prás tropa que vem de surpresa prende o Conselheiro e acaba co'a nossa raça. Fora cos padre-safado. Fora.

VOZES: - Abaixo os frade republicano. Fora. Fora.

COM UM APITO, JOÃO ABADE ORIENTA O POVO QUE EM MOVIMENTOS HARMÔNICOS, VAI EXPULSANDO OS FRADES. FREI MARCIANO SAI, TENTANDO MANTER A DIGNIDADE. FREI PAPTISTÃO AGARRA O QUE PODE DE SEUS TRASTES E SAI SOB GRITOS.

SOBEM AS FAIXAS NEGRAS E A NAVE CLAREIA ALEGRE DE NOVO.

LUZ EM RESISTÊNCIA.

ACENDE NOS DOIS PADRES SUBINDO A MESMA RAMPA POR ONDE DESCERAM PARA ENTRAR EM CANUDOS, VERGADOS SOB O PESO DOS TRASTES E DA HUMILHAÇÃO.

CHEGAM AO ALTO DA RAMPA. PAPTISTÃO CAI AO CHÃO, CABEÇA ENFIADA NOS TRASTES. MARCIANO OLHA A VILA AOS PÉS. TIRÁ A SANDÁLIA, SACODE O PÓ SOBRE CANUDOS E AMALDIÇA A CIDADE.

FREI MARCIANO: - Povo maldito! Tapera desgraçada!
Da tua arrogancia, em breve, nada ficará!
Antonio Maciel, te amaldiçoou, a tia e tua
gente do inferno!
Desses Canudos imundos, nem uma pedra restará!
Delenda est Canudos!

SAEM.

VOZES: - (com ironia) - Delenda est Canudos.

PANO.

NA FRENTE DO PANO, NETRA ZECA TIBÉRIO, MESTRE DE CERIMÔNIAS.

ZECA TIBÉRIO: - Respeitável e seletó público, aqui termina o
primeiro ato do belo espetáculo "A Guerra de Canudos."

Tudo correu bem... Mas uma desculpa apresento pela atuação de
Vicente, o ator convidado, que não conhecendo bem as falas, vez por
outra descuidou-se. Desculpai, senhoras e senhores.

Agora, podeis vos regalar nas barracas de garapa, amendoim e
pipoca.

Enquanto isso, Zebeden, nosso grande autor, ficará por entre vós,
para assinar as músicas do drama que podeis adquirir por preços
modicos...

ZEBEDEU DESCE PARA O MEIO DO PÚBLICO, LEVANDO A PLUMA PARA
ASSINAR, ACOMPANHADO DE MAGDA, A PRIMEIRA BAILARINA, RICAMENTE
VESTIDA, E UM PELUDO. AMBOS CARREGAM FOLHETOS DAS MÚSICAS DO
DRAMA, PARA SEREM VENDIDOS AOS ASSISTENTES.

VOZES: - Garapa. Amendoim. Tremoços. Pipoca. Pipococa.

VOZ: - (alto falante) - (ao fundo) - Amanhã ainda "A Guerra dos
Canudos" e sábado inicia o
sensacional espetáculo "A Morte do Capitão-Mor". Não percam.

MÚSICA DE CIRCO.

FIM DO PRIMEIRO ATO

o o o o o o o o

o o o o

o

78

SEGUNDO ATO

ANTES DE ABRIR-SE O PANO.

VOZ (ao fundo - alto-falante) - Distinto, seletor e educado público, com vossa permissão, iniciamos agora o segundo ato da "Guerra de Canudos".

Pedimos de novo que se mantenha o máximo silêncio, a fim de que nada se perca e todos possam aproveitar tudo o que esse formidável drama nos ensina.

ABRE-SE O PANO.

CENA I

OUVI-SE UMA VOZ, IDENTICA A DE UM LOCUTOR DE FUTEBOL AO DAR A CONSTITUIÇÃO DAS EQUIPES QUE VÃO ADENTRAR O CAMPO PARA UM JOGO.

VOZ (pregão esportivo): - A nova expedição contra Canudos está assim constituída: - Chefe, Coronel Antonio Moreira César; oficiais, Coronel Pedro Nunes Tamarindo, Major Cunha Mattos e Capitão Salomão da Rocha; Capitão Pedreira Franco, Tenente Avila e outros menos graduados. Ainda 1.300 soldados, estupendamente armados. Bríosa cavalaria. Quinze milhões de cartuchos e setenta tiros de artilharia.

MOREIRA CESAR SURGE AO RÉS DO PICALUIRO E COMEÇA A SUBIR UMA RAMPA. MOREIRA CESAR ESTÁ DE UNIFORME. É UM HOMEM PEQUENO, CALVO, PALIDO. SOFRE DE EPILEPSIA.

VOZ (pregão esportivo): - Acompanhado da confiança popular, Moreira César partiu do Rio de Janeiro, desembarcou em Salvador, e, como um raio, em 5 dias estava em Queimadas; em mais duas jornadas chega ao alto da favela, pronto para o embate decisivo com os jagunços de Antonio Conselheiro. O país aguarda, com intensa expectativa, o início do combate. Os prognósticos favorecem a brava equipe de Moreira Cesar, invicta em todos os encontros nos campos do sul do país.

MOREIRA CÉSAR CHEGA AO MEIO DA RAMPA. ENTRAM OFICIAIS UNIFORMIZADOS CORRENDO. PARAM ENTÃO O INÍCIO DA RAMPA E O LUGAR ONDE SE ENCONTRA MOREIRA CESAR. SAUDAM O PÚBLICO COMO UM TIME DE FUTEBOL. ESTÃO O CORONEL TAMARINDO E OUTROS OFICIAIS.

OFICIAIS: - (côro, saudando) Arakan, barambaka,
stumberê, stumberê,
macambê, mecambecê...
Rico rico, rico ra...
ra - ra - ra...
Moreira-Moreira-Moreira-reira - reira...
Moreira Cesar, Cesar, Cesar, Cesar...

MOREIRA CESAR SOBE MAIS UNS PASSOS COM SOLENIDADE. A MEDIDA QUE ELE SOBE, A SAUDAÇÃO ESPORTIVA VAI SE TRANSFORMANDO NUMA SAUDAÇÃO DE TRIUNFO ROMANO.

OFICIAIS: - Viva Moreira César. Viva César.
Ave Cesar. Ave Cesar.

MOREIRA CÉSAR CHEGA AO FIM DA RAMPA, SENTA NUM TRONO ROMANO, EM SEMI-CÍRCULO, COBERTO COM CETIM VERMELHO E PURPURA, EM VOLTA, OS OFICIAIS. ENTRA UMA MULHER SUJA, TERÇO PRESO À ROUPA, CRUZ DE MADEIRA (AGREGADA ÀS TROPAS), NUM RELANCE, SOBRE CORRENDO A RAMPA, JOGA-SE AOS PÉS DE MOREIRA CÉSAR. OS OFICIAIS SALTAM. TEMEM UM ATENTADO. MCESAR ASSUSTA-SE.

MCESAR: -- Arreda, mulher, arreda. Que é? Que é?

COM DESESPÉRO A MULHER AGARRA A MÃO DE MCESAR.

MCESAR: -- Arreda, arreda.

A MULHER COLOCA UMA CRUZ DE MADEIRA NA MÃO DE MCESAR.

MULHER: -- É prá protegê vossacê, senhor generá. Vai precisá. É santa cruz protetora.

MCESAR GARGALHA.

MCESAR: -- Deixa prá lá, velha beata.

EMPURRA A MULHER COM O PÉ. JOGA A CRUZ NO CHÃO. PEGA A ESPADA.

MCESAR: -- Deixa prá lá, que santa cruz protetora coisa nenhuma. Eu só acredito na força da minha espada.

MCESAR GARGALHA. A MULHER SAI.

MÚSICA: -- Vai, vai, vai, infantaria...
vem, vem, vem, infantaria...
Avante, avante, infantaria...
É o setimo batalhão de infantaria,
Moreira César, nosso chefe, nosso guia,
Vai, vai, vai, infantaria...

ENQUANTO SOA A MÚSICA, MCESAR, ACOMPANHADO PELOS OFICIAIS, ANDA PELO PICADEIRO, COMO NUMA REVISTA. TODOS TEM UM AR GLORIOSO, MARCIAL. MCESAR BATE COM O PÉ NUMA GARRAFA. MÚSICA CESSA.

MCESAR: -- Que joça é essa?

OFICIAL: -- (abaixando-se e pegando a garrafa) Uma garrafa, meu coronel.

MCESAR: -- De prá cá.

MCESAR PEGA A GARRAFA.

MCESAR: -- Coronel Tamarindo!

MCESAR FICA ROXO. AMEAÇA UM ATAQUE DE EPILEPSIA. RETORNA AO NORMAL. TAMARINDO ADIANTA-SE E PERFILA-SE.

TAMARINDO: -- Pronto, meu coronel.

MCESAR: -- Já deter minei: não quero aguardente em minha tropa...

TAMARINDO: -- Coronel, não vejo em que...

MCESAR: -- Não interrompa. Não quero aguardente em minha tropa nem prá remédio.

20

-3-

TAMARINDO: - Não posso ser responsabilizado por...

MCESAR: - Seu ordenança esteve ontem na Fazenda Cachimbé e trouxe para o acampamento mais de dúzia de garrafas de mandureba.

Repito: Não admito álcool em minha tropa e muito menos que meus oficiais façam uso dele.

TAMARINDO: - (à parte) Epilético filho da puta.

MCESAR: - O infante é o melhor dos soldados, quando tem um bom chefe. Não se esqueça, Coronel Tamarindo, que se algo me suceder, o senhor é quem assume o comando, deve dar o exemplo.

PONTO: - ... a infantaria quer que...

MCESAR: - A infantaria quer que seu chefe a comande em condições de superioridade. O chefe não é um igual. O infante sabe...

TAMARINDO: - (à parte) Epilético filho da puta.

MCESAR: - ... reconhecer seu comandante sem precisar olhar-lhe os galões.

PONTO: - ... e além disso, coronel, hoje...

MCESAR: - É além disso, coronel, hoje, ao inspecionar o acampamento, encontrei as instalações sanitárias em péssimo estado. E quando visito uma casa e encontro um local desse mundo, firmo logo conceito: é casa mal orientada e mal dirigida.

TAMARINDO: - Pois eu, meu coronel, quando vejo uma casa arder, não me preocupo com a latrina.

MCESAR: - Dê sua opinião, Cel. Pedro Nunes Tamarindo, quando esta for solicitada, entendido?

TAMARINDO: - (meio à parte) Epilético filho da puta.

MCESAR: - Disse alguma coisa, coronel?

TAMARINDO: - Concorde, não há motivo para disputa.

PAUSA.

MCESAR: - Senhores!

MCESAR SOLENE. OS OFICIAIS PERFILAM-SE.

MCESAR: - Senhores, ~~como~~ como todos sabem, estou muito doente. Há dias que não me alimento, mas amanhã, vou almoçar em

Canudos.

OFICIAIS: - Amanhã?!?!?!?

MÚSICA "VAI VAI INFANTARIA" COMEÇA A SOAR BAIXINHO.

MCESAR: - Vamos atacar Canudos amanhã pela madrugada. O plano é este:

MÚSICA MAIS ALTO.

MCESAR: - A cavalaria descerá pelo outeiro da favela, com a cobertura da artilharia, sob o comando o Capitão Salomão e eu mesmo cairei sobre o arraial à frente do setimo.

PONTO: - ... Canudos será...

MCESAR: - Canudos será tomada sem se perder um só homem. Alguma dúvida, senhores?

SILÊNCIO.

MCESAR: - Então, aos preparativos.

81

MÚSICA: - Vai, vai, vai, infantaria,
vem, vem, vem, infantaria...
Avante, avante, infantaria...
É o sétimo batalhão de infantaria,
Moreira Cesar, nosso chefe, nosso guia,
Vai, vai, vai, infantaria...

CENA II

GRUPO DE JAGUNÇOS EM PREPARATIVOS PARA O COMBATE.
ESTÃO: O CONSELHEIRO, JOÃO ABADE, PAJEÚ, MANOEL QUADRADO
E OUTROS. PELO CHÃO, SACOS E CORDAS.

CONSELHEIRO: - Pega os homens, Irmão Pajeú, espalha por toda a serra,
desde o Caypan até o Cambaio.

ABADE: - Põe gente nos mutuais, cava buraco fundo e esconde os homens
ali. Quando os cabra do governo surgir, fogo neles. Vai, irmão.

PAJEÚ: - Salve o Bom Jesus.

PAJEÚ SAI.

ABADE: - Mestre Quadrado, vai com rapidez, de cada cem em cem jarda,
faiz um cercado com folha de mandacaru, põe um homem dentro com
quinhentos cartucho. Derrama dessas armadilha por toda a marge do
Vaza-Barris. Um dos nossos vai segurar um batalhão das fraqueza do governo.
Os cabra do Moreira Cesar vão correr que nem animal cabrito desce descendo
montanhas, mordidos pelas favela, escoraçado.

QUADRADO: - Viva o Bom Jesus Conselheiro!

MANOEL QUADRADO SAI.

MÚSICA: - Nuvem do céu há de vir...
Pros inimigos destruir...

ENTRAM TIA BENTA E BEATO. TRAZEM SACOS E CORDAS. FAZEM
REVERÊNCIA PARA O CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO: - Quantas ~~moedas~~ candelas trouxe, tia Benta?

BENTA: - Trinta e três, meu Santo, com cinco já pega dantes, trinta e
oito são somadas.

PONTO: - ... bom, es vosmecê, mestre...

CONSELHEIRO: - Muito Bom! E vosmecê, mestre Beato?

BEATO: - Meu Bom Jesus, arrumei mais de duas dúzia, além das perdida
que se esborraço no chão na hora de enfiar no saco.

ABADE: - Co'as cento e poucas que já tínhamo, dão mais de duzentas.

CONSELHEIRO: - Alguem ficou ferido?

BEATO: - Chegamo de mansinho, como vosmecê falou, na hora da meia noite.
Os bichinho tava tudo dormindo... inda sim, tia Benta levo
ferrocada na mão.

BENTA: - Foi uma das grande, das verneia. Saiu da cormela, voô prá
cima de mim, carvo o ferrão. Tá inchado que doi.

CONSELHEIRO: - Deixa ver.

CONSELHEIRO EXAMINA A MÃO DE BENTA.

PONTO: - ... esfrega fumo com força...

CONSELHEIRO: - Esfrega fumo com força em cima, depois derrama um pouco de mandureba... mexo com bicho há mais de dez anos e nunca fui mordido nem picado. Tomá tento, irmã: abeia é bicho bom, só pica quando provocado; fora disso é manso como lova-deus. Passeia na mão e perfuma até...

MÚSICA: - Nuvem do céu há de vir...
Pros inimigos destruir...

CONSELHEIRO: - Agora, Mestre Abade, vai dizer com fervor e jeito tudo o que deve ser feito.

O CONSELHEIRO SAI.

ABADE: - Sei que nós pode conta com a ajuda do céu... mais nos causas de milagre é sempre bom da uma mãozinha... Agora, irmãos, vão tudo vosmecê se colocá nas altura da serra e fica lá bem caludos até a hora queouvi o meu apito... Então, pega no saco e gira assim...

ABADE PEGA UMA CORDA COM UM SACO AMARRADO E GIRA SOBRE A CABEÇA.

ABADE: - Depois, joga em cima das tropa do ruinoso do Morera César... Os sacos vão se abri, as colmeia arreventá e os bichinho vão caí que nem enxame de Belzebu nos praça... num vai fica moleque da fraqueza do governo nos Canudos... vão corre até abança o mar-oceano... Agora, vão irmãos, com presteza. Oia, espera o apito. Num vão se agülerá. Espera o apito. Vão.

OS JAGUNÇOS SAEM.

MÚSICA: - Nuvem do céu há de vir...
Pros inimigos destruir...

CENA III

PLANO - MOREIRA CÉSAR ESPADA À MÃO.

MCESAR: - Avante, sétimo. Avante. Pela Pátria. Não dai quartel. Artilharia, fogo. Avante.

RUIDO DE LUTA. APITOS, TIROS.

VOZES (jagunços): - Vem, soldado safado.
Chega, machorro da República.
Arreda, praça viu da puta. Viva o Conselheiro.

TIROS. SINOS.

MCESAR: - Parem, litem, covardes, litem.

TIROS.

VOZES (soldados): - Milagre! Milagre! Tá descendo nuvem do céu prá nos mata! Milagre!

BARULHO. TIROS.

MCESAR: - Milagre merda nenhuma. É mosquito. Parem, covardes.

MCESAR TENTA CONTER OS SOLDADOS QUE FOGEM.

MCESAR: - Parem, lutem, covardes. É preciso ter dignidade. Parem...

MCESAR CAI FERIDO NA BARRIGA.

ESCURECE.

CHEGAM ATÉ MCESAR CAÍDO, TAMARINDO, OUTROS OFICIAIS.
BARULHO DE COMBATE DECRESCER.

MCESAR: - Me pegaram... mas não é nada... coisa à toa...

FAZ UM MOVIMENTO. OFICIAL AJOELHA-SE, APOIA A CABEÇA DO
CHEFE NO PEITO.

MCESAR: - Que lugar é este?

OFICIAL: - Acho que é a "Fazenda Velha"... mais com jardas e estávamos
dentro do arraial.

TAMARINDO: - É a "Fazenda Velha", no sítio das Umburanas.

OFICIAL: - Que ordena agora, meu coronel? Que fazer?

MCESAR: - Que fazer? Continuar a luta. Lutar até o último homem.

TAMARINDO: - Não tem mais quase nenhum.

MCESAR: - É o capitão Salomão?

OFICIAL: - Morto.

MCESAR: - Morto?

PONTO: - ... morreu como um herói...

OFICIAL: - Morreu como um herói, caiu dizendo: "onde fica a bateria,
fica seu capitão."

MCESAR: - Era um homem...

MCESAR GEME. CONTORCE-SE.

TAMARINDO: - Creio, coronel, que devemos recuar...

MCESAR: - Recuar? O sétimo não recua nunca. Mantenha posição, coronel
Tamarindo, mantenha posição...

OFICIAL: - É difícil, meu coronel, impossível...

MCESAR: - É uma ordem. Mantenha posição... até o último soldado...
Reforços vem aí... mantenha posição...

TAMARINDO (a parte para o oficial): - Assumo o comando, o homem não
se aguenta mais.

OFICIAL: - Como?

TAMARINDO: - E Mande tocar o "retirar".

UM OFICIAL SAI.

TAMARINDO: - Meu coronel, é melhor que...

OUVE-SE O TOQUE DE RECUAR.

MCESAR: - Toque de retirada?!!! Quem mandou?... aí... covardes... Estou
morrendo, mas não compactuo com essa felonía... aí... é
desonrar minha carreira. Mancha meu nome, profana o penachos do sétimo.

TOQUE DE RECUAR MAIS PERTO. AGUDO. MCESAR CONTRAI-SE.

MCESAR: - Eu... não aceito... comigo... morre a... república...

84

MCESAR MORRE. OFICIAL DEIXA O CORPO CAIR. LEVANTA-SE.
OS OFICIAIS FICAM DE PÉ. OBSERVAM O CHEFE MORTO.

TAMARINDO: - (a parte) Eu sabia que essa bosta ia estourar nas
minhas costas.

OFICIAL: - Que ordens tem, meu comandante?

TAMARINDO: - Debandar! Em tempo de murici, cada um cuide de si.

TODOS SAEM CÉLERES, CADA UM POR UM LADO.

LUZ EM RESISTÊNCIA.

O CORPO DE MCESAR FICA SÓ. RUÍDO DE TIROS DECHESCENDO
AO LONGE ATÉ PARAR COMPLETAMENTE.
COMEÇAM A CHEGAR MULHERES JAGUNÇAS. OLHAM O CADÁVER.
GIRAM EM TORNO DELE.

COMEÇAM A DANSAR LENTAMENTE EM VOLTA. APRESSAM DEPOIS
EM RÍTMO DE CIRANDA.

MÚSICA: - Uummm... uummm... uummm...
uummm... uummm... uummm...

Moreira César, olhos de cana caiana,
foi ferido nos Canudos, foi morrer nas Umburana...

Moreira César, olhos de cana caiana,
foi ferido nos Canudos, foi morrer nas Umburana...

Uummm... uummm... uummm...
uummm... uummm... uummm...

SUB CENA. AJUDANTES DE CIRCO PROVIDENCIAM A MUDANÇA
DO CENÁRIO. PREPARAM O PICADEIRO MALTRATADOS POR ORDENS
VIOLENTAS DO MESTRE DE CERIMÔNIAS E DO DOMADOR.

CENA IV

ANOITECEM. BADALADAS LENTAS DO SINO. SOB A LATADA DA
IGREJA NOVA, UMA MORENA, MUITO BELA, AJOELHADA, REZA.
MAIS À ESQUERDA, PAJEU, APOIADO NA LATADA EM SILÊNCIO.
AO FUNDO, SOM DE LADAINHAS, HINOS RELIGIOSOS. FOGUEIRAS
FOGO-DESMALAM. ENTRA DANSANDO, ISABEL, A DOIDA.

ISABEL: - (cantando) Venho de Patamutê,
onde a anta caiu n' água
vestida de maltratos...
vestida de maltratos...

PASSA CORRENDO PELA MOÇA AJOELHADA. TIRA O CHALE DOS
OMBROS DA MORENA. CORRÊ DESVAIRADA, DANSANDO COM O CHALE.

ISABEL: - Eu vim ajudá o Conselheiro...

FAZ PIRUETAS LOUCAS PELO PICADEIRO.

PONTO: - ... eu sou Isabel, a Redentora...

ISABEL: - Eu sou Isabel, a Redentora, Imperatriz do Brasil. Tenho um filho meu imperador, de barbas brancas, que foi concebido de um facho de luz na hora da estrela guia, aquela de luz bendita que me fecundou. Venho com ordens diretas do céu. Trago embaixadas de poderes pro meu Santo Conselheiro...

ISABEL VAI ATÉ A MOÇA. EMPURRA-A. PAJEU APROXIMA-SE.
A VELHA VOLTEIA, SEMPRE FAZENDO CÍRCULOS COM O CHALE.

ISABEL: - Deixa eu passá, gente. Não posso ser contrariada na estampa de meu filho Imperador...

ISABEL FICA SÉRIA. SAI CANTANDO DOCEMENTE. AO SAIR,
JOGA O CHALE PARA DENTRO.

ISABEL: - (saíndo) - Venho de Patamutê,
onde a anta caiu n' água
vestida de maltratos...
vestida de maltratos...

PAJEU APANHA O CHALE. LEVA-O ATÉ A MOÇA.

PAJEU: - (entregando o chale) - Uma morena anssim bonita num carece de reazar... Abasta o ming que tem pra sua alma salva... Me Morena, se eu pudera no mundo forma altar, nele te poria pro povo te adora...

A MORENA LEVANTA.

MORENA: - Não diz anssim não, seu moço... trais desgraça... não quero nem os ouvido deixá aberto pra essas coisa do cão escuta...

PAJEU: - Modo de dizer, irmã... e os modo do dizer, as vez num concorda com os modo do senti... num carece de explicação, foi uma sincera saudação...

PONTO: - ... pra falá dos seus olho grande...

PAJEU: - Pra falá dos seus olho grande, dos seus lábio fino... (PAUSA)
nunca arreparo, pois, neste seu irmão, mariposando por cerca de vosmece?

MORENA: - Arrepará, arreparei...

PAJEU: - E foi bom?

MORENA: - Sei, não... nem seu nome sei...

PAJEU PEEA O VIOLÃO

PAJEU: - Sou Pajeu, assim me tratam os que me conhecem. Sou raiz de cajazeira, pau que amarga, flor que cheira, cravo das menina, suspiro das casaça, beijo das solteira.

MORENA: - Vosmece é dos que vive se adoçando só de vê rabo de saia ondula... nem que seja no vara...

PAJEU LARGA O VIOLÃO.

PAJEU: - É minha apresentação, sentido faz não... Foi Mestre Quadrado que ensinou... e só falação, conteúdo tem nada, não...

MORENA: - Assim me sai melhor... num há neste sertão mulher que goste de home com fama de pombo arruihado...

TOCA O SINO. SINAL DE RECOLHER.

MORENA: - É o recolhe, vou chegando. Boas noites, seu Pajeú.
 PAJEÚ: - Vai não, moça. Fica um pouco so... a lua vai despontando...
 queda aqui... conversa... quem sabe o pouco que nos resta?
 MORENA: - Posso não... Mestre Abade, ordem deu: depois da última
 badalada, habitante dos Canudo tem que tá recolhido a
 morada...
 PAJEÚ: - João Abade dessas coisa num entende.
 MORENA: - Inda ontem vi você obedecendo a ele, pois não?
 PAJEÚ: - Nas coisa da guerrá, obedeço-obedecendo, nas outra, não.
 Home que faz gosto a macho, só conhaço o barbero, que
 alisa o freguês na cara, passa pente e bota cheiro. (PAUSA) Escuta,
 irmã olha no mato os bicho cantando, ouve o batê das asa dos
 passaro se aquetando... as águas do Vaza-Barris tão murmurando:
 - fica, irmã, fica... mantém conversa...
 PONTO: - ... as arage que beija...
 PAJEÚ: - As arage que beija as pedra do Caypân, que faz as folhã
 assobia de manso, triste, no Cambaio, também fala-vôando:
 fica, irmã, fica, mantém conversa... quem sabe o tempo que nos resta?

PAJEÚ PEGA A MÃO DA MOÇA. AMBOS FICAM APOIADOS NA LATADA.
 PAJEÚ PASSA OS BRAÇOS NOS OMBROS DA MORENA.

MORENA: - ... o tempo que nos resta... é pouco, pois, então?
 PAJEÚ: - Sabe, ninguém sabe, não...
 PONTO: - ... mas o presidente da...
 PAJEÚ: - Mas o presidente da república, fôrça-montão tão armando...
 Só nas Queimadas tem mais de 5.000 praça, vindo de tudo lado.
 Do Sergipe, das Alagoas, e muitos estrangeiro das terra grande, tudo
 gente lá dos baixo... Paulista tem que nem formiga...
 MORENA: - Essas tropa do governo do diabo não vão ve nem as torre
 das igreja de Belo-Montã.
 PAJEÚ: - Tem mais de trinta canhão-matadeira...
 MORENA: - Frá acabá como bigorina na loja da Chica Ferrera...
 PONTO: - ... são vinte batalhão...
 PAJEÚ: - São vinte batalhão do exercito e mais cinco das policia dos
 estado, diz eles que vem prá acabá com o Conselheiro e arrasá
 com tudo.
 MORENA: - O Morera César tá ali prá acabá com essa presunção, com
 quatro metro de chita e sete palmo no chão...
 PAJEÚ: - Vi, eles vem, se voltam, sei não... Dixa vi, soldado ladrão,
 a gente recebe de chicote na mão...

MÚSICA.

PAJEÚ AO VIOLÃO, OU CÔRO CANTADO.

AS ESTROFES SÃO SEIS, QUE Podem SER REDUZIDAS A TRÊS OU
 QUATRO.

87

-10-

MÚSICA: - Soldado ladrão é aquele que roba publicamente as coisa do pobre prá bebê aguardente.

Quando sai da capital a força pro sertão
qualquer soldado, seja graduado ou não,
dá o bote, esconde a unha, mais que nem gato ladrão

Roba cabra e roba ovelha; roba galinha e capão;
roba tudo quanto encontra pela casa do sertão.

Se soldado fôsse lenha, não havia um só tição,
tava tudo virado cinza, num tinha nem carvão.

Zangado, o povo pragmeja, dando parte aos seus vizim:
- aqueles soldados malvado rebaram meus quimbuquim...
Permita Nossa Senhora que ponta de faca seja deles o fim.

MORENA: - Na ponta de faca os cinco mir-vao acabá. Não vão nem passá a vereda sagrada do Massacara.

PAJEÚ: - Se o tempo que nos resta é poco ou não, ninguém sabe, não... por via das duda, carece de aproveitá. E de devera, pombinha, da faia que toda mulé bonita têm: de querê bem a todo mundo ou num gostá de ninguém, prefiro que...

MORENA: - Mestre Pajeú, deixa a falação. Das minha faia conhece poco. Das qualidade sabe nenhuma... (PAUSA) Olha os grilo cantando; as flores esparrama perfume na noite; os vaga-lume fais estrela verde nas marge do Vaza-Barris... vamos até lá, deixa a conversa... quem sabemo tempo que nos resta...

AMBOS SAEM ABRAÇADOS.

CENA V

LUZ ACENDE NUM CANTO DO PICADEIRO. TRINCHEIRA AVANÇADA DO EXÉRCITO DA REPÚBLICA. É UMA TRINCHEIRA NATURAL, CONSTITUIDA DE ENORMES PEDRAS. HÁ NO CENTRO, UMA PEDRA MAIOR, CHEIA DE INSCRIÇÕES PATRÓTRICAS, PORNOGRÁFICAS, CORAÇÕES, ETC.. NO CENTRO, EM DESTAQUE, A FRASE: "VIVA A REPÚBLICA". O PRAÇA JOÃO, DE PÉ, DESENHA UM CORAÇÃO. OUVEM-SE AO LONGE TIROS ESPAÇADOS.

PRIMEIRA PRAÇA: - O baile começou.

VOZ: - Oh, João, se abaxa, cuidado, rapaz.

PRIMEIRO PRAÇA: - Tá querendo leva uma bala na cabeça, seu?

O PRAÇA JOÃO NÃO LIGA PARA OS AVISOS. CONTINUA DESENHANDO. DÁ UM PASSO ATRÁS; OLHA O DESENHO; VOLTA, ESCRIVE UM NOME NO CORAÇÃO: "ANA". PEGA A ESPINGARDA, TOMA POSIÇÃO, OLHANDO A TERRA DE NINGUÉM A SUA FRENTE. LUZ EM RESISTÊNCIA NA TRINCHEIRA DOS SOLDADOS; FICA APENAS O TÊNUE FOCO DE UMA PEQUENA FOGUEIRA...

AS

LUZ ACENDE NO CANTO OPOSTO DO PICADEIRO, ENTRE O LUGAR ONDE A LUZ ACENDE E A TRINCHEIRA DO GOVERNO FICA UM VAZIO: A TERRA DE NINGUÉM.

NO CANTO ONDE ACENDEU A LUZ ESTÃO QUATRO OU CINCO TRINCHEIRAS CIRCULARES DOS JAGUNÇOS, DE MEIO METRO DE FUNDURA, CAVADAS NA TERRA, ESPAÇADAS, UMAS DAS OUTRAS POR ALGUNS PASSOS.

ESTÃO: - JOÃO ABADE, PAJEÚ, MANOEL QUADRADO, DOIS OU TRÊS JAGUNÇOS. JOÃO ABADE VAI DE TRINCHEIRA EM TRINCHEIRA, DISTRIBUINDO CARTUCHOS, EXAMINANDO ARMAS, CICLIANDO ORDENS, REBATE DE SINOS. LUZ AUMENTA NA TRINCHEIRA DOS SOLDADOS. O ESPAÇO INTERMEDIÁRIO DO PICADEIRO PERMANECE ÀS ESCURAS.

MÚSICA: - Postos estão frente a frente
os dois valorosos campos;
a um lado el-rei maluco, Sebastião do outro lado.
Moço-rei Sebastião, valente e determinado
Ai, se como eras valente, fôsses bem aconselhado.

E os mouros já sem conta - suas hostes vão cercando
que por cada um dos seus - são eles dezoito tantos.
Manda el-rei que nada teme - da peleja deitar bando,
a frente dos seus galopa clamando: - a eles, Santiago.

SINOS, TIROS. INICIA O COMBATE, GRITOS.

JOÃO ABADE: - Viva o Bom Jesus Conselheiro!

UM OFICIAL: - Viva a República! Avançar!

ABADE: - Mais arriba, irmão. Sobe na árvore. Larga fogo. Mete chumbo.

JOÃO ABADE ORDENA OS MOVIMENTOS DOS JAGUNÇOS, SINCRONIZANDO-OS COM APITOS. MOVIMENTAÇÃO DOS JAGUNÇOS E DOS SOLDADOS.

MQUADRADO: - Venham, seu praças veacos. Quanto mais vierem, mais morrem.

PAJEÚ: - Eu daqui não saio. Só como prego em pau de ferro. Me arrebento dentro, mas não saio.

ABADE: - Fogo neles. Viva o Bom Jesus Conselheiro!

PONTO: - ... viva a república...

OFICIAL: - Viva a República!

PAJEÚ: - Esta é minha casa. Ninguém vai me tocá... Ceis tem é lambança. Esse troço de canhão é matadera de merda... o mar também ronca e eu mijo nele.

PONTO: - ... avante... pela Pátria!

OFICIAL: - Avante, pela Pátria! Viva Floriano!

ABADE: - Horra, essa República de bosta! Chega, seus maçon protestante, chega!

PAJEÚ: - Vem, cabrada safada, quero vê essa terra cheia de sangue até nas canela e urubu de laganera.

MQUADRADO: - Vem, seus porcos, o padreiro di'oceis é fêmea, mas o meu é macho. Mija de pe e não de coca. Vem, fijo da puta.

FLASH - JOÃO ABADE CANTANDO, ENTREMEADO COM O CÔRO.

MÚSICA: - Eu sou aquele que disse
e como disse não nego.
Levo faca, levo chumbo,
morro solto e não me entrego.

MÚSICA: - (continuação)

Dia minha mãe que eu nasci
num dia de quarta-feira;
quando foram me dar banho,
foi visto pela partera
que eu trazia na cintura
marca de cartuchera...

Meu nome é João Abade,
temido em todo o sertão.
Na calma so como ovelha,
na raiva viro leão...

O COMBATE DIMINUI DE INTENSIDADE ATÉ CESSAR COMPLETAMENTE.
SILÊNCIO DE NOITE NO CAMPO DE BATALHA. TRINCHEIRA DOS SOLDADOS ILUMINADA APENAS POR UMA FOGUEIRA.
DO OUTRO LADO, TRINCHEIRAS DOS JAGUNÇOS ILUMINADAS PELO LUSCO-FUSCO DE DUAS PEQUENAS FOGUEIRAS. MQUADRADO SOBE NUMA ELEVAÇÃO, MÃO EM CONCHA JUNTO À BOCA, GRITA PARA OS SOLDADOS: -

MQUADRADO: - Oh, Severino, Severinooo...

SILÊNCIO.

MQUADRADO: - Oh, José, Joséeeeeé... aresponde, José, aresponde...

SILÊNCIO.

PAJEÚ: - João, tá me ouvindo, João?

SILÊNCIO.

PAJEÚ: - Eh, João, sei que você tá aí. João, aresponde, tá me escutando?

PRAÇA JOÃO: - Tô ouvindo, sim. Que é que você quer?

PAJEÚ: - Gratô por atende. Onde vosmecê é?

JOÃO: - Sou lá de baixo, de São Paulo.

MQUADRADO: - É dos paulista, é dos pior. Cautela, Mestre Pajeú.

PAJEÚ: - Como é que tá aí do seu lado, irmão? Tem comida a farta?

JOÃO: - Mantimento tem a vontade, água é que escasseia um tanto.

ABADE: - Esse povareu que tá tudo aí é macaco ou praça?

PRIMEIRO PRAÇA: - Tá querendo sabê o' que, jagunço safado?

ABADE: - Perguntava por mal pergunta...

PAUSA.

MQUADRADO: - Ei, ocois, paulista, porque tão aqui mata-matando a gente?

PAUSA.

MQUADRADO: - Arresponde, paulista, porque tão aqui mata-matando a gente?

PRAÇA JOÃO: - Porque vosmecês querem acabar com a República?

PAJEÚ: - Nós só que vivê em paz...

MQUADRADO: - O povo do Conselheiro só que trabalhá em sossêgo.

PRIMEIRO PRAÇA: - Então o Conselheiro não quer derrubar o presidente?

ABADE: - O Bom Jesus só que que ninguém venha bolir com a gente de Belo Monte.

MQUADRADO: - Ocois tão morrendo à toa... Garanto que nem sabe o que é essa joça de República.

OUVEM-SE VOZES COMO NUM ECO.

VOZES: - Que é essa joça de República? Que é essa joça de República?
 MQUADRADO: - Arresponde, irmão, que é essa joça de República?
 PRAÇA JOÃO: - Eu não sei direito o que é essa República.
 PRIMEIRO PRAÇA: - Eu também não...

VOZES COMO NUM ECO.

VOZES: - Nem eu... nem eu...
 PRAÇA JOÃO: - Antes dessa guerra, eu nunca escutara coisa de República.
 VOZES: - nem eu... nem eu...
 ABADE: - Porque vossmecês num larga essas gente perversa das terra grande?
 PAJEÚ: - Deixa esses pessoa ruinoso do governo. Deixa.
 MQUADRADO: - Vem vivê aqui no Belo Monte com a gente. Larga esses governo do litorã. Vem aqui pra as fartura dos Canudos.
 PRAÇA JOÃO: - Tô na dúvida.
 PRIMEIRO PRAÇA: - Esse convite é pra valê?
 ABADE: - De devera, irmão, pode chegá, palavra de João Abade, comandante do povo, falando pelo Santo Conselheiro. Pode chegá.
 PAJEÚ: - Vem aqui, ceis será irmão pra nois, com as mesma benção do santo e morada ao pé da igreja nova. Chega, irmão.

O PRAÇA JOÃO, ACOMPANHADO DO PRIMEIRO PRAÇA E OUTROS SOLDADOS, SAI DA TRINCHEIRA. JOGAM ARMAS, ENCAMINHAM-SE CAUTELOSOS PARA O LADO DOS JAGUNÇOS. SURGE UM OFICIAL.

OFICIAL: - Vocês aí, aonde é que vão? Falem, seus desertores. Alto, traidores. Alto, voltem.

OS DOIS SOLDADOS VOLTAM PARA A TRINCHEIRA. O PRAÇA JOÃO CONTINUA A AVANÇAR.

OFICIAL: - Desertor, filho da puta. Toma.

O OFICIAL ATIRA. JOÃO CAI, MORTALMENTE FERIDO. ESCURECE. LUZ SÓ SOBRE JOÃO, QUE SE ARRASTA LENTAMENTE ATÉ ENTRAR NA SUA TRINCHEIRA, PEGA NO GIZ, AINDA NO CHÃO, E APOIANDO-SE NA PEDRA, LEVANTA-SE. OSCILANTE, COMEÇA A ESCREVER NA PEDRA: INICIA A ESCREVER NO CORAÇÃO POR LÉ MESMO HÁ POUCO DESLINHADO E VAI COM SUAS LETRAS COBRINDO O "VIVA A REPÚBLICA".
ESCREVE: - "M-E-R-D-E-A". NO "A" FINAL, CAI ESTENDENDO A PERNA DA LETRA ATÉ O CHÃO. MORRE. RECOMEÇA O COMBATE. VIOLENTO.

OFICIAL: - Artilharia, fogo!

TIROS. BARULHO DE COMBATE.

OFICIAL: - Infantaria, avançar. Viva Floriano, pela direita, pela Pátria. Ocupem o morro. Cavalaria, carga. Viva a República.

ENTRAM MAIS SOLDADOS. CERCAM OS JAGUNÇOS.

OFICIAL: - Eh, jagunços, vocês estão perdidos. O arraial está cercado.

PONTO: - ... o exército já...

OFICIAL: - O exército já tomou a rua da professora... as casa vermelhas caíram todas... se entreguem...

PAJEÚ: - Ó seu gafo, deixa de lambuja...

OFICIAL: - Garanto a vida de todos. Se entreguem. É o meu ultimatum. Vocês não tem mais comida. Se entreguem.

MQUADRADO: - Aqui ninguém come urtimatu. Tem passoca de sobra...

OFICIAL: - Rendam-se. Dou mais um minuto. Rendam-se.

ABADE: - Larga a falação, inseqüência. Aproveita o minuto prá se abanca pro outro lugar. Fogo nêle, irmãos. Viva o Bom Jesus!

RECRUDESCE O COMBATE. OS JAGUNÇOS SAEM DE SUAS COVA-TRIN-
CHEIRAS E RECUAM SEMPRE LUTANDO. O OFICIAL ATIRA EM PAJEÚ.
MQUADRADO SALTA A FRENTE DO CRIOULO E RECEBE NO PEITO A
BALA A ELE ENDEREÇADA. QUADRADO CAI. MORRE. PAJEÚ, AINDA
ATIRANDO, AJOELHA-SE, AMPARA O CORPO DE MQUADRADO.

MÚSICA: - Ao vê-lo que assim jazia, Sebastião solta um brado:
Ai de mim, ate que extremo, aqui me vejo chegado;
de aceitar com tua morte a vida que já desamo.
Mas espera, amigo, espera, não será por mais de ano.
Que o rei que sabe morrer, morre ao pé do seu vassalo.
Isto dizendo com mágoa, dum salto monta o cavalo.
Com furia se torna aos mouros, onde o combate é mais bravo.
Busca morrer, dando mortes, busca a morte, Sebastião;
É agora a hora, esta morte é salvação!

PAJEÚ ATIRA COM RAIVA; É ATINGIDO. CAI. MORRE. ABADE E
DOIS JAGUNÇOS ARRASTAM SEU CORPO. SOLDADOS OCUPAM AS
TRINHEIRAS DOS JAGUNÇOS. LUZ EM RESISTÊNCIA. SILÊNCIO.
FLASH. SILHUETA DO ABADE E DOIS JAGUNÇOS CONTRA A LUZ
DAS FOGUEIRAS, SAINDO LENTAMENTE, CARREGANDO CORPO DE PAJEÚ.

MÚSICA: - Me cortem, que eu nasço sempre
Sou que nem soca de cana...
Me cortem que eu nasço sempre
Sou que nem soca de cana...

CENA VI

PRIMEIROS ALBORES DA ALVORADA, ABADE E JAGUNÇOS CARREGAM
NUMA REDE O CORPO DE PAJEÚ. CAMINHAM DEVAGAR.
NO OUTRO LADO DO PICADEIRO, ENTRA O CONSELHEIRO COM
BEATINHO, A MORENA DE PAJEÚ, VELHA TIA BENTA E ROMEIROS.
ENCONTRAM-SE NO MEIO DO PICADEIRO. O CONSELHEIRO AJOELHA-SE
AO LADO DO CORPO DE PAJEÚ. SOFRE PROFUNDAMENTE. O CONSELHEIRO
LEVANTA-SE. SOBE NUMA ELEVACÃO. VÊ-SE SÓ A SUA SILHUETA
MARCADA EM LUZ. ALGUNS JAGUNÇOS AJOELHAM-SE.

CONSELHEIRO: - Irmão Pajeú, não sei de que vosmecê morreria;
uns me alertaram que foi de bala, outros que não seria;
Das coisas que vosmece gostava, não gosta mais:
cavalo galopeiro, lamparina de gas,
falar franco na frente, nunca negacear por trás;
da morena de olhos grandes e lábios finos
que está aqui no fim do seu destino,
de ajuda os pequeninos,
da querença de não ter forte prá bater no fraco,
da vida vivida sem alarma de sino:

Essas coisas, irmão Pajeú, eu garanto, vão ter continuação

MÚSICA: - Me cortem que eu nasço sempre
sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO: - Só sei que de morte degolada não foi que Mestre Pajeú chegou a este fim; por isso, aqui no Império de Belo Monte, ele vai continuar a viver: no jagunço que nasce, no romeiro que reza, no jagunço que luta, no umbuzeiro que cresce, na ave que voa...

CÔRO: - Me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO: - Até a hora do voltar... o irmão Pajeú e todos os que caíram: no Massete, no Caypan, no Chochorro, no Cambaio, nas bordas do Vaza-Barris, até a hora do voltar...

CÔRO: - Me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO: - Aqueles que são os mornos: nem frio, nem quente; ou os desgraçados que duvidam do sol e acreditam na tocha, esses eu vomito todos.

CÔRO: - Sou que nem soca de mana...

CONSELHEIRO: - Estava escrito que nestes anos, as águas iam ficar em sangue e o sol nalgum lugar se confrontar vai com a terra; e há de chover grande chuva de estrelas... e quando virdes os canudos sitiados, sabereis que está próxima a devastação. Ai, então, das que estiverem grávidas...

A MORENA DE PAJEÚ PROTEGE A BARRIGA.

CONSELHEIRO: - Ai das que amamentarem, porque haverá grande aflição na terra e ira contra o meu povo.

CÔRO: - Me cortem que eu nasço sempre, me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO: - Muitos cairão ao fio da espada e serão levados cativos por todas as nações.

CÔRO: - Sou que nem soca de cana, sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO: - Mas...

PONTO: - ... todas essas aflições serão recompensadas na vida eterna...

CONSELHEIRO: - ... no ano dos 900...

PONTO: - ... essas aflições serão recompensadas na vida eterna...

CONSELHEIRO: - ... num dos anos dos 1.900...

UM JAGUNÇO LEVANTA UMA TOSCA CRUZ, ONDE ESTÁ PENDURADO UM COURO À GUIZA DE PERGAMINHO.

CONSELHEIRO: - ... num dos anos dos 1.900, eu voltarei...

ENQUANTO FALA, O CONSELHEIRO DESENHA NO COURO UMA CRUZ. NA PARTE DE CIMA, DO LADO ESQUERDO, PÕE O NÚMERO "UM"; DO OUTRO LADO, O NÚMERO "NOVE". NOS DOIS LADOS DE BAIXO, ACRESCENTA DUAS INTERROGAÇÕES, UMA DE CADA LADO.

CONSELHEIRO: - Eu voltarei lá pelas bandas das terras baixas, lá pelos lados do sul... voltarei porque sou o alfa e o ômega...

O CONSELHEIRO DESENHA UM ALFA E UM ÔMEGA.

CONSELHEIRO: - E então os orgulhosos vão tremer, os poderosos vão ser destronados, os fartos serão despojados e nutridos os esfaimados...

BEATO: - (meio a parte) Num tá interessando essas coisa prá depois...

ABADE: - Quiet, irmão Beato.

BEATO (meio a parte): - Bem-aventurança prá depois num serve... De dantes, isso a igreja já apontava nas falação dos padre...

ABADE: - Cala, Beato, aqueta...

BEATO: - O Santo promateu mel e leite prá agora, não prá depois... Do que valeu então essas mortandade toda?

ABADE: - Nas hora do combate, vosmecê nunca foi dos primero...

BEATO: - Meu combate é outro, de mais valia...

BEATO SAI.

CONSELHEIRO: - ... e vou chegar numa nuvem de cerração com poder e grande glória, junto com Pajeú e o Rei D. Sebastião com todo o seu exército...

MÚSICA (CÔRO): - Montado no seu cavalo
num dia de cerração,
quem quiser pode esperá-lo
El Rei D. Sebastião...

CONSELHEIRO: - E então, nesse ano marcado, exultai e erguei vossas cabeças, porque o rei D. Sebastião vai enfiar sua espada encantada na pedra até os copos... (PAUSA)

PONTO: - ... e vai garantir com isso a salvação eterna de...

CONSELHEIRO: - E vai ~~me~~ tirar no fio da espada todos os que estiverem do lado da República...

PAUSA. A AUREOLA DE LUZ QUE ENVOLVE A SILHUETA DO CONSELHEIRO AUMENTA.

CONSELHEIRO: - Em verdade vos digo, irmãos, que esta geração não passará sem que isso aconteça. Passarão o céu e a terra, mas o que vos digo hoje, diante do corpo de Mestre Pajeú e na Anunciação da vinda d'El Rei D. Sebastião não passará.

OS JAGUNÇOS LEVANTAM E SAEM LENTAMENTE CARREGANDO O CORPO DE PAJEÚ.

MÚSICA: - Por três noites e três dias
haverá mil agonias
que eu aqui não vos direi.
Andara tudo de luto
Sem os campos darem fruto
sem se seguir a lei.

Nas profecias
dos modernos Isaías
há uma que diz assim:
com fé espere o povo por mim!

-O-O-O-O-

Se alguém duvida do dia
aqui lhe ponho os sinais:
como reza a profecia
como ela reza, não mais:
veras no céu um cometa
e do nascente,
segundo crê muita gente,

virá vindo a cerração
e depois dela desfeita
surgirá a boa seita:
D'El Rei D. Sebastião.
Montado em seu cavalo
num dia de cerração
quem quiser pode esperá-lo
El Rei D. Sebastião.

-O-O-O-O-

SUB-CENA. Mudança de CENÁRIO FEITA PELOS "PELUDOS" SOB ORDENS DO MESTRE DE CERIMÔNIAS E DO DOMADOR. VOUQUES, O PALEAÇO, AJUDA OS PELUDOS. ZECA TIBÉRIO, AGRESSIVO, APRESSA OS GAROTOS. DÁ UM SAFANÃO NUM DELES. REAGINDO, VOUQUES AVANÇA SOBRE ZECA, PONCIANO. O DOMADOR, INTERVÉM EM AUXÍLIO DE ZECA. VOUQUES E PONCIANO MEDEM-SE. VOUQUES VOLTA A ARRUMAR O CENÁRIO.

-O-O-O-O-

94

-17-

CENA VII

OS MUROS DA NAVE DA IGREJA NOVA EM RUINAS: SINO DEPENDU-
RADO NUMA COLUNA SEMI-DESTRUÍDA PELO FOGO. AO LADO, A PIA
BATISMAL, RACHADA, COM ÁGUA.
EM CONTINUAÇÃO A NAVE, MUROS DESTRUÍDOS PELOS COMBATES,
FORMANDO UM LABIRINTO QUE SE ESTENDE DA NAVE ATÉ O INÍCIO
DA BORDA DO PICADEIRO DE UM DOS LADOS, À ESQUERDA.
NA NAVE, O CONSELHEIRO, JOÃO ABADE E UM ROMEIRO. O CON-
SELHEIRO ESTÁ DE HÁBITO IMPECÁVELMENTE LIMPO E TEM UMA
CRUZ DE PRATA COM CORRENTE PENDURADA AO PESCOÇO; UMA CHAVE,
TAMBÉM DE PRATA, PRESA AO CORDÃO DA TÚNICA.
O ROMEIRO DORME DEITADO NO CHÃO. ABADE COCHILA APOIADO NA
NAVE.
O CONSELHEIRO NUMA RÊSTEA DE LUZ VELA.
UM VENTO LÚGUBRE, CICIANTE, AGITA AS VESTES. AO LONGE,
BARULHO DE TIROS DE ARTILHARIA.
ENTRAM PELO LABIRINTO DE MUROS, ÀS OCULTAS, BEATINHO,
SEGUIDO DE UM OFICIAL E DOIS PRAÇAS. ESQUEIRAM-SE POR
ENTRE AS PAREDES.
A ENTRADA DA NAVE, ESTACAM. BEATO ENTRA, OFICIAL E OS
PRAÇAS FICAM ESCONDIDOS, OBSERVANDO A NAVE.
CONSELHEIRO E BEATINHO ENCARAM-SE. PAUSA. MÚSICA.

CÓROR - Aquê!e que me falseia
come e bebe na minha mesa...

BEATO CAMINHA VAGAROSAMENTE ATÉ O CONSELHEIRO. ABADE TENTA
INTERPOR-SE ENTRE ELÊS. O CONSELHEIRO FAZ UM GESTO. ABADE
PARAÍ. BEATO CHEGA ATÉ O CONSELHEIRO, BEIJA-O NA FACE.
BEATO SAI POR UM LADO; MÚSICA.

CÓRO: - Aquê!e que me falseia
come e bebe na minha mesa...

ENTRAM O OFICIAL E UM PRAÇA.

OFICIAL: - Viva a República.

TIROS.

OFICIAL: - Morre, traidor.

ROMEIRO FOGE.

SUB CENA TÔDA EM SONHO. TIROTEIO CONTINUA. ABADE CORRE
PARA PROTEGER O CONSELHEIRO. O CONSELHEIRO CAI VAGAROSAMEN-
TE, DILUINDO-SE, FLUINDO PARA O CHÃO.

CONSELHEIRO: - Até quando, Senhor, clamarei e não me escutarás?

15
-18-

O CONSELHEIRO MORRE. ABADE CAI AO SEU LADO DIREITO. O OFICIAL TOMBA DO LADO ESQUERDO. OS TRÊS MORTOS COM OS BRAÇOS ABERTOS. O CONSELHEIRO UM POUCO MAIS ACIMA. O PRAÇA FOGÊ PARA AS RUINAS. RUÍDO DE VENTO AUMENTA. RELÂMPAGOS DE CIRCO. ESTRONDO DE BALA BATENDO EM SINO, COM ECO AGUDO, PROLONGADO.

SILÊNCIO.

ENTRA ISABEL, A DOIDA. TEM DUAS SINETAS NAS MÃOS. DANSA E CANTA APENAS A MELODIAS DE QUELQUER DAS MÚSICAS CANTADAS POR ELA ANTERIORMENTE. CIRCUNDA OS CORPOS, TILINTANDO AS SINETAS, COMO FAZEM OS COROINHAS. AJOELHA-SE, TOMA O CONSELHEIRO MORTO NOS BRAÇOS. PAUSA. SILÊNCIO.

ISABEL SAI BIMBALHANDO AS SINETAS.

ENTRÂM DOIS PRAÇAS. CHEGAM ATÉ OS CORPOS. TIRAM A CRUZ E A CHAVE DE PRATA DO CORPO DO CONSELHEIRO. DISPUTAM OS OBJETOS. TIRAM PAR OU IMPAR. O QUE GANHA AMARRA OS OBJETOS NUM LENÇO E ENFIA NO BOLSO DA FARDA ESTROPIADA. CLARIM DE VITÓRIA.

VOZ: - Viva a República.

VOZES: - Viva a República.

ACORDES DE HINO MARCIAL.

VOZ: - O general em chefe.

VOZES: - O general em chefe.

ENTRA O GENERAL EM CHEFE, SEGUIDO DE UM OFICIAL. OS PRAÇAS PERFILAM-SE. O GENERAL EXAMINA OS CORPOS, EMPURRA COM O PÉ O CADÁVER DO OFICIAL. OBSERVA ATENTAMENTE O CONSELHEIRO. FAZ UM GESTO. O OFICIAL SAI. PAUSA. RETORNA NUM SEGUNDO, TRAZENDO BEATINHO.

O GENERAL APONTA O CORPO DO CONSELHEIRO. BEATO OLHA COM DESDÉM.

GENERAL: - Então?

BEATO: - É o Santo, num tem dúvida.

GESTO DO GENERAL. O OFICIAL EMPURRA BEATO. BEATO SAI ESCOLTADO POR UM PRAÇA.

GENERAL: - Tirem os outros, tirem os outros, chus, chus, rápido.

AFASTAM OS DOIS OUTROS CORPOS. FICA SÓ O DO CONSELHEIRO.

FLASH DO GENERAL EM CHEFE.

GENERAL: - Pelo que ordenei que se passasse a verificar a exata identidade de pessoa...

PONTO: - ...tendo-se reconhecido...

GENERAL: - ...tendo-se reconhecido ser o corpo do famigerado Antonio Vicente Mendes Maciel, vulgo Bom Jesus Conselheiro, como consta de ata lavrada. Mandei-o fotografar para terem certeza de ser ele aqueles que o conheceram.

ENTRA UM PRAÇA COM UMA DESPROPORCIONAL MÁQUINA FOTOGRÁFICA TIPO CAIXÃO. PÕE O PANO PRETO SOBRE A CABEÇA, ENFOCA O CADÁVER DO CONSELHEIRO. EXPLODE O MAGNÉSIO COM ESTRONDO.

ESCURECE. PAUSA.

SURGE O TRADICIONAL RETRATO DO CONSELHEIRO, EM CONTRASTE NEGATIVO, PRESO POR DUAS CORDAS. COMEÇA A SUBIR LENTAMENTE. MÚSICA.

E cortaram a cabeça do Conselheiro e trouxeram num caixote de sal no selim de um animal.

Examinado o crânio, na capital, a ciência disse: normal!

O RETRATO FINDA A ASCENÇÃO. ESCURECE. SILÊNCIO.

SURGE UM QUADRO RÚSTICO ESCRITO. O QUADRO É ASSIM:

"E SE ALGUÉM FIZER QUALQUER ACRÉSCIMO ÀS VERDADES CONTIDAS NESTE DRAMA, DEUS LHE ACRESCENTARÁ OS FLAGELOS NELLE MES - CRITOS; E SE ALGUÉM TIRAR QUALQUER COISA, DEUS TIRARÁ DÊLE A SUA PARTE NA ARVORE DA VIDA".

PANO.

CENA FINAL COM OS ARTISTAS DO CIRCO.

À FRENTE DO PANO, SURGE ZECA TIBÉRIO, COM ROUPA DE MESTRE DE CERIMÔNIAS.

ZECA TIBÉRIO: - Prezado e seletto público. Aqui se encerra a apresentação do maravilhoso drama "A Guerra de Canudos", que o "Gran Circo Irmãos Tibério" espera tenha sido do vosso inteiro agrado.

Repetimos as desculpas pela apresentação de Vicente e Pedrão artistas que estrearam esta noite, garantindo que, nos próximos espetáculos não cometeram as perdoáveis falhas de hoje.

E agora, nossos artistas distribuirão - gratuitamente - suas fotos ao distinto público.

Muito obrigado e muitíssima boa noite.

ABRE-SE O PANO. MESMO CENÁRIO DA CENA DA MORTE DO CONSELHEIRO. NO PICADEIRO, ESTÁTICOS, VICENTE, NUM PLANO SUPERIOR; LOGO ABAIXO, PEDRÃO, E UM POUCO MAIS ABAIXO AINDA: ZEBEDEU. (ZEBEDEU TEM NAS MÃOS A PLUMA DE ESCREVER E SEU INSTRUMENTO DE TRABALHO COM FOGO).

PELAS ALAS LATERAIS DO PICADEIRO TÔDA A TROUPE - EM ROUPAS DE CIRCO - DESCE PARA O MEIO DO PÚBLICO E INICIA A DISTRIBUIÇÃO DOS FOTO-CARTÕES.

O CARTÃO DISTRIBUIDO AO PÚBLICO É ASSIM:

- NO LADO DA FRENTE, EM CIMA, OS DIZERES: "RETRATO DO ARTISTA VOUQUES". NO MEIO UM CÍRCULO DE PAPEL PRATEADO - DE PROTEGER CIGARROS, QUE REFLITA DEFORMANDO O ROSTO DE QUEM OLHAR. FLECHA INDICATIVA COM OS DIZERES: "ISTO É UM RESPELHO".

NO OUTRO LADO DO CARTÃO, ESTARÃO IMPRESSOS OS DIZERES: "VENDO ÊLE QUE A ESPADA VEM SOBRE A TERRA DEVE TOCAR A TROMBETA E AVISAR O POVO". Ezequiel, 33/4.

A DISTRIBUIÇÃO PROSSEGUE COM AS PORTAS DE SAÍDA PARA O PÚBLICO FECHADAS, ATÉ QUASE TODOS OS ASSISTENTES TEREM RECEBIDO OS CARTÕES.

SOM VIOLENTO DE TROMBETA AO FUNDO DO PICADEIRO. OS ARTISTAS PARAM A DISTRIBUIÇÃO, VIRAM-SE PARA O PICADEIRO INDICANDO-O AO PÚBLICO. FICAM ESTATICOS. SOA A TROMBETA. UMA SEGUNDA. E AINDA UMA TERCEIRA VEZ. ENTRA PELO ALTO DO PICADEIRO UM GRANDE COMETA DOURADO. PARA EM CIMA DE VICENTE. VICENTE DESCE ATÉ ZEBEDEU, PASSA A MÃO EM SEU ROSTO. DEMORA-SE NA BOCA, ZEBEDEU ESTREMECE. MURMURA PALAVRAS ININTELIGÍVEIS. RECUPEROU A VOZ!

ZEBEDEU ATIRA A PLUMA DE ESCRREVER, CORRE ATÉ A PIA, ENFIA NA AGUA SEU INSTRUMENTO INCENDIADO. AO APAGAR-SE, SURGE EM SUAS MÃOS UMA ESPADA.

MÚSICA SÓ ORQUESTRADA.

"Num dia de cerração"...

ZEBEDEU CORRE ATÉ O SINO, BATE VIOLENTAMENTE COM A ESPADA. VIRA-SE PARA A TROUPE.

ZEBEDEU: - É agora! É agora!

MAGDA, A PRIMEIRA BAILARINA, VOUQUES, O PALHAÇO, E UM DOS PELUDOS, CORRENDO, SALTAM PARA O PICADEIRO. VOUQUES, AO CORRER, DESVENCILHA-SE DA ROUPA DE PALHAÇO. TEM UM TRAJE SIMPLES POR BAIXO. VICENTE, ZEBEDEU, PEDRÃO, MAGDA, VOUQUES E O PELUDO, SAEM PELO LADO ESQUERDO DO PICADEIRO, ACOMPANHADOS PELO COMETA DOURADO. CESSA A MÚSICA "NUM DIA DE CERRAÇÃO"...

O RESTO DA TROUPE, SEM ENTUSIASMO, TERMINA A DISTRIBUIÇÃO DOS CARTÕES AO PÚBLICO.

VOZ (alto-falante): - Não percam nosso próximo espetáculo "A Morte do Capitão-Mor"... Não percam!

ABREM-SE AS PORTAS PARA O PÚBLICO.

F I M



POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL
D S G - SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

CÓPIA PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

DR IDIBAL ALMEIDA
RUA SENADOR PAULO EGÍDIO 15^a SALA 403
SÃO PAULO-SP

375

20-8-68

*Inferior
processo
21/8/68
Braga*

DEP. DE POLÍCIA P. B. PÚBLICA	
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES	
SECTOR - CENTRO DE MENSAGENS	
Recebido	20, 8, 68 Hr. 17 ²⁵
Encaminhado -	/ / Hr -
AS - <i>En</i>	

EM ATENÇÃO SEU RÁDIO DE 19-8-68 VG INFORMO
VOSSA SENHORIA QUE CERTIFICADO ET SCRIPT PEÇA "EVANGELHO
SEGUNDO ZEBEDEU" SEGUIU DIA 19 CORRENTE DR/DPF/SP VG RUA
PIAUI 527 ESSA CAPITAL PT SDS ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
CHEFE SCDP

8546

Muhlethaler



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340, p.103

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2354/70



PEÇA -III/ O EVANGELHO SEQUENDO ZERETEU /III-

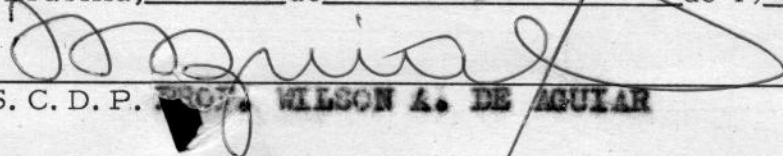
ORIGINAL DE CESAR VIEIRA

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 24 de MARÇO de 1975

Brasília, 24 de MARÇO de 1970

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS


Chefe do S. C. D. P. **PROF. WILSON A. DE AGUIAR**

66

CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340,p.104

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 74, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ O EVANGELHO SEGUNDO ZEREUDEU /:::-

Original de CESAR VIEIRA

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de TEATRO DO ONZE-SÃO PAULO - SP.

Tendo sido censurada em 23 de MARÇO de 19 70 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.-

-:::/ CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL /:::-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA -
PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 24 de MARÇO de 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

ILUSTRÍSSIMO SENHOR PROFESSOR WILSON A. DE AGUIAR - CHEFE DO SERVIÇO
DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

100
NO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
1A - SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

- 9 NOV 10 40 E 44456

RECEBIDO

PAULO SÁ produções artísticas, por seu diretor
abaixo assinado vem mui respeitosamente à presença de V. Sa. solicitar
a liberação da peça O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU de César Vieira, encena-
da a pouco tempo em São Paulo pelo Grupo Onze.

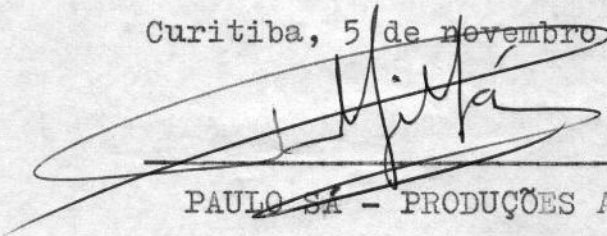
Solicitamos que o certificado e o texto censu-
rado nos seja enviado através o departamento de Censura do Paraná - Curi-
tiba.

Anexo, três textos e a devida autorização da
SBAT.

Nestes Termos

Pede deferimento

Curitiba, 5 de novembro de 1.971.-


PAULO SÁ - PRODUÇÕES ARTÍSTICAS



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

CURITIBA, 04 DE NOVEMBRO DE 1971

Nº 030/71-Pr.

A U T O R I Z A Ç Ã O

O ABAIXO ASSINADO, NA QUALIDADE DE REPRESENTANTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), NO ESTADO DO PARANÁ, PELO PRESENTE AUTORIZA A CENSURA DA PEÇA " EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" DE AUTORIA DE CÉSAR VIEIRA.

ATENCIOSAMENTE

S. B. A. T.

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Supersal do Paraná

ALBERTO G. CUNHA - REPRESENTANTE



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

CURITIBA, 04 DE NOVEMBRO DE 1.971

Nº..... 030/71-PR.

COPIA

A U T O R I Z A Ç Ã O

O ABAIXO ASSINADO, NA QUALIDADE DE REPRESENTANTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), NO ESTADO DO PARANÁ, PELO PRESENTE AUTORIZA A CENSURA DA PÉÇA " EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" DE AUTORIA DE CÉSAR VIEIRA.

ATENCIOSAMENTE

S. B. A. T.

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Seccional do Paraná

ALBERTO G. GUERRA - REPRESENTANTE



M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

105

TÍTULO O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

PARECER

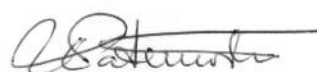
AUTOR - Cesar Vieira

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS

Peça censurada anteriormente e liberada com impropriedade para menores de 18 anos, conforme certificados nº 457/68 e 2354/70. A presente cópia é idêntica às demais existentes no processo.

Não há necessidade de se determinar os cortes indicados nos certificados já emitidos, uma vez que aquelas expressões foram suprimidas deste texto.

Brasília, 19 de novembro de 1971.


Teresa Paternostro
Cart. 029

Leve acrobacia com 13 termos de
parcerias - 18 anos, sem outras
restrições.

24.11.72

Paulinho

LIDERE - SE
com impropriedade para meno-
res de 18 anos
Brasília, 24/11/1972

Rogério Nunes

106

Mem. nº 984 / 71

Em. 29 / 11 / 71

De: Chefe do TCTC do SCDF

Ao: Sr. Chefe da TCDP-DE-DPF/ PR

Ass: Providências - Solicita -

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo - discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDF esteja de acordo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peca: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU
Autor: CESAR VIEIRA
Intre: PAULO SÁ-PROD.ARTISTICAS
Endrç: CURITIBA-PR.

Atenciosamente,

PAULO LEITE DE LACERDA

-TCTC -



BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340.p.III

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

107

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4.461/71

PEÇA / : : : O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU : : : /

ORIGINAL DE CÉSAR VIEIRA

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS

VÁLIDO ATÉ 25 de NOVEMBRO de 19 76

Brasília, 25 de NOVEMBRO de 19 71

Rogério Nunes

Chefe do S. C. D. P. **ROGERIO NUNES**

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

0340, p. 112

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 40, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada / O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU /

Original de CÉSAR VIEIRA

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de PAULO SÁ - PRODUÇÕES ARTÍSTICAS / CURITIBA/PR

Tendo sido censurada em 19 de NOVEMBRO de 1971 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS :::

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL /// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE
TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO
SCDP.

Brasília, 25 de NOVEMBRO de 19 71

Paulo Leite de Lacerda
PAULO LEITE DE LACERDA-SUBS

CH. DA SEÇÃO DE CENSURA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

Ilmo. SR. CHEFE DE CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL

DPF - SRA/BSB

BRASILIA

-2 JAN 09 53 000018

RECEBIDO POR

EU ANTONIO ARACILIO PETRIN

Residente a Rua (Av.) HONDURAS, 74 - STO. ANDRÉ

N.º

Apto.

Estado Civil CASADO

venho mui respeitosamente requerer á Vv. Ss. que se digne mandar censurar

a Peça: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

Autoria de: CEZAR VIEIRA

Trad. (Adap.)

Que será representada a partir do dia 20 | 3 | 73

na Cidade STO. ANDRÉ Estado SÃO PAULO

pelo Grupo ou Empresa GRUPO TEATRO DA CIDADE

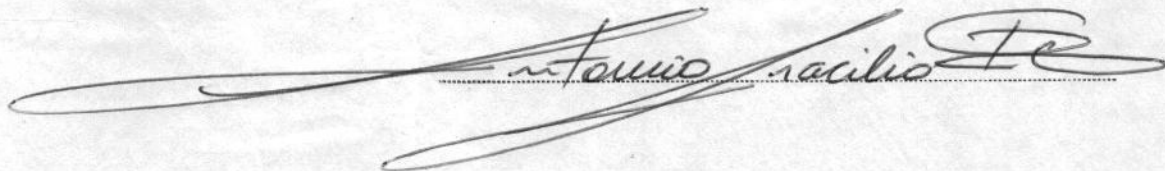
com Cobrança de Ingressos.

Junto segue 3 (Três) cópias do Texto.

& Autorização da SBAT N.º

Nos referidos termos

P. deferimento





Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

SÃO PAULO

~~Rio de Janeiro~~, 14 de DEZEMBRO

de 1972

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

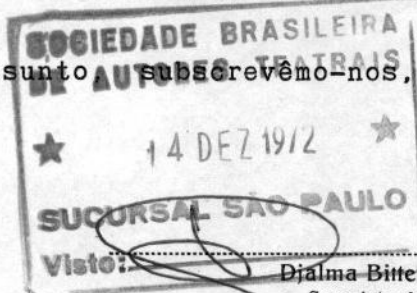
Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
"O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"

DE: CESAR VIEIRA = MÚSICAS DE: MURILO ALVARENGA JR.

próxima apresentação da GRUPO DE TEATRO DA CIDADE

no Teatro DE SANTO ANDRÉ = SÃO PAULO
com estréia marcada para o dia 20-3-73

Sem outro assunto subscrevemo-nos, com a maior
consideração,



Djalma Bittencourt
Superintendente

MCÉSAR: -A Infantaria quer que seu chefe a comande em condições de superioridade. O chefe não é um igual. O infante sabe...

TAMARINDO: -(a parte) Epilético filho da puta → **I CORTES**

MCÉSAR: -... reconhecer seu comandante sem precisar olhar-lhe os galões.

PONTO: -... e além disso, coronel, hoje...

MCÉSAR: -E além disso, coronel, hoje, ao inspecionar o acampamento, encontrei as instalações sanitárias em péssimo estado. E quando visito uma casa e encontro um local dêsses imundo, firmo logo conceito: é casa mal orientada e mal dirigida.

TAMARINDO: -Pois eu, meu coronel, quando vejo uma casa arder, não me preocupo com a latrina.

MCÉSAR: -Dê sua opinião, Cel. Pedro Nunes Tamarindo, quando esta fôr solicitada, entendido?

TAMARINDO: -(meio a parte) Epilético filho da puta. → **I CORTES**

MCÉSAR: -Disse alguma coisa, coronel?

TAMARINDO: -Concordava, não há motivo para disputa.

PAUSA.

MCÉSAR: -Senhores!

MCÉSAR SOLENE, OS OFICIAIS PERFILAM-SE.

MCÉSAR: -Senhores, como todos sabem, estou muito doente. Há dias não me alimento, mas amanhã, almoçar em Canudos.

OFICIAIS: -Amanhã?!?!!

MÚSICA "VAI VAI INFANTARIA" COMEÇA A SOAR BAIXINHO:

MCÉSAR: -Vamos atacar Canudos amanhã, pela madrugada. O plano é este

MÚSICA MAIS ALTO.

MCÉSAR: -A cavalaria descerá pelo outeiro da favela, com a cobertura da artilharia, sob o comando do Capitão Salomão e eu mesmo cairei sôbre o arraial a frente do sétimo.

PONTO: -...Canudos será...

MCÉSAR: -Canudos será tomada sem se perder um só homem. Alguma dúvida, Senhores?

SILÊNCIO.

OS JAGUNÇOS SAEM.

MÚSICA: -Nuvem do céu hã de vir...
Pros inimigos destruir...

CENA III

FLASH - MOREIRA CÉSAR ESPADA À MÃO.

MCÉSAR: -Avante, sétimo. Avante. Pela Pátria. Não dai quartel.
Artilharia, fogo. Avante.

RUÍDO DE LUTA. APITOS. TIROS.

VOZES. - (Jagunços) - Vem, soldado safado.
Chega, cachorro da República.
Arreda Viva o Conselheiro!

TIROS. SINOS.

MCÉSAR: -Parem, lutem, covardes, lutem.

TIROS.

VOZES: -(soldados) - Milagre! Milagre! Tã descendo nuvem do -
céu prá nos matã! Milagre!

BARULHO. TIROS.

MCÉSAR: -Milagre ~~merda~~ nenhuma. É mosquito. Parem, covardes.

MCÉSAR CAI FERIDO NA BARRIGA.

ESCURECE.

CHEGAM ATÉ MCÉSAR CAIDO, TAMARINDO, OUTROS OFICIAIS.
BARULHO DE COMBATE DECRESCCE.

MCÉSAR: -Me pegaram... mas não é nada... coisa àtoa...

FAZ UM MOVIMENTO. OFICIAL AJOELHA-SE, APOIA A CABEÇA -
DO CHEFE NO PEITO.

MCÉSAR: -Que lugar é este?

OFICIAL: -Acho que é a "Fazenda Velha"... mais cem jardas e está
vamos dentro do arraial.

TAMARINDO: -É a "Fazenda Velha", no sítio das Umburanas.

OFICIAL: -Que ordena agora, meu coronel? Que fazer?

MCÉSAR: -Que fazer? Continuar a luta. Lutar até o último homem.

TAMARINDO: -Não tem mais quase nenhum.

MCÉSAR: -E o capitão Salomão?

OFICIAL: -Morto.

MCÉSAR: -Morto?

PONTO: --... morreu como um herói...

OFICIAL: -Morreu como um herói, caiu dizendo: "onde fica a bateri
a, fica seu capitão".

MCÉSAR: -Era um homem...

MCÉSAR GEME. CONTORCE-SE.

TAMARINDO: -Creio, coronel, que devemos recuar...

MCÉSAR: -Recuar? O sétimo não recua nunca. Mantenha posição, co-
ronel Tamarindo, mantenha posição...

OFICIAL: -É difícil, meu coronel, impossível...

MCÉSAR: -É uma ordem. Mantenha posição... até o último. Reforços
vem aí... mantenha posição...

TAMARINDO: -(a parte para o oficial): - Assumo o comando, o homem
não se aguenta mais.

OFICIAL: -Como?

TAMARINDO: -Mande tocar o "retirar".

PONTO: UM OFICIAL SAI.

TAMARINDO: -Meu coronel, é melhor que...
OUVE-SE O TOQUE DE RECUAR.

MCÉSAR: -Toque de retirada?!! Quem mandou?... ai... covardes...
Estou morrendo, mas não compactuo com essa felonía...

ai... é desonrar minha carreira. Mancha meu nome, profa
na os penachos do sétimo.

TOQUE DE RECUAR MAIS PERTO. AGUDO. MCÉSAR CONTRAI-SE.

MCÉSAR: -Eu... não aceito...comigo...morre a...república...

MCÉSAR MORRE. OFICIAL DEIXA O CORPO CAIR. LEVANTA-SE.
OS OFICIAIS FICAM DE PÉ. OBSERVAM O CHEFE MORTO.

TAMARINDO: -(a parte) Eu sabia que essa bosta ia estourar nas mi-
nhas costas.

OFICIAL: -Que ordens tem, meu comandante?

TAMARINDO: -Debandar! Em tempo de murici, cada um cuide de si.

TODOS SAEM CÉLERES, CADA UM POR UM LADO.

LUZ EM RESISTÊNCIA.

CORTES

MQUADRADO: -Venham, seu praças veacos. Quanto mais vierem, mais morrem.

PAJEÚ: -Eu daqui não saio. Sô como prego em pau de ferro. Me arrebento dentro, mas não saio.

ABADE: -Fogo neles. Viva o Bom Jesus Conselheiro!

PONTO: -...viva a República!...

OFICIAL: -Viva a República!

PAJEÚ: -Esta é minha casa. Ninguém vai me tocã...Ceis tem é lembrança. Esse troço de canhão é matadora de merda...o mar também ronca.

PONTO: -...avante...pela Pátria!

OFICIAL: -Avante, pela Pátria! Viva Floriano!

ABADE: -Chega, seus maçon protestante, chega!

PAJEÚ: -Vem, cabrada safada, quero vê essa terra cheia de sangue até nas canela.

MQUADRADO: -Vem, seus porco, o padroero d'oceis é fêmea, mas o meu é macho.

FLASH - JOÃO ABADE CANTANDO, ENTREMEADO COM O CÔRO.

MÚSICA: -Eu sou aquêile que disse
e como disse não nego.
Levo faca, levo chumbo,
morro solto e não me entrego.

Diz minha mãe que eu nasci
num dia de quarta fêra
quando foram me dá banho,
foi visto pela partera
que eu trazia na cintura
marca de cartuchera...

Meu nome é João Abade,
temido em todo o sertão.
na calma sô como ovelha,
na raiva viro leão...

O COMBATE DIMINUI DE INTENSIDADE ATÉ CESSAR COMPLETAMENTE. SILÊNCIO DE NOITE NO CAMPO DE BATALHA. TRINCHEIRA DOS SOLDADOS ILUMINADA APENAS POR UMA FOGUEIRA:

CONT:

CORTES

S. C. T. C.

TÍTULO: O EVANGELHO SEGUNDO YEBEDEU
GÊNERO: PEÇA

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : SIM

Cls. Estária anterior: 18 anos

Praça: SANTO ANDRÉ - SP

DF. 02.10.1.73

[Assinatura]
Chefe do Arquivo

4) CHEFE S. C.

Sa via DCTP
Conforme parecer
de fls. 9-
dezoito anos.
Em 11.1.73

[Assinatura]
11

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Helle

Técnico de Censura: _____

Técnico de Censura: _____

Data para Exame: de 08.10.1.73 a 10.01.1.73

OBS: CONFRONTO

DF. 05.10.1.73

[Assinatura]
p/ Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Emitiu certificados de
conformidade com o anexo
disposto:

1. Quantidade: 2 (dois)
2. Naturaliza: Mais Vias
3. Grupo: Grupo de Teatro da
- Cidade de Santo André-SP
4. Local p/ encami: SR/SP
5. Impropriedade: 18 anos
- com os arts. anexoados nos
- Pags. 32, 35, 36 e 42.
6. Prazo validade: 25/11/76

Em 11/01/72

[Assinatura]
p/ SAC

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 11.1.1973

[Assinatura]
Rogério Nunes



SR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340, p.120
116
02/11

M.J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU- De Cesar Vieira

PARECER Nº 176/73

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos

ESPÉCIE Teatro
COM CORTES? sim
BOA QUALIDADE +
LIV P/ EXPORTAR? +
DUBLADO? +
LEGENDADO? +
VED EXPL COMERCIAL? não

CENAS Somente à vista do ensaio geral

ENREDO Retrata alguns fatos relacionados com a guerra dos Canudos, baseados em trechos históricos.

ÉPOCA Início da República.

GÊNERO Histórico

LINGUAGEM Quase sempre rústica.

MENSAGEM Informativa

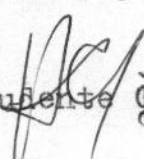
PERSONAGEM Ns Variados

TEMA A liderança de Antonio Conselheiro sobre os jagun-
cos.

OBS: 1. CORTES. pg. 32,35,36 e 42. (alguns palavrões)
2. CONCLUSÃO.

Obra diversas vezes liberada por este Serviço com a impropriedade para os menores de 18 anos. Dada a total identidade entre os textos proponho a manutenção do mesmo critério liberatório.

Brasília, 10 de janeiro de 1973.

Hellé Prudente  Carvalho

117

~~102~~

010/73-SG/DOCP

11 JANEIRO

3

SUPERINTENDENTE REGIONAL/SP

" O EVANGELHO SEFUNDO ZEBEDEU"

CÉSAR VIEIRA

: SUPERINTENDENTE,

TEATRO DE SANTO ANDRÉ - SP

César Vieira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

AGENCY NAME :

457/73

: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

CÉSAR VIEIRA

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

25 NOVEMBRO

76

11

JANEIRO

73

- ROGÉRIO NUNES -

01

15

: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

: CÉSAR VIEIRA

COM CORTES

GRUPO DE TEATRO DA CIDADE - SP -

10

JANEIRO

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, COM CORTES ASSINALADOS ÀS PÁGINAS: 32-35-36-42. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO / DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: ANTONIO ARACILIO PETRIN

11

JANEIRO

73

MH

Deusdeth Burlamaqui
- DEUSDETH BURLAMAQUI -

SRA/FICHA 66
MJ-DFP-SRA/BSB

19 SET 11 32 25 054629

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR

Em 17 / 9 / 1975

Of. nº 604/75 -SCDP-SR/RJ

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto CENSURA DE PEÇAS

Ref. prot. 37.903/75 -

Peça....O. EVANGELHO, SEGUNDO, ZÉBEDEU

FICHA DO
S.A. DCDP

Autor Cesar Vieira

Guia da SBAT...16 de setembro de 1975

De ordem
ao arquivo
em 19/09/75Ruth Negales
Chefe do S.A./DCDP

Senhor Diretor:

Para fins de exame censório, encaminho a es-
sa DCDP, em 3 (tres) vias, o texto da peça acima referenciada
e, na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria os protestos de /
minha estima e elevado apreço.

Chefe do SCDP - SR/RJ



MU-DFP - BR/RJ

16 SET 15 30 12 037903

RECEBIMENTO

SNA/FICADO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS FEDERAIS ISOLADAS DO ESTADO DA GUANABARA
ESCOLA DE TEATRO

OF.ET. 0101/75

Em 04 de setembro de 1975

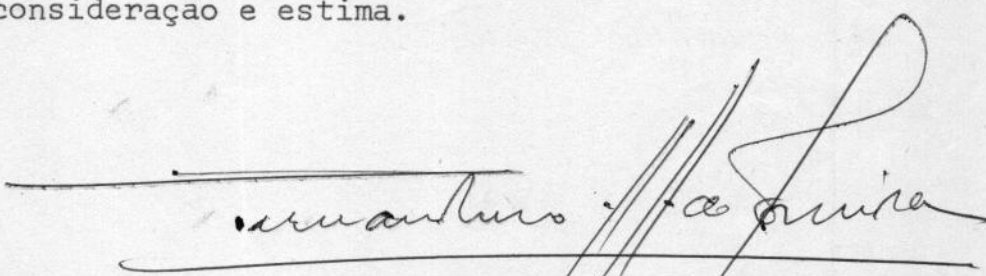
Do Diretor da Escola de Teatro
Ao Diretor do Departamento de Censura e Diversões Públicas
Assunto Solicita censura da peça "O Evangelho Segundo Zébedeu"

Senhor Diretor:

Solicito a Vossa Senhoria a gentileza de mandar cen
surar o texto da peça "O EVANGELHO SEGUNDO ZÉBEDEU" de Cesar Viei
ra.

A referida peça, uma vez liberada, será dentro em
breve montada pelos alunos, nesta Escola de Teatro.

Na oportunidade renovo a Vossa Senhoria meus protes
tos de elevada consideração e estima.


Pernambuco G. S. de Oliveira
Diretor

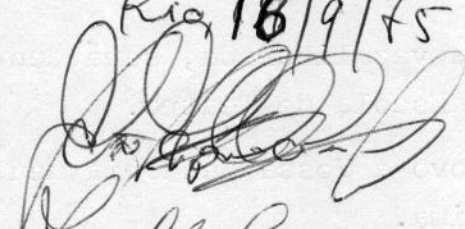
Ao
Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento
de Censura e Diversões Públicas
N E S T A

AC.ac

Em anexo: 3 (três) vias do texto.

Ao Cadastro
 Para verificação
 de seu registro,
 L, 16/9/75
 Valente

Do Cadastro:
 Informe para o Devoluto
 fino, que a peça em tela não
 possui registros neste SCDP.

Rio, 18/9/75

 Ficaaldo Pereira.

A Secretaria
 Para encaminhar
 a Brasília.
 L, 17/9/75.
 Valente



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

122

Rio ,16 de Setembro de 19 75

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasília D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
para fins de CENSURA, tres copias da peça

O ENVANGELHO SEGUNDO ZÉBEDEU

Original de CESAR VIEIRA

Tradução de _____

Próxima apresentação de DA ESCOLA DE TEATRO DA FEFIEG

Teatro DA FEFIEG Cidade RIO DE JANEIRO

Estado RJ.

A estréia está prevista para 2ª Quinzena de Outubro de 1975

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,



TEATRO

TÍTULO 4 O EVANGELHO SEGUNDO ZÉBEDEU 4

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordemClas. Anterior 18 anos / cortePraça RIODE JANEIRO - RJ

Obs.: _____

DF. 22, 09, 75

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. A Seção de Expedientes, para conforme parecer nº 8258-75, expedir certificado com impropriedade para menores de 18 anos, com cortes. Todavia, con-
 dicionado ao exame do ensaio geral.
 2 - Encaminhar-se-á Ofi-
 cia do SE.

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer processo anteriorEm, 06/ out. / 1975
C. A. F. de
 PI Rogério Nunes

Flórida 11 de Outubro de 1975
 Sub. +
 Seção de Censura de



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340, p. 129

PARECER Nº 8258 / 75 124

TÍTULO: "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"
Especie: Texto teatral.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS, com CORTE

O texto em apreço mantém semelhança "ipsis litteris" com um dos originais respectivos que se encontram em nosso Arquivo, pelo que menciono a liberação deste com impropriedade até 18 anos, feitos os cortes assinalados às págs. 28, 33,

Brasília, 29 de setembro de 1975

José do Carmo Andrade
JOSÉ DO CARMO ANDRADE

MOREIRA CÉSAR: Não interrompa. Não quero aguardante em minha tropa nem prá remédio.

TAMARINDO: Não posso ser responsabilizado por...

MOREIRA CÉSAR: Sua ordenança esteve ontem na Fazenda Cachimbé e trouxe para o acampamento mais de dúzia de garrafas de mandureba. Repito: não admito álcool em minha tropa e muito menos que meus oficiais façam uso dele. O infante é o melhor dos soldados quando tem um bom chefe. Não esqueça, Coronel Tamarindo, que se algo me suceder, o senhor é quem assume o comando, deve dar o exemplo.

PONTO: ... a infantaria quer que...

MOREIRA CÉSAR: A infantaria quer que seu chefe a comande em condições de superioridade. O chefe não é um igual. O infante sabe...

TAMARINDO: (A PARTE) Epilético ~~filho da puta.~~ — CORTE

MOREIRA CÉSAR: ... reconhecer seu comandante sem precisar olhar-lhe, os galões.

PONTO: ... e além disso, coronel, hoje...

MOREIRA CÉSAR: E além disso, coronel, hoje, ao inspecionar o acampamento encontrei as instalações sanitárias em péssimo estado. E quando visito uma casa e encontro um lolocal desses imundos, firmo logo conceito: é casa mal orientada e mal dirigida.

TAMARINDO: Pois eu, meu coronel, quando vejo uma casa arder, não me preocupo com a latrina.

MOREIRA CÉSAR: Dê sua opinião, coronel Nunes Tamarindo, quando esta for solicitada, entendido?

TAMARINDO: (MAIS A PARTE) Epilético ~~filho da puta.~~ — CORTE

MOREIRA CÉSAR: Disse alguma coisa, coronel?

787/75-SCTC/SC/DCDP

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/RJ

"O EVANGELHO SEGUNDO ZÉBEDEU"

"CESAR VIEIRA"

Chefe:

Rio de Janeiro-RJ

CV

/fmfn.

457/75

• O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

• CÉSAR VIEIRA

PROIBIDO PARA
18
MENORES DE
DEZOITO ANOS

03 OUTUBRO 80
03 OUTUBRO 75
Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

: CÉSAR VIEIRA

COM CORTES

ESCAL DE TEATRO DA FEFIEG - RJ -
PERNAMBUCO G.S. DE OLIVEIRA

03 OUTUBRO

75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES ASSI-
NALADOS ÀS PÁGINAS: 28-33- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRE-
SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DE
VIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

03

OUTUBRO

75

Coriolano de L. C. Fagundes

CORIOLOANO DE LOIOLA C. FAGUNDES



MJ-DPF-SRA/BSB

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PIAUÍ

012626

SRA FI 1109

Ofício N.º 151/SCDP/SR/PI

Teresina, 22 de março de 1976

FICHADO
S. A. DCDP

De ordem
a S. Leatro
em 240376

Ruth Nogueira
Chefe de SA/DCDP

Senhor Diretor

Em anexo, encaminho a V. Sª para fins de censura prévia, 3 (três) Scripts da peça teatral "O EVANGELHO SEGUNDO / ZEBEDEU", autoria de César Vieira, juntamente com requerimento firmado por TARCISO PRADO e autorização da SBAT.

Na oportunidade, renovo a V. Sª protestos de elevada estima e distinta consideração.

Bel. Sérgio Maciel Valim
Superintendente Regional

Ilmº Sr.
Dr. Rogério Nunes
MD. Diretor da DCDP/DPF
Brasília DF

TL.

Ilmo. Sr.

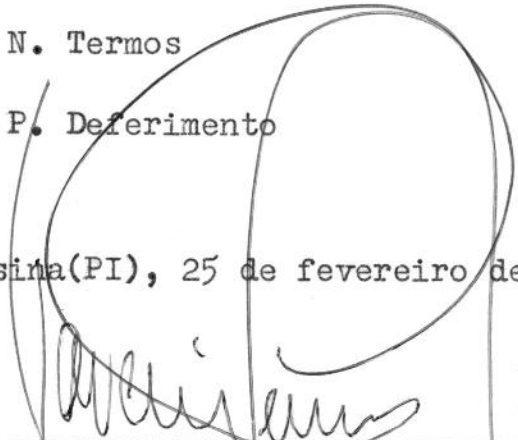
Diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas

TARCISO PRADO, brasileiro, casado, residente e domiciliado em Teresina (PI), à Rua Pernambuco 1266, coordenador do Grupo de Teatro TESTE, em atividades nesta capital, vem requerer a V. S. a liberação da peça teatral "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" de César Vieira, a ser representada pelo grupo acima citado.

N. Termos

P. Deferimento

Teresina(PI), 25 de fevereiro de 1976

 
Tarciso Prado * Coordenador do TESTE

Ilmo. Sr.

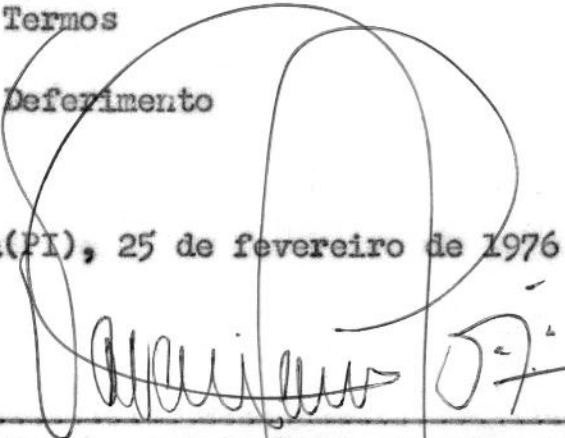
Diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas

TARCISO PRADO, brasileiro, casado, residente e domiciliado em Teresina (PI), à Rua Pernambuco 1266, coordenador do Grupo de Teatro TESTE, em atividades nesta capital, vem requerer a V. S. a liberação da peça teatral "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" de César Vieira, a ser representada pelo grupo acima citado.

N. Termos

P. Deferimento

Teresina(PI), 25 de fevereiro de 1976


Tarciso Prado - Coordenador do TESTE

Ilmo. Sr.

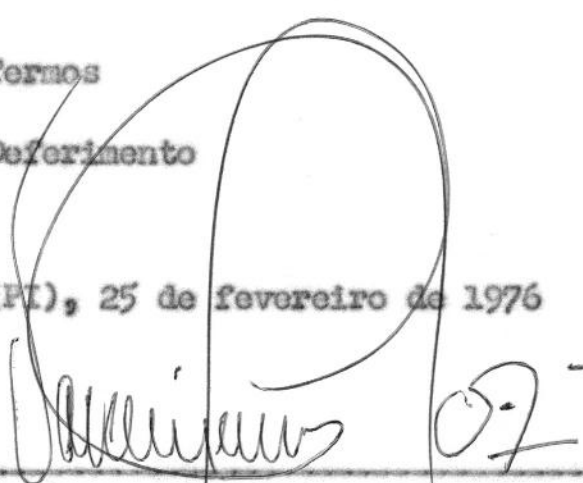
Diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas

TARCISO PRADO, brasileiro, casado, residente e domiciliado em Teresina (PI), à Rua Pernambuco 1266, coordenador do Grupo de Teatro TESTE, em atividades nesta capital, vem requerer a V. S. a liberação da peça teatral "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" de César Vieira, a ser representada pelo grupo acima citado.

N. Termos

P. Deferimento

Teresina(PI), 25 de fevereiro de 1976


Tarciso Prado - Coordenador do TESTE



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

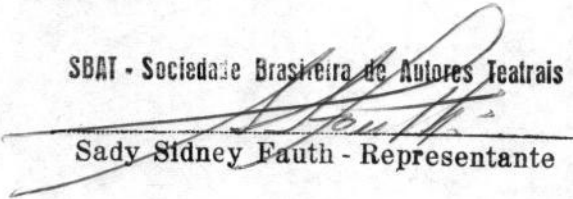
Rio de Janeiro — Brasil.

A U T O R I Z A Ç Ã O

Autorizo ao Ilmo. Sr. Diretor do Departamento de Censura e Diversões Públicas do Distrito Federal, submeter a exame censório a peça teatral " O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU", de César Vieira, sob direção geral de Tarciso Prado.

Teresina(PI), 25 de fevereiro de 1976

SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais


Sady Sidney Fauth - Representante

TEATRO

TÍTULO O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEUCésar Vieira

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 ANOS - c/cortesPraça TERESINO - PI

Obs.: _____

DF. 1 5 14 176

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, com cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: cortes indicados as fls. 19.

Brasília-DF, 02 de junho de 1976

Maria Antônia R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE - 18 anos
na forma do parecer c/cortes
Em, 03 / junho / 1976 'processo anterior'

PARECER Nº 3261 176TÍTULO: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU - De Cesar VieiraCLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS COM CORTES

CONDICIONADA AO ENSAIO GERAL

Informo que após a leitura do texto da peça "O Evangelho Segundo Zebedeu" da autoria de Cesar Vieira, concluí pela identidade de textos, face o que proponho a mesma impropriedade e, os mesmos cortes estabelecidos anteriormente e assinalados à folha 19.

Brasília, 27 de maio de 1976

Myrtes Nabuco de Oliveira
Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes

COM CORTES

19

136

TAMARINDO (A parte) - Epilético (filho da puta.) *Cont*

MORIERA CÉSAR - ... reconhecer seu comandante sem precisar olhar-lhe os galões.

PONTO - ...e além disso, coronel, hoje...

MOREIRA CÉSAR - E além disso, coronel, hoje, ao inspecionar o acampamento, encontrei as instalações sanitárias em péssimo estado. E quando visito uma casa e encontro um local desses imundos, firmo logo conceito: é casa mal orientada e mal dirigida.

TAMARINDO - Pois eu, meu coronel, quando vejo uma casa arder, não me preocupa com a latrina.

MOREIRA CÉSAR - Dê sua opinião, Cel. Nunes Tamarindo, quando esta for solicitada, entendido?

TAMARINDO (Mais a parte) - Epilético (filho da puta.) *Cont*

MOREIRA CÉSAR - Disse alguma coisa, coronel?

COM CORTES

TAMARINDO - Concordava, não há motivo para disputa.

PAUSA.

MOREIRA CÉSAR - Senhores!

MOREIRA CÉSAR SOLENE, OS OFICIAIS PERFILAM-SE.

MOREIRA CÉSAR - Senhores, como todos sabem, estou muito doente. Há dias não me alimento, mas amanhã, vou almoçar em Canudos.

OFICIAIS - Amanhã!?!?

MÚSICA "VAI INFANTARIA" COMEÇA A SOAR BAIXINHO.

MOREIRA CÉSAR - Vamos atacar Canudos amanhã, pela madrugada. O plano é este.

MÚSICA MAIS ALTO.

MOREIRA CÉSAR - A cavalaria descenderá pelo outeiro da favela, com a cobertura artilharia, sob o comando do Capitão Salomão e eu mesmo cairei sobre o arraial a frente do sétimo.

PONTO - ...Canudos será...

MOREIRA CÉSAR - Canudos será tomada sem se perder um só homem. Alguma dúvida, Senhores?

SILÊNCIO.

MOREIRA CÉSAR - Então, aos preparativos.

MÚSICA -

Vai, vai, vai, infantaria...
vem, vem, vem, infantaria...
Avante, avante, infantaria...
É o sétimo batalhão de infantaria,
Vai, vai, vai, infantaria...
Moreira César, nosso chefe, nosso guia.

C E N A II

(Grupo de Jagunços em preparativos para o combate. Estão: o Conselheiro, João Abade, Pajeú, Manoel Quadrado e outros. Pelo chão, sacos e cordas.)

137

413/76-SCTC/SC/DCDP

03/6/78

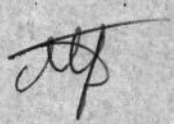
Superintendente Regional do DPF no Piauí-SR/PI

"O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"

Cesar Vieira

Superintendente:

Teresina-PI



COM CORTES
457/76

O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

CÉSAR VIEIRA

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

Comissão de L.C. Figueiredo
ROGÉRIO NUNES

: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

: CÉSAR VIEIRA

COM CORTES

: GRUPO DE TEATRO TESTE - PI -
TARCISO PRADO

02 JUNHO

76

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES ASSI-
NALADOS À PÁGINA 19. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE
CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMEN
TE CARIMBADO PELA DCDP.

02 JUNHO

76

mhf

IMPRÓPRIO PARA MEMÓRIAS
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

GRUPO INDEPENDENTE DE TEATRO AMADOR

Fundado em Agosto de 1973
Registrado no Cartório Melo Junior no Livro
A-1, Fl. 312, do Registro Civil de Pessoas Jurídicas
C. G. C. 06.816.128/0001
Rua Rocha Lima, 502
FORTALEZA - CEARÁ

Fortaleza, 24 de novembro de 1976

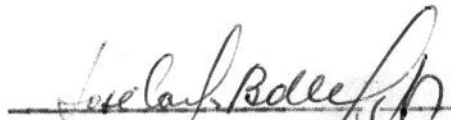
ILMO. SR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS
do DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
BRASÍLIA - D.F.

Prezado Senhor,

Vimos solicitar de V.Sa. que se digne em mandar proceder à competente censura no texto teatral "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU", de autoria de César Vieira e que será encenado em Fortaleza sob nossa responsabilidade.

Solicitamos também de V.Sa. a gentileza no sentido de que a tramitação do referido texto junto aos setores deste Departamento ocorra dentro dos menores espaços tempo possíveis, pois, é vontade nossa, moldada pelas disponibilidades dos teatros existentes na cidade, estreá-lo no próximo dia 13 de janeiro de 1977.

Atenciosamente,



José Carlos B. de Matos

- presidente -



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil

140

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 4/74-GB Nº 3278

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de

17-5-1962, a representação da peça teatral: OEVA Y EL HO SEGUNDO

Original de CEZAR VIEIRA

Música de _____

Tradução de _____

No Teatro ENICETUR Cidade FOR

Empresa _____ Pela Cia. _____

nos dias _____

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de _____ %

_____ da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr\$ _____ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Fortaleza 22 de novembro de 19 76

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[Assinatura]
(pela SBAT)

TEATRO

141

TÍTULO O EVANGELHO SEGUNDO LUCASCesar Vieira

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 ANOS - C/cortesPraça FORTALEZA - CC

Obs.:

DF. 1 / 10 / 12 / 1976[Signature]
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

[Signature]
Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP,
tendo em vista tratar-se de _____
o qual os censores propõem a classificação
etária de _____

Brasília-DF, ____ de ____ de 19 ____

Em ____ de ____ de 1.97 ____

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados,
com a classificação: impróprio para menores
de 18 (dezoito) anos, com cortes e
com os dados constantes do requerimento de
Pensur, condicionada ao exame
do ensaio geral. Obs.: Cortes as fs. 19

Brasília-DF, 30 de dezembro de 1976[Signature]
Maria [Signature] D. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de ____ de 1.97 ____

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

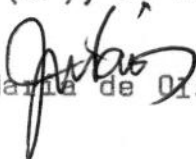
LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: 18 anos (18 anos)

Brasília-DF, 08 / 01 / 77[Signature]
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

PARECER Nº 70 47 1 76TÍTULO: "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" (Confronto)CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) anos c/ CORTESAutor: César Vieira

Procedendo ao confronto do texto supramencionado com os constantes do processo, verificamos que alguns diálogos foram suprimidos, sem contudo, alterar em essência seu conteúdo. Opinamos pela liberação com a impropriedade estabelecida anteriormente, com os cortes assinalados na folha 19 e 21. Condicionada ao ENSAIO GERAL.

Brasília (DF), 30 dezembro de 1976.


Jeanete Maria de Oliveira Farias

1435/76-SCTC/SC/DCDP

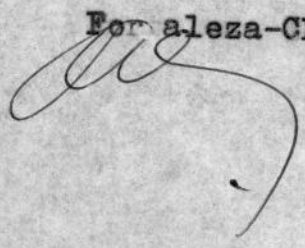
Superintendente Regional do DPF no Ceará

"O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"

Cesar Vieira

Superintendente

Foraleza-CE



1

O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

COM
CORTES
457/77

O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

CÉSAR VIEIRA

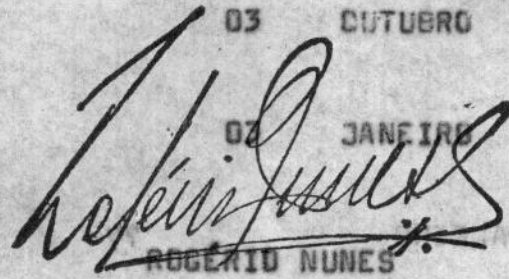
IMPROPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

03 OUTUBRO

80

07 JANEIRO

77


 ROGÉRIO NUNES

: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

: CÉSAR VIEIRA

COM CORTES

GRUPO DE TEATRO TESTE - PI -

30

DEZEMBRO

76

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES ÀS

FLS. 19. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

03

JANEIRO

77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO



MJ-DEF-SRA/BSB

-3 FEV 1978 004119

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SRA

Ofício nº 10/77-SCDP/SR/CE

Fortaleza, 31 de janeiro de 1977

De: Chefe do SCDP/SR/CE

Ao: Diretor da DCDP

Assunto: Encaminhamento da Estatística Mensal

FICHADO
S. A DCDP

Senhor Diretor:

Encaminho a V.Sa. em anexo o Mapa Estatístico do mês de Janeiro (24.12.76 a 31.1.77) acompanhado de vias de muitas recolhidas ao Banco do Brasil, relação referente ao mês de dezembro da arrecadação pela Sociedade Brasileira de Intérpretes e Produtores Fonográficos (SOCIINPRO) filiada ao Serviço de Defesa do Direito Autoral (SDDA) no interior e na capital e os originais das Autorizações de Direitos Autorais da SIGAM e SDDA conforme solicitação de V.Sa. através do Ed. 53/76-DCDP de 13.5.76.

Outrossim, encaminho quatro relatórios de Ensaio Geral das Peças Teatrais: "GIMBA, Presidente dos Valentes" "DOROTÉIA VAI À GUERRA" "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" e "O EQUINÓCIO" e um Auto de Apreensão lavrado contra a UNIÃO DOS COMPOSITORES CEARENSES.

Sirvo-me da oportunidade para renovar a V.Sa. meus protestos de consideração e apreço.

Maria Iranilde da Silva Batista
Maria Iranilde da Silva Batista
Chefe do SCDP/SR/CE

R E L A T Ó R I O

ASSUNTO: ENSAIO GERAL
PEÇA : O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU
AUTOR : CESAR VIEIRA
CLASS. ETÁRIA: 18 ANOS C/CORTES

Cumprindo determinação dessa chefia, procedi ao Ensaio Geral de "O Evangelho segundo Zebedeu" de autoria de Cesar Vieira.

O Espetáculo retrata uma Companhia circense interpretando a "Guerra dos Canudos", segundo Zebedeu Martins, artista da referida empresa e que também é escritor.

A peça baseada no conflito de canudos, enfoca toda problemática Sócio-Econômica registrada nas peregrinações e atividades comandadas por Antonio Conselheiro, no interior baiano.

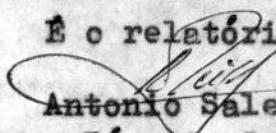
Considerando que a legislação, em vigor, dispensa um carinho todo especial aos espetáculos teatrais, porque não é um público qualquer que lhes tem acesso;

Considerando que na peça "O Evangelho segundo Zebedeu", a DCDP impôs cortes às fls 19 do "script", em dois parágrafos, quando o espetáculo foi classificado - Impróprio para menores de 18 anos;

Considerando que os mencionados cortes, se mantidos iriam prejudicar a mensagem do contexto e todo valor artístico interpretado, pois os parágrafos, são proferidos entre dentes;

Considerando finalmente, que, esta peça representou o Brasil em 1971 no festival Mundial de Teatro de Nancy - França, tendo sido considerado o melhor espetáculo do Certame, além de vários prêmios que lhe foram conferidos pela Associação Paulista de Críticos de Teatro, opino, s.m.j. pela encenação da mesma sem os cortes estabelecidos.

É o relatório


Antonio Sales Peixe
Téc. de Censura

Fortaleza, 25 de janeiro de 1977

Ofício nº 222/77-SCTC/SC/DCDP

08/02/77

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF no Ceará

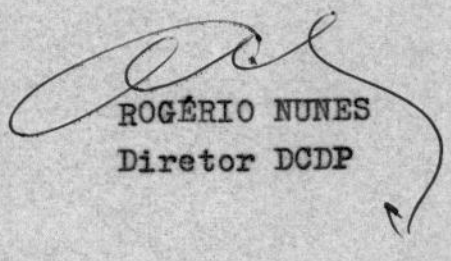
Encaminhamento - faz -

Ref. Of. nº 10/77-SCDP/SR/CE

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, encaminho a V.Sa./ as anexas 1ª e 2ª vias do certificado de censura da peça teatral in titulada "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" de César Vieira.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.



ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

10/6

O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

COM CORES

457/77

CÉSAR VIEIRA

O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

CÉSAR VIEIRA

IMPRÓPRIO PARA
MENORES
18 DE
DEZOTTO ANOS

02

JUNHO

81

07

FEVEREIRO

77

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

: CÉSAR VIEIRA

COM CORTES

GRUPO INDEPENDENTE DE TEATRO AMADOR - CE -

03

JANEIRO

77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZITO) ANOS. CORTES ÀS
FLS.: 19. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO
DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

07

FEVEREIRO

77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO



MJ-DPF-SRA/BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3 FEV 1977 004116



Ofício nº 7/77-SCDP/SR/CE

Fortaleza, Ce 28 de janeiro de 1977

Do: Chefe do SCDP/SR/CE

Ao: Diretor da DCDP

Assunto: Restituição de Certificados de Censura

AO ARQUIVO*juntar ao Processo*

Senhor Diretor:

Restituo a V.Sa. dois Certificados de Censura de N°s 457/77 (1a e 2a vias) da Peça Teatral "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" para retificações, esclarecendo que a Produção é do Grupo Independente de Teatro Amador e solicitando a assinatura do Chefe do Serviço de Censura, Sr. Carlos Alberto Molinari de Carvalho.

Outrossim, solicito de V.Sa. a título de colaboração com este Serviço informar se o palavrão bem colocado em Teatro é válido.

Tendo em vista o corte às fls. 19 do "script" da referida peça da expressão "filho da puta", dita pelo ator entre dentes, se poderá ser relaxado, tendo em vista que a censura em teatro é mais liberal que a de outros espetáculos de diversões públicas, e considerando que o ingresso em teatro custa ao público pagante a quantia de G\$ 40,00 por pessoa, ao passo que no cinema as expressões "vá à puta que pariu" e "filho da puta" são comuns e vistas por um público menor, por que os cinemas não tem a frequência controlada pelo juizado de menores como prevê a lei, e o ingresso custas apenas 5r\$ 5,00 e Cr\$ 10,00, um preço ao alcance de qualquer pessoa.

Sirvo-me da oportunidade para apresentar a V.Sa. os meus protestos de consideração e apreço.

*CB DE e**etc*

Maria Iranilde da Silva Batista

Chefe do SCDP/SR/CE

04/2/77

providenciado
em 03/02/77



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0340, p.159

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

148

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 457/77

PEÇA : O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

ORIGINAL DE: CÉSAR VIEIRA

Substituído

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 03 de OUTUBRO de 19 80

Brasília, 05 de JANEIRO de 19 77

[Assinatura]
ROGÉRIO NUNES

Diretor da DCDP

IMPRÓPRIO PARA
18 DE
DEZOITO ANOS

M.J.-D.P.F
CERTIFICADO DA DCDP
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340, p-160.

Certifico constar do livro nº _____ fôlha nº _____, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada : O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

Original de : CÉSAR VIEIRA

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO DE TEATRO TESTE - PI - — *Grupo Independente de Teatro Anacron*

Tendo sido censurada em 30 de DEZEMBRO de 19 76 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES ÀS

FLS. 19. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 03 de JANEIRO de 19 77

mhf

Carlos A. Molinari de Carvalho
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

Chefe do Serviço de Censura



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340, p 161

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 457/77

PEÇA : O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

ORIGINAL DE: CÉSAR VIEIRA

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 03 de OUTUBRO de 19 80

Brasília, 03 de JANEIRO de 19 77

Rogério Nunes
ROGÉRIO NUNES

Diretor da DCDP

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

SR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0340, p 162.

Certifico constar do livro nº _____ fôlha nº _____ de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

Original de: CÉSAR VIEIRA

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO DE TEATRO TESTE - PI -

Tendo sido censurada em 30 de DEZEMBRO de 19 76 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES ÀS FLS. 19. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 03 de JANEIRO de 19 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

mhf

**Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo**

Caixa Postal, 5324

End. Teleg.: "Defensor"

Sede Própria: R. São Bento, 365 - 18.º, 19.º e 20.º ands. - Edifício Gerbur - S. Paulo

Tels.: { Diretoria: 32-8952 - 34-9574
Geral: 32-3355 - 33-4799

Ilustríssimo Senhor Diretor do Departamento de Diversões Públicas da Polícia Federal.

*Eneamirke - re**a DCDP**E4 27/10/77**Shach*
*da SEDP/SP/SP***FICHADO**
S. A. DCDP**26 JUL 15 18 E 40 177****MJ-DPF****SR/SP**

TESB - Teatro do Sindicato dos Bancários de São Paulo, através de seu diretor infra-assinado, vem, respeitosamente, à presença de V.Sa. para expor e requerer o que segue:

1º - O requerente pretende certificado de liberação que possibilite a representação da peça "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU", de autoria de César Vieira, o que já formalizou conforme protocolo nº 39751.

2º - A peça em tela, desde sua primeira montagem em 1971, conheceu pleno sucesso, como se demonstra a seguir:

- Montagem primeira: Teatro do XI de Agosto da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo - 1971.

- Esta montagem recebeu da Associação Paulista de Críticos de Teatro os seguintes prêmios:

Melhor Autor Nacional

Melhor Figurino

Melhor Música

- Em abril de 1971 o "Evangelho Segundo Zebedeu" representou o Brasil no Festival Mundial de Teatro de Nancy, França.

- O Festival de Nancy, na ocasião, já não tinha caráter competitivo, inexistindo premiações. Todavia "Zebedeu" foi considerado o melhor espetáculo do certame, sendo o que mais se

*De ordem, ao arquivo**7/ juntar o processo**Em, 25.11.77**(D)*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0340, p. 164
Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo

Caixa Postal, 5324

End. Teleg.: "Defensor"

Sede Própria: R. São Bento, 365 - 18.º, 19.º e 20.º ands. - Edifício Gerbur - S. Paulo

Tels.: | Diretoria: 32.8952 - 34.9574
| Geral: 32.3355 - 33.4799

151

--2--

apresentou (num total de 9 vezes) e o que mais público recebeu, com mais de 12.000 pessoas.

- Ainda na França " Zebedeu" apresentou se com inteiro sucesso nas cidades de Paris, Colmar e Saint Diê.

- Segunda Montagem pelo "Teatro da Cidade" em 1973, na Cidade de Santo André.

- Esta montagem representou o Brasil no Festival Mundial de Teatro de Manizales (Colômbia) e na " Muestra Mundial de Teatro" de Bogotá (Colômbia) em 1973

- "O Evangelho Segundo Zebedeu" está publicado em versão polonesa na Revista "DIALOG" de Varsôvia com tradução de Danuta Zmij-Zielinska e Witold Wojciechowski.

3º - Sobre o autor:

CESAR VIEIRA - pseudônimo de Idiba Almeida Piveta, dramaturgo e advogado. nascido em Jundiá, SP

Prêmios:

- Melhor Autor Brasileiro de 1971 (Associação Paulista de Críticos Teatrais)
- APCA Prêmio Literário 4º Centenário da Cidade de São Paulo - Prêmio no 1º Seminário Carioca de Dramaturgia 1967 (Rio de Janeiro) - Prêmio do Seminário Latinoamericano de Teatro 1972 (Teatro El Galpon Montevideo , Uruguai) - Prêmio Índio de Prata Televisão Tupi - São Paulo) - Menção Especial de Teatro Popular 1973 (APCA - São Paulo).



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0340.p.165
Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo

Caixa Postal, 5324

End. Teleg.: "Defensor"

Sede Própria: R. São Bento, 365 - 18.º, 19.º e 20.º ands. - Edifício Gerbur - S. Paulo

Tels.: { Diretoria: 32-8952 - 34-9574
Geral: 32-3355 - 33-4799

DEPARTAMENTO JURÍDICO

-3-

4º - Sucede que em nosso país, a apresentação restringiu-se aos espectadores maiores de 18 anos, por imposição da Censura.

5º - Escorado no retrospecto apresentado, bem como no próprio texto do trabalho literário, o TESB, vem, pela presente, requerer a V. Sa. se digne determinar a redução da faixa etária para 16 anos.

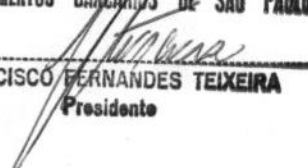
6º - Por outro lado, permite-se sugerir que, se necessário, o texto seja levado à apreciação do Juizado de Menores.

Nestes Termos,

P. Deferimento.

São Paulo, 25 de outubro de 1977.

SINDICATO DOS EMPREGADOS EM
ESTABELECIMENTOS BANCÁRIOS DE SÃO PAULO


FRANCISCO FERNANDES TEIXEIRA
Presidente

TESB - Teatro do Sindicato dos Bancários
PEDRO MENDES GARCIA - Diretor -

OB JCTC
Temporária e
improvisada
25/11/



J-DFP-GR/BSB

FICHADO
S. A. DCDP

27 OUT 1977 032029

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº 7.127/77-SCDP/SR/SP

Em, 25 de outubro de 1977.

*Arquivado
12/10/77
K 21/10/77*

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "O CAVALINHO AZUL" original de M. Clara Machado; "NÃO VOU MAIS BRINCAR DE CABRA CEGA" original de Vicente Galvão Parizi; "A ILHA DO ARCO IRIS" original de Ione Prado; "ONDE CANTA O SABIÁ" original de Gastão Tojeiro; "O CORONEL DOS CORONEIS" original de Maurício Segall; "UMA CONSULTA" original de Arthur Azevedo; "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" original de Pedro Bloch; "LUZIA" ou "O AMOR DE LUZIA" e outros títulos, original de Carlos Mecen; "A GUERRA MAIS OU MENOS SANTA" original de Mário Brasini; "O ENVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" original de César Vieira e "O GALINHEIRO" original de Darcy José Pedroso.

Outrossim, informamos que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa a DCDP.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

Jose Vieira Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.

DR. ROGÉRIO NUNES

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
 Filial da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
 Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
 Rio de Janeiro — Brasil

São Paulo . 24 de Outubro de 1977

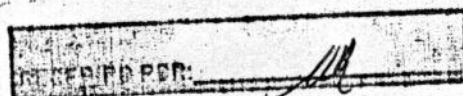
Ilmo. Sr.
 Diretor do Departamento de Censura Federal
 (Departamento de Polícia Federal)
 Brasília DF

MI-DPF

SR/SP

24 OUT 1556

39751



Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
 para fins de CENSURA, três cópias da peça

" O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU "

Original de CESAR VIEIRA

Tradução de

Próxima apresentação de GRUPO DE TEATRO DO SINDICADO DOS BANCARIOS
 (TESB)
 Teatro DIVERSOS Cidade DIVERSAS

Estado São Paulo

A estréia está prevista para Segunda quinzena de Dezembro de 1977

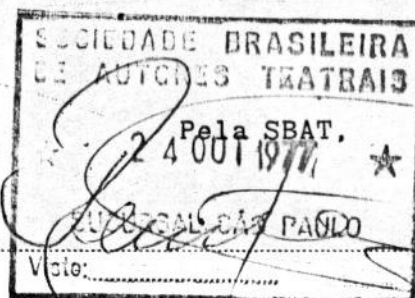
Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Faz a Pont nº 42/75:

- 1/Receber um texto à DDP,
- 2/Designar TC para exame do texto no SCDP/SP

Em 25/10/77

João Luiz
 da SCDP/SP/80



TEATRO

155

TÍTULO 10 EVANGELHO SEGUNDO LUCAS1) ~~SCTC~~ ARQUIVOClas. Anterior 18 anos e/ cortes ✓Praça São Paulo - SP ✓

Obs.: _____

DF. 03, 11, 77

Geraldo Vail
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados,
com a classificação: impróprio para menores
de dezoito anos, com cortes e
com os dados constantes do requerimento de
cens., condicionada ao exame
do ensaio geral. Obs.: corte à fls. 19
e 20.

Brasília-DF, 02 de nov. de 1977

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIORClassificação: dezoito (18)anos, com cortesBrasília-DF, 06 dez/ 1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



PARECER Nº 5226 / 77

TÍTULO: "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"- AUTOR: César Vieira

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS C/CORTES

O texto confrontado apresenta identidade de conteúdo, certificado em vigor até 03.10.80; opino pela liberação, condicionada ao ensaio geral, mantendo os cortes assinalados às fls. 19 e 20.

Brasília, 01/dezembro/1 977


MA AURINEIDE PINHEIRO

MOREIRA CESAR - E além disso, coronel, hoje, ao inspecionar o acampamento, encontrei as instalações sanitárias em péssimo estado. E quando visito uma casa e encontro um local desses imundo, firmo logo conceito: é casa mal orientada e mal dirigida.

TAMARINDO - Pois, eu, meu coronel, quando vejo uma casa arder, não me preocupo com a latrina.

MOREIRA CESAR - Dê sua opinião, Cel. Nunes Tamarindo, quando esta for solicitada, entendido?

TAMARINDO (Mais a parte) - Epilético filho da puta. corte

MOREIRA CESAR - Disse alguma coisa, coronel?

TAMARINDO - Concordava, não há motivo para disputa.

PAUSA.

MOREIRA CESAR - Senhores!

MOREIRA CESAR SOLENE, OS OFICIAIS PERFILAM-SE.

MOREIRA CESAR - Senhores, como todos sabem, estou muito doente. Há dias não me alimento, mas amanhã, vou almoçar em Canudos.

OFICIAIS - Amanhã?!!

MUSICA "VAI VAI INFANTARIA" COMEÇA A SOAR BAIXINHO:

MOREIRA CESAR - Vamos atacar Canudos amanhã, pela madrugada. O plano é este.

MUSICA MAIS ALTO .

MOREIRA CESAR - A cavalaria descerá pelo outeiro da favela, com a cobertura da artilharia, sob o comando do Capitão Salomão e eu mesmo cairei sobre o arraial a frente do sétimo.

PONTO - ... Canudos será...

MOREIRA CESAR - Canudos será tomada sem se perder um só homem. Alguma dúvida senhores?

SILÊNCIO .

MOREIRA CESAR - Então, aos preparativos.

MUSICA-

Vai, vai, vai, infantaria...

vem, vem, vem, infantaria...

Avante, avante, infantaria...

É o sétimo batalhão de infantaria,

Vai, vai, vai, infantaria...

Moreira Cesar, nosso chefe, nosso guia.

Cena II

Grupo de Jagunços em preparativos para o combate. Estão: o Conselheiro, João Abade, Pajeú, Manoel Quadrado e outros. Pelo chão, sacos e cordas.

CONSELHEIRO - Pega os homens. Irmão Pajeú, espalha por toda a serra, desde o Caypa até o Cambaio.

ABADE - Põe gente nos mutuans, cava buraco fundo e esconde os homens ali. Quando os cabra do governo surti, fogo neles. Vai irmão.

PAJEÚ - Salve o Bom Jesus.

PAJEÚ SAI.

A MULHER COLOCA A CRUZ DE MADEIRA NA MÃO DE MOREIRA CESAR.

MULHER - É para protegê vosmecê, senhor generá. Vai precisá. É santa cruz protetora.

MOREIRA CESAR GARGALHA

MOREIRA CESAR - Deixa prá lá, velha beata.

EMPURRA A MULHER COM O PÉ. JOGA A CRUZ NO CHÃO. PEGA A ESPADA.

MOREIRA CESAR - Deixa prá lá, que santa cruz protetora coisa nenhuma. Eu só acredito na força de minha espada.

MOREIRA CESAR GARGALHA. A MULHER SAI.

MÚSICA -

Vai, vai, vai, infantaria...

vem, vem, vem, infantaria...

Avante, avante, infantaria...

É o sétimo batalhão de infantaria,

Moreira Cesar, nosso chefe, nosso guia,

vai, vai, vai, infantaria...

ENQUANTO SOA A MÚSICA, MOREIRA CESAR, ACOMPANHADO PELOS OFICIAIS, ANDA PELO PICADEIRO, COMO NUMA REVISTA, TODOS TEM UM AR GLORIOSO, MARCIAL, MOREIRA CESAR BATE COM O PÉ NUMA GARRAFA. MÚSICA CESSA.

MOREIRA CESAR - Que joça é essa?

OFICIAL (Abaixando-se e pegando a garrafa) - Uma garrafa, meu coronel.

MOREIRA CESAR - Dê prá cá.

MOREIRA CESAR PEGA A GARRAFA.

MOREIRA CESAR - Coronel Tamarindo!

MOREIRA CESAR FICA ROXO, AMEAÇA UM ATAQUE DE EPILEPSIA. RETORNA AO NORMAL. TAMARINDO ADIANTA-SE E PERFILA-SE.

TAMARINDO - Pronto, meu coronel.

MOREIRA CESAR - Já determinei: não quero aguardante em minha tropa...

TAMARINDO - Coronel, não vejo em que...

MOREIRA CESAR - Não interrompa. Não quero aguardante em minha tropa nem prá remédio.

TAMARINDO - Não posso ser responsabilizado por...

MOREIRA CESAR - Seu ordenança esteve ontem na Fazenda Cachimbê e trouxe para o acampamento mais de dúzia de garrafas de mandureba. Repito: - Não admito álcool em minha tropa e muito menos que meus oficiais façam uso dele.

MOREIRA CESAR - O infante é o melhor dos soldados, quando tem um bom chefe. Não se esqueça, Coronel Tamarindo, que se algo me suceder, o senhor é quem assume o comando, deve dar o exemplo.

PONTO - ... a infantaria quer que...

MOREIRA CESAR - A infantaria quer que seu chefe a comande em condições de superioridade. O chefe não é um igual. O infante sabe...

TAMARINDO (A parte) - Epilético filho da puta. *corde*

MOREIRA CESAR - reconhecer seu comandante sem precisar olhar-lhe os galões.

PONTO - ... e além disso, coronel, hoje...

2054/77-

BSB, 02/12/77

em São Paulo

7127/77-SCDP/SR/SP

"O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" de Cesar Vieira.

A handwritten signature in dark ink, consisting of a series of loops and a long horizontal stroke extending to the right.

160

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

COM CORTES

457/77

CÉSAR VICIARA

O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

TEBR - 88

77

DEZEMBRO

IMPROPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES AS

CÉSAR VICIARA

FLS.: 10-20- CONDIÇÃO DO EXAME DO ENSAIO CÉSAR. O PRESIDENTE CERTIFICADO

SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIP" DEVIDAMENTE CARIMBADO

DELA DECP.

IMPRÓPRIO PARA
18
MENORES DE
DEZOITO ANOS

06 OUTUBRO

80

06 DEZEMBRO

77

Rogério Nunes
ROGÉRIO NUNES

80

80

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340, p.174

: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

: CÉSAR VIEIRA

COM CORTES

TESB - SP

02

DEZEMBRO

77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES ÀS
FLS.: 19-20- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO
SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO
PELA DCDP.

06

DEZEMBRO

77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO



MJ - DPF - DCDP - BSB

17 MAI 1138 004525

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL BIDO POR
MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM GOIÁS
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

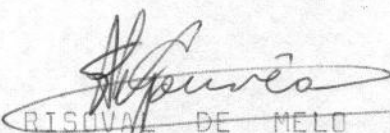
OFÍCIO Nº 075/82-SCDP/SR/DPF/GO

Goiânia, 14.05.82

Senhora Diretora,

Anexo, enviamos a V.Sª 03 (Três) vias do Texto Teatral "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU", autoria de CESAR VIEIRA. O requer liberação e expedição do Certificado de Censura, para apresentação no Festival de Teatro Amador de São José do Rio Preto-SP, a realizar-se nos dias 16 a 27 de Junho de 1982.

Na oportunidade, renovamos a Vossa Senhoria protestos de estima e distinta consideração.


RISIVAL DE MELO
p/ Chefe da SCDP/SR/DPF/GO

ILMª. SENHORA

DRª. SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

DD. DIRETORA DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BRASÍLIA/DF



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

HAMILTON JOSÉ AMORIM REZENDE

Requerente

brasileira

Estudante

Nacionalidade

Profissão

Carteira de Identidade 1.146.874 - 2ª via - SSP/GO

Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua 21, n) 127 - Setor Marechal Rondon

....., vem,
mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade
com as normas censórias vigente, a(s) Peca Teatral abaixo relacionada(s)

Espécie

de autoria de: César Vieira

Título (s)

" O EAVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU "

Nestes termos,

Pede deferimento.

Goiânia, 13 de maio de 1982

Local e Data

Hamilton José Amorim Rezende

Requerente

Hamilton José Amorim Rezende

Anexos: 03 vias do Texto
Autorização do SBAT.

1 — EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Grupo Teatro Experimental "CANOPUS" CGC:

Sede: Rua 75, nº 46, Centro Goiânia Goiás

CEP: 74.000

Diretor ou Responsável: Hamilton José Amorim Rezende

2 — DADOS DO AUTOR

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

3 — PARCERIA

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Data: Goiânia, 13 de maio de 1982

Ass.: Hamilton José Amorim Rezende
Hamilton José Amorim Rezende



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Afilhada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil

AUTORIZAÇÃO PARA ESPETACULO TEATRAL

Nº 28977

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946 e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962 e da Lei n.º 5988, de 14-12-1973, o espetáculo teatral: **"O EVANGELHO SEGUNDO**

JÉ BEDEU": :x:

Original de **CEZAR VIEIRA**

Música de :x:x:x:x:x:x:x

Tradução de :x:x:x:x:x:x:x

Direção de :x:x:x:x:x:x:x

No Teatro **Esc. Técnica Federal de Goiás** Cidade **Goiás**

Empresa **Grupo Teatro Experimental** Pela Cia. **Canopus**

nos dias **" PARA FINS DE LIBERAÇÃO DO CERTIFICADO DE CENSURA "**

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de - % -

-0- da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr\$ -0-

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer, à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau da receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Goiânia, 12 de maio de 19 82

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

200 blocos 50x50 - 20.001 a 30.000 - 08/77

FRANCISCO RODRIGUES MELO
Av. Anhangüera, 3.429 - Centro
Rep. SBAT - Goiânia-Go.

ZECA TIBÉRIO — Distinto, seieto, educado público. A Empresa "Gran Circo Irmãos Tibério" agradece a generosa presença de V. Sds. e meretíssimas famílias no espetáculo de gala desta noite. Pedimos que todos colaborem com o maior silêncio para que nada se perca e todos possam compreender o formidável drama que aqui vamos mostrar:

REPIQUE DE BANDA

"A Guerra dos Canudos" ou a Vitória da República e da Fé sobre os fanáticos de Antônio Conselheiro". A verdadeira história da epopéia ocorrida nos sertões da Bahia.

REPIQUE DE BANDA

"A Guerra dos Canudos"

REPIQUE DE BANDA

No espetáculo desta noite teremos o desempenho de toda nossa brilhante companhia.

A MEDIDA QUE ZECA APRESENTA, OS ARTISTAS FAZEM DEMONSTRAÇÕES DE SUAS HABILIDADES.

ZECA TIBÉRIO (Continuando) — Ponciano, o grande o domador indomável, aclamado no Brasil e na Europa.

Sana André, o mago insuperável, o rei dos mágicos.

Vouques, o palhaço, o único que fez rir presidentes, príncipes e até reis.

Magda, a Salomé brasileira, a bailarina da dança do ventre e dos sete véus.

João Lindoso, o único anão malabarista do mundo e seu jegue. Mimoso, pelo qual já recusou somas altíssimas.

Pedrao, o misterioso lutador negro, o gigante de ébano. É o mais forte dos brasileiros. Torce uma barra de ferro com os dentes.

E as exóticas, luxuriantes, bailarinas, Ana e Susana, inigualáveis em seus ritmos bárbaros.

Todos eles aqui estão nesta noite para vos mostrar como foi "A Guerra de Canudos", de autoria do mais glorioso membro de nossa Empresa, Zebedeu Martins, que além de escritor, é o maior comedor de fogo das Américas.

Ele também representará, mas só em mimica, não fala pois perdeu as cordas vocais num acidente da profissão.

ZEBEDEU, ALEM DA ESPADA COM FOGO, TEM UMA PLUMA PARA ESCREVER E UM PERGAMINHO.

E, prezado, distinto, educado e seieto público, creio que estais estranhando a ausência de Bibi Gestas, o equilibrista louco. Por motivo de força maior, ele não poderá apresentar-se... e será substituído por Vicente, artista convidado.

ENTRA VICENTE, DESAJEITADO, TRAJE LARGO, AZUL.

Para Vicente, estreante hoje, pedimos vossa compreensão, pois se prontificou a colaborar nesta emergência, para não vos deixar sem espetáculo. Desculpem, portanto, algumas falhas. E Chico Tibério, o "ponto" mais elogiado pela crítica da Capital Federal.

E ainda este que vos fala, Zeca Tibério, Mestre de Cerimônias.

E agora, com a vossa autorização, vamos a **REPIQUE**

"A Guerra dos Canudos"

ESCURECE. A TROUPE SAI LENTAMENTE. CHICO TIBÉRIO ENTRA NA CASINHOLA DO PONTO. SURGE UM QUADRO RÚSTICO ESCRITO:

INSCRIÇÃO NO QUADRO — Muitos empreenderam compor a história dos acontecimentos que em Canudos se sucederam como nos contaram aqueles que foram desde o princípio testemunhas oculares dos feitos. Também a mim me pareceu bem, depois de haver diligentemente investigado tudo, escrever esta história, para que todos conheçam a verdade.

CENA II

Cena toda cantada e em mimica. Maria Chana, mãe do Conselheiro, lava a roupa e passa as peças ao pai do Conselheiro, que as estende no varal.

O Conselheiro menino brinca com o jegue e uma enorme bola vermelha de plástico.

MÚSICA —

Maria lavava, José estendia,
Chorava Maria a beira do rio
lavando as roupinhas de seu pequeno [filho].

O CONSELHEIRO, AO BATER A BOLA, MACHUCA LEVEMENTE A MÃO. CORRE ATÉ A MÃE. MARIA CHANA, TERNA, BELJA A MÃO DO GAROTO. A CRIANÇA VOLTA A BRINCAR.

MÚSICA

MARIA CHANA (Cantando)

Maria lavava, José estendia,
Chorava o menino da mão que doía.
Não chores, menino, não chores, amor,
Calai, meu menino, calai meu amor,
que a faca que corta dá talho sem dor.
Os filhos dos homens em castelos dourados
e vós, meu menino, em terra suado.

MÚSICA: (Coro) —

Maria lavava, José estendia...

O GAROTO BATE A BOLA VARIAS VEZES, ATÉ QUE ESTA LHE ESCAPA DAS MÃOS E VAI ROLANDO... ROLANDO... ROLANDO... ESCURECE.

CENA III

Luz acompanha a bola. Até o outro lado do picadeiro. A bola bate numa árvore. Para. A árvore é um embuzeiro gigante numa praça da vila de Chochorró, anos depois da cena anterior.

Antônio Vicente, o Conselheiro, camisolão azul, barbas compridas, breviário e bordão Prega.

Escutam: peregrinos, romeiros, mulheres.

Uma velha suja, maltrapilha, é Isabel, a doida, fica todo o tempo a balouçar, como se embalada por uma música imaginária.

Isabel senta na bola. Brinca com ela.

CONSELHEIRO — Meus irmãos. Foi para isso que eu vim. Trago nos ombros pesada tarefa para executar.

PONTO — Tragq missão...

CONSELHEIRO — Trago missão para cumprir. Foi para isso que eu vim. Tenho um poderio que farei brotar no meio desses cardos e desses cerdos.

O CONSELHEIRO PARA DE FALAR, COMO SE VICENTE, ARTISTA CONVIDADO ESQUECESSE O TEXTO. O PONTO AJUDA, EM VOZ SUSSURRADA A PRINCÍPIO.

PONTO — Meus irmãos, obedecerei a igreja...

CONSELHEIRO CONTINUA MUDO. NÃO REPETE AS PALAVRAS DO "PONTO".

PONTO — Meus irmãos, obedecerei a igreja e aos dez mandamentos...

CONSELHEIRO — Meus irmãos, sou um apóstolo do Senhor, que me unglu para evangelizar os pobres...

PONTO — Para receberdes vos a recompensa no paraíso...

CONSELHEIRO — Para proclamar a libertação dos cativos, para, por em liberdade os oprimidos. Irmãos desta Vila do Chochorró. Tomai temência, porque o Senhor também disse: "Sofrereis perseguição dos maus e retribuireis com benefícios derramados por onde passardes. Mas terás como meus santos apóstolos, o teu povo, que te seguirá noite e dia sem parar. Deste povo rebanho, serás o guia".

LADALAM OS SINOS.

PEREGRINO — Hora do Conselheiro aconselhar com seu bom conselho. Fila, ir-

mãos, fila. Hora do Bom Jesus, Antônio Conselheiro aconselhar com seu bom conselho, fila, irmãos, fila.

OS PENITENTES COLOCAM-SE ORDENADAMENTE EM FILA. ISABEL, A DOIDA, REPETE CANTANDO.

ISABEL — Fila irmãos, fila.

1.º PEREGRINO — Vosmecê aí na frente, irmão. Vem chegando. O Bom Jesus Conselheiro te espera. Sem arreceio. Vem irmão.

O CONSELHEIRO SENTA, UM ROMEIRO SE APROXIMA, UM SERTANEJO FORTE, VIOLAO A MAO, GIBAO DE COURO, CARTUCHEIRA, FACA DE ARRASTO, AJOELHA, BEIJA A MAO DO CONSELHEIRO.

1.º ROMEIRO — Paz em Deus, a Bença.

CONSELHEIRO — Te abenço, filho, que a tua morada seja sempre de paz. Que a mim te traz?

1.º ROMEIRO —

Eu não tenho pai nem mãe,
nem neste mundo parente;
sou filho das tristes erva,
neto das águas corrente;
meu nome é Manoel Quadrado,
vivi sempre pelo sertão escoraçado.

CONSELHEIRO — Sei, filho, sei. Onde mora vosmece?

MANOEL QUADRADO —

Eu não só daqui, tô chegando agora.
Prá vim ouvi o bom conselho, andei léguas [aíora.

Por favor não me mande embora.

CONSELHEIRO — Mas diz, filho, diz, que a mim te traz?

MANOEL QUADRADO —

Uma tarde, pai, ano faz,
encontrei uma morena,
morena dos oio grande,
sombancela de veludo,
Dinheiro tinha nada,
mas corpo valia tudo...

ISABEL (Cantando) —

Dinheiro tinha nada,
mas corpo valia tudo... tudo... tudo...

OS PEREGRINOS FAZEM MENÇÃO DE CONTE-LA. ISABEL, AO CANTAR, ENSAIA PASSOS DE DANÇA.

CONSELHEIRO — Deixa, irmãos, segue, meu filho, conta, te escuto.

ISABEL AQUIETA;

MANOEL QUADRADO —

Com a morena me engracel.
Ela comigo se engraçô.

Acertamo tudo de acordo

Como manda a Santa Igreja. (Pausa)

166

PONTO — Mas depois a coisa...

MANOEL QUADRADO —

Mas depois a coisa deu prá mudá

Parece até praga de Sataná

Na mulher um papo foi nascendo

e dia a dia mais crescendo.

E com o papo uma febre terçá,

que, como fogo, coivara ela por dentro.

PONTO — Mas... só de erva conhecedô...

MANOEL QUADRADO —

Sô de erva conhecedô:

dei até infusão de rabo de preá,

sem nada adiantá,

andando de tratadô em tratadô...

buscamos até médico da capitá. (Pausa)

Porque com mulher papuda,

tapejara só casa com uma condição:

da mulhé dormi na cama

e o papo dormi no chão.

ISABEL (Cantando) —

do papo dormi na cama

e a mulher dormi no chão... no chão...

MANOEL QUADRADO — Não é esse o caso, digo com precisão, pois quero ela... Mas quero ela boa, e se vosmecê, Santo milagrero, não me ajudá, minha cabeça vai ficar girando atoa.

CONSELHEIRO — Filho, ferve n'água uma folha de chique-chique, coloca uma toalha branca no papo da mulher, e emborça com vagareza um copo d'água, dizendo por três vezes: Jesus morreu, Jesus ressuscitou. Vai Manoel Quadrado, segue teu caminho, que em três dias o mal está curado...

MANOEL QUADRADO BELJA A MÃO DO CONSELHEIRO, APOIA A CABEÇA EM SEU MANTO. O CONSELHEIRO AFAGA SEUS CABELOS. ISABEL ACALMA TOTALMENTE. UM ROMEIRO LEVA ISABEL DOCEMENTE, ELA SENTA-SE AO LONGE. O PEREGRINO QUE MANDARA OS ROMEIROS FICAREM EM FILA, CHEGA-SE AO CONSELHEIRO.

PEREGRINO — Meu bom Jesus, permiti eu queria ficar, pelos caminhos errante vosmecê acompanhá...

CONSELHEIRO — A estrada é longa, cheia de pedras e entolhos... Ainda assim viriéis?

PEREGRINO — Sigo vosmecê, porque diz do céu e das coisa aqui da terra também, prá melhorá nossa sorte... Tô cansado de falação dos bem só prá depois da morte. Nada mais há que eu queira tanto, que andá na estera do vosso manto.

CONSELHEIRO — Seja pois! Há muito que entre os romeiros te vejo. Forte és, melhor no andeço. Como te chamas?

PEREGRINO — João, senhor; sobrenome

Abade. De profissão: vaqueiro, agora, escudo do Conselheiro!

UM ROMEIRO MAGRO, DE BARBICHA, ENSAIA PASSAR FURTIVAMENTE PELO CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO — Quem és, que há muitas jornadas noto, me seguindo pelos matos. ignoto? E esse olhar? Olhas para mim, como se adorasses a Eucaristia.

3.º ROMEIRO — Por padre fui criado, vivi sempre na sacristia... Vosso xará no nome sou, pois Antônio fui batizado; de Beato pelo povo sou chamado. Queria a seu rebanho me juntá, prá num vê mais crancinha de fome mirrá. E, de permeio, o Paraíso alcançá.

CONSELHEIRO — Assim seja, filhos. Pois eis que agora, para meu povo, logo quero dar uma nova Jerusalém, onde não haverá choro, nem clamor... não haverá criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus, porque aquele que morrer aos cem anos, morrerá jovem... e o meu povo edificará casas e nelas habitará... e plantará milho e jerimum e comerá o que plantar.

PONTO ... para que... depois na vida eterna...

CONSELHEIRO — Para que... desfrute o meu povo de toda a obra de suas próprias mãos...

PONTO — ... e edificação com o sofrimento o reino dos céus...

CONSELHEIRO — Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam...

O PONTO DESACORÇA. DESISTE.

CONSELHEIRO — Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a calamidade, e não farão mal nem dano algum. (PAUSA) Assim seja, filhos. Em verdade, vos digo: que reis ser meus seguidores e eu vos farei de homens, pescadores.

O CONSELHEIRO LEVANTA-SE. ABENÇO. TODOS BAIXAM A CABEÇA. O CONSELHEIRO VAI SAINDO LENTAMENTE, OS ROMEIROS O ACOMPANHAM. ISABEL COMEÇA A CANTAR (SEMPRE DANÇANDO).

ISABEL —

Venho de Patamutê,

vestida de maltratos, vestida de

[maltratos...

Do céu, do céu veio uma luz que Jesus mandou.

Conselheiro Aparecido dos males nos [livrou

Conselheiro Aparecido dos males nos [livrou...

167

ROMEIROS —

Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]SAEM TODOS CANTANDO. ISABEL POR
ÚLTIMO. ESCURECE LENTAMENTE.

CENA IV

*Ao longe, luzes de Vila de Natuba. Semi
penumbra.**Manoel Quadrado e Pajeú num desafio
com violão. Pajeú é um negro forte. Tem uma
faca de arrasto e uma espingarda. Dois ou três
Tapejaras escutam.*

MANOEL QUADRADO —

A vida de gente pobre
padece, não tem altura;
a vida de gente rica
arregala e tem fartura.

PAJEÚ —

O rico levanta cedo,
toma café com mistura;
o pobre bebe garapa,
quase sempre sem doçura.

MANOEL QUADRADO —

Gente rica fica doente,
vem logo o dotô e cura;
Quando pobre fica doente,
o remédio é sepultura.

PAJEÚ —

Cavalo de gente rica
tem passo, tem andadura;
a égua de gente pobre
é calombo e pisadura.

MANOEL QUADRADO e PAJEÚ —

Quando gente pobre morre
vai gozá lá nas alturas;
O rico vai é prós quinto
fervendo na fervedura.TAPEJARAS ENSAIAM APLAUSOS. POU-
CO ANTES DO FIM DO DESAFIO, DOIS VUL-
TOS SE ACERCAM: JOÃO ABADÉ E ANTÔNIO
BEATINHO, DISCÍPULOS DO CONSEL-
HEIRO. APROXIMAM-SE DO JEGUE.
DESAMARRAM-NO.

PAJEÚ — EL... ó de lá... deixa o jegue...

MANOEL QUADRADO — Mexe não! Prá
que sorta o bichinho? É jegue nunca montado,
mexe não... virge de bunda seja de home ou
de mulê...JOÃO ABADÉ — Adescurpa, irmão Pajeú;
não se arreceie Mestre Quadrado. Sô João
Abade, discípulo do Conselheiro, a vosmecê
mandado.

PAJEÚ — De há muito o pó da seia do

Santo busco... e sua palavra a mim dirigida
será sem tardança obedecida.ANTÔNIO BEATINHO — Nosso Bom Jesus
está a légua de jornada e logo em Natuba dará
entrada de seu povo seguido. E há pouco o
Mestre Abade falou: "João, o Beato chamaí e
para Natuba rumai..."

PONTO — ... logo às portas...

ANTÔNIO BEATINHO — Logo às portas
da aldeia um jegue estará. Seu dono é moço
Pajeú, que entre os meus quero. Ao seu lado,
Manoel Quadrado, que há muito espero. Se
vos questionarem, dizei: O Bom Jesus do je-
gue uso fará, mas logo o devolverá.MANOEL QUADRADO — Leva o jegue,
falo por mim e por irmão Pajeú, porque no
burrico tenho meação. Leva e diz ao Santo,
que Manoel Quadrado, do Conselheiro deve-
dor, de hoje prá frente, está com ele e sua
gente.PAJEÚ (Afagando o jegue) — Vai, bichi-
nho, carrega o Santo com carinho. Traiz ele
com vagareza e cuidado, que nós fais o fato
anunciado.PAJEÚ TIRA A MANTA DO CORPO E
COLOCA NO BURRICO, BEATINHO E ABADÉ
SAEM DEVAGAR, LEVANDO O JEGUE.

PONTO — ... irmãos, povo de Natuba...

MANOEL QUADRADO — Irmãos, povo de
Natuba, o Bom Jesus vai chegar. Depressa,
irmãos prá estrada, pro profeta dá entrada.PAJEÚ (Como um arauto) — Povo de
Natuba, o Bom Jesus vai chegar. Descobri
vossas cabeças, Irmãos. Tá chegando o Bom
Jesus, Antônio, Santo, Pai e Conselheiro.
Aleluia.SURGEM OS MORADORES DA VILA DE
NATUBA. AO LONGE, OUVES-SE UM CANTO.
É A GENTE DO CONSELHEIRO QUE SE
APROXIMA.

MÚSICA —

Do céu, do céu veio uma luz
Que Jesus mandou...Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]ENTRA O CONSELHEIRO MONTADO NO
JEGUE, COM ELE, ABADÉ, BEATINHO, RO-
MEIROS. TRAZEM UMA IMAGEM NUM
ORATÓRIO E UMA GRANDE CRUZ.

MÚSICA —

Do céu, do céu veio uma luz
que Jesus mandou...Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]

Lançado no livro
de Tombo
em 03/06/75
sob n. 301

168
C

O POVO DE NATUBA SAÚDA O CONSELHEIRO COM VIVAS, ESTENDENDO MAN-TOS, COLOCANDO RAMOS DE ÁRVORES, FLORES, EM SUA PASSAGEM. MISTURAM-SE O POVO DE NATUBA. E A GENTE DO CONSELHEIRO.

VOZES —

Hosana. Hosana.

Bendito o que vem em nome do Senhor.

Aleluia. Aleluia.

Viva o Bom Jesus Conselheiro.

Aleluia.

ENTRA UMA VELHA, CORRENDO (TIA BENTA) PERSEGUIDA POR DOIS COBRADORES MUNICIPAIS DE IMPOSTOS, AGARRA-SE AOS PÉS DO CONSELHEIRO, AJOE-LHA-SE.

TIA BENTA — Meu Pai Santo, agasalho e proteção pra uma velha perseguida pela Lei do cão.

ANTES QUE O CONSELHEIRO RESPON-DA, OS COBRADORES AGARRAM A VELHA. MURMÚRIOS DE PROTESTOS ENTRE O POVO.

PRIMEIRO COBRADOR — Num adianta invoca proteção de Santo nenhum, Vosmecê vai com a gente.

O CONSELHEIRO APEIA-SE. OS COBRADORES SOLTAM A VELHA.

CONSELHEIRO — Quem a mim se dirigir, coisa querendo pedir, seja homem, ou fraca mulher, nunca partiu sem dizer o que quer.

ABADE E PAJEÚ DÃO EMPURROES NOS COBRADORES.

JOÃO ABADE — Não escutô, cabra safado? Arreda, peste.

1.º COBRADOR — É por ordem do Chico Dantas, o prefeito. Essa velha, por Tia Benta conhecida, imposto num qué pagá de suas estera vendida.

TIA BENTA — Verdade não, Pai. Querê, quero. Posso não, Pai. Etera vendo por quatro vintém, aqui que me desdiga alguém. Se treis pago pelo matériá, que já não é do bom, como posso ao Prefeito dá o último tostão? Do que vô vive? E os neto-órfão vô deixá mor-rê? Me ajuda eu, Pai. Pelo Jesus menino, pelas estrela do destino, ajuda eu, Pai.

CONSELHEIRO — Mestre Abade procura as tábuas dessa lei. Quero ver.

PAJEÚ — Precisa não, Pai. Tão aqui.

PAJEÚ AO FUNDO ARRANCA UM QUA-DRO DE MADEIRA. PAJEÚ PASSA O QUA-DRO A BEATINHO QUE O ENTREGA AO CONSELHEIRO. O CONSELHEIRO LÊ EM SILÊNCIO.

PONTO — ... é desrespeito. Arrancô a lei...

1.º COBRADOR — É desrespeito arranco a Lei da República.

2.º COBRADOR — Fica calmo, é meió.

PAJEÚ — Cala a boca, desgraçado.

MÚSICA —

Garantidos pela lei, aqueles malvados

[estão.

Nós temos a Lei de Deus, eles tem a Lei

[do cão.

Eles tem a lei do cão, nós temos a lei de

[Deus,

Garantidos pela lei, aqueles malvados

[estão".

1.º COBRADOR — É desrespeito, vosmecê. Conselheiro, está indo mui longe. Num arres-peita, nem o Prefeito, nem a República.

2.º — COBRADOR — Calma, num vai mais ofendê o Santo.

1.º COBRADOR — Tem dó do que sua gente vai passá. Então, crê que imposto num é prá pagá?

ABADE AMEAÇA AGREDIR O PRIMEIRO COBRADOR.

CONSELHEIRO — Deixa o homem, João. Eu não disse que a lei é para ser desrespeita-da. Eu não vim para abolir as leis, mas para melhorar as leis. Se é uma lei errada, cabe a mim ao meu povo mostrar a norma acerta-da. (PAUSA) Depois meu filho, vosmecê é cobrador de quem: da República ou do Impe-rador?

1.º COBRADOR — Trabalho pro município de Natuba, só da República servidô.

CONSELHEIRO — Beato, me dá uma moeda.

BEATO TIRA DO GRANDE SACO DE DI-NHEIRO, QUE SEMPRE TRAZ CONSIGO, UMA MOEDA.

CONSELHEIRO — Agora, filho, sem tar-dança, me dá resposta. De quem é esta figura que a moeda mostra?

CONSELHEIRO EXIBE A MOEDA AOS COBRADORES.

1.º COBRADOR — É de Pedro Molenga, o Imperadô. Mas é que o dinheiro da República aqui ainda não chegô.

CONSELHEIRO — Ao Imperador o que deve ser do Imperador; ao Senhor o que é do Senhor, e ao meu povo o que é do meu povo. Essa lei de cobrar imposto de esteira pro po-bre feita, injustiça é, pra minha gente, não gou nela fé.

PONTO — ... cuidado, Santo, essa p.áti-ca perigosa...

1.º COBRADOR — Cuidado, Santo. Essa prática perigosa se faiz. Cum governo e solda-

169
8

do num é bom se desavim, que isso pode levá a mau fim.

ABADE — Inda fala. Te abro no meio. Cala.

ABADE CORRE SOBRE O PRIMEIRO COBRADOR, SEGUIDO DE PAJEÚ. CONSELHEIRO FAZ UM GESTO DE CALMA. O PRIMEIRO COBRADOR FOGE. O SEGUNDO COBRADOR CAI DE JOELHOS.

2.º COBRADOR — Se perdão ainda tenho, posso me aquentá ao vosso lenho?

CONSELHEIRO — Como a todos, te esperava, te conhecia. Um dos nossos serás a partir deste dia.

BEATINHO — Ele tem uma sacola dos dinheiro robado dos imposto. Vó pegá prá nossa gente distribui com justiça e gosto.

O CONSELHEIRO ASSENTE. BEATO AR-RANCA A SACOLA DO COBRADOR. BEATO SAI. CONSELHEIRO TOMA A TABOA DA LEI NAS MAOS.

CONSELHEIRO — Ao Imperador o que é do Imperador, ao meu povo o que é do meu povo. Eu queimo essa lei e tudo o que de mal aparecer de novo. Queima, mestre Abade, queima.

PASSA A TABUA DA LEI A ABADE. PAJEÚ ACENDE UMA TOCHA. INCENDEIAM A TABUA DA LEI. CLARÃO CRESCENTE A MEDIDA QUE A CENA SE DESENVOLVE. PEQUENO A PRINCIPIO, ILUMINANDO DEPOIS O PICADEIRO.

CONSELHEIRO (Como nam flash, dentro da cena) — Vocês agora vão sofrer com isso, mas eu que cuido de vocês, fico para protegê-los. (PAUSA) A família real foi por Deus constituída para governar o Brasil. Que o presidente se convença disso e a República há de cair por terra.

MÚSICA —

Viva Isabel, a Redentora.

Proclamando com ardor,

Viva o defunto Imperador.

CONSELHEIRO — Quem subiu ao poder pela força das armas praticou uma injustiça contra os mandos reais do nosso trono.

MÚSICA —

Saiu D. Pedro para o reino de Lisboa.

Acabou-se a monarquia e o Brasil ficou [à toa.

Acabou-se a monarquia e o Brasil ficou [à toa.

CONSELHEIRO — A República é obra da incredulidade e o casamento civil é a lei do escândalo.

MÚSICA —

Casamento vão fazendo
Só pro povo iludir
vão casar o povo todo
no casamento civil

Desgraçado são aqueles
pra fazerem a eleição
abatendo a lei de Deus
suspendendo a lei do cão

CONSELHEIRO — Agora veio a república com toda a ingratidão, mas há de mil rebanhos correr, da praia para o sertão, e haverá muitos chapéus e poucas cabeças, e haverá muito pasto e pouco rastro, e um só pastor e um só rebanho. (PAUSA) E quando as nações brigarem com as nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra e a Prússia com a Prússia, das ondas do mar sairá D. Sebastião, com todo o seu exército, e então o sertão virará praia e a praia vai virar sertão.

MÚSICA —

Num dia de cerração, montado em seu [cavalo,
quem quiser pode esperá-lo, El Rei [Sebastião
Sebastião já chegou e traz muito [regimento
acabando com o civil e fazendo o [casamento.
O anti-Cristo nasceu e quer no Brasil [mandar
Mas aí está o Conselheiro para dele nos [livrar.

Visita nos vem fazer El Rei Sebastião
Coitado daquele pobre que estive na lei do [cão.

PONTO — ... depois da vida cumprida
aquele tiver... *sup.*

CONSELHEIRO — Aquê que não tem uma espada, venda seu hábito e compre um gládio, porque das ondas do mar sairá D. Sebastião.

MÚSICA —

Montado em seu cavalo, num dia de [cerração,
quem quiser pode esperá-lo, El Rei [Sebastião.

É tudo será festejo, parece que já o velho
moço-rei a governar, moço-rei a [governar...

BEATO (Como um arauto) — É preciso
uma terra encontrá...

PAJEÚ (Como um arauto) — Pro nosso
povo morá...

ABADE (Como um arauto) — E dessa
República escapá...

170

CONSELHEIRO — A caminho, filhos, a caminho.

A MEDIDA QUE O CONSELHEIRO FALA FUNDO MUSICAL EM SURDINA. TODOS CAMINHAM PELO PICADEIRO ATÉ ESTACAREM NUM LUGAR DO OUTRO LADO. É A FAZENDA VELHA, A BEIRA DO RIO VAZABARRIS.

CONSELHEIRO — É aqui, é aqui a terra da promessa. Neste lugar dos Canudos nós vamos abancar. Neste rio Vaza-Barris vai correr leite e de cuscus de milho serão as suas barrancas. E nos outros rios, no Mucum, no Umburanas, vai nascer mel... Nas colinas, nas serras, tudo dará em abundância: cana-de-açúcar de descascar com os dedos, gerimum à farta, e chuva... muita chuva...

Meu povo vai fazer o saco nas vilas porcerca e trazer tudo para cá, e Mestre Abade — comandante do povo — vai distribuir tudo por igual, porque depois da enchente vem a semente. A peste não entra. É aqui que será o Império de Belo Monte.

A MEDIDA QUE A PRÓXIMA MÚSICA FOR CANTADA, HAVERÁ INTENSA MOVIMENTAÇÃO DE POVO, ARRUMANDO O LUGAR ESCOLHIDO. A MOVIMENTAÇÃO É MAIS OU MENOS ASSIM: ABADE E PAJEÚ FINCAM UMA CRUZ. JAGUNÇOS FAZEM TRAÇADO PARA CASA. BEATO RECOLHE DINHEIRO. JAGUNÇOS ARAM A TERRA.

MANOEL QUADRADO DISTRIBUI PÁS, ENXADAS, INSTRUMENTOS DE TRABALHO. ABADE DISTRIBUI ESPINGARDAS.

MÚSICA —

É aqui, é aqui, o Império de Belo Monte
É aqui, é aqui. Canta jagunço, canta

[irmão.

Reza com o Conselheiro, tua libertação.
A sertão todo em flor esplende e cheira;
Jagunço! Chegou a hora da redenção!
Teu braço não mais val bater o solo
Sob o manto pesado do feitor:

Teus filhos não mais dormirão ao relento
tatuados de bexigas, comidas de úlcera,
castigados de maleita.

Tua mulher não mais irá viver na casa
[dos outros

Como um traste qualquer.

Tu não terás mais ponto nem feitor

Nem zanga do coronel, nem as ordens do
[doutor.

Volta à terra, jagunço,

Larga o rifle, mas deixa perto!

Cava o solo que anseia pela semente.

É aqui, e aqui o Império de Belo Monte;

É aqui, é aqui!

ABADE (Como um arauto) — Vem, irmão.

SOM DE TROMBETA SERTANEJA.

ABADE — Vem, irmão.

CHEGAM ROMEIROS. A "CANÇÃO DOS JAGUNÇOS" É ENTOADA EM SURDINA, DURANTE A CENA.

VOZ — E o povo chega como uma enchente. Do mar pro sertão, do sertão pro sertão.

VOZES — De Itabaiana. De Queimada.

Da Bahia. Do Piauí.

De Cansação. De Massacará.

De Jacobina. De Itapicuru.

Do Cumbe. Do Ceará.

De Pernambuco. De Traipu.

ABADE — Vem, irmão!

TUDO VAI SE TRANSFORMANDO ATÉ ENTRAR NUMA ROTINA DE TRABALHO, AMOR E PAZ.

SUB CENA

Entram dois ou três "Peludos" arrumam o picadeiro para a cena seguinte, espicaçados com violência pelo Mestre de Cerimônias e pelo Domador.

CENA V

Surgem, numa elevação do picadeiro, com uma rampa até o rés do chão, Frei Evangelista do Monte Marciano e Frei Caetano Paptistão. Descem por entre o povo de Canudos que trabalha e canta. Os frades vem em santa missão para salvar os jagunços...

A medida que descem, passando pelo povo, a música cessa e o povo fica estático, em silêncio.

Frei Marcelino é alto e solene. Frei Paptistão é corcunda.

Chegam a porta da igreja nova, em construção. Vê-se um sino, preso a uma coluna e uma velha pia de batismo. Os frades são recebidos pelo Conselheiro, acompanhado de Abade, Pajeú, Beato, Tia Benta e povo.

FREI MARCIANO — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

CONSELHEIRO — Para sempre seja louvado, tão bom senhor!

FREI MARCIANO — Aqui venho em fim de paz, em missão sagrada, falar a essa gente de padre há muito abandonada.

CONSELHEIRO — No que a vossmecê puder ajudar, podeis contar.

PONTO — ... na casa que reservei...

CONSELHEIRO (Com má vontade) — Na casa que reservei para o vigário do Cumbe, logo ali na rua do Campo Alegre, podeis vos alojar. Suprimento de boca mando já providenciar. Nada há de faltar.

FREI MARCIANO — Estamos em missão sagrada, ordenada pelo arcebispo da Bahia, D. Jerônimo Tomé, preocupado por ter o povo de Canudos perdido a fé...

CONSELHEIRO — Assim fato não é! Meu povo é respeitador das coisas da Igreja, e eu de mim nada mais quero do que viver em paz, além de aqui e ali uns açudes d'água arrumar... e o fruto do plantio a cada um assegurar.

FREI MARCIANO (Cortando) — No entanto, essa não é a notícia que temos. S. Excia., o governador Rodrigues Lima, este caso acompanha porque o governo desrespeitado foi. Sem dizer que nas coisas de Deus, mais aqui se fala no temporal do que no espiritual.

CONSELHEIRO — O governo, do sertão, só se lembra prá buscar soldado em tempo de guerra e imposto no tempo da paz.

FREI PAPTISTÃO (Baixo, a Marciano) — Eis aí. Eis aí a prova. É um revolucionário. Eis aí.

CONSELHEIRO — Se vosmecês quiserem, a igreja vou mostrar... Por favor, queiram me acompanhar.

OS TRÊS ANDAM POR ANDAIME3. EM BAIXO, ABADE, PAJEÚ E O POVO ACOMPANHAM.

CONSELHEIRO (Apontando) — Uma das torres daqui sairá, ali a base da outra. Mais acima, do outro lado, a nova pia de batizados. E na frente, a nave...

PONTO — ... o altar dourado...

CONSELHEIRO (Com má vontade) — ... o altar dourado, com um Santo Antônio de Portugal mandado. E o povo, na volta do trabalho, todas as noites estará...

FREI MARCIANO (Cortando) — Senhor Antônio Mendes Maciel, como já vos disse, meu fim é todo de paz, e por isso extranhar devo de enxergar tantos homens armados...

CONSELHEIRO — É para minha guarda e da minha gente que o povo está armado. Porque fato conhecido, é, que a polícia atacou-me e quiz matar-me num lugar chamado Masseté, onde ouve mortos de um e outro lado...

FREI MARCIANO — Caminho legal para isso existe. Uma queixa a justiça podéis apresentar.

RISOS.

TIA BENTA (Imitando) — "Uma queixa à justiça podéis apresentar"... bah!!!

RISOS.

CONSELHEIRO — No tempo da monarquia, deixei-me prender porque reconhecia o Governo. Hoje, não, porque não reconheço a República.

FREI PAPTISTÃO — Eis aí. É um revoltoso, eis aí.

FREI MARCIANO — Vou abrir a Santa Missão, para batizar, confessar e explicar ao povo transviado a pensar na vida eterna...

FONTO — ... e não apenas na felicidade terrena...

FREI MARCIANO — E não apenas na felicidade terrena e vou ainda aconselhar essa gente toda a largar as armas e voltar para seus lares.

TIA BENTA — Não quero o padre hereje.

VOZES — Nois queremos acompanhá o Conselheiro.

O CONSELHEIRO COM UM GESTO SILENCIA O POVO.

CONSELHEIRO — Meu frade, acolhida de irmão vos dei e, além de me agredir, nem seu nome sei.

FREI MARCIANO — O nome numa hora assim pouco importa; o que interessa é saber que Cristo nos exorta!

RUMOR DE DESAPROVAÇÃO DO POVO.

FREI MARCIANO — A Ordem dos Capuchinhos pertencemos, Frei Castano Paptistão, e eu que a Missão Chefia: Frei João Evangelista do Monte Marciano.

CONSELHEIRO — Nada há nos Canudos que assuste um mariano.

FREI MARCIANO — Senhor, se é católico, deve considerar que a igreja condena as revoltas e aceitando todas as formas de governo...

TIA BENTA — As igreja tá sempre cos poderoso...

FREI MARCIANO — ... ensina que os poderes constituídos regem os povos em nome de Deus.

ABADE — Safa, padre maçon.

FREI MARCIANO — É assim em toda a parte: a França que é uma das principais nações da Europa foi monarquia por muitos séculos, mas há mais de vinte anos que é República e todo o povo de lá, sem exceção dos monarquistas, obedece às autoridades.

PAJEÚ — Esse povo tá errado de acatitar as coisas má.

TIA BENTA — Nois num tem nada cos francesos, nois qué o nosso Conselheiro aqui no sertão.

VOZES — Abaixo os padres do governo.

CONSELHEIRO ACALMA O POVO.

CONSELHEIRO — Não sou nenhum vagabundo de Deus. Sei o que é bom para o meu povo. Se a gente da França aceita a república, pior para eles e mais ainda se a Igreja apoia...

FREI MARCIANO — Então afirma que a



Antônio Fagundes, Edy Lima e Luiz Serra, numa cena de "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU", de César Vieira, montagem do "Teatro da Cidade"

Igreja da França errou?

FREI PAPTISTAO — Sacrílego, além de revoltoso, eis aí.

CONSELHEIRO — Não sei se errou ou acertou, das coisas de lá não posso dizer, mas das daqui posso e quero, foi para isso que eu recebi minha embaixada. Cumigo os mansos possuirão da terra, mas os que tem fome e sede de justiça também serão saciados.

FREI PAPTISTAO — Está adulterando as escrituras, sacrílego.

VOZES AGRESSIVAS DE DESAPROVAÇÃO: —

ABADE — Cala, urubu de corcova.

TIA BENTA — Queto, corcunda safardana.

CONSELHEIRO — No dia que virá e perto está; que será um grande dia aquele e não há outro semelhante, o Senhor dos Exércitos afastará o jugo do pescoço de seu povo e nunca mais estrangeiros farão escravo este povo.

FREI PAPTISTAO — Agora adultera Jeremias. Excomunhão. É caso de excomunhão.

CONSELHEIRO — Aqui nos Canudos meu povo vai viver em paz, porque nos outros lugares está tudo contaminado pela República.

BEATO — Tem de sê assim. Foi por isso que nós ficemo com o Conselheiro.

PONTO — ... é mau esse pensar...

FREI MARCIANO — É mau esse pensar e doutrina errada é a vossa.

TIA BENTA — O padre é que tem doutrina errada e não o nosso Conselheiro.

VOZES — Abaixo os padre hereje e repulicano. Viva o Bom Jesus.

PAJEÚ — Morra o padre maçom.

TIA BENTA — Viva o Bom Jesus Conselheiro.

FREI CAETANO — Proibe então a Santa Missão?

PONTO — ... eu não estorvo.

CONSELHEIRO — Eu não estorvo essa Santa Missão, mas também não desarmo minha gente.

CONSELHEIRO SAI.

CENA VI

Mesmo cenário da última cena. Frei Marciano prega. Por perto, Frei Paptistão. Ouvem: Abade, Beato, Pajeú, Tia Benta e povo.

A medida que esta cena se desenvolver, escorregarão do alto da nave grandes faixas negras e roxas, lentamente, até transformar o local que era alegre, em sombrio e triste.

FREI MARCIANO — A bem-aventurança eterna será obtida através de...

JAGUNÇOS ENTREOLHAM-SE SEM ENTENDEREM.

FREI MARCIANO — ... obras pias, desprendimento, sacrifícios e, principalmente...

PONTO — ... aceitação das condições que a divina...

FREI MARCIANO — Aceitação das condições que a divina providência nos impôs... (PAUSA) Pode-se jejuar muitas vezes comendo carne ao jantar e uma chávena...

TIA BENTA — Chávena?

FREI MARCIANO — ... chávena de café pela manhã...

PAJEÚ — Isso não é jejuar. É comer à farta.

RISOS. PAJEÚ E TIA BENTA SAEM.

FREI MARCIANO — ... a cada missa assistida, a cada óbulo...

OLHARES ESPANTADOS.

FREI MARCIANO — ... óbulo doado à Santa Igreja, estareis assegurando uma parcela do Paraíso e livrando-vos dos castigos eternos do inferno.

PONTO — ... o respeito ao sagrado...

FREI MARCIANO — O respeito ao sagrado direito de propriedade...

A MEDIDA QUE MARCIANO PREGA, PAPTISTÃO COLOCA MESINHAS COM IMAGENS DE SANTOS, VELAS, TERÇOS, ÁGUA BENTA EM VIDROS ANFORADOS DE DIVERSAS CORES, TUDO AMONTOADO, COM PREÇOS ESPETADOS EM CIMA, COMO NUMA FEIRA. DESCEM AS FAIXAS NEGRAS E ROXAS.

FREI MARCIANO — ... a cada oração, a cada prece, ou mesmo a cada terço adquirido ou imagem comprada, uma graça vos será acrescentada.

FREI PAPTISTÃO — Terços de vidro de Espanha por dois tostões, trezentos dias de indulgências acompanham. Madonas dos espinhos, importadas de Paris, dão direito a um Santo colorido de papel e graças mil.

FREI MARCIANO — Devagar, Paptistão, não se exceda.

PAPTISTÃO QUER CONTER-SE MAS SEU TEMPERAMENTO NÃO PERMITE.

FREI PAPTISTÃO — Águas bentas, bentas pelas mãos de D. Tomé, Arcebispo da Bahia, dois tostões também a garrafinha, ricamente lapidada, 100 dias de indulgências garantidos!

UM JAGUNÇO APROXIMA-SE E COM-PRA. PAGA. BEATO INTERVÉM. ARRANCA A GARRAFA, TOMA O DINHEIRO, EMPURRA PAPTISTÃO. QUEBRA A GARRAFA NO CHÃO. O JAGUNÇO FOGE.

BEATO — Padre sem vergonho!

BEATO SAI.

FREI MARCIANO — Tudo aqui fere a Deus.

PONTO — ...ainda é tempo...

FREI MARCIANO — ... ainda é tempo de salvar vossas almas; o governo providências logo vai tomar; vocês todos devem dispersar-se, voltar às casas, reconhecer às autoridades, obedecer aos padres, ainda é tempo!

ENTRA O CONSELHEIRO ENFURECIDO, ACOMPANHADO DE MESTRE QUADRADO E OUTROS. VAI DERRUBANDO AS MESAS DE COMERCIO A MEDIDA QUE PASSA. QUADRADO JOGA PAPTISTÃO NO CHÃO.

CONSELHEIRO — Fora! Esta é a casa do Senhor e vós fizestes dela um balcão de negócios e um centro de politização. Fora.

FREI MARCIANO — Depois tarde será para o arrependimento. Pensai...

CONSELHEIRO — Fora. Fora.

ABADE — Esse frade Marciano mais o corcunda Caetano estão de inteligência co governo e só querem abri caminho prás tropa que vem de surpresa prendê o Conselheiro e acabá co'a nossa raça. Fora cos padres safado. Fora.

VOZES — Abaixo os frade republicano. Fora. Fora.

COM UM APITO, JOAO ABADE ORIENTA O POVO QUE EM MOVIMENTOS HARMONICOS, VAI EXPULSANDO OS FRADES. FREI MARCIANO SAI, TENTANDO MANTER A DIGNIDADE. FREI PAPTISTÃO AGARRA O QUE PODE DE SEUS TRASTES E SAI SOB GRITOS.

SOBEM AS FAIXAS EGRAS E A NAVE CLAREIA ALEGRE DE NOVO.

LUZ EM RESISTÊNCIA.

ACENDE NOS DOIS PADRES SUBINDO A MESMA RAMPa POR ONDE DESCERAM PARA ENTRAR EM CANUDOS, VERGADOS SOB O PESO DOS TRASTES E DA HUMILHAÇÃO.

CHEGAM AO ALTO DA RAMPa. PAPTISTÃO CAI AO CHÃO, CABEÇA ENFIADA NOS TRASTES. MARCIANO OLHA A VILA AOS PÉS. TIRA A SANDÁLIA, SACODE O PÓ SOBRE CANUDOS E AMALDIÇÃO A CIDADE.

FREI MARCIANO — Povo maldito! Tãpera desgraçadas.

Da tua arrogância, em breve nada ficará! Antônio Maciel, te amaldiçoó, a ti e a tua

gente do inferno!

Desses Canudos imundos, nem uma pedra restará!

Delenda est Canudos!

SAEM

VOZES (Com ironia) — Delenda est Canudos.

PANO

Na frente do pano, entra Zeca Tibério. Mestre de Cerimônias.

ZECA TIBÉRIO — Respeitável e seletto público, aqui termina o primeiro ato do belo espetáculo "A Guerra de Canudos". Tudo correu bem... mas uma desculpa apresento pela atuação de Vicente ator convidado, que não conhecendo bem as falas vez por outra descuidou-se. Desculpa! Senhoras e Senhores.

Agora, podeis vos regalar nas barracas de garapa, amendoim e pipoca.

ZECA TIBÉRIO (Continuando) — Enquanto isso, Zebedeu, nosso grande autor, ficará por entre vós, para assinar as músicas do drama que podeis adquirir por preços módicos...

ZEBEDEU DESCE PARA O MEIO DO PÚBLICO, LEVANDO A PLUMA PARA ASSINAR, ACOMPANHADO DE MAGDA, A PRIMEIRA BAILARINA, RICAMENTE VESTIDA, E UM PELUDO. AMBOS CARREGAM FOLHETOS DAS MÚSICAS DO DRAMA, PARA SEREM VENDIDOS AOS ASSISTENTES.

VOZES — Garapa, Amendoim. Tremoços. Pipococa.

VOZ (Alto falante ao fundo) — Amanhã ainda "A Guerra de Canudos", e sábado inicia o sensacional espetáculo "A Morte do Capitão-Mór". Não percam.

MÚSICA DE CIRCO

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Antes de abrir-se o pano.

VOZ (Ao fundo — alto falante) — Distinto, seletto e educado público, com vossa presença, iniciamos agora o segundo ato da "Guerra dos Canudos".

Pedimos, de novo, que se mantenha o máximo silêncio, a fim de que nada se perca e todos possam aproveitar tudo o que esse formidável drama nos ensina.

CENA I

Ouve-se uma voz, idêntica a de um locutor de futebol ao dar constituição das equipes que vão adentrar o campo para um jogo.

VOZ (Pregão esportivo) — A nova expedição contra Canudos está assim constituída: — Chefe; Coronel Antônio Moreira César; oficiais, Coronel Pedro Nunes Tamarindo, Major Cunha Mattos e Capitão Salomão da Rocha; Capitão Pedreira Franco, Tenente Ávila e outros menos graduados. Ainda 1.300 soldados, estupendamente armados. Briosa cavalaria. Quinze milhões de cartuchos setenta tiros de artilharia.

MOREIRA CÉSAR SURGE AO RÊS DO PICADEIRO E COMEÇA A SUBIR UMA RAMPA. MOREIRA CÉSAR ESTÁ DE UNIFORME. É UM HOMEM PEQUENO, CALVO, PALIDO, SOFRE DE EPILEPSIA.

VOZ (Pregão esportivo) — Acompanhado

da confiança popular, Moreira César partiu do Rio de Janeiro, desembarcou em Salvador, e, como um raio, em 5 dias estava em Queimadas, em mais duas jornadas chega ao alto da favela, pronto para o embate decisivo com os jagunços de Antônio Conselheiro. O país aguarda, com intensa expectativa o início do combate. Os prognósticos favorecem a brava equipe de Moreira César, invicta em todos os encontros nos campos do sul do país.

MOREIRA CÉSAR CHEGA AO MEIO DA RAMPA. ENTRAM OFICIAIS UNIFORMIZADOS CORRENDO, PARAM ENTRE O INÍCIO DA RAMPA E O LUGAR ONDE SE ENCONTRA MOREIRA CÉSAR. SAUDAM O PÚBLICO COMO UM TIME DE FUTEBOL. ESTÃO O CORONEL TAMARINDO E OUTROS OFICIAIS.

OFICIAIS (Coro, saudando) —

Arakan, barambakan,
stumberê, stumberá,
macambê, mecambecá...

Rico reco, rico rá...

rá - rá - rá...

Moreira-Moreira-Moreira-reira-reira...

Moreira César, César, César, César...

MOREIRA CÉSAR SOBE MAIS UNS PASSOS COM SOLENIDADE. A MEDIDA QUE ELE SOBE, A SAUDAÇÃO ESPORTIVA VAI SE TRANSFORMANDO NUMA SAUDAÇÃO DE TRIUNFO ROMANO.

175

OFICIAIS — Viva Moreira César. Viva César. Ave César. Ave César.

MOREIRA CÉSAR CHEGA AO FIM DA RAMPA, SENTA NUM TRONO ROMANO, EM SEMI-CÍRCULO, COBERTO COM CETIM VERMELHO E PÚRPURA. EM VOLTA, OS OFICIAIS.

ENTRA UMA MULHER SUJA, TERÇO PRESO A ROUPA, CRUZ DE MADEIRA (AGREGADA AS TROPAS). NUM RELANCE, SOBE CORRENDO A RAMPA. JOGA-SE AOS PÉS DE MOREIRA CÉSAR. OS OFICIAIS SALTAM. TEMEM UM ATENTADO. MOREIRA CÉSAR ASSUSTA-SE.

MOREIRA CÉSAR — Arreda, mulher, arreda. Que é? Que é?

A MULHER COLOCA A CRUZ DE MADEIRA NA MÃO DE MOREIRA CÉSAR.

MULHER — É para protegê vosmecê, senhor generá. Vai precisá. É santa cruz protetora.

MOREIRA CÉSAR GARGALHA.

MOREIRA CÉSAR — Deixa prá lá, velha beata.

EMPURRA A MULHER COM O PÉ. JOGA A CRUZ NO CHÃO. PEGA A ESPADA.

MOREIRA CÉSAR — Deixa prá lá, que santa cruz protetora coisa nenhuma. Eu só acredito na força da minha espada.

MOREIRA CÉSAR GARGALHA. A MULHER SAI.

MÚSICA —

Vai, vai, vai, infantaria...

vem, vem, vem, infantaria...

Avante, avante, infantaria...

É o sétimo batalhão de infantaria,

Moreira César, nosso chefe, nosso guia,

vai, vai, vai, infantaria...

ENQUANTO SOA A MÚSICA, MOREIRA CÉSAR, ACOMPANHADO PELOS OFICIAIS, ANDA PELO PICADEIRO, COMO NUMA REVISTA, TODOS TEM UM AR GLORIOSO, MARCIAL, MOREIRA CÉSAR BATE COM O PÉ NUMA GARRAFA. MÚSICA CESSA.

MOREIRA CÉSAR — Que joça é essa?

OFICIAL (Abaixando-se e pegando a garrafa) — Uma garrafa, meu coronel.

MOREIRA CÉSAR — Dê prá cá.

MOREIRA CÉSAR PEGA A GARRAFA.

MOREIRA CÉSAR — Coronel Tamarindo!

MOREIRA CÉSAR FICA ROXO. AMEAÇA UM ATAQUE DE EPILEPSIA. RETORNA AO NORMAL. TAMARINDO ADIANTA-SE E PERFILA-SE.

TAMARINDO — Pronto, meu coronel.

MOREIRA CÉSAR — Já determinei: não quero aguardente em minha tropa...

TAMARINDO — Coronel, não vejo em que...

MOREIRA CÉSAR — Não interrompa. Não quero aguardente em minha tropa nem prá remédio.

TAMARINDO — Não posso ser responsabilizado por...

MOREIRA CÉSAR — Seu ordenança esteve ontem na Fazenda Cachimbé e trouxe para o acampamento mais de dúzia de garrafas de mandureba. Repito: — Não admito álcool em minha tropa e muito menos que meus oficiais façam uso dele.

MOREIRA CÉSAR — O infante é o melhor dos soldados, quando tem um bom chefe. Não se esqueça, Coronel Tamarindo, que se algo me suceder, o senhor é quem assume o comando, deve dar o exemplo.

PONTO — ... a infantaria quer que...

MOREIRA CÉSAR — A infantaria quer que seu chefe a comande em condições de superioridade. O chefe não é um igual. O infante sabe...

TAMARINDO (A parte) — Epilético filho da puta.

MOREIRA CÉSAR — ... reconhecer seu comandante sem precisar olhar-lhe os galões.

PONTO — ... e além disso, coronel, hoje...

MOREIRA CÉSAR — E além disso, coronel, hoje, ao inspecionar o acampamento, encontrei as instalações sanitárias em péssimo estado. E quando visito uma casa e encontro um local desses imundo, firmo logo conceito: é casa mal orientada e mal dirigida.

TAMARINDO — Pois eu, meu coronel, quando vejo uma casa arder, não me preocupo com a latrina.

MOREIRA CÉSAR — Dê sua opinião, Cel. Nunes Tamarindo, quando esta for solicitada, entendido?

TAMARINDO (Mais a parte) — Epilético filho da puta.

MOREIRA CÉSAR — Disse alguma coisa, coronel?

TAMARINDO — Concordava, não há motivo para disputa.

PAUSA.

MOREIRA CÉSAR — Senhores!

MOREIRA CÉSAR SOLENE, OS OFICIAIS PERFILAM-SE.

MOREIRA CÉSAR — Senhores, como todos sabem, estou muito doente. Há dias não me alimento, mas amanhã, vou almoçar em Canudos.

OFICIAIS — Amanhã!?!?

MÚSICA "VAI VAI INFANTARIA" COME-

176

ÇA A SOAR BAIXINHO:

MOREIRA CÉSAR — Vamos atacar Canudos amanhã, pela madrugada. O plano é este.

MÚSICA MAIS ALTO.

MOREIRA CÉSAR — A cavalaria descerá pelo outeiro da favela, com a cobertura da artilharia, sob o comando do Capitão Salomão e eu mesmo cairei sobre o arraial a frente do sétimo.

PONTO — ... Canudos será...

MOREIRA CÉSAR — Canudos será tomada sem se perder um só homem. Alguma dúvida, Senhores?

SILÊNCIO.

MOREIRA CÉSAR — Então, aos preparativos.

MÚSICA —

Vai, vai, vai, infantaria...

vem, vem, vem, infantaria...

Avante, avante, infantaria...

É o sétimo batalhão de infantaria,

Vai, vai, vai, infantaria...

Moreira César, nosso chefe, nosso guia,

CENA II

Grupo de Jagunços em preparativos para o combate. Estão: o Conselheiro, João Abade, Pajeú, Manoel Quadrado e outros. Pelo chão, sacos e cordas.

CONSELHEIRO — Pega os homens. Irmão Pajeú, espalha por toda a serra, desde o Caypan até o Cambaio.

ABADE — Põe gente nos mutuais, cava buraco fundo e esconde os homens ali. Quando os cabra do governo surgirem, fogo neles. Vai irmão.

PAJEÚ — Salve o Bom Jesus.

PAJEÚ SAI.

ABADE — Mestre Quadrado, vai com rapieira, de cada cem em cem jarda, faz um cercado com folha de mandacaru, põe um homem dentro com quinhentos cartuchos. Derrama dessas armadilha, por toda a margem do Vaza-barris. Um dos nossos vai sempre segurar um batalhão das fraquezas do governo. Os cabra do Moreira César vão correr que nem animal cabrito desce descendo montanhas, mordidos pelas favelas, escorraçado.

MANOEL QUADRADO — Viva o Bom Jesus Conselheiro!

MANOEL QUADRADO SAI.

MÚSICA —

Nuvem do céu há de vir...

Pros inimigos destruir...

ENTRAM TIA BENTA E BEATO, TRAZEM

SACOS E CORDAS. FAZEM REVERÊNCIA PARA O CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO — Quantas coimelas trouxe, tia Benta

BENTA — Trinta e três, meu Santo, com cinco já pega dantes, trinta e oito são somadas.

PONTO — ... bom, e vosmecê, mestre...

CONSELHEIRO — Muito bom! E vosmecê, mestre Beato?

BEATO — Meu Bom Jesus, arrumei mais de duas dúzias, além das perdidas que se esborrachou no chão na hora de enfiar no saco.

ABADE — Co as cento e poucas que já tinhamos, dão mais de duzentas.

CONSELHEIRO — Alguém ficou ferido?

BEATO — Chegamos de mansinho, como vosmecê falou, na hora de meia noite. Os bichinho tava dormindo... inda sim, tia Benta levô ferroadada na mão.

BENTA — Foi uma das grande, das vermelha. Saiu da cormeia, voô prá cima de mim, carvô o ferrão. Tá inchado que dói.

CONSELHEIRO — Deixa ver.

CONSELHEIRO EXAMINA A MÃO DE BENTA.

PONTO — ... esfrega fumo com força...

CONSELHEIRO — Esfrega fumo com força em cima, depois, derrama um pouco de mandureba... mecho com bicho há mais de dez anos e nunca fui mordido nem picado. Toma tento, irmã: abeia é bicho bom, só pica quando provocado, fora disso é manso como louva-deus. Passeia na mão e perfuma até...

MÚSICA —

Nuvem do céu há de vir...

Pros inimigos destruir...

CONSELHEIRO — Agora, Mestre Abade, vai dizer com fervor e jeito tudo o que deve ser feito.

O CONSELHEIRO SAI.

ABADE — Sei que nós pode contar com a ajuda do céu... mais nos causos de milagre é sempre bom dá uma mãozinha... Agora, irmãos, vão tudo vosmecê se colocá nas alturas da serra e fica lá bem calados até a hora que ouvi o meu apito... Então, pega no saco e gira assim...

ABADE PEGA UMA CORDA COM UM SACO AMARRADO E GIRA SOBRE A CABEÇA.

ABADE — Depois, joga em cima das tropas do ruinoso do Moreira César... Os sacos vão se abri, as coimelas arrebatá e os bichinho vão cair que nem enxame de Belzebu nos praça... num vai ficar moleque da fraqueza do governo nos Canudos... vão correr até abancá o mar-oceano... Agora, vão irmãos, com

presteza. Oia, espera o apito. Num vão se açulera. Espera o apito. Vão.

OS JAGUNÇOS SAEM.

MÚSICA —

Nuvem do céu há de vir...

Pros inimigos destruir...

CENA III

Flash — Moreira César espada à mão.

MOREIRA CÉSAR — Avante, sétimo. Avante. Pela Pátria. Não dai quartel. Artilharia, fogo. Avante.

RUIDO DE LUTA, APITOS, TIROS.

VOZES (Jagunços) — Vem, soldado safado. Chega, cachorro da República. Arreda viva o Conselheiro!

TIROS. SINOS.

MOREIRA CÉSAR — Parem, lutem, covardes.

TIROS.

VOZES (Soldados) — Milagre! Milagre! Tá descendo nuvem do céu prá nos matá! Milagre!

BARULHO. TIROS

MOREIRA CÉSAR — Milagre merda nenhuma. É mosquito. Parem, covardes.

MOREIRA CÉSAR CAI FERIDO NA BARRIGA.

ESCURECE.

CHEGAM ATÉ MOREIRA CÉSAR CAIDO, TAMARINDO E OUTROS OFICIAIS. BARULHO DE COMBATE DECRESCER.

MOREIRA CÉSAR — Me pegaram... mas não é nada... coisa átoa...

FAZ UM MOVIMENTO. OFICIAL AJOE-LHA-SE, APOIA A CABEÇA DO CHEFE NO PEITO.

MOREIRA CÉSAR — Que lugar é este?

OFICIAL — Acho que é a "Fazenda Velha"... mais cem jardas e estávamos dentro do arraial.

TAMARINDO — É a "Fazenda Velha", no sítio das Umburanas.

OFICIAL — Que ordena agora, meu coronel? Que fazer?

MOREIRA CÉSAR — Que fazer? Continuar a luta. Lutar até o último homem.

TAMARINDO — Não tem mais quase nenhum.

MOREIRA CÉSAR — E o capitão Salomão?

OFICIAL — Morto.

MOREIRA CÉSAR — Morto

PONTO — ... morreu como um herói...

OFICIAL — Morreu como um herói, caiu dizendo: "onde fica a bateria, fica seu capitão".

MOREIRA CÉSAR — Era um homem...

MOREIRA CÉSAR GEME. CONTORCE-SE.

TAMARINDO — Creio, coronel, que devemos recuar...

MOREIRA CÉSAR — Recuar? O sétimo não recua nunca. Mantenha posição, coronel Tamarindo, mantenha posição...

OFICIAL — É difícil, meu coronel, impossível...

MOREIRA CÉSAR — É uma ordem. Mantenha posição... até o último. Reforços vem aí... mantenha posição...

TAMARINDO (A parte para o oficial) — Assumo o comando, o homem não se aguenta mais.

OFICIAL — Como?

TAMARINDO — Mande tocar o "retirar".

UM OFICIAL SAI.

TAMARINDO — Meu coronel, é melhor que...

OUVE-SE O TOQUE DE RECUAR.

MOREIRA CÉSAR — Toque de retirada?! Quem mandou?... aí... covardes... Estou morrendo, mas não compatuo com essa feli-nia... aí... é desonrar minha carreira. Mancha meu nome, profana os penachos do sétimo.

TOQUE DE RECUAR MAIS PERTO. AGUDO. MOREIRA CÉSAR CONTRAI-SE.

MOREIRA CÉSAR — Eu... não aceito... comigo... morre a... república...

MOREIRA CÉSAR MORRE. OFICIAL DEIXA O CORPO CAIR. LEVANTA-SE. OS OFICIAIS FICAM DE PÉ. OBSERVAM O CHEFE MORTO.

TAMARINDO (A parte) — Eu sabia que essa bosta ia estourar nas minhas costas.

OFICIAL — Que ordens tem, meu comandante?

TAMARINDO — Debandar! Em tempo de murici, cada um cuide de si!

TODOS SAEM CÉLERES, CADA UM POR UM LADO.

LUZ EM RESISTÊNCIA.

O CORPO DE MOREIRA CÉSAR FICA SÓ. RUIDO DE TIROS DECRESCENDO AO LONGE ATÉ PARAR COMPLETAMENTE.

COMEÇAM A CHEGAR MULHERES JAGUNÇOS. OLHAM O CADAVER. GIRAM EM TORNO DELE.

COMEÇAM A DANÇAR LENTAMENTE EM VOLTA. APRESSAM DEPOIS EM RITMO DE CIRANDA.

MÚSICA. —

Moreira César, olhos de cana calana, foi ferido nos Canudos, foi morrer nas [Umburana...]

Moreira César, olhos de cana-caiana,
foi ferido nos Canudos, foi morrer nas
[Umburana...

SUB CENA

Ajudantes de circo providenciam a mudança do cendrio. Preparam o picadeiro maltratados por ordens violentas do Mestre de Cerimônias e do Domador.

CENA IV

Anoitecer. Badaladas lentas do sino. Sob a latada da igreja nova, uma morena muito bela, ajoelhada, reza. Mais a esquerda, Pajeú, apoiado na latada em silêncio. Ao fundo, som de ladainhas, hinos Religiosos. Fogueiras jogando desmatando. Entra dançando, Isabel, a doida.

ISABEL (Cantando) —
Venho de Patamutê,
onde a anta caiu n'água
vestida de maltratos...
vestida de maltratos...

PASSA CORRENDO PELA MOÇA AJOE-
LHADA, TIRA O CHALE DOS OMBROS DA
MORENA. CORRE DESVAIRADA, DANSANDO
COM O CHALE.

ISABEL — Eu vim ajudá o Conselheiro...

FAZ PIRUETAS LOUCAS PELO PI-
CADEIRO.

PONTO — ... eu sou Isabel, a Redentora...

ISABEL — Eu sou Isabel, a Redentora,
Imperatriz do Brasil. Tenho um filho meu
Imperador, de barbas brancas, que foi conce-
bido de um facho de luz na hora da estrela
guia, aquela de luz bendita que me fecundou.
Venho com ordens diretas do céu. Trago em-
baixadas de poderes pro meu Santo Conse-
lheiro...

ISABEL VAI ATÉ A MOÇA. EMPURRA-A.
PAJEÚ APROXIMA-SE. A VELHA VOLTEIA,
SEMPRE FAZENDO CÍRCULOS COM O
CHALE.

ISABEL — Deixa eu passá, gente. Não
posso ser contrariada na estampa de meu
filho Imperador...

ISABEL FICA SÉRIA. SAI CANTANDO
DOCEMENTE. AO SAIR, JOGA O CHALE
PARA DENTRO.

Venho de Patamutê,
onde a anta caiu n'água.

ISABEL (Saindo) —
vestida de maltratos...
vestida de maltratos...

PAJEÚ APANHA O CHALE, LEVA-O ATÉ
A MOÇA.

PAJEÚ (Entregando o chale) — Uma mo-

rena assim bonita num carece de rezar...
Abasta o mímico que tem prá sua alma salvá...
Ah morena, se eu poderia no mundo formá
altar, nele te poria pro povo te adorá...

A MORENA SE LEVANTA.

MORENA — Não diz assim não, seu mo-
ço... trais desgraça... não quero nem os
ouvido deixá aberto pra essas coisa do cão
escuta...

PAJEÚ — Modo de dizê, irmã... e os mo-
do do dizê, às vezes num concorda com os
modo do senti... num carece de explicação.
foi uma sincera saudação...

PONTO — ... prá falá dos seus olho
grande...

PAJEÚ — Prá falá dos seus olho grande,
dos seus lábio fino... (PAUSA) nunca arre-
paro, pois neste seu irmão mariposando por
cerca de vosmecê?

MORENA — Arrepará, arreparei...

PAJEÚ — E foi bom?

MORENA — Sei, não... nem seu nome
sei...

PAJEÚ PEGA O VIOLÃO;

PAJEÚ — Sou Pajeú, assim me tratam os
que me conhecem. Sou raiz de cajazeira, pau
que amarga, flor que cheira, cravo das me-
nina, suspiro das casada, beijo das solteira.

MORENA — Vosmecê é dos que vive se
adoçando só de vé rabo de sala ondulá...
nem que seja no vará...

PAJEÚ LARGA O VIOLÃO.

PAJEÚ — É minha apresentação, sentido
faz não... Foi Mestre Quadrado que ensinou...
é só falação, conteúdo tem nada não...

MORENA — Assim me sai melhó... num
há nesse sertão mulher que goste de home
com fama de pombo arrulhadô...

TOCA O SINO. SINAL DE RECOLHER.

MORENA — É o recolhe, vou chegando.
Eoas noite, seu Pajeú.

PAJEÚ — Vai não, moça. Fica um pouco
só... a lua vai despontando... queda aqui...
conversa... quem sabe o pouco que nos resta?

MORENA — Posso não... Mestre Abade,
ordem deu: depois da última badalada, habi-
tante dos Canudos tem que tá recolhido à
morada.

PAJEÚ — João Abade dessas coisa num
entende.

MORENA — Inda onte vi você obedecen-
do a ele, pois não

PAJEÚ — Nas coisa da guerra, obedeco-
obedecendo, nas otra, não. Home que faz
gosto a macho, só conheço o barbero, que ali-
sa o freguês na cara, passa pente e bota
cheiro. (PAUSA) Escuta irmã, olha no mato
os bicho cantando, ouve o batê das asa dos

passaro se aquecendo... as águas do vaza-barris tão murmurando:

— fica irmã, fica... mantém conversa...
PONTO — ... as arage que beija...

PAJEÚ — As arage que beija as pedra do Caypan, que faz as folha assobiá de manso, triste, no Cambaio, também fala-voando; fica, irmã, fica, mantém conversa... quem sabe o tempo que nos resta?

PAJEÚ PEGA A MÃO DA MOÇA. AMBOS FICAM APOIADOS NA LATADA. PAJEÚ PASSA OS BRAÇOS NOS OMBROS DA MORENA.

MORENA — ... o tempo que nos resta... é pouco, pois então?

PAJEÚ — Sabe, ninguém sabe não...

PONTO — ... mas o presidente da...

PAJEÚ — Mas o presidente da república, força-montão tão armando... Só nas Queimadas tem mais de 5.000 praça, vindo de tudo lado. Do Sergipe, das Alagoas, e muitos estrangeiro das terra grande, tudo gente lá dos baixo... Paulista tem que nem formiga...

MORENA — Essas tropa do governo do diabo não vão vê nem as torre das igreja de Belo-Monte.

PAJEÚ — Tem mais de trinta canhão-matadeira.

MORENA — Prá acabá como bigorna na loja da Chica Ferrera...

PONTO — ... são vinte batalhão...

PAJEÚ — São vinte batalhão do exército e mais cinco das policia dos estado, diz eles que vem prá acabá com o Conselheiro e arrasá com tudo.

MORENA — O Moreira César tá ali prá acabá com essa presunção, com quatro metro de chita e sete palmo no chão...

MORENA — Na ponta da faca os cinco mir vão acabá. Não vão nem passá a vereda sagrada do Massacará.

PAJEÚ — Se o tempo que nos resta é pouco ou não, ninguém sabe, não... por via das duda, carece de aproveitá. E da de vera, pombinha, da fala que toda muié bonita têm: de querê bem a todo mundo ou num gostá de ninguém, prefiro que...

MORENA — Mestre-Pajeú, deixa a falação. Das minha fala conhece poco. Das qualidade sabe nenhuma... (PAUSA) Olha os grilo cantando; as flores esparrama perfume na noite; os vaga-lume fals estrela-verde nas marge do Vaza-Barris... vamos até lá, deixa a conversa... quem sabe o tempo que nos resta...

AMBOS SAEM ABRAÇADOS.

CENA V

Luz acênde num canto do picadeiro. Trincheira avançada do Exército da República. É uma trincheira natural, constituída de enormes pedras. Há no centro, uma pedra maior, cheia de inscrições patrióticas, pornográficas, corações, etc. No centro, em destaque. A frase "Viva a República". O Praça João, de pé desenha um coração. Ouvem-se ao longe tiros espaçados.

PRIMEIRO PRAÇA — O baile começou.
VOZ — Oh, João, se abaxa, cuidado, rapaz.

PRIMEIRO PRAÇA — Tá querendo levá uma bala na cabeça, seu?

O PRAÇA JOÃO NÃO LIGA PARA OS AVISOS. CONTINUA DESENHANDO. DÁ UM PASSO ATRÁS, OLHA O DESENHO, VOLTA, ESCRIVE UM NOME NO CORAÇÃO: "ANA". PEGA A ESPINGARDA, TOMA POSIÇÃO, OLHANDO A TERRA DE NINGUÉM A SUA FRENTE. LUZ EM RESISTÊNCIA NA TRINCHEIRA DOS SOLDADOS. FICA APENAS O TÊNUE FOCO DE UMA PEQUENA FOGUEIRA...

LUZ ACENDE NO CANTO OPOSTO DO PICADEIRO, ENTRE O LUGAR ONDE A LUZ ACENDE E A TRINCHEIRA DO GOVERNO FICA UM VAZIO: A TERRA DE NINGUÉM.

NO CANTO ONDE ACENDEU A LUZ ESTÃO QUATRO OU CINCO TRINCHEIRAS CIRCULARES DOS JAGUNÇOS, DE MEIO METRO DE FUNDURA, CAVADAS NA TERRA, ESPAÇADAS UMAS DAS OUTRAS POR ALGUNS PASSOS.

ESTÃO: JOÃO ABADÉ, PAJEÚ, MANOEL QUADRADO, DOIS OU TRÊS JAGUNÇOS. JOÃO ABADÉ VAI DE TRINCHEIRA EM TRINCHEIRA, DISTRIBUINDO CARTUCHOS, EXAMINANDO A RMAS, CICIANDO ORDENS. REBATE DE SINOS. LUZ AUMENTA NA TRINCHEIRA DOS SOLDADOS. O ESPAÇO INTERMEDIÁRIO DO PICADEIRO PERMANECE AS ESCURAS.

MÚSICA —

Postos estão frente a frente
os dois valorosos campos;

a um lado el-rei maluco, Sebastião do [outro lado.
Moço-rei Sebastião, valente e determinado
Ai, se como eras valente, fosses bem [aconselhado.

E os mouros já sem conta — suas hostes
[vão cercando
que por cada um dos seus — são eles
[dezoito tantos.

180
8

Manda el-rei que nada teme — da peleja
[deitar bando,
a frente dos seus galopa clamando: —
a eles, [Santiago.

SINOS. TIROS, INICIA O COMBATE.
GRITOS.

JOÃO ABADE — Viva o Bom Jesus Conselheiro!

UM OFICIAL — Viva a República! Avançar!

ABADE — Mais arriba, irmão. Sobe na árvore. Larga fogo. Mete chumbo.

JOÃO ABADE ORDENA OS MOVIMENTOS DOS JAGUNÇOS, SINCRONIZANDO-OS COM APITOS. MOVIMENTAÇÃO DOS JAGUNÇOS E DOS SOLDADOS.

MANOEL QUADRADO — Venham, seu praças veacos. Quanto mais vierem, mais morrem.

PAJEÚ — Eu daqui não saio. Sô como prego em pau de ferro. Me arrebento dentro, mas não saio.

ABADE — Fogo neles. Viva o Bom Jesus Conselheiro!

PONTO — ... viva a República!...

OFICIAL — Viva a República!

PAJEÚ — Esta é minha casa. Ninguém vai me tocá... Ceis tem é lambança. Esse troço de canhão é matadora de merda... o mar também ronca.

PONTO — ... avante... pela Pátria!

OFICIAL — Avante, pela Pátria! Viva Florianópolis!

ABADE — Chega, seus maçon protestante, chega!

PAJEÚ — Vem, cabrada safada, quero vê essa terra cheia de sangue até nas canela.

MANOEL QUADRADO — Vem, seu porco, o padroeiro d'océis é fêmea, mas o meu é macho.

FLASH — JOÃO ABADE CANTANDO, ENTREMEOADO COM O CORO.

MÚSICA —

Eu sou aquele que disse
e como disse não nego.
Levo faca, levo chumbo.
morro solto e não me entrego.

Diz minha mãe que eu nasci
num dia de quarta-feira
quando foram me dá banho,
foi visto pela partera
que eu trazia na cintura
marca de cartuchera...

Meu nome é João Abade,
temido em todo o sertão,
na calma sô como ovelha,
na raiva viro leão...

O COMBATE DIMINUIU DE INTENSIDADE ATÉ CESSAR COMPLETAMENTE. SILENCIO DE NOITE NO CAMPO DE BATALHA. TRINCHEIRA DOS SOLDADOS ILUMINADA APENAS POR UMA FOGUEIRA. DO OUTRO LADO, TRINCHEIRAS DOS JAGUNÇOS ILUMINADAS PELO LUSCO-FUSCO DE DUAS PEQUENAS FOGUEIRAS. MANOEL QUADRADO SOBE NUMA ELEVAÇÃO, MÃO EM CONCHA JUNTO A BOCA, GRITA PARA OS SOLDADOS:

MANOEL QUADRADO — Oh! Severino, Severinoooo...

SILENCIO.

MANOEL QUADRADO — José, Joséééé...
arresponde, José, arresponde...

SILENCIO.

PAJEÚ — Eh! João, sei que océ tá aí. João, arresponde, tá me iscultando?

PRAÇA JOÃO — Tô ouvindo, sim. Que é que você quer?

PAJEÚ — Grato por atendê. Onde vosmecê é?

JOÃO — Sou lá de baixo, de São Paulo.

MANOEL QUADRADO — É dos paulista, é dos pió. Cautela, Mestre Pajeú.

PAJEÚ — Como é que tá aí do seu lado, irmão? Tem comida a farta?

JOÃO — Mantimento tem a vontade, água é que escaseia um tanto.

ABADE — Esse povaréu que tá tudo aí é macaco ou praça?

PRIMEIRO PRAÇA — Tá querendo sabê o que, jagunço safado?

ABADE — Perguntava por mal perguntá...

PAUSA.

MANOEL QUADRADO — Arresponde, paulista, porque tão aqui mata-matando a gente?

PRAÇA JOÃO — Porque vosmecês querem acabar com a República?

PAJEÚ — Nois quê vivê em paz...

MANOEL QUADRADO — O povo do Conselheiro quê trabalhá em sossêgo.

PRIMEIRO PRAÇA — Então o Conselheiro não quer derubar o presidente?

ABADE — O Bom Jesus só quê que ninguém venha bolir com a gente de Belo Monte.

MANOEL QUADRADO — Océis tão morrendo à toa... Garanto que nem sabe o que é essa joça de República.

OUVEM-SE VOZES COMO NUM ECO:

VOZES — Que é essa joça de República? Que é essa joça de República?

MANOEL QUADRADO — Arresponde, irmão, que é essa joça de República?

PRAÇA JOÃO — Eu não sei direito o que é essa República.

187

PRIMEIRO PRAÇA — Eu também não...

VOZES CCMO NUM ECO.

VOZES — Nem eu... nem eu...

ABADE — Porque vosmecês num larga essas gente perversa das terra grande?

PAJEÚ — Deixa esses pessoá ruinosos do governo. Deixa.

MANOEL QUADRADO — Vem, vivê aqui em Belo Monte com a gente. Larga esses governo do litorá. Vem aqui prá as fartura dos Canudos.

PRAÇA JOÃO — Tô na dúvida.

PRIMEIRO PRAÇA — Esse convite é prá valê?

ABADE — De devera, irmão, pode chegá, palavra de João Abade, comandante do povo, falando pelo Santo Conselheiro. Pode chegá.

PAJEÚ — Vem aqui, ceis será irmão prá nois, com as mesma benção do santo e morada ao pé da igreja nova. Chega, irmão.

O PRAÇA JOÃO, ACOMPANHADO DO PRIMEIRO PRAÇA E OUTROS SOLDADOS SAI DA TRINCHEIRA. JOGAM ARMAS, ENCAMINHAM-SE CAUTELOSOS PARA O LADO DOS JAGUNÇOS. SURGE UM OFICIAL.

OFICIAL — Vocês aí, acnde vão Parem, seus desertores. Alto, traidores. Alto, voltem.

OS DOIS SOLDADOS VOLTAM PARA A TRINCHEIRA. O PRAÇA JOÃO CONTINUA A AVANÇAR.

OFICIAL — Toma. +

O OFICIAL ATIRA. JOÃO CAI, MORTALMENTE FERIDO. ESCURECE. LUZ SÓ SOBRE JOÃO QUE SE ARRASTA LENTAMENTE ATÉ ENTRAR NA SUA TRINCHEIRA. PEGA NO GIZ, AINDA NO CHÃO, E APOIANDO-SE NA PAREDE, LEVANTA-SE. OSCILANTE, COMEÇA A ESCREVER NA PEDRA: INICIA A ESCREVER NO CORAÇÃO POR ELE MESMO HÁ POUCO DESENHADO E VAI COM SUAS LETRAS COBRINDO O "VIVA A REPÚBLICA". ESCRIVE: — "M-E-R-D-A". NO "A" FINAL, CAI ESTENDENDO A PERNA DA LETRA ATÉ O CHÃO. MORRE. RECOMEÇA O COMBATE, VIOLETO.

OFICIAL — Artilharia, fogo!

TIROS. BARULHO DE COMBATE.

OFICIAL — Infantaria, avançar. Viva Floriano, pela direita, pela Pátria. Ocupem o morro. Cavalaria, carga, Viva a República.

ENTRAM MAIS SOLDADOS, CERCAM OS JAGUNÇOS.

OFICIAL — Eh, jagunços, vocês estão perdidos. O arraial está cercado.

PONTO — ... o exército já...

OFICIAL — O exército já tomou a rua da professora... as casas vermelhas caíram todas... se entreguem...

PAJEÚ — Ó seu majó, deixa de lambuja...

OFICIAL — Garanto a vida de todos. Se entreguem. É o meu ultimatum. Vocês não tem mais comida. Se entreguem.

MANOEL QUADRADO — Aqui ninguém come urtimatu. Tem passoca de sobra...

OFICIAL — Rendam-se. Dou mais um minuto. Rendam-se.

ABADE — Larga a falação, inselência. Aproveita o minuto prá se abancá pro outro lugá. Fogo nele, irmãos. Viva o Bom Jesus!

RECRUDESCE O COMBATE. OS JAGUNÇOS SAEM DE SUAS COVA-TRINCHETAS E. RECUAM SEMPRE LUTANDO. O OFICIAL. ATIRA EM PAJEÚ. MANOEL QUADRADO SALTA A FRENTE DO CRIOULO E RECEBE NO PEITO A BALA A ELE ENDEREÇADA. MANOEL QUADRADO CAI. MORRE. PAJEÚ. AINDA ATIRANDO, AJOELHA-SE, AMPARA O CORPO DE MANOEL QUADRADO.

MÚSICA —

Ao vê-lo que assim jazia, Sebastião solta.

[um brado:

Ai de mim, até que extremo, aqui me vejo.

[chegado;

de aceitar com tua morte a vida que já.

[desamo..

Mas espera, amigo, espera, não será por

[mais de ano.

Que o rei que sabe morrer, morre ao pé do.

[seu vassalo.

Isto dizendo com mágoa, dum salto monta.

[o cavalo.

Com fúria se torna aos mouros, onde o.

[combate é mais bravo.

Busca morre, dando mortos, busca a

[morte, Sebastião;

E agora a hora, esta morte é salvação!

PAJEÚ ATIRA COM RAIVA, É ATINGIDO. CAI. MORRE. ABADE E DOIS JAGUNÇOS. ARRASTAM SEU CORPO. SOLDADOS OCUPAM AS TRINCHETAS DOS JAGUNÇOS. LUZ EM RESISTÊNCIA. SILÊNCIO. FLASH. SILHUETA DO ABADE E DOIS JAGUNÇOS. CONTRA A LUZ DAS FOGUEIRAS, SAINDO LENTAMENTE, CARREGANDO CORPO DE PAJEÚ.

MÚSICA —

Me corte, que eu nasço sempre

Sou que nem soca de cana...

Me cortem que eu nasço sempre

Sou que nem soca de cana...

CENA VI

Primeiros alhores da alvorada. Abade e Jagunços carregam numa rede o corpo de Pajeú. Caminham devagar. No outro lado do

picadeiro, entra o Conselheiro com Beatinho, a Morena de Pajeú, velha Tia Benta eromeiros. Encontram-se no meio do picadeiro. O Conselheiro ajoelha-se ao lado do corpo de Pajeú. Sofre profundamente. O Conselheiro levanta-se. Sobe numa elevação. Vê-se só a sua silhueta marcada em luz. Alguns jagunços ajoelham-se.

CONSELHEIRO (Música) —

Irmão Pajeu, não sei de que vosmecê
morreria;
uns me alertaram que foi de bala, outros
que não seria;
Das coisas que vosmecê gostava, não
gosta mais;
cavalo galopetro, lamparina de gás,
falar franco na frente, nunca negacear
por trás;
da morena de olho grande e lábio fino
que está aqui no fim do seu destino,
de ajudá os pequeninos,
da querença de não ter forte prá bater
no fraco,
da vida vivida sem alarma de sino:
Essas coisas, irmão Pajeu, eu garanto,
vão ter continuação.

MÚSICA —

Me cortem que eu nasço sempre
sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO (Música) — Só sei que de morte degolada não foi que Mestre Pajeú chegou a esta fim; por isso, aqui no Império de Belo Monte, ele vai continuar a viver; no jagunço que nasce, no romeiro que reza, no jagunço que luta, no umbuzeiro que cresce, na ave que avoa...

CORO — Me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO — Até a hora do voltar... o irmão Pajeú e todos os que caíram: no Masseté, no Caypan, no Chocnorro, no Cambaio, nas bordas do Vaza-Barris, até a hora do voltar...

CORO — Me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO — Aqueles que são os mornos: nem frio, nem quente ou os desgraçados que duvidam do sol e acreditam na tocha, esses eu vomito dotos.

CORO — Sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO — Estava escrito que neste anos, as águas iam ficar em sangue e o sol nalgum lugar se confrontar vai com a terra e há de chover grande chuva de estre-

las... e aí quando virdes os Canudos situados, sabereis que está próxima a devastação. Aí, então, das que estiverem grávidas...

A MORENA DE PAJEÚ PROTEJE A BARRIGA.

CONSELHEIRO — Aí das que amamentarem, porque haverá grande aflição na terra e ira contra o meu povo.

CORO — Me cortem que eu nasço sempre, me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO — Muitos cairão ao fio da espada e serão levados cativos por todas as nações.

CORO — Sou que nem soca de cana, sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO — Mas...

PONTO — ...todas essas aflições serão recompensadas na vida eterna...

CONSELHEIRO — ... no ano dos 900...

PONTO — ...essas aflições serão recompensadas na vida eterna...

CONSELHEIRO — ... num dos anos dos 1.900...

UM JAGUNÇO LEVANTA UMA TOSCA CRUZ, ONDE ESTÁ PENDURADO UM COURO A GUIA DE PERGAMINHO.

CONSELHEIRO — ... num dos anos dos 1.900, eu voltarei...

ENQUANTO FALA, O CONSELHEIRO DESENHA NO COURO UMA CRUZ. NA PARTE DE CIMA, DO LADO ESQUERDO, PÔE O NÚMERO "UM", DO OUTRO LADO, O NÚMERO "NOVE". NOS DOIS LADOS DE BAIXO ACRESCENTA DUAS INTERROGAÇÕES, UMA DE CADA LADO.

CONSELHEIRO — Eu voltarei lá pelas bandas das terras baixas, lá pelos lados do sul... voltarei porque sou o alfa e o ômega...

O CONSELHEIRO DESENHA UM ALFA E UM ÔMEGA.

CONSELHEIRO — E então os orgulhosos vão tremer, os poderosos vão ser destronados, os fartos serão despojados e nutridos os esfaimados...

BEATO (Meio a parte) — Num tá interessando essas coisas prá depois...

ABADE — Queto, irmão Beato.

BEATO (Meio a parte) — Bem aventuraça prá depois num serve... De dantes, isso a igreja já apontava nas falação dos padres...

ABADE — Cala, Beato, aqueta...

BEATO — O Santo prometeu mel e leite prá agora, não prá depois... Do que valeu então essas mortandade toda?

ABADE — Nas hora do combate, vosmecê nunca foi dos primeiro...

BEATO — Meu combate é outro, de mais valia...

BEATO SAI.

CONSELHEIRO — ... e vou chegar numa nuvem de cerração com poder e grande glória, junto com Pajeú e o Rei D. Sebastião com todo o seu exército...

MÚSICA (Coro) —

Montado no seu cavalo
num dia de cerração,
quem quiser pode esperá-lo
El Rei D. Sebastião

CONSELHEIRO — E então, nesse ano marcado, exultai e erguei vossas cabeças, porque o rei D. Sebastião vai enfiar sua espada encantada na pedra até os copos... (PAUSA)

PONTO — ... e vai garantir com isso a salvação eterna de...

CONSELHEIRO — E vai tirar no fio da espada todos os que estiverem do lado da República...

PAUSA. A AURÉOLA DE LUZ QUE ENVOLVE A SILHUETA DO CONSELHEIRO AUMENTA.

CONSELHEIRO — Em verdade vos digo, irmãos, que esta geração não passará sem que isso aconteça. Passarão o céu e a terra, mas o que vos digo hoje, diante do corpo do Mestre Pajeú e na Anunciação da vinda d'El Rei D. Sebastião não passará.

OS JAGUNÇOS LEVANTAM E SAEM LENTAMENTE CARREGANDO O CORPO DE PAJEÚ.

MÚSICA —

Por três noites e três dias
haverá mil agonias
que eu aqui não vos direi.
Andará tudo de luto
Sem os campos darem fruto,
sem se seguir a lei.
Nas profecias,
dos modernos Isaías
há uma que diz assim:
com fé espere o povo por mim!

Se alguém duvida do dia
aqui lhe ponho os sinais:
como reza a profecia
como ela reza não mais:
verás no céu um cometa
e do nascente,
segundo crê muita gente,
virá vindo a cerração
e depois dela desfeita

surgirá a boa seita
D'El Rei D. Sebastião.
Montado em seu cavalo
num dia de cerração
quem quiser pode esperá-lo
El Rei D. Sebastião.

SUB CENA

Mudança de cenário feita pelos "Peludos" sob ordens do Mestre de Cerimônias e do Domador.

Vouques, o palhaço, ajuda os peludos.

Zéca Tibério, agride Vouques. Vouques avança sobre Zéca. Ponciano, o Domador, intervém em auxílio de Zéca. Vouques e Ponciano medem-se. Vouques volta a arrumar o cenário.

CENA VII

Os muros da nave da igreja nova em ruínas. Sino dependurado numa coluna semi-destruída pelo fogo. Ao lado, a pia batismal, rachada, com água.

Em continuação a nave, muros destruídos pelos combates, formando um labirinto que se estende da nave até o início da borda do picadeiro de um dos lados. À esquerda na nave, o Conselheiro, João Abade e um romeiro. O Conselheiro está de hábito impecavelmente limpo e tem uma cruz de prata, presa ao cordão da túnica.

O romeiro dorme deitado no chão. Abade cochila apoiado na nave.

O Conselheiro numa réstea de luz vela. Um vento lúgubre, cicante, agita as vestes. Ao longe, barulho de tiros de artilharia.

Entram pelo labirinto de muros, às ocultas, Beatinho, seguido de um oficial e dois praças. Esqueiram-se por entre as paredes.

A entrada da nave, estacam. Beato entra oficial e os praças ficam escondidos, observando a nave.

Conselheiro e Beatinho encaram-se. Pausa. Música.

CORO —

Aquele que me falseia
come e bebe na minha mesa...

BEATINHO CAMINHA VAGAROSAMENTE ATÉ O CONSELHEIRO, ABADE TENTA INTERPOR-SE ENTRE ELES. O CONSELHEIRO FAZ UM GESTO. ABADE PARA. BEATO CHEGA ATÉ O CONSELHEIRO, BELA-O NA FACE. BEATO SAI POR UM LADO, MÚSICA.

184

CORO —

Aquele que me falseia
come e bebe na minha mesa...

ENTRAM O OFICIAL E UM PRAÇA.

OFICIAL — Viva a República.

TIROS.

OFICIAL — Morre, traidor.

TIROS.

ROMEIRO FOGE.

SUB-CENA TODA EM SONHO

Tiroteio continua. Abade corre para proteger o Conselheiro. O Conselheiro cai vagarosamente, diluindo-se, fluindo para o chão.

CONSELHEIRO — Até quando, Senhor, clamarei e não me escutarás?

O CONSELHEIRO MORRE. ABADI CAI AO SEU LADO DIREITO. O OFICIAL TOMA AO LADO ESQUERDO. OS TRÊS MORTOS COM OS BRAÇOS ABERTOS. O CONSELHEIRO UM POUCO MAIS ACIMA. O PRAÇA FOGE PARA AS RUÍNAS. RUÍDO DE VENTO AUMENTA. RELAMPAGOS DE CIRCO. ESTRONDO DE BALA BATENDO EM SINO. COM ÉCO AGUDO, PROLONGADO.

SILÊNCIO.

ENTRA ISABEL, A DOIDA. TEM DUAS SINETAS NAS MÃOS. DANSA E CANTA APENAS MELODIAS DE QUALQUER DAS MÚSICAS CANTADAS POR ELA ANTERIORMENTE. CIRCUNDA OS CORPOS, TILITANDO AS SINETAS, COMO FAZEM OS COROINHAS. AJOELHA-SE, TOMA O CONSELHEIRO MORTO NOS BRAÇOS. PAUSA. SILÊNCIO.

ISABEL SAI BIMBALHANDO AS SINETAS.

ENTRAM DOIS PRAÇAS. CHEGAM ATE OS CORPOS. TIRAM A CRUZ E A CHAVE DE PRATA DO CORPO DO CONSELHEIRO. DISPUTAM OS OBJETOS. TIRAM PAR OU IMPAR. O QUE GANHA AMARRA OS OBJETOS NUM LENÇO E ENFIA NO BOLSO DA FARDA ESTROPIADA. CLARIM DE VITÓRIA.

VOZ — Viva a República.

VOZES — Viva a República.

ACORDES DE HINO MARCIAL.

VOZ — O general em chefe.

VOZES — O general em chefe.

ENTRA O GENERAL EM CHEFE, SEGUIDO DE UM OFICIAL. OS PRAÇAS PERFILAM-SE. O GENERAL EXAMINA OS CORPOS, EMPURRA COM O PÉ O CADAVER DO OFICIAL. OBSERVA ATENTAMENTE O CONSELHEIRO. FAZ UM GESTO. O OFICIAL SAI. PAUSA. RETORNA NUM SEGUNDO; TRAZENDO LATINHO.

O GENERAL APONTA O CORPO DO CONSELHEIRO. BEATO OLHA COM DESDÉM.

GENERAL — Então?

BEATO — É o Santo, num tem dúvida.

GESTO DO GENERAL. O OFICIAL EMPURRA BEATO. BEATO SAI ESCOLTADO POR UM PRAÇA.

GENERAL — Tirem os outros, tirem os outros, chus, chus, rápido.

AFASTAM OS DOIS OUTROS CORPOS. FICA SÓ O DO CONSELHEIRO.

FLASH DO GENERAL EM CHEFE.

GENERAL — Pelo que ordenei que se passasse a verificar a exata identidade de pessoa...

PONTO — ... tendo-se reconhecido...

GENERAL — ... tendo-se reconhecido ser o corpo do famigerado Antônio Vicente Mendes Maciel, Vulgo Bom Jesus Conselheiro, como consta da ata lavrada. Mandei-o fotografar para terem certeza de ser ele aqueles que o conheceram.

ENTRA UM PRAÇA COM UMA DESPROPORCIONAL MÁQUINA FOTOGRÁFICA TIPO CAIXÃO. PÔE O PANO PRETO SOBRE A CABEÇA, ENFOCA O CADAVER DO CONSELHEIRO. EXPLODE O MAGNÉSIO COM ESTRONDO.

ESCURECE. PAUSA.

SURGE O TRADICIONAL RETRATO DO CONSELHEIRO, EM CONTRASTE NEGATIVO, PRESO POR DUAS CORDAS. COMEÇA A SUBIR LENTAMENTE. MÚSICA.

E cortaram a cabeça do Conselheiro e trouxeram num caixote de sal no selim de um animal. Examinando o crânio, na Capital, a ciência disse: *normal!*

O RETRATO FINDA A ASCENÇÃO, ESCURECE. SILÊNCIO.

SURGE UM QUADRO RÚSTICO ESCRITO, O QUADRO É ASSIM:

"E SE ALGUÉM FIZER QUALQUER ACRÉSCIMO AS VERDADES CONTIDAS NESTE DRAMA, DEUS LHE ACRESCENTARÁ OS FLAGELOS NELE ESCRITOS; E SE ALGUÉM TIRAR QUALQUER COISA, DEUS TIRARÁ DELE E A SUA PARTE NA ÁRVORE DA VIDA".

PANO

CENA FINAL COM OS ARTISTAS DO CIRCO

A frente do pano, surge Zéca Tibério, com a roupa de Mestre de Cerimônias.

ZÉCA TIBÉRIO — Prezado e seleta público. Aqui se encerra a apresentação do maravilhoso drama "A Guerra de Canudos", que o "Gran Circo Irmãos Tibério" espera tenha sido do vosso inteiro agrado.

Repetimos as desculpas pela apresentação de Vicente, artista que estreou nesta noite, garantindo que, nos próximos espetáculos não cometerá as perdoáveis falhas de hoje.

E agora, nossos artistas distribuirão — gratuitamente — suas fotos ao distinto público.

Muito obrigado e muitíssimo boa noite.

ABRE-SE O PANO. MESMO CENÁRIO DA CENA DE MORTE DO CONSELHEIRO. NO PICADEIRO, ESTATICOS VICENTE NUM PLANO SUPERIOR, LOGO ABAIXO, PEDRAO, E UM POUCO MAIS ABAIXO AINDA: ZEBEDEU.

ZEBEDEU TEM NAS MÃOS A PLUMA DE ESCREVER E SEU INSTRUMENTO DE TRABALHO COM FOGO.

O CARTÃO DISTRIBUÍDO AO PÚBLICO É ASSIM:

— NO LADO DA FRENTE, EM CIMA, OS DIZERES: "RETRATO DO ARTISTA VOUQUES". NO MEIO UM CÍRCULO DE PAPEL PRATEADO DE PROTEGER CIGARROS, QUE REFLITA DEFORMANDO O ROSTO DE QUEM OLHAR. FLECHA INDICATIVA COM OS DIZERES: "ISTO É UM ESPELHO".

NO OUTRO LADO DO CARTÃO, ESTARÃO IMPRESSOS OS DIZERES: "VENDO ELE QUE A ESPADA VEM SOBRE A TERRA DEVE TOCAR A TROMBETA E AVISAR O POVO". **EZEQUIEL, 33/4.**

A distribuição prossegue, com as portas da saída fechadas, até quase todos os assistentes terem recebido os cartões.

Som violento de trombeta ao fundo do picadeiro, os artistas viram-se, e ficam estáticos.

Vouques, uma das bailarinas (a que fez tia Benta, mulher do povo), Zebedeu e Vicente convidam a trupe e o público para saírem com eles...

Violento conflito entre Zéca Tibério, Mestre de Cerimônias e Ponciano, o domador, contra Vicente, Zebedeu e Vouques. Os dois primeiros são dominados. Zebedeu arranca o chicote das mãos de Zéca Tibério, Ponciano cai vencido. Vouques e a bailarina tiram as roupas de circo estão com roupas simples, atuais bem modestas por baixo... Saem os quatro...

Música — Num dia de cerração.

O resto da trupe continua a distribuir os cartões, alegremente, para o público.

VOZ (Alto falante) — Não percam... não percam... Nosso próximo espetáculo: — "A Morte do Capitão-Mór"... Não percam!

ABREM-SE AS PORTAS PARA O PÚBLICO.

F I M.

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo for, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.



PARECER Nº

792, 82

TÍTULO: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS

PEÇA TEATRAL

AUTOR - CESAR VIEIRA (EDIBAL ALMEIDA PIVETA)

Em atenção a solicitação constante no processo nº 04525/82-DCDP, confrontamos o presente texto com o já existente às págs. 06 à 46.

O tema da obra é galgada em fato histórico da "Guerra dos Canudos" ou "A Vitória da República e da fé sobre os Fanáticos de Antônio Conselheiro", ocorrido no sertão da Bahia. Destaca a brilhante liderança de Antônio Conselheiro sobre os jagunços.

O texto examinado não apresenta: a bibliografia, o curriculum vitae, as obras do autor, relação dos personagens, recomendação do autor e a descrição do cenário no início da peça constante às págs 06 a 11.

Além dos cortes indicados pela DCDP, foram efetuado outras supressões, no entanto, sem alterar seu conteúdo. Permanecem os seguintes cortes: "é calombo e pisadura" e "virge de bunda" (pág.167); "Epilético filho da puta" (pág.175); os palavrões: "merda" e "bosta" (pág.177), podendo perfeitamente serem liberadas.

Tendo em vista o conteúdo da presente obra, opinamos pela sua liberação na íntegra para maiores de 18 anos, condicionando-a ao exame do ensaio geral.

Brasília, 21 de maio de 1982

MARIA LÍVIA FORTALEZA

TC - Mat. 2.095.877

TEATRO

186
8

TÍTULO " O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"

AUTOR CESAR VIEIRA

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18. anos

Praça SCDP/SR/GO

Obs.:

DF. 18 / 05 / 82 /

Ismaia
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP,
tendo em vista tratar-se de *DT* para
o qual os censores propõem a

LIBERAÇÃO 18 anos

Brasília-DF, *24* de *05* de 19 *82*

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Admite-se e cobra-se a classificação de requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 18 (dezoito) anos, *sem* cortes, por falta de conteúdo do ensaio geral.

Obs.: *confronto - Suprimidos os cortes p/ menores - 7/9/82*

Brasília-DF, 24 de 05 de 19 82

Helé Prudente Carvalho
Matr. 2 415 791

Brasília-DF de de 1.97

II Tema complexo - linguagem livre.

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 24 / 5 1982

Solange M. T. Fernandes

Solange M. T. Fernandes
Diretora de DCDP



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340, p 203

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 546

PEÇA O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

ORIGINAL DE CESAR VIEIRA

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

"TEMA COMPLEXA"

LINGUAGEM LIVRE"

VÁLIDO ATÉ 27 de MAIO de 19 87

Brasília, 27 de MAIO de 19 82

18

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

Solange M. F. Fernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

Original de CESAR VIEIRA

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de _____

Requerida por HAMILTON JOSÉ AMORIM REZENDE

GOIÂNIA - GO

Tendo sido censurada em 24 de MAIO de 19 82 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 27 de MAIO de 19 82


NEL DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

01 de junho de 1982

1.258/92-SE/DCDP

GO

" O EVANGELHO SEGUNDO SEBEDEU".

de Cesar Vieira.

Atenciosamente,

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

MJ - DPF - DCDP - BSB

10 SET 08 56 008819

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIV.PÚBLICAS

Ofício nº 004 /88-SCDP/SR/DPF/BA
Assunto:Encaminhamento- (F A Z).

Em 06/09/1982

De ordem, a

SCTC.

Em, 9/9/82

Blair José de Sousa
Matr. 2095 665

Senhor Diretor,

Para fins de expedição de certificado definitivo, encaminho a V.Sa. texto, pareceres e relatório do ensaio geral da peça teatral "...O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU".....de o exame foi requerido " por CÉSAR VIEIRA".....

Na oportunidade, renovo a V.Sa. os protestos de estima e elevada consideração.

Maria Helena Guerreiro

MARIA HELENA GUERREIRO DA CRUZ-Bela.

Técnica de Censura

Chefe do SCDP/SR/DPF/BA

ILMO.SR.

DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BRASÍLIA - DF.

REVISTA DE TEATRO

N.º 404 - MARÇO
ABRIL DE 1975

Número avulso: Cr\$ 8,00

Assinatura anual: Cr\$ 40,00

Esta Revista é bimestral

NESTE NUMERO:

"O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"

de César Vieira

Continua o sucesso do

Autor brasileiro no estrangeiro:

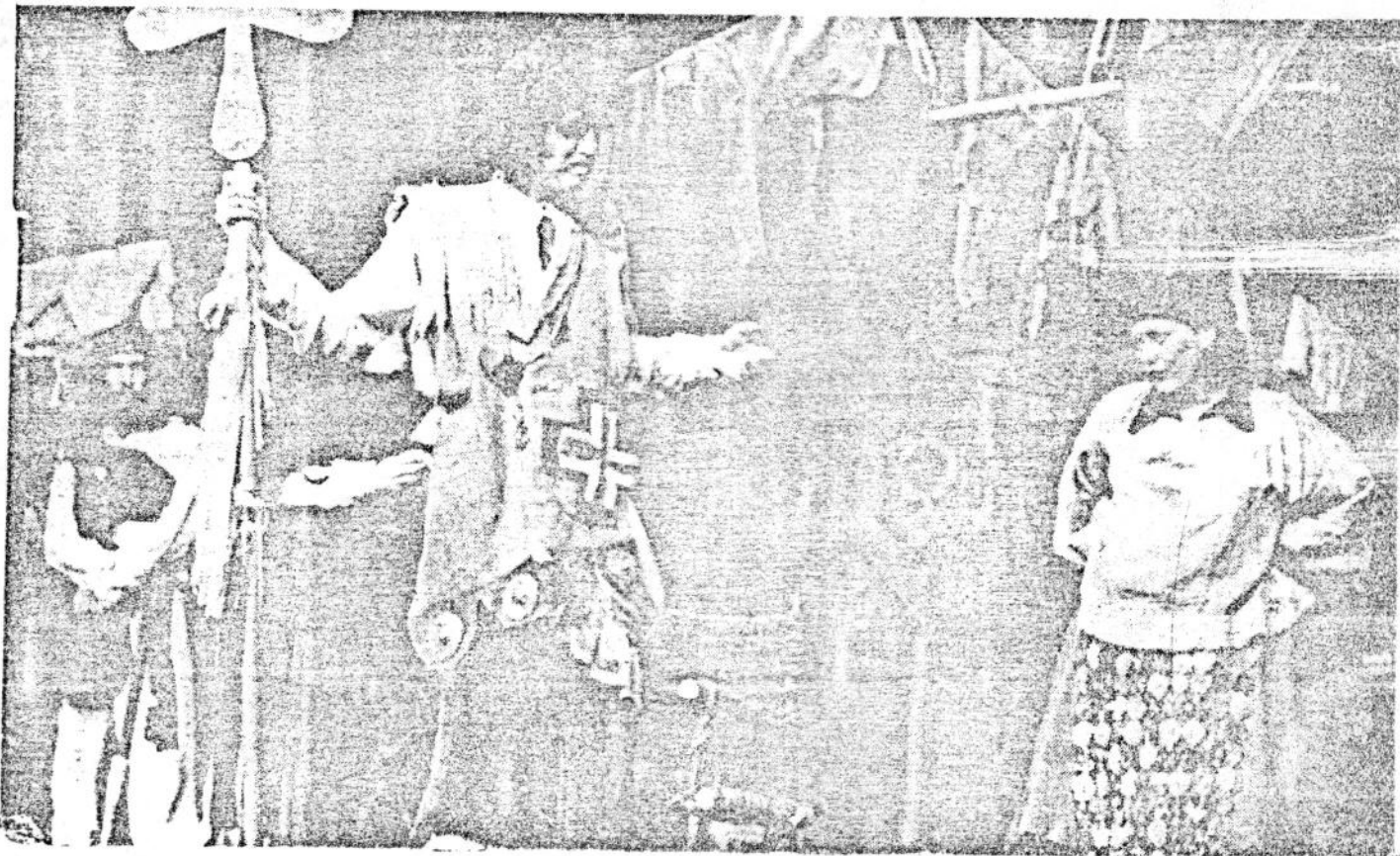
GUILHERME FIGUEIREDO:

"Um Deus Dormiu lá em Casa"

"A Raposa e as Uvas"

Edição da
SOCIEDADE
BRASILEIRA
DE AUTORES
TEATRAIS

Antônio Fagundes, Edy Lima e Luiz Serra, numa cena de "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU", de César Vieira, montagem do "Teatro da Cidade"



RECOMENDAÇÕES DO AUTOR ZEBEDEU MARTINS AOS SRS.
PROPRIETÁRIOS DE CIRCO QUE DESEJAREM FAZER
REPRESENTAÇÕES DO DRAMA "A GUERRA DE CANUDOS"

Primeira recomendação, feita sem obrigação, como todas as outras, de ser seguida, mas com os riscos que poderão vir da desobediência.

É aconselhável que os personagens do drama sejam representados pelos artistas do circo que com eles tiverem maior semelhança (seja de físico, de roupas ou no jeito de agir e pensar). Assim, o domador fará os papéis de militares, ministros, etc... O Mestre de Cerimônias fará bispos, freis, fazendeiros e outros quejandos. O anão deverá ser aproveitado na interpretação de crianças. Já Pedrão o lutador misterioso, (O Gigante de Ébano) encarnará o papel de Pajeú, por ser personagem de cor. Os homens do povo (crentes, vaqueiros, soldados e todas as pessoas mais simples) estarão a cargo do Palhaço Vouques e "Peludos" (ajudantes de Circo). Mas o importante mesmo é que Vicente, ator estreado, só faça o papel de Antônio Conselheiro. O autor Zebedeu Martins só aparecerá em papéis de mimica, mudo como é... mas deverá entrar no maior número de figurações possíveis.

Uma outra recomendação que se faz é que, como o drama foi escrito numa mistura de falas usadas no nordeste e de fala-falada pelo caipira do interior de São Paulo, é bom que se frize bem esse ponto, pois é drama feito de oitiva, de orelhada... e o jeito de se comunicar de cada um dos informantes é que foi guardado, conforme os causos iam sendo desfiados.

Quanto ao ponto sua voz será ouvida sussurrada uma ou outra vez, a critério do encenador, a fim de marcar mais sua presença e não ficarem fora de mão suas falas assinaladas no texto.

As roupas — vestimentas não precisam ser de aparência igual as do sertão da Bahia, mas é sempre bom que tenham uma queda-zinha das coisas de lá. É forçoso que os dois grupos em luta tenham uma cor diferente: os praças do governo tendendo pro vermelho e os jagunços cambiando pro azul.

O dirigente do espetáculo poderá fazer entre uma cena e outra que ajudantes do circo façam a mudança do cenário sempre sob ordens do Mestre de Cerimônias e do domador, que usam de grosseria para com eles. (além das mudanças dessa forma assinaladas no texto).

As músicas são quase todas de caboclos de São Paulo e da Bahia e tem também rimas cantadas por velhos portugueses sonhando sempre com o moço — rei D. Sebastião.

Enfim, as recomendações costumeiras para um bonito espetáculo, que esta historia dos Canudos como bom drama merece: muito jogo de luz, sempre usança do vermelho e do azul, e movimentação a mais não poder por todos os lados do picadeiro, que não deve ser pequeno e deve estar coberto com serragem e palha miúda.

ZEBEDEU MARTINS
— autor —

PRIMEIRO ATO

CENA I

Antes de abrir-se a cortina, ouvem-se ruídos característicos de circo: rugidos, banda afinando instrumentos, barulho de coisas arrastadas, ordens abafadas.

A banda, lentamente, entra numa melodia de dobrado popular.

Dois ou três "Peludos" (ajudantes de Circo) com fardas poidas, azuis, nas quais em amarelo lê-se mal e mal "Gran Circo Irmãos Tibério", distribuem programas pelo público.

O programa é impresso num papel vermelho, poroso, com letras grandes, de tipos

anarquizados.

Toda a sirene uma vez, uma outra, enfim, uma terceira e derradeira vez.

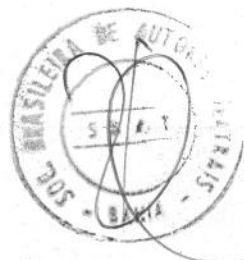
Acordes solenes, abrem-se as cortinas

O PALCO: Um picadeiro coberto de serragens.

PONTO — Visível para o público.

Pelo meio das cadeiras entra Zeca Tibério, Mestre de Cerimônias, seguido de toda a trupe, apoteoticamente formada em duas filas olímpicas.

O anão Lindoso vem montado no jegue Mimoso.



ZECA TIBÉRIO — Distinto, seiuto, educado público. A Empresa "Gran Circo Irmãos Tibério" agradece a generosa presença de V. Sas. e meretíssimas famílias no espetáculo de gala desta noite. Pedimos que todos colaborem com o maior silêncio para que nada se perca e todos possam compreender o formidável drama que aqui vamos mostrar:

REPIQUE DE BANDA

"A Guerra dos Canudos" ou a Vitória da República e da Fé sobre os fanáticos de Antônio Conselheiro". A verdadeira história da epopéia ocorrida nos sertões da Bahia.

REPIQUE DE BANDA

"A Guerra dos Canudos"

REPIQUE DE BANDA

No espetáculo desta noite teremos o desempenho de toda nossa brilhante companhia.

A MEDIDA QUE ZECA APRESENTA, OS ARTISTAS FAZEM DEMONSTRAÇÕES DE SUAS HABILIDADES.

ZECA TIBÉRIO (Continuando) — Ponciano, o grande o domador indomável, aclamado no Brasil e na Europa.

Sana André, o mago insuperável, o rei dos mágicos.

Vouques, o palhaço, o único que fez rir presidentes, príncipes e até reis.

Magda, a Salomé brasileira, a bailarina da dança do ventre e dos sete véus.

João Lindoso, o único anão malabarista do mundo e seu jegue Mimoso, pelo qual já recusou somas altíssimas.

Pedrao, o misterioso lutador negro, o gigante de ébano. É o mais forte dos brasileiros. Torce uma barra de ferro com os dentes.

E as exóticas, luxuriantes, bailarinas, Ana e Susana, inigualáveis em seus ritmos bárbaros.

Todos eles aqui estão nesta noite para vos mostrar como foi "A Guerra de Canudos", de autoria do mais glorioso membro de nossa Empresa, Zebedeu Martins, que além de escritor, é o maior comedor de fogo das Américas.

Ele também representará, mas só em mímica, não fala pois perdeu as cordas vocais num acidente da profissão.

ZEBEDEU, ALÉM DA ESPADA COM FOGO, TEM UMA PLUMA PARA ESCREVER E UM PERGAMINHO.

E, prezado, distinto, educado e seiuto público, creio que estais estranhando a ausência de Bibi Gestas, o equilibrista louco. Por motivo de força maior, ele não poderá apresentar-se... e será substituído por Vicente, artista convidado.

Março-Abril, 1975

ENTRA VICENTE, DESAJEITADO, TRAJE LARGO, AZUL.

Para Vicente, estreante hoje, pedimos vossa compreensão, pois se prontificou a colaborar nesta emergência, para não vos deixar sem espetáculo. Desculpem, portanto, algumas falhas. E Chico Tibério, o "ponto" mais elogiado pela crítica da Capital Federal.

E ainda este que vos fala, Zeca Tibério, Mestre de Cerimônias.

E agora, com a vossa autorização, vamos a **REPIQUE**

"A Guerra dos Canudos"

ESCURECE. A TROUPE SAI LENTAMENTE. CHICO TIBÉRIO ENTRA NA CASINHOLA DO PONTO. SURGE UM QUADRO RÚSTICO ESCRITO:

INSCRIÇÃO NO QUADRO — Muitos empreenderam compor a história dos acontecimentos que em Canudos se sucederam como nos contaram aqueles que foram desde o princípio testemunhas oculares dos feitos. Também a mim me pareceu bem, depois de haver diligentemente investigado tudo, escrever esta história, para que todos conheçam a verdade.

CENA II

Cena toda cantada e em mímica. Maria Chana, mãe do Conselheiro, lava a roupa e passa as peças ao pai do Conselheiro, que as estende no varal.

O Conselheiro menino brinca com o jegue e uma enorme bola vermelha de plástico.

MÚSICA —

Maria lavava, José estendia,
Chorava Maria a beira do rio
lavando as roupinhas de seu pequeno [filho]

O CONSELHEIRO, AO BATER A BOLA, MACHUCA LEVEMENTE A MÃO. CORRE ATE A MÃE. MARIA CHANA, TERNA, BEIJA A MÃO DO GAROTO. A CRIANÇA VOLTA A BRINCAR.

MÚSICA

MARIA CHANA (Cantando)

Maria lavava, José estendia,
Chorava o menino da mão que doia.
Não chores, menino, não chores, amor,
Calai, meu menino, calai meu amor,
que a faca que corta dá talho sem dor.
Os filhos dos homens em castelos dourados
e vós, meu menino, em terra suado.

MÚSICA: (Coro) —

Maria lavava, José estendia...

O GAROTO BATE A BOLA VÁRIAS VEZES, ATÉ QUE ESTA LHE ESCAPA DAS MÃOS E VAI ROLANDO... ROLANDO... ROLANDO... ESCURECE.

CENA III

Luz acompanha a bola. Até o outro lado do picadeiro. A bola bate numa árvore. Para. A árvore é um embuzeiro gigante numa praça da vila de Chochorró, anos depois da cena anterior.

Antônio Vicente, o Conselheiro, camisolão azul, barbas compridas, breviário e bordão Prega.

Escutam: peregrinos, romeiros, mulheres.

Uma velha suja, maltrapilha, é Isabel, a doida, fica todo o tempo a balouçar, como se embalada por uma música imaginária.

Isabel senta na bola. Brinca com ela.

CONSELHEIRO — Meus irmãos. Foi para isso que eu vim. Trago nos ombros pesada tarefa para executar.

PONTO — Trago missão...

CONSELHEIRO — Trago missão para cumprir. Foi para isso que eu vim. Tenho um poderio que farei brotar no meio desses cardos e desses cerdos.

O CONSELHEIRO PARA DE FALAR, COMO SE VICENTE, ARTISTA CONVIDADO ESQUECESSE O TEXTO. O PONTO AJUDA, EM VOZ SUSSURRADA A PRINCÍPIO.

PONTO — Meus irmãos, obedecerei a igreja...

CONSELHEIRO CONTINUA MUDO. NÃO REPETE AS PALAVRAS DO "PONTO".

PONTO — Meus irmãos, obedecerei a igreja e aos dez mandamentos...

CONSELHEIRO — Meus irmãos, sou um apóstolo do Senhor, que me ungiu para evangelizar os pobres...

PONTO — Para receberdes vos a recompensa no paraíso...

CONSELHEIRO — Para proclamar a libertação dos cativos, para por em liberdade os oprimidos. Irmãos desta Vila do Chochorró. Tomai temência, porque o Senhor também disse: "Sofrereis perseguição dos maus e retribuireis com benefícios derramados por onde passardes. Mas terás como meus santos apóstolos, o teu povo, que te seguirá noite e dia sem parar. Deste povo rebanho, serás o guia".

BADALAM OS SINOS.

PEREGRINO — Hora do Conselheiro aconselhar com seu bom conselho. Fila, ir-

mãos, fila. Hora do Bom Jesus, Antônio Conselheiro aconselhar com seu bom conselho, fila, irmãos, fila.

OS PENITENTES COLOCAM-SE ORDENADAMENTE EM FILA. ISABEL, A DOIDA, REPETE CANTANDO.

ISABEL — Fila irmãos, fila.

1.º PEREGRINO — Vosmecê aí na frente, irmão. Vem chegando. O Bom Jesus Conselheiro te espera. Sem arreio. Vem irmão.

O CONSELHEIRO SENTA, UM ROMEIRO SE APROXIMA. UM SERTANEJO FORTE, VIOLÃO A MÃO, GIBÃO DE COURO, CARTUCHEIRA, FACA DE ARRASTO, AJOELHA, BEIJA A MÃO DO CONSELHEIRO.

1.º ROMEIRO — Paz em Deus, a Bença.

CONSELHEIRO — Te abenço, filho, que a tua morada seja sempre de paz. Que a mim te traz?

1.º ROMEIRO —

Eu não tenho pai nem mãe,
nem neste mundo parente;
sou filho das tristes erva,
neto das águas corrente;
meu nome é Manoel Quadrado,
vivi sempre pelo sertão escorraçado.

CONSELHEIRO — Sei, filho, sei. Onde mora vosmece?

MANOEL QUADRADO —

Eu não só daqui, tô chegando agora.
Prá vim ouvi o bom conselho, andei léguas [afora.

Por favor não me mande embora.

CONSELHEIRO — Mas diz, filho, diz, que a mim te traz?

MANOEL QUADRADO —

Uma tarde, pai, ano faz,
encontrei uma morena,
morena dos olhos grande,
sombreira de veludo,
Dinheiro tinha nada,
mas corpo valia tudo...

ISABEL (cantando) —

Dinheiro tinha nada,
mas corpo valia tudo... tudo... tudo...

OS PEREGRINOS FAZEM MENÇÃO DE CONTÊ-LA. ISABEL, AO CANTAR, ENSAIA PASSOS DE DANÇA.

CONSELHEIRO — Deixa, irmãos, segue, meu filho, conta, te escuto.

ISABEL AQUIETA:

MANOEL QUADRADO —

Com a morena me engracei.
Ela comigo se engraçô.

Acertamo tudo de acordo

Como manda a Santa Igreja. (Pausa)

PONTO — Mas depois a coisa...

MANOEL QUADRADO —

Mas depois a coisa deu prá mudá

Parece até praga de Sataná

Na mulher um papo foi nascendo

e dia a dia mais crescendo.

E com o papo uma febre terçã,

que, como fogo, coivara ela por dentro.

PONTO — Mas... sô de erva conhedô...

MANOEL QUADRADO —

Sô de erva conhedô:

dei até infusão de rabo de preá,

sem nada adiantá,

andamo de tratadô em tratadô...

buscamos até médico da capitá. (Pausa)

Porque com mulher papuda,

tapejara só casa com uma condição:

da mulhé dormi na cama

e o papo dormi no chão.

ISABEL (Cantando) —

do papo dormi na cama

e a mulher dormi no chão... no chão...

MANOEL QUADRADO — Não é esse o caso, digo com precisão, pois quero ela...

Mas quero ela boa, e se vosmecê, Santo milagrero, não me ajudá, minha cabeça vai ficá girando atoa.

CONSELHEIRO — Filho, ferve n'água uma folha de chique-chique, coloca uma toalha branca no papo da mulher, e emborca com vagareza um copo d'água, dizendo por três vezes: Jesus morreu, Jesus ressuscitou. Vai Manoel Quadrado, segue teu caminho, que em três dias o mal está curado...

MANOEL QUADRADO BELJA A MÃO DO CONSELHEIRO. APOIA A CABEÇA EM SEU MANTO. O CONSELHEIRO AFAGA SEUS CABELOS. ISABEL ACALMA TOTALMENTE. UM ROMEIRO LEVA ISABEL DOCEMENTE, ELA SENTA-SE AO LONGE. O PEREGRINO QUE MANDARA OS ROMEIROS FICAREM EM FILA, CHEGA-SE AO CONSELHEIRO.

PEREGRINO — Meu bom Jesus, permiti eu queria ficá, pelos caminhos errante vosmecê acompanhá...

CONSELHEIRO — A estrada é longa, cheia de pedras e entolhos... Ainda assim virieis?

PEREGRINO — Sigo vosmecê, porque diz do céu e das coisa aqui da terra também, prá melhorá nossa sorte... Tô cansado de falação dos bem só prá depois da morte. Nada mais há que eu queira tanto, que andá na estera do vosso manto.

CONSELHEIRO — Seja pois! Há muito que entre os romeiros te vejo. Forte és, melhor no andejo. Como te chamas?

PEREGRINO — João, senhor, sobrenome

Abade. De profissão: vaqueiro, agora, escudo do Conselheiro!

UM ROMEIRO MAGRO, DE BARBICHA, ENSAIA PASSAR FURTIVAMENTE PELO CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO — Quem és, que há muitas jornadas noto, me seguindo pelos matos. ignoto? E esse olhar? Olhas para mim, como se adorasses a Eucaristia.

3.º ROMEIRO — Por padre fui criado, vivi sempre na sacristia... Vosso xará no nome sou, pois Antônio fui batizado; de Beato" pelo povo sou chamado. Queria a seu rebanho me juntá, prá num vê mais crancinha de fome mirrá. E, de permeio, o Paraíso alcançá.

CONSELHEIRO — Assim seja, filhos. Pois eis que agora, para meu povo, logo quero dar uma nova Jerusalém, onde não haverá choro, nem clamor... não haverá criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus, porque aquê que morrer aos cem anos, morrerá jovem... e o meu povo edificará casas e nelas habitará... e plantará milho e jerimum e comerá o que plantar.

PONTO ... para que... depois na vida eterna...

CONSELHEIRO — Para que... desfrute o meu povo de toda a obra de suas próprias mãos...

PONTO — ... e edificarão com o sofrimento o reino dos céus...

CONSELHEIRO — Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam...

O PONTO DESACORÇO. DESISTE.

CONSELHEIRO — Não trabalharão de balde, nem terão filhos para a calamidade, e não farão mal nem dano algum. (PAUSA) Assim seja, filhos. Em verdade, vos digo: quereis ser meus seguidores e eu vos farei de homens, pescadores.

O CONSELHEIRO LEVANTA-SE. ABENÇO. TODOS BAIXAM A CABEÇA. O CONSELHEIRO VAI SAINDO LENTAMENTE, OS ROMEIROS O ACOMPANHAM. ISABEL COMEÇA A CANTAR (SEMPRE DANÇANDO).

ISABEL —

Venho de Patamuté,

vestida de maltratos, vestida de

[maltratos...]

Do céu, do céu veio uma luz

que Jesus mandou.

Conselheiro Aparecido dos males nos

[livrou

Conselheiro Aparecido dos males nos

[livrou...]

ROMEIROS —

Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]

Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]

SAEM TODOS CANTANDO. ISABEL POR
ÚLTIMO. ESCURECE LENTAMENTE.

CENA IV

*Ao longe, luzes de Vila de Natuba. Semi
penumbra.*

*Manoel Quadrado e Pajeú num desafio
com violão. Pajeú, um negro forte. Tem uma
faca de arrasto e uma espingarda. Dois ou três
Tapejaras escutam.*

MANOEL QUADRADO —

A vida de gente pobre
padece, não tem altura;
a vida de gente rica
arregala e tem fartura.

PAJEÚ —

O rico levanta cedo,
toma café com mistura;
o pobre bebe garapa,
quase sempre sem doçura.

MANOEL QUADRADO —

Gente rica fica doente,
vem logo o dotô e cura;
Quando pobre fica doente,
o remédio é sepultura.

PAJEÚ —

Cavalo de gente rica
tem passo, tem andadura;
a égua de gente pobre
é calombo e pisadura.

MANOEL QUADRADO e PAJEÚ —

Quando gente pobre morre
vai gozá lá nas alturas;
O rico vai é prós quinto
fervendo na fervedura.

TAPEJARAS ENSAIAM APLAUSOS. POU-
CO ANTES DO FIM DO DESAFIO, DOIS VUL-
TOS SE ACERCAM: JOÃO ABADE E ANTÔNIO
BEATINHO, DISCÍPULOS DO CONSEL-
HEIRO. APROXIMAM-SE DO JEGUE.
DESAMARRAM-NO.

PAJEÚ — Ei... ó de lá... deixa o jegue...

MANOEL QUADRADO — Mexe não! Prá
que sorta o bichinho? É jegue nunca montado.
mexe não... virge de bunda seja de home ou
de muié...

JOÃO ABADE — Adescurpa, irmão Pajeú,
não se arreceie Mestre Quadrado. Só João
Abade, discípulo do Conselheiro, a vosmecê
mandado.

PAJEÚ — De há muito o pó da sua do

Santo busco... e sua palavra a mim dirigida
será sem tardança obedecida.

ANTÔNIO BEATINHO — Nosso Bom Jesus
está a légua de jornada e logo em Natuba dará
entrada de seu povo seguido. E há pouco o
Mestre Abade falou: "João, o Beato chama; e
para Natuba rumai..."

PONTO — ... logo às portas...

ANTÔNIO BEATINHO — Logo às portas
da aldeia um jegue estará. Seu dono é moço
Pajeú, que entre os meus quero. Ao seu lado,
Manoel Quadrado, que há muito espero. Se
vos questionarem, dizei: O Bom Jesus do je-
gue uso fará, mas logo o devolverá.

MANOEL QUADRADO — Leva o jegue,
falo por mim e por irmão Pajeú, porque no
burrico tenho meação. Leva e diz ao Santo,
que Manoel Quadrado, do Conselheiro deve-
dor, de hoje prá frente, está com ele e sua
gente.

PAJEÚ (Afagando o jegue) — Vai, bichi-
nhô, carrega o Santo com carinho. Traiz ele
com vagareza e cuidado, que nós fais o fato
anunciado.

PAJEÚ TIRA A MANTA DO CORPO E
COLOCA NO BURRICO, BEATINHO E ABADE
SAEM DEVAGAR, LEVANDO O JEGUE.

PONTO — ... irmãos, povo de Natuba...

MANOEL QUADRADO — Irmãos, povo de
Natuba, o Bom Jesus vai chegar. Depressa,
irmãos prá estrada, pro profeta dá entrada.

PAJEÚ (Como um arauto) — Povo de
Natuba, o Bom Jesus vai chegar. Descobri
vossas cabeças, Irmãos. Tã chegando o Bom
Jesus, Antonio, Santo, Pai e Conselheiro.
Aleluia.

SURGEM OS MORADORES DA VILA DE
NATUBA. AO LONGE, OUVI-SE UM CANTO.
É A GENTE DO CONSELHEIRO QUE SE
APROXIMA.

MÚSICA —

Do céu, do céu veio uma luz
Que Jesus mandou...

Conselheiro Aparecido dos males nos

[livrou...]

Conselheiro Aparecido dos males nos

[livrou...]

ENTRA O CONSELHEIRO MONTADO NO
JEGUE, COM ELE, ABADE, BEATINHO, RO-
MEIROS. TRAZEM UMA IMAGEM NUM
ORATÓRIO E UMA GRANDE CRUZ.

MÚSICA —

Do céu, do céu veio uma luz
que Jesus mandou...

Conselheiro Aparecido dos males nos

[livrou...]

Conselheiro Aparecido dos males nos

[livrou...]

O POVO DE NATUBA SAÚDA O CONSELHEIRO COM VIVAS, ESTENDENDO MANTOS, COLOCANDO RAMOS DE ÁRVORES, FLORES, EM SUA PASSAGEM. MISTURAM-SE O POVO DE NATUBA E A GENTE DO CONSELHEIRO.

VOZES —

Hosana. Hosana.

Bendito o que vem em nome do Senhor.

Aleluia. Aleluia.

Viva o Bom Jesus Concelheiro.

Aleluia.

ENTRA UMA VELHA, CORRENDO (TIA BENTA) PERSEGUIDA POR DOIS COBRADORES MUNICIPAIS DE IMPOSTOS. AGARRA-SE AOS PÉS DO CONSELHEIRO, AJOE-LHA-SE.

TIA BENTA — Meu Pai Santo, agasalho e proteção pra uma velha perseguida pela Lei do cão.

ANTES QUE O CONSELHEIRO RESPONDA, OS COBRADORES AGARRAM A VELHA. MURMURIOS DE PROTESTOS ENTRE O POVO.

PRIMEIRO COBRADOR — Num adianta invoca proteção de Santo nenhum, Vosmecê vai com a gente.

O CONSELHEIRO APEIA-SE. OS COBRADORES SOLTAM A VELHA.

CONSELHEIRO — Quem a mim se dirigir, coisa querendo pedir, seja homem, ou fraca mulher, nunca partiu sem dizer o que quer.

ABADE E PAJEÚ DÃO EMPURROES NOS COBRADORES.

JOÃO ABADE — Não escutô, cabra safado? Arreda, peste.

1.º COBRADOR — É por ordem do Chico Dantas, o prefeito. Essa velha, por Tia Benta conhecida, imposto num qué pagá de suas estera vendida.

TIA BENTA — Verdade não, Pai. Querê, quero. Posso não, Pai. Estera vendo por quatro vintém, aqui que me desdiga alguém. Se treis pago pelo matériá, que já não é do bom, como posso ao Prefeito dá o último tostão? Do que vô vive? E os neto-órfão vô deixá morrer? Me ajuda eu, Pai. Pelo Jesus menino, pelas estrela do destino, ajuda eu, Pai.

CONSELHEIRO — Mestre Abade procura as tábuas dessa lei. Quero ver.

PAJEÚ — Precisa não. Pai. Tão aqui.

PAJEÚ AO FUNDO ARRANCA UM QUADRO DE MADEIRA. PAJEÚ PASSA O QUADRO A BEATINHO QUE O ENTREGA AO CONSELHEIRO. O CONSELHEIRO LÊ EM SILÊNCIO.

PONTO — ... é desrespeito. Arrancô a lei...

1.º COBRADOR — É desrespeito arranco a Lei da República.

2.º COBRADOR — Fica calmo, é meio.

PAJEÚ — Cala a boca, desgraçado.

MÚSICA —

Garantidos pela lei, aqueles malvados

[estão.

Nós temos a Lei de Deus, eles tem a Lei

[do cão.

Eles tem a lei do cão, nós temos a lei de

[Deus,

Garantidos pela lei, aqueles malvados

[estão".

1.º COBRADOR — É desrespeito, vosmecê. Concelheiro, está indo mui longe. Num arrespeita, nem o Prefeito, nem a República.

2.º — COBRADOR — Calma, num vai mais ofendê o Santo.

1.º COBRADOR — Tem dó do que sua gente vai passá. Então, crê que imposto num é pra pagá?

ABADE AMEAÇA AGREDIR O PRIMEIRO COBRADOR.

CONSELHEIRO — Deixa o homem, João. Eu não disse que a lei é para ser desrespeitada. Eu não vim para abolir as leis, mas para melhorar as leis. Se é uma lei errada, cabe a mim ao meu povo mostrar a norma acertada. (PAUSA) Depois meu filho, vosmecê é cobrador de quem: da República ou do Imperador?

1.º COBRADOR — Trabalho pro município de Natuba, só da República servidô.

CONSELHEIRO — Beato, me dá uma moeda.

BEATO TIRA DO GRANDE SACO DE DINHEIRO, QUE SEMPRE TRAZ CONSIGO, UMA MOEDA.

CONSELHEIRO — Agora, filho, sem tarçança, me dá resposta. De quem é esta figura que a moeda mostra?

CONSELHEIRO EXIBE A MOEDA AOS COBRADORES.

1.º COBRADOR — É de Pedro Molenga, o Imperadô. Mas é que o dinheiro da República aqui ainda não chegô.

CONSELHEIRO — Ao Imperador o que deve ser do Imperador; ao Senhor o que é do Senhor, e ao meu povo o que é do meu povo. Essa lei de cobrar imposto de esteira pro pobre feita, injustiça é, pra minha gente, não cou nela fé.

PONTO — ... cuidado, Santo, essa prática perigosa...

1.º COBRADOR — Cuidado, Santo. Essa prática perigosa se faiz. Cum governo e solda-

do num é bom se desavim, que isso pode leva a mau fim.

ABADE — Inda fala, Te abro no meio, Cala.

ABADE CORRE SOBRE O PRIMEIRO COBRADOR, SEGUIDO DE PAJEÚ. CONSELHEIRO FAZ UM GESTO DE CALMA. O PRIMEIRO COBRADOR FOGE. O SEGUNDO COBRADOR CAI DE JOELHOS.

2.º COBRADOR — Se perdão ainda tenho, posso me aquenta ao vosso lenho?

CONSELHEIRO — Como a todos, te esperava, te conhecia. Um dos nossos serás a partir deste dia.

BEATINHO — Ele tem uma sacola dos dinheiro roubado dos imposto. Vó pegá pra nossa gente distribui com justeza e gosto.

O CONSELHEIRO ASSENTE. BEATO ARANCA A SACOLA DO COBRADOR. BEATO SAI. CONSELHEIRO TOMA A TABOA DA LEI NAS MAOS.

CONSELHEIRO — Ao Imperador o que é do Imperador, ao meu povo o que é do meu povo. Eu queimo essa lei e tudo o que de mau aparecer de novo. Queima, mestre Abade, queima.

PASSA A TABUA DA LEI A ABADI. PAJEÚ ACENDE UMA TOCHA. INCENDEIAM A TABUA DA LEI. CLARÃO CRESCENTE A MEDIDA QUE A CENA SE DESENVOLVE. PEQUENO A PRINCIPIO, ILUMINANDO DEPOIS O PICADEIRO.

CONSELHEIRO (Como num flash, dentro da cena) — Vocês agora vão sofrer com isso, mas eu que cuido de vocês, fico para protegê-los. (PAUSA) A família real foi por Deus constituída para governar o Brasil. Que o presidente se convença disso e a República não de cair por terra.

MÚSICA —

Viva Isabel, a Redentora.

Proclamando com ardor,

Viva o defunto Imperador.

CONSELHEIRO — Quem subiu ao poder pela força das armas praticou uma injustiça contra os mandos reais do nosso trono.

MÚSICA —

Saiu D. Pedro para o reino de Lisboa

Acabou-se a monarquia e o Brasil ficou

[à toa]

Acabou-se a monarquia e o Brasil ficou

[à toa]

CONSELHEIRO — A República é obra da incredulidade e o casamento civil é a lei do escândalo.

MÚSICA —

Casamento vão fazendo

Só pro povo iludir

vão casar o povo todo

no casamento civil

Desgraçado são aqueles

pra fazerem a eleição

abatendo a lei de Deus

suspendendo a lei do cão

CONSELHEIRO — Agora veio a república com toda a ingratidão, mas há de mil rebanhos correr, da praia para o sertão, e haverá muitos chapéus e poucas cabeças, e haverá muito pasto e pouco rastro, e um só pastor e um só rebanho. (PAUSA) E quando as nações brigarem com as nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra e a Prússia com a Prússia, das ondas do mar sairá D. Sebastião, com todo o seu exército, e então o sertão virará praia e a praia vai virar sertão.

MÚSICA —

Num dia de cerração, montado em seu [cavalo,

quem quiser pode esperá-lo, El Rei

[Sebastião

Sebastião já chegou e traz muito

[regimento

acabando com o civil e fazendo o

[casamento.

O anti-Cristo nasceu e quer no Brasil

[mandar

Mas aí está o Conselheiro para dele nos

[livrar.

Visita nos vem fazer El Rei Sebastião Coitado daquele pobre que estive na lei do

[cão.

PONTO — ... depois da vida cumprida aquele tiver...

CONSELHEIRO — Aquê que não tem uma espada, venda seu hábito e compre um gladio, porque das ondas do mar sairá D. Sebastião.

MÚSICA —

Montado em seu cavalo, num dia de

[cerração,

quem quiser pode esperá-lo, El Rei

[Sebastião.

E tudo será festejo, parece que já o vejo

moço-rei a governar, moço-rei a

[governar...

BEATO (Como um arauto) — É preciso uma terra encontrá...

PAJEÚ (Como um arauto) — Pro nosso povo morá...

ABADE (Como um arauto) — E dessa República escapá...

CONSELHEIRO — A caminho, filhos, a caminho.

A MEDIDA QUE O CONSELHEIRO FALA FUNDO MUSICAL EM SURDINA. TODOS CAMINHAM PELO PICADEIRO ATÉ ESTACAREM NUM LUGAR DO OUTRO LADO. É A FAZENDA VELHA, A BEIRA DO RIO VAZABARRIS.

CONSELHEIRO — É aqui, é aqui a terra da promessa. Neste lugar dos Canudos nós vamos abancar. Neste rio Vaza-Barris vai correr leite e de cuscus de milho serão as suas barrancas. E nos outros rios, no Mucum, no Umburanas, vai nascer mel... Nas colinas, nas serras, tudo dará em abundância: cana-de-açúcar de descascar com os dedos, gerimum à farta, e chuva... muita chuva...

Meu povo vai fazer o saco nas vilas por cerca e trazer tudo para cá, e Mestre Abade — comandante do povo — vai distribuir tudo por igual, porque depois da enchente vem a semente. A peste não entra. É aqui que será o Império de Belo Monte.

A MEDIDA QUE A PRÓXIMA MÚSICA FOR CANTADA, HAVERÁ INTENSA MOVIMENTAÇÃO DE POVO, ARRUMANDO O LUGAR ESCOLHIDO. A MOVIMENTAÇÃO É MAIS OU MENOS ASSIM: ABADE E PAJEÚ FINCAM UMA CRUZ. JAGUNÇOS FAZEM TRAÇADO PARA CASA. BEATO RECOLHE DINHEIRO. JAGUNÇOS ARAM A TERRA.

MANOEL QUADRADO DISTRIBUI PÁS, ENXADAS, INSTRUMENTOS DE TRABALHO. ABADE DISTRIBUI ESPINGARDAS.

MÚSICA —

É aqui, é aqui, o Império de Belo Monte
É aqui, é aqui. Canta jagunço, canta

[irmão

Reza com o Conselheiro, tua liberação.
A sertão todo em flor esplende e cheira;
Jagunço! Chegou a hora da redenção!
Teu braço não mais vai bater o solo
Sob o manto pesado do feitór:
Teus filhos não mais dormirão ao relento
tatuados de bexigas, comidas de úlcera,
castigados de maleita.

Tua mulher não mais irá viver na casa
[dos outros

Como um traste qualquer.

Tu não terás mais ponto nem feitor

Nem zanga do coronel, nem as ordens do
[doutor.

Volta à terra, jagunço.

Larga o rifle, mas deixa perto!

Cava o solo que anseia pela semente.

É aqui, e aqui o Império de Belo Monte;

É aqui, é aqui!

ABADE (Como um arauto) — Vem, irmão.

SOM DE TROMBETA SERTANEJA.

ABADE — Vem, irmão.

CHEGAM ROMEIROS. A "CANÇÃO DOS JAGUNÇOS" É ENTOADA EM SURDINA, DURANTE A CENA.

VOZ — E o povo chega como uma enchente. Do mar pro sertão, do sertão pro sertão.

VOZES — De Itabalana. De Queimada.

Da Bahia. Do Piauí.

De Cansação. De Massacará.

De Jacobina. De Itapicuru.

Do Cumbe. Do Ceará.

De Pernambuco. De Traipu.

ABADE — Vem, irmão!

TUDO VAI SE TRANSFORMANDO ATÉ ENTRAR NUMA ROTINA DE TRABALHO, AMOR E PAZ.

SUB CENA

Entram dois ou três "Peludos" arrumam o picadeiro para a cena seguinte, espicagados com violência pelo Mestre de Cerimônias e pelo Domador.

CENA V

Surgem, numa elevação do picadeiro, com uma rampa até o rés do chão, Frei Evangelista do Monte Marciano e Frei Caetano Papistão. Descem por entre o povo de Canudos que trabalha e canta. Os frades vem em santa missão para salvar os jagunços...

A medida que descem, passando pelo povo, a música cessa e o povo fica estático, em silêncio.

Frei Marcelino é alto e solene. Frei Papistão é corcunda.

Chegam a porta da igreja nova, em construção. Vê-se um sino, preso a uma coluna e uma velha pia de batismo. Os frades são recebidos pelo Conselheiro, acompanhado de Abade, Pajeú, Beato, Tia Benta e povo.

FREI MARCIANO — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

CONSELHEIRO — Para sempre seja louvado, tão bom senhor!

FREI MARCIANO — Aqui venho em fim de paz, em missão sagrada, falar a essa gente de padre há muito abandonada.

CONSELHEIRO — No que a vosmecê puder ajudar, podeis contar.

PONTO — ... na casa que reservei...

CONSELHEIRO (Com má vontade) — Na casa que reservei para o vigário do Cumbe, logo ali na rua do Campo Alegre, podeis vos alojar. Suprimento de boca mando já providenciar. Nada há de faltar.

FREI MARCIANO — Estamos em missão sagrada, ordenada pelo arcebispo da Bahia, D. Jerônimo Tomé, preocupado por ter o povo de Canudos perdido a fé...

CONSELHEIRO — Assim fato não é! Meu povo é respeitador das coisas da Igreja, e eu de mim nada mais quero do que viver em paz, além de aqui e ali uns açudes d'água arrumar... e o fruto do plantio a cada um assegurar.

FREI MARCIANO (Cortando) — No entanto, essa não é a notícia que temos. S. Excia., o governador Rodrigues Lima, este caso acompanhá porque o governo desrespeitado foi. Sem dizer que nas coisas de Deus, mais aqui se fala no temporal do que no espiritual.

CONSELHEIRO — O governo, do sertão, só se lembra prá buscar soldado em tempo de guerra e imposto no tempo da paz.

FREI PAPTISTÃO (Baixo, a Marciano) — Eis aí. Eis aí a prova. É um revolucionário. Eis aí.

CONSELHEIRO — Se vosmecês quiserem, a igreja vou mostrar... Por favor, queiram me acompanhar.

OS TRÊS ANDAM POR ANDAIMES. EM BAIXO, ABADE, PAJEÚ E O POVO ACOMPANHAM.

CONSELHEIRO (Apontando) — Uma das torres daqui sairá, ali a base da outra. Mais acima, do outro lado, a nova pia de batizados. E na frente, a nave...

PONTO — ... o altar dourado...

CONSELHEIRO (Com má vontade) — ... o altar dourado, com um Santo Antônio de Portugal mandado. E o povo, na volta do trabalho, todas as noites estará...

FREI MARCIANO (Cortando) — Senhor Antônio Mendes Maciel, como já vos disse, meu fim é todo de paz, e por isso extranhar devo de enxergar tantos homens armados...

CONSELHEIRO — É para minha guarda e da minha gente que o povo está armado. Porque fato conhecido, é, que a polícia atacou-me e quiz matar-me num lugar chamado Masseté, onde ouve mortos de um e outro lado...

FREI MARCIANO — Caminho legal para isso existe. Uma queixa a justiça podéis apresentar.

RISOS.

TIA BENTA (Imitando) — "Uma queixa à justiça podéis apresentar"... bah!!

RISOS.

CONSELHEIRO — No tempo da monarquia, deixei-me prender porque reconheço o Governo. Hoje, não, porque não reconheço a República.

FREI PAPTISTÃO — Eis aí. É um revoltoso, eis aí.

FREI MARCIANO — Vou abrir a Santa Missão, para batizar, confessar e explicar ao povo transviado a pensar na vida eterna...

PONTO — ... e não apenas na felicidade terrena...

FREI MARCIANO — E não apenas na felicidade terrena e vou ainda aconselhar essa gente toda a largar as armas e voltar para seus lares.

TIA BENTA — Não quero o padre hereje.

VOZES — Nois queremos acompanhá o Conselheiro.

O CONSELHEIRO COM UM GESTO SILENCIA O POVO.

CONSELHEIRO — Meu frade, acolhida de irmão vos dei e, além de me agredir, nem seu nome sei.

FREI MARCIANO — O nome numa hora assim pouco importa; o que interessa é saber que Cristo nos exorta!

RUMOR DE DESAPROVAÇÃO DO POVO.

FREI MARCIANO — A Ordem dos Capuchinhos pertencemos, Frei Castano Paptistão, e eu que a Missão Chefia: Frei João Evangelista do Monte Marciano.

CONSELHEIRO — Nada há nos Canudos que assuste um mariano.

FREI MARCIANO — Senhor, se é católico, deve considerar que a igreja condena as revoltas e aceitando todas as formas de governo...

TIA BENTA — As igreja tá sempre cos poderoso...

FREI MARCIANO — ... ensina que os poderes constituídos regem os povos em nome de Deus.

ABADE — Safa, padre maçon.

FREI MARCIANO — É assim em toda a parte: a França que é uma das principais nações da Europa foi monarquia por muitos séculos, mas há mais de vinte anos que é República e todo o povo de lá, sem exceção dos monarquistas, obedece às autoridades.

PAJEÚ — Esse povo tá errado de accitar as coisas má.

TIA BENTA — Nois num tem nada cos franceses, nois qué o nosso Conselheiro aqui no sertão.

VOZES — Abaixo os padres do governo.

CONSELHEIRO ACALMA O POVO.

CONSELHEIRO — Não sou nenhum vangabundo de Deus. Sei o que é bom para o meu povo. Se a gente da França aceita a república, pior para eles e mais ainda se a Igreja apoia. ...

FREI MARCIANO — Então afirma que a



Antônio Fagundes, Edy Lima e Luiz Serra, numa cena de "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU", de César Vieira, montagem do "Teatro da Cidade"

Igreja da França errou?

FREI PAPTISTÃO — Sacrílego, além de revoltoso, eis aí.

CONSELHEIRO — Não sei se errou ou acertou, das coisas de lá não posso dizer, mas das daqui posso e quero, foi para isso que eu recebi minha embaixada. Comigo os mansos possuirão da terra, mas os que tem fome e sede de justiça também serão saciados.

FREI PAPTISTÃO — Está adulterando as escrituras, sacrílego.

VOZES AGRESSIVAS DE DESAPROVAÇÃO:

ABADE — Cala, urubu de corcova.

TIA BENTA — Queto, corcunda safardana.

CONSELHEIRO — No dia que virá e perto está; que será um grande dia aquele e não há outro semelhante, o Senhor dos Exércitos afastará o jugo do pescoço de seu povo e nunca mais estrangeiros farão escravo este povo.

FREI PAPTISTÃO — Agora adultera Jeremias. Excomunhão. É caso de excomunhão.

CONSELHEIRO — Aqui nos Canudos meu povo vai viver em paz, porque nos outros lugares está tudo contaminado pela República.

BEATO — Tem de sê assim. Foi por isso que nós fiquemo com o Conselheiro.

PONTO — ... é mau esse pensar...

FREI MARCIANO — É mau esse pensar e doutrina errada é a vossa.

TIA BENTA — O padre é que tem doutrina errada e não o nosso Conselheiro.

VOZES — Abaixo os padre hereje e repuplicano. Viva o Bom Jesus.

PAJEÚ — Morra o padre maçom.

TIA BENTA — Viva o Bom Jesus Conselheiro.

FREI CAETANO — Proibe então a Santa Missão?

PONTO — ... eu não estorvo.

CONSELHEIRO — Eu não estorvo essa Santa Missão, mas também não desarmo minha gente.

CONSELHEIRO SAI.

CENA VI

Mesmo cenário da última cena. Frei Marciano prega. Por perto, Frei Paptistão. Ouvem: Abade, Beato, Pajeú, Tia Benta e povo.

A medida que esta cena se desenvolver, escorregarão do alto da nave grandes faixas negras e roxas, lentamente, até transformar o local que era alegre, em sombrio e triste.

FREI MARCIANO — A bem-aventurança eterna será obtida através de...

JAGUNÇOS ENTREOLHAM-SE SEM ENTENDEREM.

FREI MARCIANO — ... obras pias, desprendimento, sacrifícios e, principalmente...

PONTO — ... aceitação das condições que a divina...

FREI MARCIANO — Aceitação das condições que a divina providência nos impôs... (PAUSA) Pode-se jejuar muitas vezes comendo carne ao jantar e uma chávina...

TIA BENTA — Chávina?

FREI MARCIANO — ... chávina de café pela manhã...

PAJEÚ — Isso não é jejuar. É comer à farta.

RISOS. PAJEÚ E TIA BENTA SAEM.

FREI MARCIANO — ... a cada missa assistida, a cada óbulo...

OLHARES ESPANTADOS.

FREI MARCIANO — ... óbulo doado à Santa Igreja, estareis assegurando uma parcela do Paraíso e livrando-vos dos castigos eternos do inferno.

PONTO — ... o respeito ao sagrado...

FREI MARCIANO — O respeito ao sagrado direito de propriedade...

A MEDIDA QUE MARCIANO PREGA, PAPTISTÃO COLOCA MESINHAS COM IMAGENS DE SANTOS, VELAS, TERÇOS, ÁGUA BENTA EM VIDROS ANFORADOS DE DIVERSAS CORES. TUDO AMONTOADO, COM PREÇOS ESPETADOS EM CIMA, COMO NUMA FEIRA. DESCEM AS FAIXAS NEGRAS E ROXAS.

FREI MARCIANO — ... a cada oração, a cada prece, ou mesmo a cada terço adquirido ou imagem comprada, uma graça vos será acrescentada.

FREI PAPTISTÃO — Terços de vidro de Espanha por dois tostões, trezentos dias de indulgências acompanham. Madonas dos espinhos, importadas de Paris, dão direito a um Santo colorido de papel e graças mil.

FREI MARCIANO — Devagar, Paptistão, não se exceda.

PAPTISTÃO QUER CONTER-SE MAS SEU TEMPERAMENTO NÃO PERMITE.

FREI PAPTISTÃO — Águas bentas, bentas pelas mãos de D. Tomé, Arcebispo da Bahia, dois tostões também a garrafinha, ricamente lapidada, 100 dias de indulgências garantidos!

UM JAGUNÇO APROXIMA-SE E COM-PRA. PAGA. BEATO INTERVEM. ARRANCA A GARRAFA, TOMA O DINHEIRO, EMPURRA PAPTISTÃO. QUEBRA A GARRAFA NO CHÃO. O JAGUNÇO FOGE.

BEATO — Padre sem vergonho!

BEATO SAI.

FREI MARCIANO — Tudo aqui fere a Deus.

PONTO — ... ainda é tempo...

FREI MARCIANO — ... ainda é tempo de salvar vossas almas; o governo providências logo vai tomar; vocês todos devem dispersar-se, voltar às casas, reconhecer às autoridades, obedecer aos padres, ainda é tempo!

ENTRA O CONSELHEIRO ENFURECIDO, ACOMPANHADO DE MESTRE QUADRADO E OUTROS. VAI DERRUBANDO AS MESAS DE COMÉRCIO À MEDIDA QUE PASSA. QUADRADO JOGA PAPTISTÃO NO CHÃO.

CONSELHEIRO — Fora! Esta é a casa do Senhor e vós fizestes dela um balcão de negócios e um centro de politização. Fora.

FREI MARCIANO — Depois tarde será para o arrependimento. Pensai...

CONSELHEIRO — Fora. Fora.

ABADE — Esse frade Marciano mais o corcunda Caetano estão de inteligência co governo e só querem abri caminho prás tropa que vem de surpresa prendê o Conselheiro e acabá co'a nossa raça. Fora cos padres sa-fado. Fora.

VOZES — Abaixo os frade republicano. Fora. Fora.

COM UM APITO, JOÃO ABADÉ ORIENTA O POVO QUE EM MOVIMENTOS HARMÔNICOS, VAI EXPULSANDO OS FRADES. FREI MARCIANO SAI, TENTANDO MANTER A DIGNIDADE. FREI PAPTISTÃO AGARRA O QUE PODE DE SEUS TRASTES E SAI SOB GRITOS.

SOBEM AS FAIXAS EGRAS E A NAVE CLAREIA ALEGRE DE NOVO.

LUZ EM RESISTÊNCIA.

ACENDE NOS DOIS PADRES SUBINDO A MESMA RAMPA POR ONDE DESCERAM PARA ENTRAR EM CANUDOS, VERGADOS. SOB O PESO DOS TRASTES E DA HUMILHAÇÃO.

CHEGAM AO ALTO DA RAMPA. PAPTISTÃO CAI AO CHÃO, CABEÇA ENFIADA NOS TRASTES. MARCIANO OLHA A VILA AOS PÉS. TIRA A SANDÁLIA, SACODE O PÓ SOBRE CANUDOS E AMALDIÇO A CIDADE.

FREI MARCIANO — Povo maldito! Tã-pora desgraçadas.

Da tua arrogância, em breve nada ficará! Antônio Maciel, te amaldiço, a ti e a tua.

gente do inferno!

Desses Canudos imundos, nem uma pedra restará!

Delenda est Canudos!

SAEM

VOZES (Com ironia) — Delenda est Canudos.

PANO

Na frente do pano, entra Zeca Tibério. Mestre de Cerimônias.

ZECA TIBÉRIO — Respeitável e seletto público, aqui termina o primeiro ato do belo espetáculo "A Guerra de Canudos". Tudo correu bem... mas uma desculpa apresento pela atuação de Vicente ator convidado, que não conhecendo bem as falas vez por outra descuidou-se. Desculpai. Senhoras e Senhores.

Agora, podeis vos regalar nas barracas de garapa, amendoim e pipoca.

ZECA TIBÉRIO (Continuando) — Enquanto isso, Zebedeu, nosso grande autor, ficará por entre vós, para assinar as músicas do drama que podeis adquirir por preços módicos...

ZEBEDEU DESCE PARA O MEIO DO PÚBLICO, LEVANDO A PLUMA PARA ASSINAR, ACOMPANHADO DE MAGDA, A PRIMEIRA BAILARINA, RICAMENTE VESTIDA, E UM PELUDO. AMBOS CARREGAM FOLHETOS DAS MÚSICAS DO DRAMA, PARA SEREM VENDIDOS AOS ASSISTENTES.

VOZES — Garapa. Amendoim. Tremoços. Pipoooca.

VOZ (Alto falante ao fundo) — Amanhã ainda "A Guerra de Canudos", e sábado inicia o sensacional espetáculo "A Morte do Capitão-Mór". Não percam.

MÚSICA DE CIRCO

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Antes de abrir-se o pano.

VOZ (Ao fundo — alto falante) — Distinto, seletto e educado público, com vossa permissão, iniciamos agora o segundo ato da "Guerra dos Canudos".

Pedimos, de novo, que se mantenha o máximo silêncio, a fim de que nada se perca e todos possam aproveitar tudo o que esse formidável drama nos ensina.

CENA I

Ouve-se uma voz, idêntica a de um locutor de futebol ao dar constituição das equipes que vão adentrar o campo para um jogo.

VOZ (Pregão esportivo) — A nova expedição contra Canudos está assim constituída: — Chefe, Coronel Antônio Moreira César; oficiais, Coronel Pedro Nunes Tamarindo, Major Cunha Mattos e Capitão Salomão da Rocha; Capitão Pedreira Franco, Tenente Ávila e outros menes graduados. Ainda 1.300 soldados, estupendamente armados. Briosá cavalaria. Quinze milhões de cartuchos setenta tiros de artilharia.

MOREIRA CÉSAR SURGE AO RÊS DO PICADEIRO E COMEÇA A SUBIR UMA RAMPA. MOREIRA CÉSAR ESTÁ DE UNIFORME. É UM HOMEM PEQUENO, CALVO, PALIDO, SOFRE DE EPILEPSIA.

VOZ (Pregão esportivo) — Acompanhado

da confiança popular, Moreira César partiu do Rio de Janeiro, desembarcou em Salvador, e, como um raio, em 5 dias estava em Queimadas, em mais duas jornadas chega ao alto da favela, pronto para o embate decisivo com os jagunços de Antônio Conselheiro. O país aguarda, com intensa expectativa o início de combate. Os prognósticos favorecem a brava equipe de Moreira César, invicta em todos os encontros nos campos do sul do país.

MOREIRA CÉSAR CHEGA AO MEIO DA RAMPA. ENTRAM OFICIAIS UNIFORMIZADOS CORRENDO. PARAM ENTRE O INÍCIO DA RAMPA E O LUGAR ONDE SE ENCONTRA MOREIRA CÉSAR. SAUDAM O PÚBLICO COMO UM TIME DE FUTEBOL. ESTÃO O CORONEL TAMARINDO E OUTROS OFICIAIS.

OFICIAIS (Coro, saudando) —

Arakan, barambakan,
stumberé, stumberá,
macambê, mecambecá...

Rico reco, rico rá...

rá - rá - rá...

Moreira-Moreira-Moreira-reira-reira...

Moreira César, César, César, César...

MOREIRA CÉSAR SOBE MAIS UNS PASSOS COM SOLENIDADE. A MEDIDA QUE ELE SOBE, A SAUDAÇÃO ESPORTIVA VAI SE TRANSFORMANDO NUMA SAUDAÇÃO DE TRIUNFO ROMANO.

OFICIAIS — Viva Moreira César. Viva César. Ave César. Ave César.

MOREIRA CÉSAR CHEGA AO FIM DA RAMPA, SENTA NUM TRONO ROMANO, EM SEMI-CÍRCULO, COBERTO COM CETIM VERMELHO E PÚRPURA. EM VOLTA, OS OFICIAIS.

ENTRA UMA MULHER SUJA, TERÇO PRESO À ROUPA, CRUZ DE MADEIRA (AGREGADA AS TROPAS). NUM RELANCE, SOBE CORRENDO A RAMPA. JOGA-SE AOS PÉS DE MOREIRA CÉSAR. OS OFICIAIS SALTAM. TEMEM UM ATENTADO. MOREIRA CÉSAR ASSUSTA-SE.

MOREIRA CÉSAR — Arreda, mulher, arreda. Que é? Que é?

A MULHER COLOCA A CRUZ DE MADEIRA NA MÃO DE MOREIRA CÉSAR.

MULHER — É para protegê vosmecê, senhor generá. Vai precisá. É santa cruz protetora.

MOREIRA CÉSAR GARGALHA.

MOREIRA CÉSAR — Deixa prá lá, velha beata.

EMPURRA A MULHER COM O PÉ. JOGA A CRUZ NO CHÃO. PEGA A ESPADA.

MOREIRA CÉSAR — Deixa prá lá, que santa cruz protetora coisa nenhuma. Eu só acredito na força da minha espada.

MOREIRA CÉSAR GARGALHA. A MULHER SAI.

MÚSICA —

Vai, vai, vai, infantaria...

vem, vem, vem, infantaria...

Avante, avante, infantaria...

É o sétimo batalhão de infantaria, Moreira César, nosso chefe, nosso guia, vai, vai, vai, infantaria...

ENQUANTO SOA A MÚSICA, MOREIRA CÉSAR, ACOMPANHADO PELOS OFICIAIS, ANDA PELO PICADEIRO, COMO NUMA REVISTA, TODOS TEM UM AR GLORIOSO, MARCIAL, MOREIRA CÉSAR BATE COM O PÉ NUMA GARRAFA. MÚSICA CESSA.

MOREIRA CÉSAR — Que joça é essa?

OFICIAL (Abaixando-se e pegando a garrafa) — Uma garrafa, meu coronel.

MOREIRA CÉSAR — Dê prá cá.

MOREIRA CÉSAR PEGA A GARRAFA.

MOREIRA CÉSAR — Coronel Tamarindo!

MOREIRA CÉSAR FICA ROXO. AMEAÇA UM ATAQUE DE EPILEPSIA. RETORNA AO NORMAL. TAMARINDO ADIANTA-SE E PERFILA-SE.

TAMARINDO — Pronto, meu coronel.

MOREIRA CÉSAR — Já determinei: não quero aguardente em minha tropa...

TAMARINDO — Coronel, não vejo em que...

MOREIRA CÉSAR — Não interrompa. Não quero aguardente em minha tropa nem prá remédio.

TAMARINDO — Não posso ser responsabilizado por...

MOREIRA CÉSAR — Seu ordenança esteve ontem na Fazenda Cachimbé e trouxe para o acampamento mais de dúzia de garrafas de mandureba. Repito: — Não admito álcool em minha tropa e muito menos que meus oficiais façam uso dele.

MOREIRA CÉSAR — O infante é o melhor dos soldados, quando tem um bom chefe. Não se esqueça, Coronel Tamarindo, que se algo me suceder, o senhor é quem assume o comando, deve dar o exemplo.

PONTO — ... a infantaria quer que...

MOREIRA CÉSAR — A infantaria quer que seu chefe a comande em condições de superioridade. O chefe não é um igual. O infante sabe...

TAMARINDO (A parte) — Epilético filho da puta.

MOREIRA CÉSAR — ... reconhecer seu comandante sem precisar olhar-lhe os galões.

PONTO — ... e além disso, coronel, hoje...

MOREIRA CÉSAR — E além disso, coronel, hoje, ao inspecionar o acampamento, encontrei as instalações sanitárias em péssimo estado. E quando visito uma casa e encontro um local desses imundo, firmo logo conceito: é casa mal orientada e mal dirigida.

TAMARINDO — Pois eu, meu coronel, quando vejo uma casa arder, não me preocupo com a latrina.

MOREIRA CÉSAR — Dê sua opinião, Cel. Nunes Tamarindo, quando esta for solicitada, entendido?

TAMARINDO (Mais a parte) — Epilético filho da puta.

MOREIRA CÉSAR — Disse alguma coisa, coronel?

TAMARINDO — Concordava, não há motivo para disputa.

PAUSA.

MOREIRA CÉSAR — Senhores!

MOREIRA CÉSAR SOLENE, OS OFICIAIS PERFILAM-SE.

MOREIRA CÉSAR — Senhores, como todos sabem, estou muito doente. Há dias não me alimento mas amanhã, vou almoçar em Canudos.

OFICIAIS — Amanhã?!?

MÚSICA "VAI VAI INFANTARIA" COMEÇA.

ÇA A SOAR BAIXINHO:

MOREIRA CÉSAR — Vamos atacar Canudos amanhã, pela madrugada. O plano é este.

MÚSICA MAIS ALTO.

MOREIRA CÉSAR — A cavalaria descera pelo outeiro da favela, com a cobertura da artilharia, sob o comando do Capitão Salomão e eu mesmo cairei sobre o arraial a frente do sétimo.

PONTO — ... Canudos será...

MOREIRA CÉSAR — Canudos será tomada sem se perder um só homem. Alguma dúvida, Senhores?

SILÊNCIO.

MOREIRA CÉSAR — Então, aos preparativos.

MÚSICA —

Vai, vai, vai, infantaria...

vem, vem, vem, infantaria...

Avante, avante, infantaria...

É o sétimo batalhão de infantaria,

Vai, vai, vai, infantaria...

Moreira César, nosso chefe, nosso guia,

CENA II

Grupo de Jagunços em preparativos para o combate. Estão: o Conselheiro, João Abade, Pajeú, Manoel Quadrado e outros. Pelo chão, sacos e cordas.

CONSELHEIRO — Pega os homens. Irmão Pajeú, espalha por toda a serra, desde o Caypan até o Cambaio.

ABADE — Põe gente nos mutuais, cava buraco fundo e esconde os homens ali. Quando os cabra do governo surgirem, fogo neles. Vai irmão.

PAJEÚ — Salve o Bom Jesus.

PAJEÚ SAI.

ABADE — Mestre Quadrado, vai com rapidez, de cada cem em cem jarda, faz um cercado com folha de mandacaru, põe um homem dentro com quinhentos cartuchos. Derrama dessas armadilha, por toda a margem do Vaza-barris. Um dos nossos vai sempre segurar um batalhão das fraquezas do governo. Os cabra do Moreira César vão correr que nem animal cabrito desce descendo montanhas, mordidos pelas favelas, escoraçado.

MANOEL QUADRADO — Viva o Bom Jesus Conselheiro!

MANOEL QUADRADO SAI.

MÚSICA —

Nuvem do céu há de vir...

Pros inimigos destruir...

ENTRAM TIA BENTA E BEATO, TRAZENDO

SACOS E CORDAS. FAZEM REVERÊNCIA PARA O CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO — Quantas colmeias trouxe, tia Benta

BENTA — Trinta e três, meu Santo, com cinco já pega dantes, trinta e oito são somadas.

PONTO — ... bom, e vosmecê, mestre...

CONSELHEIRO — Muito bom! E vosmecê, mestre Beato?

BEATO — Meu Bom Jesus, arrumei mais de duas dúzias, além das perdidas que se esborrachou no chão na hora de enfiar no saco.

ABADE — Co as cento e poucas que já tinhamo, dão mais de duzentas.

CONSELHEIRO — Alguém ficou ferido?

BEATO — Chegamos de mansinho, como vosmecê falou, na hora de meia noite. Os bichinho tava dormindo... ainda sim, tia Benta levô ferroadada na mão.

BENTA — Foi uma das grande, das vermeia. Saiu da cormeia, voô prá cima de mim, carvô o ferrão. Tá inchado que dói.

CONSELHEIRO — Deixa ver.

CONSELHEIRO EXAMINA A MÃO DE BENTA.

PONTO — ...esfrega fumo com força...

CONSELHEIRO — Esfrega fumo com força em cima, depois, derrama um pouco de mandureba... mecho com bicho há mais de dez anos e nunca fui mordido nem picado. Toma tento, irmã: abeia é bicho bom, só pica quando provocado, fora disso é manso como louva-deus. Passeia na mão e perfuma até...

MÚSICA —

Nuvem do céu há de vir...

Pros inimigos destruir...

CONSELHEIRO — Agora, Mestre Abade, vai dizer com fervor e jeito tudo o que deve ser feito.

O CONSELHEIRO SAI.

ABADE — Sei que nós pode contar com a ajuda do céu... mais nos causos de milagre é sempre bom dá uma mãozinha... Agora, irmãos, vão tudo vosmecê se colocá nas alturas da serra e fica lá bem caludos até a hora que ouvi o meu apito... Então, pega no saco e gira assim...

ABADE PEGA UMA CORDA COM UM SACO AMARRADO E GIRA SOBRE A CABEÇA.

ABADE — Depois, joga em cima das tropas do ruinoso do Moreira César... Os sacos vão se abri, as colmeias arrebentam e os bichinho vão cair que nem enxame de Belzebu nos praças... num vai ficar moleque da fraqueza do governo nos Canudos... vão correr até abancá o mar-oceano... Agora, vão irmãos, com

presteza. Oia, espera o apito. Num vão se açulera. Espera o apito. Vão.

OS JAGUNÇOS SAEM.

MÚSICA —

Nuvem do céu há de vir...

Pros inimigos destruir...

CENA III

Flash — Moreira César espada à mão.

MOREIRA CÉSAR — Avante, sétimo. Avante. Pela Pátria. Não dai quartel. Artilharia, fogo. Avante.

RUIDO DE LUTA. APITOS. TIROS.

VOZES (Jagunços) — Vem, soldado safado. Chega, cachorro da República. Arreda viva o Conselheiro!

TIROS. SINOS.

MOREIRA CÉSAR — Parem, lutem, covardes.

TIROS.

VOZES (Soldados) — Milagre! Milagre! Tá descendo nuvem do céu prá nos matá! Milagre!

BARULHO. TIROS

MOREIRA CÉSAR — Milagre merda nenhuma. É mosquito. Parem, covardes.

MOREIRA CÉSAR CAI FERIDO NA BARRIGA.

ESCURECE.

CHEGAM ATÉ MOREIRA CÉSAR CAÍDO, TAMARINDO E OUTROS OFICIAIS. BARULHO DE COMBATE DECRESCER.

MOREIRA CÉSAR — Me pegaram... mas não é nada... coisa atoa...

FAZ UM MOVIMENTO. OFICIAL AJOE-LHA-SE, APOIA A CABEÇA DO CHEFE NO PEITO.

MOREIRA CÉSAR — Que lugar é este?

OFICIAL — Acho que é a "Fazenda Velha"... mais cem jardas e estávamos dentro do arraial.

TAMARINDO — É a "Fazenda Velha", no sítio das Umburanas.

OFICIAL — Que ordena agora, meu coronel? Que fazer?

MOREIRA CÉSAR — Que fazer? Continuar a luta. Lutar até o último homem.

TAMARINDO — Não tem mais quase nenhum.

MOREIRA CÉSAR — E o capitão Salomão?

OFICIAL — Morto.

MOREIRA CÉSAR — Morto

PONTO — ... morreu como um herói..

OFICIAL — Morreu como um herói, caiu dizendo: "onde fica a bateria, fica seu capitão".

MOREIRA CÉSAR — Era um homem...

MOREIRA CÉSAR GEME. CONTORCE-SE.

TAMARINDO — Creio, coronel, que devemos recuar...

MOREIRA CÉSAR — Recuar? O sétimo não recua nunca. Mantenha posição, coronel Tamarindo, mantenha posição...

OFICIAL — É difícil, meu coronel, impossível...

MOREIRA CÉSAR — É uma ordem. Mantenha posição... até o último. Reforços vem aí... mantenha posição...

TAMARINDO (A parte para o oficial) — Assumo o comando, o homem não se aguenta mais.

OFICIAL — Como?

TAMARINDO — Mande tocar o "retirar". UM OFICIAL SAI.

TAMARINDO — Meu coronel, é melhor que...

OUVE-SE O TOQUE DE RECUAR.

MOREIRA CÉSAR — Toque de retirada?! Quem mandou?... ai... covardes... Estou morrendo, mas não compatuo com essa felonía... ai... é desonrar minha carreira. Mancha meu nome, profana os penachos do sétimo.

TOQUE DE RECUAR MAIS PERTO. AGUDO. MOREIRA CÉSAR CONTRAI-SE.

MOREIRA CÉSAR — Eu... não aceito... comigo... morre a... república...

MOREIRA CÉSAR MORRE. OFICIAL DEIXA O CORPO CAIR. LEVANTA-SE. OS OFICIAIS FICAM DE PÉ. OBSERVAM O CHEFE MORTO.

TAMARINDO (A parte) — Eu sabia que essa bosta ia estourar nas minhas costas.

OFICIAL — Que ordens tem, meu comandante?

TAMARINDO — Debandar! Em tempo de murici, cada um cuide de si!

TODOS SAEM CÉLERES, CADA UM POR UM LADO.

LUZ EM RESISTÊNCIA.

O CORPO DE MOREIRA CÉSAR FICA SÓ. RUIDO DE TIROS DECRESCENDO AO LONGE ATÉ PARAR COMPLETAMENTE.

COMEÇAM A CHEGAR MULHERES JAGUNÇOS. OLHAM O CADÁVER. GIRAM EM TORNO DELE.

COMEÇAM A DANÇAR LENTAMENTE EM VOLTA, APRESSAM DEPOIS EM RITMO DE CIRANDA.

MÚSICA —

Moreira César, olhos de cana caiana, foi ferido nos Canudos, foi morrer nas [Umburana...

Moreira César, olhos de cana caiana,
foi ferido nos Canudos, foi morrer nas
[Umburana...]

SUB CENA

Ajudantes de circo providenciam a mudança do cenário. Preparam o picadeiro maltratados por ordens violentas do Mestre de Cerimônias e do Domador.

CENA IV

Anoitecer. Badaladas lentas do sino. Sob a latada da igreja nova, uma morena muito bela, ajoelhada, reza. Mais a esquerda, Pajeú, apoiado na latada em silêncio. Ao fundo, som de ladainhas, hinos Religiosos. Fogueiras fogo desmaiando. Entra dansando, Isabel, a doida.

ISABEL (Cantando) —
Venho de Patamutê,
onde a anta caiu n'água
vestida de maltratos...
vestida de maltratos...

PASSA CORRENDO PELA MOÇA AJOE-
LHADA. TIRA O CHALE DOS OMBROS DA
MORENA. CORRE DESVAIRADA, DANSANDO
COM O CHALE.

ISABEL — Eu vim ajudá o Conselheiro...
FAZ PIRUETAS LOUCAS PELO PI-
CADEIRO.

PONTO — ... eu sou Isabel, a Redentora...

ISABEL — Eu sou Isabel, a Redentora,
Imperatriz do Brasil. Tenho um filho meu
Imperador, de barbas brancas, que foi conce-
bido de um facho de luz na hora da estrela
guia, aquela de luz bendita que me fecundou.
Venho com ordens diretas do céu. Trago em-
baixadas de poderes pro meu Santo Conse-
lheiro...

ISABEL VAI ATÉ A MOÇA. EMPURRA-A.
PAJEÚ APROXIMA-SE. A VELHA VOLTEIA,
SEMPRE FAZENDO CÍRCULOS COM O
CHALE.

ISABEL — Deixa eu passá, gente. Não
posso ser contrariada na estampa de meu
filho Imperador...

ISABEL FICA SÉRIA. SAI CANTANDO
DOCENTE. AO SAIR, JOGA O CHALE
PARA DENTRO.

Venho de Patamutê,
onde a anta caiu n'água
ISABEL (Saindo) —
vestida de maltratos...
vestida de maltratos...

PAJEÚ APANHA O CHALE, LEVA-O ATÉ
A MOÇA.

PAJEÚ (Entregando o chale) — Uma mo-

rena assim bonita num carece de rezar...
Abasta o mimo que tem prá sua alma salvá...
Ah morena, se eu poderia no mundo formá
altar, nele te poria pro povo te adorá...

A MORENA SE LEVANTA.

MORENA — Não diz assim não, seu mo-
ço... trais desgraça... não quero nem os
ouvido deixá aberto pra essas coisa do cão
escuta...

PAJEÚ — Modo de dizê, irmã... e os mo-
do do dizê, às vezes num concorda com os
modo do senti... num carece de explicação,
foi uma sincera saudação...

PONTO — ... prá falá dos seus olho
grande...

PEJEÚ — Prá falá dos seus olho grande,
dos seus lábio fino... (PAUSA) nunca arre-
paro, pois neste seu irmão mariposando por
cerca de vosmecê?

MORENA — Arrepará, arreparei...

PAJEÚ — E foi bom?

MORENA — Sei, não... nem seu nome
sei...

PAJEÚ PEGA O VIOLÃO:

PAJEÚ — Sou Pajeú, assim me tratam os
que me conhecem. Sou raiz de cajazeira, pau
que amarga, flor que cheira, cravo das me-
nina, suspiro das casada, beijo das soltera.

MORENA — Vosmecê é dos que vive se
adoçando só de vê rabo de saia ondulá...
nem que seja no vará...

PAJEÚ LARGA O VIOLÃO.

PAJEÚ — É minha apresentação, sentido
faz não. Foi Mestre Quadrado que ensinou...
é só falação. conteúdo tem nada não...

MORENA — Assim me sai melho... num
há nesse sertão mulher que goste de homem
com fama de pombo arrulhadô...

TOCA O SINO. SINAL DE RECOLHER

MORENA — É o recolhe, vou chegando.
Eoas noite, seu Pajeú.

PAJEÚ — Vai não, moça. Fica um pouco
só... a lua vai despontando... queda aqui...
conversa... quem sabe o pouco que nos resta?

MORENA — Posso não... Mestre Abade,
ordem deu: depois da última badalada, habi-
tante dos Canudos tem que tá recolhido à
morada.

PAJEÚ — João Abade dessas coisa num
entende.

MORENA — Inda ontem vi você obedecen-
do a ele, pois não

PAJEÚ — Nas coisa da guerra, obedeco-
obedecendo, nas outra, não. Home que faz
gosto a macho, só conheço o barbero, que ali-
sa o freguês na cara, passa pente e bota
cheiro. (PAUSA) Escuta irmã olha no mato
os bicho cantando, ouve o batê das asa dos

passaro se aquecendo... as águas do vazabarris tão murmurando:

— fica irmã, fica... mantém conversa...

PONTO — ... as arage que beija...

PAJEÚ — As arage que beija as pedra do Caypan, que faiz as folha assobiá de manso, triste, no Cambaio, também fala-voando: fica, irmã, fica, mantém conversa... quem sabe o tempo que nos resta?

PAJEÚ PEGA A MÃO DA MOÇA. AMBOS FICAM APOIADOS NA LATADA. PAJEÚ PASSA OS BRAÇOS NOS OMBROS DA MORENA.

MORENA — ... o tempo que nos resta... é pouco, pois então?

PAJEÚ — Sabe, ninguém sabe não...

PONTO — ... mas o presidente da...

PAJEÚ — Mas o presidente da república, força-montão tão armando... Só nas Queimadas tem mais de 5.000 praça, vindo de tudo lado. Do Sergipe, das Alagoas, e muitos estrangeiro das terra grande, tudo gente lá dos baixo... Paulista tem que nem formiga...

MORENA — Essas tropa do governo do diabo não vão vê nem as torre das igreja de Belo-Monte.

PAJEÚ — Tem mais de trinta canhão-matadeira.

MORENA — Prá acabá como bigorna na loja da Chica Ferrera...

PONTO — ... são vinte batalhão...

PAJEÚ — São vinte batalhão do exército e mais cinco das policia dos estado, diz eles que vem prá acabá com o Conselheiro e arrasa com tudo.

MORENA — O Moreira César tá ali prá acabá com essa presunção, com quatro metro de chita e sete palmo no chão...

MORENA — Na ponta da faca os cinco mir vão acabá. Não vão nem passá a vereda sagrada do Massacará.

PAJEÚ — Se o tempo que nos resta é pouco ou não, ninguém sabe, não... por via das duda, carece de aproveitá. E da devera, pombinha, da faia que toda muié bonita têm: de querê bem a todo mundo ou num gostá de ninguém, prefiro que...

MORENA — Mestre Pajeú, deixa a falação. Das minha faia conhece poco. Das qualidade sabe nenhuma... (PAUSA) Olha os grilo cantando; as flores esparrama perfume na noite; os vaga-lume fais estrela-verde nas marge do Vaza-Barris... vamos até lá, deixa a conversa... quem sabe o tempo que nos resta...

AMBOS SAEM ABRAÇADOS.

CENA V

Luz acende num canto do picadeiro. Trincheira avançada do Exército da República. É uma trincheira natural, constituída de enormes pedras. Há no centro, uma pedra maior, cheia de inscrições patrióticas, pornográficas, corações, etc. No centro, em destaque. A frase "Viva a República". O Praça João, de pé desenha um coração. Ouvem-se ao longe tiros espaçados.

PRIMEIRO PRAÇA — O baile começou.

VOZ — Oh, João, se abaxa, cuidado, rapaz.

PRIMEIRO PRAÇA — Tá querendo levá uma bala na cabeça, seu?

O PRAÇA JOÃO NÃO LIGA PARA OS AVISOS. CONTINUA DESENHANDO. DÁ UM PASSO ATRÁS, OLHA O DESENHO, VOLTA, ESCRIVE UM NOME NO CORAÇÃO: "ANA". PEGA A ESPINGARDA, TOMA POSIÇÃO, OLHANDO A TERRA DE NINGUEM A SUA FRENTE. LUZ EM RESISTÊNCIA NA TRINCHEIRA DOS SOLDADOS. FICA APENAS O TÊNUE FOCO DE UMA PEQUENA FOGUEIRA...

LUZ ACENDE NO CANTO OPOSTO DO PICADEIRO, ENTRE O LUGAR ONDE A LUZ ACENDE E A TRINCHEIRA DO GOVERNO FICA UM VAZIO: A TERRA DE NINGUEM.

NO CANTO ONDE ACENDEU A LUZ ESTÃO QUATRO OU CINCO TRINCHEIRAS CIRCULARES DOS JAGUNÇOS, DE MEIO METRO DE FUNDURA, CAVADAS NA TERRA, ESPAÇADAS UMAS DAS OUTRAS POR ALGUNS PASSOS.

ESTÃO: JOÃO ABADÉ, FAJEÚ, MANOEL QUADRADO, DOIS OU TRÊS JAGUNÇOS. JOÃO ABADÉ VAI DE TRINCHEIRA EM TRINCHEIRA, DISTRIBUINDO CARTUCHOS, EXAMINANDO A RMAS, CICIANDO ORDENS. REBATE DE SINOS. LUZ AUMENTA NA TRINCHEIRA DOS SOLDADOS. O ESPAÇO INTERMEDIÁRIO DO PICADEIRO PERMANECE AS ESCURAS.

MÚSICA —

Postos estão frente a frente

os dois valorosos campos;

a um lado el-rei maluco, Sebastião do

[outro lado.

Moço-rei Sebastião, valente e determinado

Ai, se como eras valente, fosses bem

[aconselhado.

E os mouros já sem conta — suas hostes

[vão cercando

que por cada um dos seus — são eles

[dezoito tantos.

REVISTA DE TEATRO



Manda el-rei que nada teme — da peleja
[deitar bando,
a frente dos seus galopa clamando: —
a eles, [Santiago.
SINOS. TIROS, INICIA O COMBATE.
GRITOS.

JOÃO ABADE — Viva o Bom Jesus Con-
selheiro!

UM OFICIAL — Viva a República!
Avançar!

ABADE — Mais arriba, irmão. Sobe na
árvore. Larga fogo. Mete chumbo.

JOÃO ABADE ORDENA OS MOVIMEN-
TOS DOS JAGUNÇOS, SINCRONIZANDO-OS
COM APITOS. MOVIMENTAÇÃO DOS JA-
GUNÇOS E DOS SOLDADOS.

MANOEL QUADRADO — Venham, seu
praças veacos. Quanto mais vierem, mais
morrem.

PAJEÚ — Eu daqui não saio. Sô como
prego em pau de ferro. Me arrebento dentro,
mas não saio.

ABADE — Fogo neles. Viva o Bom Jesus
Conselheiro!

PONTO — ... viva a República!...

OFICIAL — Viva a República!

PAJEÚ — Esta é minha casa. Ninguém
vai me tocá... Ceis tem é lambança. Esse
troço de canhão é matadora de merda... o
mar também ronca.

PONTO — ... avante... pela Pátria!

OFICIAL — Avante, pela Pátria! Viva
Florianópolis!

ABADE — Chega, seus maçon protestan-
te, chega!

PAJEÚ — Vem, cabrada safada, quero vê
essa terra cheia de sangue até nas canela.

MANOEL QUADRADO — Vem, seus porco,
o padroeiro d'oceis é fêmea, mas o meu é
macho.

FLASH — JOÃO ABADE CANTANDO, EN-
TREMEOADO COM O CORO.

MÚSICA —

Eu sou aquê que disse
e como disse não nego.
Levo faca, levo chumbo.
morro solto e não me entrego.

Diz minha mãe que eu nasci
num dia de quarta fêra
quando foram me dá banho,
foi visto pela partera
que eu trazia na cintura
marca de cartuchera...

Meu nome é João Abade,
temido em todo o sertão.
na calma sô como ovelha,
na raiva viro leão...

O COMBATE DIMINUIU DE INTENSI-
DADE ATÉ CESSAR COMPLETAMENTE.
SILÊNCIO DE NOITE NO CAMPO DE BATA-
LHA. TRINCHEIRA DOS SOLDADOS ILUMI-
NADA APENAS POR UMA FOGUEIRA. DO
OUTRO LADO, TRINCHEIRAS DOS JAGUN-
ÇOS ILUMINADAS PELO LUSCO-FUSCO DE
DUAS PEQUENAS FOGUEIRAS. MANOEL
QUADRADO SOBE NUMA ELEVAÇÃO, MAO
EM CONCHA JUNTO À BOCA, GRITA PARA
OS SOLDADOS:

MANOEL QUADRADO — Oh! Severino,
Severinoooo...

SILÊNCIO.

MANOEL QUADRADO — José, Josééééé...
arresponde, José, arresponde...

SILÊNCIO.

PAJEÚ — Eh! João, sei que ocê tá aí. João
arresponde, tá me iscutitando?

PRAÇA JOÃO — Tô ouvindo, sim. Que
que você quer?

PAJEÚ — Grato por atendê. Onde vo-
mecê é?

JOÃO — Sou lá de baixo, de São Paulo.

MANOEL QUADRADO — É dos paulista,
é dos piô. Cautela, Mestre Pajeú.

PAJEÚ — Como é que tá aí do seu lado,
irmão? Tem comida a farta?

JOÃO — Mantimento tem a vontade,
água é que escaseia um tanto.

ABADE — Esse povaréu que tá tudo aí
é macaco ou praça?

PRIMEIRO PRAÇA — Tá querendo sabê
o que, jagunço safado?

ABADE — Perguntava por mal perguntá...

PAUSA.

MANOEL QUADRADO — Arresponde,
paulista, porque tão aqui mata-matando
gente?

PRAÇA JOÃO — Porque vosmecês querem
acabar com a República?

PAJEÚ — Nois quê vivê em paz...

MANOEL QUADRADO — O povo do Con-
selheiro quê trabaia em sossêgo.

PRIMEIRO PRAÇA — Então o Conselhei-
ro não quer derubar o presidente?

ABADE — O Bom Jesus só quê que nin-
guém venha bolir com a gente de Belo Monte.

MANOEL QUADRADO — Oceis tão mor-
rendo à toa... Garanto que nem sabe o que
é essa joça de República.

OUVEM-SE VOZES COMO NUM ECO:

VOZES — Que é essa joça de República?
Que é essa joça de República?

MANOEL QUADRADO — Arresponde,
irmão, que é essa joça de República?

PRAÇA JOÃO — Eu não sei direito o que
é essa República.

PRIMEIRO PRAÇA — Eu também não...
VOZES COMO NUM ECO.

VOZES — Nem eu... nem eu...

ABADE — Porque vosmecês num larga essas gente perversa das terra grande?

PAJEÚ — Deixa esses pessoá ruinosos do governo. Deixa.

MANOEL QUADRADO — Vem vivê aqui em Belo Monte com a gente. Larga esses governo do litorá. Vem aqui prá as fartura dos Canudos.

PRAÇA JOÃO — Tô na dúvida.

PRIMEIRO PRAÇA — Esse convite é prá valê?

ABADE — De devera, irmão, pode chegá, palavra de João Abade, comandante do povo, falando pelo Santo Conselheiro. Pode chegá.

PAJEÚ — Vem aqui, ceis será irmão prá nois, com as mesma benção do santo e morada ao pé da igreja nova. Chega, irmão.

O PRAÇA JOÃO, ACOMPANHADO DO PRIMEIRO PRAÇA E OUTROS SOLDADOS SAI DA TRINCHEIRA. JOGAM ARMAS, ENCAMINHAM-SE CAUTELOSOS PARA O LADO DOS JAGUNÇOS. SURGE UM OFICIAL.

OFICIAL — Vocês aí, acende vão Parem, seus desertores. Alto, traidores. Alto, voltem.

OS DOIS SOLDADOS VOLTAM PARA A TRINCHEIRA. O PRAÇA JOÃO CONTINUA A AVANÇAR.

OFICIAL — Toma.

O OFICIAL ATIRA. JOÃO CAI, MORTALMENTE FERIDO. ESCURECE. LUZ SÓ SOBRE JOÃO QUE SE ARRASTA LENTAMENTE ATÉ ENTRAR NA SUA TRINCHEIRA. PEGA NO GIZ, AINDA NO CHÃO, E APOIANDO-SE NA PAREDE, LEVANTA-SE. OSCILANTE, COMEÇA A ESCREVER NA PEDRA: INICIA A ESCREVER NO CORAÇÃO POR ELE MESMO HÁ POUCO DESENHADO E VAI COM SUAS LETRAS COBRINDO O "VIVA A REPÚBLICA". ESCRIVE: — "M-E-R-D-A". NO "A" FINAL, CAI ESTENDENDO A PERNA DA LETRA ATÉ O CHÃO. MORRE. RECOMEÇA O COMBATE. VIOLETO.

OFICIAL — Artilharia, fogo!

TIROS. BARULHO DE COMBATE.

OFICIAL — Infantaria, avançar. Viva Floriano, pela direita, pela Pátria. Ocupem o morro. Cavalaria, carga, Viva a República.

ENTRAM MAIS SOLDADOS, CERCAM OS JAGUNÇOS.

OFICIAL — Eh, jagunços, vocês estão perdidos. O arraial está cercado.

PONTO — ... o exército já...

OFICIAL — O exército já tomou a rua da professora... as casas vermelhas caíram todas... se entreguem...

PAJEÚ — Ó seu majó, deixa de lambuja...

OFICIAL — Garanto a vida de todos. Se entreguem. É o meu ultimatum. Vocês não tem mais comida. Se entreguem.

MANOEL QUADRADO — Aqui ninguém come urtimatu. Tem passoca de sobra...

OFICIAL — Rendam-se. Dou mais um minuto. Rendam-se.

ABADE — Larga a falação, inselência. Aproveita o minuto prá se abancá pro outro lugá. Fogo nele, irmãos. Viva o Bom Jesus!

RECRUDESCE O COMBATE. OS JAGUNÇOS SAEM DE SUAS COVA-TRINCHEIRAS E RECUAM SEMPRE LUTANDO. O OFICIAL ATIRA EM PAJEÚ. MANOEL QUADRADO SALTA A FRENTE DO CRIULO E RECEBE NO PEITO A BALA A ELE ENDEREÇADA. MANOEL QUADRADO CAI. MORRE. PAJEÚ, AINDA ATIRANDO, AJOELHA-SE, AMPARA O CORPO DE MANOEL QUADRADO.

MÚSICA —

Ao vê-lo que assim jazia, Sebastião solta
[um brado:

Ai de mim, até que extremo, aqui me vejo
[chegado;

de aceitar com tua morte a vida que já
[desamo.

Mas espera, amigo, espera, não será por
[mais de ano.

Que o rei que sabe morrer, morre ao pé do
[seu vassalo.

Isto dizendo com mágoa, dum salto monta
[o cavalo.

Com fúria se torna aos mouros, onde o
[combate é mais bravo.

Busca morre, dando mortos, busca a
[morte, Sebastião;

E agora a hora, esta morte é salvação!

PAJEÚ ATIRA COM RAIVA; É ATINGIDO. CAI. MORRE. ABADE E DOIS JAGUNÇOS ARRASTAM SEU CORPO. SOLDADOS OCUPAM AS TRINCHEIRAS DOS JAGUNÇOS. LUZ EM RESISTÊNCIA. SILÊNCIO FLASH. SILHUETA DO ABADE E DOIS JAGUNÇOS CONTRA A LUZ DAS FOGUEIRAS, SAINDO LENTAMENTE, CARREGANDO CORPO DE PAJEÚ.

MÚSICA —

Me corte, que eu nasço sempre

Sou que nem soca de cana...

Me cortem que eu nasço sempre

Sou que nem soca de cana...

CENA VI

Primeiros albores da alvorada. Abade e Jagunços carregam numa rede o corpo de Pajeú. Caminham devagar. No outro lado do



picadeiro, entra o Conselheiro com Beatinho, a Morena de Pajeú, velha Tia Benta e romeiros. Encontram-se no meio do picadeiro. O Conselheiro ajoelha-se ao lado do corpo de Pajeú. Sofre profundamente. O Conselheiro levanta-se. Sobe numa elevação. Vê-se só a sua silhueta marcada em luz. Alguns jagunços ajoelham-se.

CONSELHEIRO (Música) —

Irmão Pajeú, não sei de que vosmecê
morreria;

uns me alertaram que foi de bala, outros
que não seria;

Das coisas que vosmecê gostava, não
gosta mais;

cavalo galopeiro, lamparina de gás,
falar franco na frente, nunca negacear
por trás;

da morena de olho grande e lábio fino
que está aqui no fim do seu destino,
de ajudá os pequeninos,
da querença de não ter forte prá bater
no fraco,

da vida vivida sem alarma de sino:

Essas coisas, irmão Pajeú, eu garanto,
vão ter continuação.

MÚSICA —

Me cortem que eu nasço sempre
sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO (Música) — Só sei que de morte degolada não foi que Mestre Pajeú chegou a este fim; por isso, aqui no Império de Belo Monte, ele vai continuar a viver; no jagunço que nasce, no romeiro que reza, no jagunço que luta, no umbuzeiro que cresce, na ave que avoa...

CORO — Me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO — Até a hora do voltar... o irmão Pajeú e todos os que cairam: no Masseté, no Caypan, no Chochorro, no Cambaio, nas bordas do Vaza-Barris, até a hora do voltar...

CORO — Me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO — Aqueles que são os mornos: nem frio, nem quente ou os desgraçados que duvidam do sol e acreditam na tocha, esses eu vomito dotos.

CORO — Sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO — Estava escrito que neste anos, as águas iam ficar em sangue e o sol nalgum lugar se confrontar vai com a terra e há de chover grande chuva de estre-

las... e aí quando virdes os Canudos situados, sabereis que está próxima a devastação. Ai, então, das que estiverem grávidas...

A MORENA DE PAJEÚ PROTEJE A BARRIGA.

CONSELHEIRO — Ai das que amamentarem, porque haverá grande atuição na terra e ira contra o meu povo.

CORO — Me cortem que eu nasço sempre, me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO — Muitos cairão ao fio da espada e serão levados cativos por todas as nações.

CORO — Sou que nem soca de cana, sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO — Mas...

PONTO — ...todas essas aflições serão recompensadas na vida eterna...

CONSELHEIRO — ... no ano dos 900...

PONTO — ...essas aflições serão recompensadas na vida eterna...

CONSELHEIRO — ... num dos anos dos 1.900...

UM JAGUNÇO LEVANTA UMA TOSCA CRUZ, ONDE ESTÁ PENDURADO UM COURO À GUIA DE PERGAMINHO.

CONSELHEIRO — ... num dos anos dos 1.900, eu voltarei...

ENQUANTO FALA, O CONSELHEIRO DESENHA NO COURO UMA CRUZ. NA PARTE DE CIMA, DO LADO ESQUERDO, PÔE O NÚMERO "UM", DO OUTRO LADO, O NÚMERO "NOVE". NOS DOIS LADOS DE BAIXO ACRESCENTA DUAS INTERROGAÇÕES, UMA DE CADA LADO.

CONSELHEIRO — Eu voltarei lá pelas bandas das terras baixas, lá pelos lados do sul... voltarei porque sou o alfa e o ômega...

O CONSELHEIRO DESENHA UM ALFA E UM ÔMEGA.

CONSELHEIRO — E então os orgulhosos vão tremer, os poderosos vão ser destronados, os fartos serão despojados e nutridos os esfaimados...

BEATO (Meio a parte) — Num tá interessando essas coisas prá depois...

ABADE — Queto, irmão Beato.

BEATO (Meio a parte) — Bem aventura prá depois num serve... De dantes, isso a igreja já apontava nas falação dos padres...

ABADE — Cala, Beato, aqueta...

BEATO — O Santo prometeu mel e leite pra agora, não prá depois... Do que valeu então essas mortandade toda?

ABADE — Nas hora do combate, vosmecê nunca foi dos primeiro...

BEATO — Meu combate é outro, de mais valia...

BEATO SAI.

CONSELHEIRO — ... e vou chegar numa nuvem de cerração com poder e grande glória, junto com Pajeú e o Rei D. Sebastião com todo o seu exército...

MÚSICA (Coro) —

Montado no seu cavalo
num dia de cerração,
quem quiser pode esperá-lo
El Rei D. Sebastião

CONSELHEIRO — E então, nesse ano marcado, exultai e erguei vossas cabeças, porque o rei D. Sebastião vai enfiar sua espada encantada na pedra até os copos... (PAUSA)

PONTO — ... e vai garantir com isso a salvação eterna de...

CONSELHEIRO — E vai tirar no fio da espada todos os que estiverem do lado da República...

PAUSA. A AUREOLA DE LUZ QUE ENVOLVE A SILHUETA DO CONSELHEIRO AUMENTA.

CONSELHEIRO — Em verdade vos digo, irmãos, que esta geração não passará sem que isso aconteça. Passarão o céu e a terra, mas o que vos digo hoje, diante do corpo de Mestre Pajeú e na Anunciação da vinda d'El Rei D. Sebastião não passará.

OS JAGUNÇOS LEVANTAM E SAEM LENTAMENTE CARREGANDO O CORPO DE PAJEÚ.

MÚSICA —

Por três noites e três dias
haverá mil agonias
que eu aqui não vos direi.
Andará tudo de luto
Sem os campos darem fruto,
sem se seguir a lei.
Nas profecias
dos modernos Isaías
há uma que diz assim:
com fé espere o povo por mim!

Se alguém duvida do dia
aqui lhe ponho os sinais:
como reza a profecia
como ela reza não mais:
verás no céu um cometa
e do nascente,
segundo crê muita gente,
virá vindo a cerração
e depois dela desfeita

surgirá a boa seita
D'El Rei D. Sebastião.
Montado em seu cavalo
num dia de cerração
quem quiser pode esperá-lo
El Rei D. Sebastião.

SUB CENA

Mudança de cenário feita pelos "Peludos" sob ordens do Mestre de Cerimônias e do Domador.

Vouques, o palhaço, ajuda os peludos.

Zéca Tibério, agride Vouques. Vouques avança sobre Zéca. Ponciano, o Domador, intervém em auxílio de Zéca. Vouques e Ponciano medem-se. Vouques volta a arrumar o cenário.

CENA VII

Os muros da nave da igreja nova em ruínas. Sino dependurado numa coluna semi-destruída pelo fogo. Ao lado, a pia batismal, rachada, com água.

Em continuação a nave, muros destruídos pelos combates, formando um labirinto que se estende da nave até o início da borda do picadeiro de um dos lados. À esquerda na nave, o Conselheiro, João Abade e um romeiro. O Conselheiro está de hábito impecavelmente limpo e tem uma cruz de prata, presa ao cordão da túnica.

O romeiro dorme deitado no chão. Abade cochila apoiado na nave.

O Conselheiro numa réstea de luz vela. Um vento lúgubre, ciciante, agita as vestes. Ao longe, barulho de tiros de artilharia.

Entram pelo labirinto de muros, às ocultas, Beatinho, seguido de um oficial e dois praças. Esgueiram-se por entre as paredes.

A entrada da nave, estacam. Beato entra oficial e os praças ficam escondidos, observando a nave.

Conselheiro e Beatinho encaram-se. Pausa. Música.

CORO —

Aquele que me falseia
come e bebe na minha mesa...

BEATINHO CAMINHA VAGAROSAMENTE ATÉ O CONSELHEIRO, ABADE TENTA INTERPOR-SE ENTRE ELES. O CONSELHEIRO FAZ UM GESTO. ABADE PARA. BEATO CHEGA ATÉ O CONSELHEIRO, BEIJA-O NA FACE. BEATO SAI POR UM LADO, MÚSICA.

REVISTA DE TEATRO



CORO —

Aquele que me falseia
come e bebe na minha mesa...
ENTRAM O OFICIAL E UM PRAÇA.
OFICIAL — Viva a República.

TIROS.

OFICIAL — Morre, traidor.

TIROS.

ROMEIRO FOGE.

SUB-CENA TODA EM SONHO

Tiroteio continua. Abade corre para proteger o Conselheiro. O Conselheiro cai vagarosamente, diluindo-se, fluindo para o chão.

CONSELHEIRO — Até quando, Senhor, clamarei e não me escutarás?

O CONSELHEIRO MORRE. ABADÉ CAI AO SEU LADO DIREITO. O OFICIAL TOMBA AO LADO ESQUERDO. OS TRÊS MORTOS COM OS BRAÇOS ABERTOS. O CONSELHEIRO UM POUCO MAIS ACIMA. O PRAÇA FOGE PARA AS RUINAS. RUIDO DE VENTO AUMENTA. RELÂMPAGOS DE CIRCO. ESTRONDO DE BALA BATENDO EM SINO, COM ÉCO AGUDO, PROLONGADO.

SILÊNCIO.

ENTRA ISABEL, A DOIDA. TEM DUAS SINETAS NAS MÃOS. DANSA E CANTA APENAS MELODIAS DE QUALQUER DAS MÚSICAS CANTADAS POR ELA ANTERIORMENTE, CIRCUNDA OS CORPOS, TILITANDO AS SINETAS, COMO FAZEM OS COROINHAS. AJOELHA-SE, TOMA O CONSELHEIRO MORTO NOS BRAÇOS. PAUSA. SILÊNCIO.

ISABEL SAI BIMBALHANDO AS SINETAS.

ENTRAM DOIS PRAÇAS. CHEGAM ATÉ OS CORPOS. TIRAM A CRUZ E A CHAVE DE PRATA DO CORPO DO CONSELHEIRO. DISPUTAM OS OBJETOS. TIRAM PAR OU IMPAR. O QUE GANHA AMARRA OS OBJETOS NUM LENÇO E ENFIA NO BOLSO DA FARDA ESTROPIADA. CLARIM DE VITÓRIA.

VOZ — Viva a República.

VOZES — Viva a República.

ACORDES DE HINO MARCIAL.

VOZ — O general em chefe.

VOZES — O general em chefe.

ENTRA O GENERAL EM CHEFE, SEGUIDO DE UM OFICIAL. OS PRAÇAS PERFILAM-SE. O GENERAL EXAMINA OS CORPOS. EMPURRA COM O PÉ O CADAVER DO OFICIAL. OBSERVA ATENTAMENTE O CONSELHEIRO. FAZ UM GESTO. O OFICIAL SAI. PAUSA. RETORNA NUM SEGUNDO; TRAZENDO BEATINHO.

O GENERAL APONTA O CORPO DO CONSELHEIRO. BEATO OLHA COM DESDEM.

GENERAL — Então?

BEATO — É o Santo, num tem dúvida.

GESTO DO GENERAL. O OFICIAL EMPURRA BEATO. BEATO SAI ESCOLTADO POR UM PRAÇA.

GENERAL — Tirem os outros, tirem os outros, chus, chus, rápido.

AFASTAM OS DOIS OUTROS CORPOS. FICA SÓ O DO CONSELHEIRO.

FLASH DO GENERAL EM CHEFE.

GENERAL — Pelo que ordenei que se passasse a verificar a exata identidade de pessoa...

PONTO — ... tendo-se reconhecido...

GENERAL — ... tendo-se reconhecido ser o corpo do famigerado Antônio Vicente Mendes Maciel, Vulgo Bom Jesus Conselheiro, como consta da ata lavrada. Mandei-o fotografar para terem certeza de ser ele aqueles que o conheceram.

ENTRA UM PRAÇA COM UMA DESPROPORCIONAL MÁQUINA FOTOGRAFICA TIPO CAIXÃO. PÕE O PANO PRETO SOBRE A CABEÇA, ENFOCA O CADAVER DO CONSELHEIRO. EXPLODE O MAGNÉSIO COM ESTRONDO.

ESCURECE. PAUSA.

SURGE O TRADICIONAL RETRATO DO CONSELHEIRO, EM CONTRASTE NEGATIVO, PRESO POR DUAS CORDAS. COMEÇA A SUBIR LENTAMENTE. MÚSICA.

E cortaram a cabeça do Conselheiro e trouxeram num caixote de sal no selim de um animal. Examinando o crânio, na Capital, a ciência disse: *normal!*

O RETRATO FINDA A ASCENÇÃO, ESCURECE. SILÊNCIO.

SURGE UM QUADRO RÚSTICO ESCRITO, O QUADRO É ASSIM:

"E SE ALGUÉM FIZER QUALQUER ACRÉSCIMO AS VERDADES CONTIDAS NESTE DRAMA, DEUS LHE ACRESCENTARÁ OS FLAGELOS NELE ESCRITOS; E SE ALGUÉM TIRAR QUALQUER COISA, DEUS TIRARÁ DELE E A SUA PARTE NA ARVORE DA VIDA".

PANO

CENA FINAL COM OS ARTISTAS DO CIRCO

A frente do pano, surge Zéca Tibério, com a roupa de Mestre de Cerimônias.

ZÉCA TIBÉRIO — Prezado e seletto público. Aqui se encerra a apresentação do maravilhoso drama "A Guerra de Canudos", que o "Gran Circo Irmãos Tibério" espera tenha sido do vosso inteiro agrado.

Repetimos as desculpas pela apresentação de Vicente, artista que estreou nesta noite, garantindo que, nos próximos espetáculos não cometerá as perdoáveis falhas de hoje.

E agora, nossos artistas distribuirão — gratuitamente — suas fotos ao distinto público.

Muito obrigado e muitíssimo boa noite.

ABRE-SE O PANO. MESMO CENÁRIO DA CENA DE MORTE DO CONSELHEIRO. NO PICADEIRO, ESTATICOS VICENTE NUM PLANO SUPERIOR, LOGO ABAIXO, PEDRAO, E UM POUCO MAIS ABAIXO AINDA: ZEBEDEU.

ZEBEDEU TEM NAS MÃOS A PLUMA DE ESCREVER E SEU INSTRUMENTO DE TRABALHO COM FOGO.

O CARTÃO DISTRIBUIDO AO PÚBLICO É ASSIM:

— NO LADO DA FRENTE, EM CIMA, OS DIZERES: "RETRATO DO ARTISTA VOUQUES". NO MEIO UM CÍRCULO DE PAPEL PRATEADO DE PROTEGER CIGARROS, QUE REFLITA DEFORMANDO O ROSTO DE QUEM OLHAR. FLECHA INDICATIVA COM OS DIZERES: "ISTO É UM ESPELHO".

NO OUTRO LADO DO CARTÃO, ESTARÃO IMPRESSOS OS DIZERES: "VENDO ELE QUE A ESPADA VEM SOBRE A TERRA DEVE TOCAR A TROMBETA E AVISAR O POVO". EZEQUIEL, 33/4.

A distribuição prossegue, com as portas de saída fechadas, até quase todos os assistentes terem recebido os cartões.

Som violento de trombeta ao fundo do picadeiro, os artistas viram-se, e ficam estáticos.

Vouques, uma das bailarinas (a que fez tia Benta, mulher do povo), Zebedeu e Vicente convidam a trupe e o público para saírem com eles...

Violento conflito entre Zéca Tibério, Mestre de Cerimônias e Ponciano, o domador, contra Vicente, Zebedeu e Vouques. Os dois primeiros são dominados. Zebedeu arranca o chicote das mãos de Zéca Tibério, Ponciano cai vencido. Vouques e a bailarina tiram as roupas de circo estão com roupas simples, atuais bem modestas por baixo... Saem os quatro...

Música — Num dia de cerração.

O resto da trupe continua a distribuir os cartões, alegremente, para o público.

VOZ (Alto falante) — Não percam... não percam... Nosso próximo espetáculo: — "A Morte do Capitão-Mór"... Não percam!

ABREM-SE AS PORTAS PARA O PÚBLICO.

F I M

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo for, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 111 /82-SCDP/SR/DPF/BA

ASSUNTO: Leitura de texto

1. IDENTIFICAÇÃO:

TÍTULO: "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"

AUTOR: César Vieira

2. CONTEÚDO:

2.1 enredo: o autor focaliza a Guerra dos Canudos e a luta de Antonio Conselheiro enfrentando as Forças Federais e do Estado da Bahia.

2.2 mensagem: positiva, pois narra um fato histórico.

2.3 linguagem: circense, adequada ao público adulto.

3. CLASSIFICAÇÃO: 18 anos

4. JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: cenas de violência e crítica histórico-social.

Salvador, 01 de setembro de 1982

Amélia M. R. de S. Mascarenhas Pereira Bel.
Amélia M. R. de S. Mascarenhas Pereira Bel.
CHEFE DA S.C.C./SCDP/SR/DPF/BA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIV. PÚBLICAS

PARECER Nº 112/82

ASSUNTO : Leitura de texto.

1 - IDENTIFICAÇÃO:

TÍTULO: O Evangelho Segundo Zebedeu
AUTOR : César Vieira

2- CONTEÚDO:

ENREDO : Artistas de pequeno circo do interior resolvem ensinar a história de Antônio Conselheiro e seus seguidores fanáticos, culminando com o choque fatal contra as forças militares do Governo Federal e do Estado da Bahia.

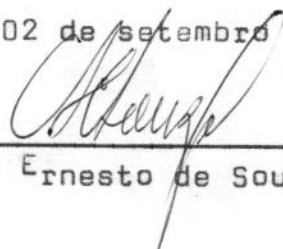
LINGUAGEM: Circense, e da literatura de cordel, sub-padrão popular.

MENSAGEM : positiva: esclarece alguns pontos obscuros, segundo a visão popular da discutida Guerra dos Canudos.

3- CLASSIFICAÇÃO: 18 anos.

4- JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE: linguagem livre e irônica, contestação ao regime político da época e violência.

Salvador, 02 de setembro de 1982



Severino Ernesto de Souza



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ = DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

parecer nº 113/82

assunto : leitura de texto

1 - IDENTIFICAÇÃO :

TÍTULO : " O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU "

AUTOR : Cesar Vieira

2 - CONTEÚDO :

2.1 - enredo : a epopeia de Canudos encenada por artistas de pequeno circo do interior. Antonio Conselheiro e seus seguidores enfrentam as Forças Federais e do Estado da Bahia.

2.2 - mensagem : positiva, porque enfoca uma realidade / histórico-social de maneira acessível à compreensão popular.

2.3 - linguagem : circense e regional.

3 - CLASSIFICAÇÃO : 18 anos.

4 - JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE | critica social e cenas de violência.

Salvador, 16 de agosto de 1982

David Cesar de Andrade Barouh

Tec. de Cens. - Mat. 0221190



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUERONTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIV. PÚBLICAS

PARECER Nº 114/82

ASSUNTO : Ensaio Geral

1- IDENTIFICAÇÃO :

TÍTULO : O Evangelho Segundo Zebedeu

AUTOR : César Vieira

2- CONTEÚDO :

ENREDO : Num circo, os artistas se transformam em atores e representam os acontecimentos que culminaram com a Guerra de Canudos, que se deu no Arraial de Belmonte, entre os jagunços de Antônio Conselheiro e as tropas do Exército.

LINGUAGEM : própria da literatura de cordel.

COMPOSIÇÃO CÊNICA: cenários, vestimentas, músicas, gestos e expressões corporais condizentes com o tema.

MENSAGEM : positiva-põe em relevo fatos poucos conhecidos do "Brasil-República.

3- CLASSIFICAÇÃO : 18 anos.

4- JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE: cenas de violência, ultragem ao clero e a Igreja Católica, fanatismo e linguagem livre.

Salvador, 02 de setembro de 1982

Severino Ernesto de Souza

TEATRO

TÍTULO

1) ARQUIVO

Clas. Anterior _____

Praca _____

Obs.: _____

DF. _____/_____/_____/_____

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. _____ / _____ / _____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

FE DA S.C.T.C.
Of. Ver. Parecer n.º 114/82 SR/BA

Emita-se o certificado de aprovação em reexame de recuperação de cursura e o diploma de conclusão do curso, imprópria para menores de 18 de zero anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensino geral.

Obs.: cat. Povoação - SR/BA
Brasília-DF, 13 de 09 de 1982

Brasília-DF, 13 de 09 de 1982

Figs. 1-9

Cellé Prudente Carvalho
2 415 791

Brasília – DF

de

de 1.97

II - Genas Violentos - Linguagem
e Cultura Histórico-Social.

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de P.T. para o qual os censores propõem a classificação etária de 18 anos

Brasília-DF de 14 de 09 de 1982

Em _____ de _____ de 1.97_____

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em. 14, 09, 1982

Solange M. T. Hernandez
MAT. 2415318



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 033/82

PEÇA "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"

ORIGINAL DE César Vieira

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 02 de dezembro de 19 82

Salvador/BA

18 ANOS: CENAS DE VIOLENCIA

Brasília, 02 de setembro de 19 82

LINGUAGEM LIVRE E CRÍTICA

HISTÓRICO-SOCIAL

MARIA HELENA GUARNEIRO-BEL

Técnica de Censura

Chefe do SCOP/SB/DPF/BA

Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"

Original de CÉSAR VIEIRA

Tradução de ---

Adaptação de ---

Produção de ---

Requerida por MANOELITO ARAÚJO GUIMARÃES

Tendo sido censurada em 02 de SETEMBRO de 19 82 e recebido

a seguinte classificação: 18 ANOS. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/DPF/BA.

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

Salvador

Brasília, 02 de setembro de 19 82

Amélia M. S. de S. P. S.

Amélia M. S. de S. P. S.

CR Chefe do Serviço de Censura



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0340, p.238

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 457

PEÇA " O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU "

ORIGINAL DE CÉSAR VIEIRA

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

"CENAS DE VIOLÊNCIA - LINGUAGEM LIVRE
CRÍTICA HISTÓRICO-SOCIAL"

18

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

VÁLIDO ATÉ 14 de SETEMBRO de 19 87

Brasília, 14 de SETEMBRO de 19 82

Solange M. F. Hernandez

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0340, p. 239
M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

Original de CESAR VIEIRA

Tradução de _____

Adaptação de _____

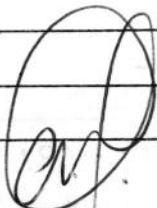
Produção de _____

Requerida por CÉSAR VIEIRA - SALVADOR/BA -

Tendo sido censurada em 02 de SETEMBRO de 19 82 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDF.

Brasília, 14 de SETEMBRO de 19 82


NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

2130/82-SE/DCDP

21 set

Bahia

"CATA CATA CATAVENTO" de José
Antonio Moreno Carvalho; "O RATINKO E O GIGANTE" de Grupo Prima
vera Infantil; "O PEQUENO POLEGAR" de Waldete Miranda Paixão; '
"O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" de Cesar Vieira.

Atenciosamente,

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

MJ - DPF - DCDP - BSD

- 3 OUT 11 41 83 008059

RECEBIDO POR

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIV. PÚBLICAS

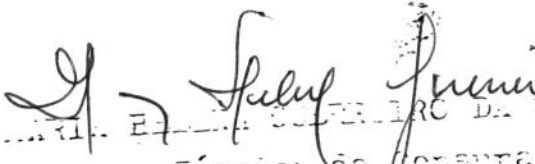
Em 30/09/1983

Ofício nº 03210/83-SCDP/SR/DPF/BA
Assunto: Encerramento - (F A Z).

Senhor Diretor,

Para fins de expedição de certificado defini-
tivo, encaminho a V.Sa. texto, pareceres e relatório do ensaio geral da
obra "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"
de CÉSAR VIEIRA o exame foi requerido
por ELMO SANTOS FIGUEIREDO

À oportunidade, renovo a V.Sa. os protestos
de estima e elevada consideração.


Elmo Santos Figueiredo DA CRUZ-Bela.
Técnico de Censura
Chefe do SCDP/SR/DPF/BA

ILACSR.
DELEGACIA DE CENSURA DE DIVERSAS PÚBLICAS
P. A. S. I. A. - DP.

TEATRO

TÍTULO O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEUautor: CÉSAR VIEIRA

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 anosPraça SR/BA

Obs.: _____

DF. 04 / 10 / 83Francis
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 18 (dezoito) anos, sem cortes, condicionada ao tema do ensaio.

Obs.: est. provisório - SR/BA
05 de 10 de 19 83

Brasília-DF

Stella Patrícia Castalheira
 MEX. 2416 791

de 1.97

11 linguagem livre
tema de violência

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tende em vista tratar-se de _____ para o qual os senhores propõem a classificação etária de 18 (dezoito) anos.

Brasília-DF, 05 de 10 de 19 83

Em _____ de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
 na forma do parecer
 Em, 05/10/1983

"O Evangelho segundo Zebedeu"

De César Vieira

1. Montagem Primeira: Teatro do XI de Agosto" da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo — 1971.

Direção — Silnei Siqueira

Cenário — José de Anchieta

Músicas — Murilo Alvarenga Jr.

Coreografia — Ruth Rachou.

- Esta montagem recebeu da Associação Paulista de Críticos de Teatro os seguintes prêmios:

Melhor Autor Nacional

Melhor Figurino

Melhor Música

- Em abril de 1971 o "Evangelho Segundo Zebedeu" representou o Brasil no Festival Mundial de Teatro de Nancy, França
- O Festival de Nancy, na ocasião, já não tinha caráter competitivo, inexistindo premiações. Todavia "Zebedeu" foi considerado o melhor espetáculo do certame, sendo o que mais se apresentou (num total de 9 vezes) e o que mais público recebeu, com mais de 12.000 pessoas.
- Ainda na França "Zebedeu" apresentou-se com inteiro sucesso nas cidades de Paris, Colmar e Saint Dié.

2. Segunda montagem pelo "Teatro da Cidade" em 1973, na Cidade de Santo André.

- Esta montagem representou o Brasil no Festival Mundial de Teatro de Manizales (Colômbia) e na "Muestra Mundial de Teatro" de Bogotá (Colômbia) em 1973.

3. "O Evangelho Segundo Zebedeu" está publicado em versão polonesa na Revista "DIALOG" de Varsóvia com tradução de Danuta Zmij-Zielinska e Witold Wojciechowski.

Março-Abril, 1975



CÉSAR VIEIRA — pseudônimo de Idiba' Almeida Piveta, dramaturgo e advogado. Nascido em Jundiaí, SP.

Prêmios:

— Melhor Autor Brasileiro de 1971 (Associação Paulista de Críticos Teatrais) — APCA Prêmio Literário 4.º Centenário da Cidade de São Paulo — Prêmio no I.º Seminário Carioca de Dramaturgia 1967 (Rio de Janeiro) — Prêmio do Seminário Latinoamericano de Teatro 1972 (Teatro El Galpon Montevideo — Uruguai) — Prêmio Índio de Prata Televisão Tupi — São Paulo) — Menção Especial de Teatro Popular 1973 (APCA — São Paulo).

Representou o Brasil nos Festivais Mundiais de Teatro:

— Nancy (França) "O Evangelho Segundo Zebedeu" — 1971 Wrocław (Polônia) "Um Uisque para o Rei Saul" — 1971



Manizales Colômbia) "O Evangelho Segundo Zebedeu" — 1973 — Bogotá (Colômbia) "O Evangelho Segundo Zebedeu" — 1973 — Wrocław (Polônia) "Rei Momo" — 1973 — Zagreb (Iugoslávia) "Rei Momo" — 1973 — Montparnasse (Paris) "Rei Momo" — 1973.

Fora do Brasil teve suas peças representadas em:

Paris, Nancy, Saint Dié e Colmar França; Roma (Itália); Buenos Aires (Argentina); Manizales, Cali Bogotá (Colômbia). Lima (Peru); Zagreb (Iugoslávia). Varsóvia. Wrocław, Torun, Poznan e Lodz (Polônia)

Em 1966 lecionou direito eleitoral no Brookings Inst. — George Washington University — USA.

Obras:

Teatro — "Um Uisque para o Rei Saul" — "O Evangelho Segundo Zebedeu" — "Corinthians, Meu Amor" (Teatro Popular e Roteiro Cinematográfico) — "Rei Momo" (Teatro Popular) — "Sepé, Sepé, Sepé" — "Alguém Late Lá Fora" — "O Transplante" — "O Elevador" — "Os Queixadas" — "Os Sinceros" — Adaptação da Ópera "A Tosca" de Puccini — Julgamento de Mané Garrincha" (Poesia) — "Mar de Lama" (Romance) — "Napoleão" Romance) — "Em Busca da Verdade Eleitoral" (Ensaio).

BIBLIOGRAFIA:

- OS SERTÕES — Euclides da Cunha
- DIÁRIO DE UMA EXPEDIÇÃO — CANUDOS — Euclides da Cunha
- DISCURSO NO CONGRESSO SOBRE A GUERRA DOS CANUDOS — Rui Barbosa
- EPILEPSIA E CRIME — Afrânio Peixoto
- CASA GRANDE E SENZALA — Gilberto Freire
- O CAPITÃO JAGUNÇO — Paulo Dantas
- HISTÓRIA DO BRASIL — Pedro Calmon
- HISTÓRIA SOCIAL DO BRASIL — Pedro Calmon
- REVISTA DE HISTÓRIA SÃO PAULO, N.º 57 de 1964

- TERRA DA LUZ — Filgueiras Lima
- JUDAS ISCARIOTES — Leonid Andreiff
- ORIGENS DO CRISTIANISMO — J. Lentesnan
- O SEBASTIANISMO — Palmerin
- O ROMANCE DE ALKACER KIBIR — Cancioneiro Popular Português
- TRADIÇÕES POPULARES — Amadeu Amaral
- ANTOLOGIA DO FOLCLORE BRASILEIRO — Luiz Câmara Cascudo
- VIOLEIROS DO NORTE — Leonardo Motta
- A BAHIA DE OUTRORA — Miguel Querino
- A BIBLIA
- TRIUNFO PARADOXAL — Pe. Santo Armelin
- ANAIS DO CONGRESSO DE HISTÓRIA DA BAHIA — IV — 575 — 1950 — Frei João Evangelista de Monte Marciano
- "RERUM NOVARUM"
- "MATER ET MAGISTER"
- "POPULORUM PROGRESSO"
- GENERAL ARTHUR OSCAR, UM SOLDADO DO IMPÉRIO E DA REPÚBLICA — Gal. Carlos Eugênio A. Guimarães
- ENSAIO SOBRE A PSICOLOGIA DA INFANTARIA — Ten. Cel. Bouchacourt
- EXPEDIÇÕES MILITARES CONTRA CANUDOS — Gal. Tristão Alencar Araripe
- A GUERRA DOS CANUDOS — Tenente Henrique Duque Estrada de Macedo Soares
- ACIDENTES DA GUERRA — Emydio Dantas Barreto (Oficial do Exército)
- ÚLTIMA EXPEDIÇÃO A CANUDOS — Emydio Dantas Barreto
- RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA GUERRA — Rio — Agosto, 1899
- JOÃO ABADÉ — A. Felício dos Santos

REVISTA DE TEATRO



"Auto dos fatos que se sucederam durante a "Guerra dos Canudos", no sertão da Bahia, conforme foram vistos por Zebedeu Martins, comedor de fogo do circo Irmãos Tibério, em suas andanças pelo Brasil com esses e outros circos".

"Serei um vingador e terei desempenhado um grande papel na vida: o de advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, cobarde e sanguinária".

Euclides da Cunha

"Canudos é uma expressão de fé cáblica, errada, bronca, mas que acredita na sobrevivência do mito sebastianista nos sertões, o qual no fundo prometia uma terra melhor, longe das injustiças, dos desmandos dos opressores e latifundiários".

Paulo Dantas

PRIMEIRO ATO

- Cena I — Apresentação da trupe
Cena II — Conselheiro menino
Cena III — Pescadores de homens
Cena IV — A César o que é de César
Cena V — Expulsão dos vendilhões do Templo
Cena VI — Cena Final do 1.º ato com artistas do circo

SEGUNDO ATO

- Cena I — Entrada apoteótica de Moreira César
Cena II — Nuvem do céu há de vir
Cena III — Morte de Moreira César
Cena IV — O tempo que nos resta
Cena V — Merda de República
Cena VI — Enterro de Pajeú
Cena VII — Morte do Conselheiro
Cena VIII — Encerramento com os artistas do circo

PERSONAGENS DO CIRCO:

- 1) ZECA TIBÉRIO — Mestre de Cerimônias
- 2) PONCIANO — o domador
- 3) BARRY BRUTUS — auxiliar de domador
- 4) SANA ANDRÉ — o mágico
- 5) VOUQUES — o palhaço
- 6) JOÃO LINDOSO — o anão
- 7) PEDRÃO — o lutador negro
- 8) ZEBEDEU MARTINS — o autor e ator, mudo
- 9) VICENTE — artista convidado
- 10) CHICO TIBÉRIO — ponto
- 11) MAGDA — primeira bailarina

- 12) ANA — bailarina
- 13) SUSANA — bailarina
- MIMOSO — um jegue
- PELUDOS — ajudantes de circo.

PERSONAGENS DO DRAMA (A SEREM REPRESENTADOS PELOS ARTISTAS DO CIRCO):

- 1) CONSELHEIRO MENINO
- 2) MARIA CHANA — mãe do Conselheiro
- 3) VICENTE — pai do Conselheiro
- 4) CONSELHEIRO
- 5) ISABEL — uma doida velha
- 6) MANOEL QUADRADO — discípulo do Conselheiro
- 7) JOÃO ABADÉ — discípulo do Conselheiro
- 8) ANTÔNIO BEATINHO — discípulo do Conselheiro
- 9) PAJEÚ — discípulo do Conselheiro e chefe de guerrilhas
- 10) TIA BENTA — uma velha
- 11) PRIMEIRO COBRADOR
- 12) SEGUNDO COBRADOR
- 13) FREI JOÃO EVANGELISTA DO MONTE MARCIANO
- 14) FREI CAETANO PAPTISTÃO
- 15) CORONEL MOREIRA CÉSAR — comandante da 3.ª expedição
- 16) CORONEL TAMARINDO — membro do estado maior de Moreira César
- 17) UM OFICIAL
- 18) MULHER AGREGADA AS TROPAS
- 19) MORENA
- 20) PRAÇA JOÃO
- 21) GENERAL EM CHEFE — comandante da 4.ª expedição contra Canudos e JAGUNÇOS, SOLDADOS ETC.

Março-Abril, 1975



RECOMENDAÇÕES DO AUTOR ZEBEDEU MARTINS AOS SRS.
PROPRIETÁRIOS DE CIRCO QUE DESEJAREM FAZER
REPRESENTAÇÕES DO DRAMA "A GUERRA DE CANUDOS"

Primeira recomendação, feita sem obrigação, como todas as outras, de ser seguida, mas com os riscos que poderão vir da desobediência.

É aconselhável que os personagens do drama sejam representados pelos artistas do circo que com eles tiverem maior semelhança (seja de físico, de roupas ou no jeito de agir e pensar). Assim, o domador fará os papéis de militares, ministros, etc... O Mestre de Cerimônias fará bispos, freis, fazendeiros e outros quejandos. O anão deverá ser aproveitado na interpretação de crianças. Já Pedrão o lutador misterioso, (O Gigante de Ébano) encarnará o papel de Pajeú, por ser personagem de cor. Os homens do povo (crentes, vaqueiros, soldados e todas as pessoas mais simples) estarão a cargo do Palhaço Vouques e "Peludos" (ajudantes de Circo). Mas o importante mesmo é que Vicente, ator estreante, só faça o papel de Antônio Conselheiro. O autor Zebedeu Martins só aparecerá em papéis de mimica, mudo como é... mas deverá entrar no maior número de figurações possíveis.

Uma outra recomendação que se faz é que, como o drama foi escrito numa mistura de falas usadas no nordeste e de fala-falada pelo caipira do interior de São Paulo, é bom que se frize bem esse ponto, pois é drama feito de oitiva, de orelhada... e o jeito de se comunicar de cada um dos informantes é que foi guardado, conforme os causos iam sendo desfiados.

Quanto ao ponto sua voz será ouvida sussurrada uma ou outra vez, a critério do encenador, a fim de marcar mais sua presença e não ficarem fora de mão suas falas assinaladas no texto.

As roupas — vestimentas não precisam ser de aparência igual às do sertão da Bahia, mas é sempre bom que tenham uma queda-zinha das coisas de lá. É forçoso que os dois grupos em luta tenham uma cor diferente: os praças do governo tendendo pro vermelho e os jagunços cambiando pro azul.

O dirigente do espetáculo poderá fazer entre uma cena e outra que ajudantes do circo façam a mudança do cenário sempre sob ordens do Mestre de Cerimônias e do domador, que usam de grosseria para com eles. (além das mudanças dessa forma assinaladas no texto).

As músicas são quase todas de caboclos de São Paulo e da Bahia e tem também rimas cantadas por velhos portugueses sonhando sempre com o moço — rei D. Sebastião.

Enfim, as recomendações costumeiras para um bonito espetáculo, que esta história dos Canudos como bom drama merece: muito jogo de luz, sempre usança do vermelho e do azul, e movimentação a mais não poder por todos os lados do picadeiro, que não deve ser pequeno e deve estar coberto com serragem e palha miúda.

ZEBEDEU MARTINS.
— autor —

PRIMEIRO ATO

CENA I

Antes de abrir-se a cortina, ouvem-se ruídos característicos de circo: rugidos, banda afinando instrumentos, barulho de coisas arrastadas, ordens abafadas.

A banda, lentamente, entra numa melodia de dobrado popular.

Dois ou três "Peludos" (ajudantes de Circo) com jardas poidas, azuis, nas quais em amarelo lê-se mal e mal "Gran Circo Irmãos Tibério", distribuem programas pelo público.

O programa é impresso num papel vermelho, poroso, com letras grandes, de tipos

anarquizados.

Toca a sirene uma vez, uma outra, enfim uma terceira e derradeira vez.

Acordes solenes, abrem-se as cortinas

O PALCO: Um picadeiro coberto de serragens.

PONTO — Visível para o público.

Pelo meio das cadeiras entra Zeca Tibério, Mestre de Cerimônias, seguido de toda a trupe, apoteoticamente formada em duas filas olímpicas.

O anão Lindoso vem montado no jegue. Mimoso.



REVISTA DE TEATRO

ZECA TIBÉRIO — Distinto, seieto, educado público. A Empresa "Gran Circo Irmãos Tibério" agradece a generosa presença de V. Sas. e meretíssimas famílias no espetáculo de gala desta noite. Pedimos que todos colaborem com o maior silêncio para que nada se perca e todos possam compreender o formidável drama que aqui vamos mostrar:

REPIQUE DE BANDA

"A Guerra dos Canudos" ou a Vitória da República e da Fé sobre os fanáticos de Antônio "Conselheiro". A verdadeira história da epopéia ocorrida nos sertões da Bahia.

REPIQUE DE BANDA

"A Guerra dos Canudos"

REPIQUE DE BANDA

No espetáculo desta noite teremos o desempenho de toda nossa brilhante companhia.

A MEDIDA QUE ZECA APRESENTA, OS ARTISTAS FAZEM DEMONSTRAÇÕES DE SUAS HABILIDADES.

ZECA TIBÉRIO (Continuando) — Ponciano, o grande o domador indomável, aclamado no Brasil e na Europa.

Sana André, o mago insuperável, o rei dos mágicos.

Vouques, o palhaço, o único que fez rir presidentes, príncipes e até reis.

Magda, a Salomé brasileira, a bailarina da dança do ventre e dos sete véus.

João Lindoso, o único anão malabarista do mundo e seu jegue Mimoso, pelo qual já recusou somas altíssimas.

Pedrao, o misterioso lutador negro, o gigante de ébano. É o mais forte dos brasileiros. Torce uma barra de ferro com os dentes.

E as exóticas, luxuriantes, bailarinas, Ana e Susana, inigualáveis em seus ritmos bárbaros.

Todos eles aqui estão nesta noite para vos mostrar como foi "A Guerra de Canudos", de autoria do mais glorioso membro de nossa Empresa, Zebedeu Martins, que além de escritor, é o maior comedor de fogo das Américas.

Ele também representará, mas só em mimica, não fala pois perdeu as cordas vocais num acidente da profissão.

ZEBEDEU, ALÉM DA ESPADA COM FOGO, TEM UMA PLUMA PARA ESCREVER E UM PERGAMINHO.

E, prezado, distinto, educado e seieto público, creio que estais estranhando a ausência de Bibi Gestas, o equilibrista louco. Por motivo de força maior, ele não poderá apresentar-se... e será substituído por Vicente, artista convidado.

Março-Abril, 1975

ENTRA VICENTE, DESAJEITADO, TRAJE LARGO, AZUL.

Para Vicente, estreante hoje, pedimos vossa compreensão, pois se prontificou a colaborar nesta emergência, para não vos deixar sem espetáculo. Desculpem, portanto, algumas falhas. E Chico Tibério, o "ponto" mais elogiado pela crítica da Capital Federal.

E ainda este que vos fala, Zeca Tibério, Mestre de Cerimônias.

E agora, com a vossa autorização, vamos a **REPIQUE**

"A Guerra dos Canudos"

ESCURECE. A TROUPE SAI LENTAMENTE. CHICO TIBÉRIO ENTRA NA CASINHOLA DO PONTO. SURGE UM QUADRO RÚSTICO ESCRITO:

INSCRIÇÃO NO QUADRO — Muitos empreenderam compor a história dos acontecimentos que em Canudos se sucederam como nos contaram aqueles que foram desde o princípio testemunhas oculares dos feitos. Também a mim me pareceu bem, depois de haver diligentemente investigado tudo, escrever esta história, para que todos conheçam a verdade.

CENA II

Cena toda cantada e em mimica. Maria Chana, mãe do Conselheiro, lava a roupa e passa as peças ao pai do Conselheiro, que as estende no varal.

O Conselheiro menino brinca com o jegue e uma enorme bola vermelha de plástico.

MÚSICA —

Maria lavava, José estendia,
Chorava Maria a beira do rio
lavando as roupinhas de seu pequeno [filho].

O CONSELHEIRO, AO BATER A BOLA, MACHUCA LEVEMENTE A MÃO. CORRE ATÉ A MÃE. MARIA CHANA, TERNA, BEIJA A MÃO DO GAROTO. A CRIANÇA VOLTA A BRINCAR.

MÚSICA

MARIA CHANA (Cantando)

Maria lavava, José estendia,
Chorava o menino da mão que doia.
Não chores, menino, não chores, amor,
Calai, meu menino, calai meu amor,
que a faca que corta dá talho sem dor.
Os filhos dos homens em castelos dourados
e vós, meu menino, em terra suado.

MÚSICA: (Coro) —

Maria lavava, José estendia...



O GAROTO BATE A BOLA VÁRIAS VEZES, ATÉ QUE ESTA LHE ESCAPA DAS MÃOS E VAI ROLANDO... ROLANDO... ROLANDO... ESCURECE.

CENA III

Luz acompanha a bola. Até o outro lado do picadeiro. A bola bate numa árvore. Para. A árvore é um embuzeiro gigante numa praça da vila de Chochorró, anos depois da cena anterior.

Antônio Vicente, o Conselheiro, camisolão azul, barbas compridas, breviário e bordão Prega.

Escutam: peregrinos, romeiros, mulheres. Uma velha suja, maltrapilha, é Isabel, a doida, fica todo o tempo a balouçar, como se embalada por uma música imaginária.

Isabel senta na bola. Brinca com ela.

CONSELHEIRO — Meus irmãos. Foi para isso que eu vim. Trago nos ombros pesada tarefa para executar.

PONTO — Trago missão...

CONSELHEIRO — Trago missão para cumprir. Foi para isso que eu vim. Tenho um poderio que farei brotar no meio desses cardos e desses cerdos.

O CONSELHEIRO PARA DE FALAR, COMO SE VICENTE, ARTISTA CONVIDADO ESQUECESSE O TEXTO. O PONTO AJUDA, EM VOZ SUSSURRADA A PRINCÍPIO.

PONTO — Meus irmãos, obedeci a igreja...

CONSELHEIRO CONTINUA MUDO. NÃO REPETE AS PALAVRAS DO "PONTO".

PONTO — Meus irmãos, obedeci a igreja e aos dez mandamentos...

CONSELHEIRO — Meus irmãos, sou um apóstolo do Senhor, que me ungiu para evangelizar os pobres...

PONTO — Para receberdes vos a recompensa no paraíso...

CONSELHEIRO — Para proclamar a libertação dos cativos, para por em liberdade os oprimidos. Irmãos desta Vila do Chochorró. Tomai atenção, porque o Senhor também disse: "Sofrereis perseguição dos maus e retribuireis com benefícios derramados por onde passardes. Mas terás como meus santos apóstolos, o teu povo, que te seguirá noite e dia sem parar. Deste povo rebanho, serás o guia".

BADALAM OS SINOS.

PEREGRINO — Hora do Conselheiro aconselhar com seu bom conselho. Fila, ir-

mãos, fila. Hora do Bom Jesus, Antônio Conselheiro aconselhar com seu bom conselho, fila, irmãos, fila.

OS PENITENTES COLOCAM-SE ORDENADAMENTE EM FILA. ISABEL, A DOIDA, REPETE CANTANDO.

ISABEL — Fila irmãos, fila.

1.º PEREGRINO — Vosmecê aí na frente, irmão. Vem chegando. O Bom Jesus Conselheiro te espera. Sem arreccio. Vem irmão.

O CONSELHEIRO SENTA, UM ROMEIRO SE APROXIMA. UM SERTANEJO FORTE, VIOLÃO A MÃO, GIBÃO DE COURO, CARTUCHEIRA, FACA DE ARRASTO, AJOELHA, BEIJA A MÃO DO CONSELHEIRO.

1.º ROMEIRO — Paz em Deus, a Bença.

CONSELHEIRO — Te abenço, filho, que a tua morada seja sempre de paz. Que a mim te traz?

1.º ROMEIRO —

Eu não tenho pai nem mãe,
nem neste mundo parente;
sou filho das tristes erva,
neto das águas corrente;
meu nome é Manoel Quadrado,
vivi sempre pelo sertão escorraçado.

CONSELHEIRO — Sei, filho, sei. Onde mora vosmece?

MANOEL QUADRADO —

Eu não só daqui, tô chegando agora.
Frá vim ouvi o bom conselho, andei léguas [afora.

Por favor não me mande embora.

CONSELHEIRO — Mas diz, filho, diz, que a mim te traz?

MANOEL QUADRADO —

Uma tarde, pai, ano faz,
encontrei uma morena,
morena dos oio grande,
sombanceia de veludo,
Dinheiro tinha nada,
mas corpo valia tudo...

ISABEL (Cantando) —

Dinheiro tinha nada,
mas corpo valia tudo... tudo... tudo...

OS PEREGRINOS FAZEM MENÇÃO DE CONTÉ-LA. ISABEL, AO CANTAR, ENSAIA PASSOS DE DANÇA.

CONSELHEIRO — Deixa, irmãos, segue, meu filho, conta, te escuto.

ISABEL AQUIETA;

MANOEL QUADRADO —

Com a morena me engracel.
Ela comigo se engraçô.

Acertamo tudo de acordo

Como manda a Santa Igreja. (Pausa)

PONTO — Mas depois a coisa...

MANOEL QUADRADO —

Mas depois a coisa deu prá mudá.

Parece até praga de Sataná

Na mulher um papo foi nascendo

e dia a dia mais crescendo.

E com o papo uma febre terçã,

que, como fogo, coivara ela por dentro.

PONTO — Mas... só de erva conhecedô...

MANOEL QUADRADO —

Sô de erva conhecedô:

dêi até infusão de rabo de preá,

sem nada adiantá,

andamo de tratadô em tratadô...

buscamos até médico da capitã. (Pausa)

Porque com mulher papuda,

tapejara só casa com uma condição:

da mulhé dormi na cama

e o papo dormi no chão.

ISABEL (Cantando) —

do papo dormi na cama

e a mulher dormi no chão... no chão...

MANOEL QUADRADO — Não é esse o caso, digo com precisão, pois quero ela... Mas quero ela boa, e se vosmecê, Santo milagrero, não me ajudá, minha cabeça vai ficá girando atoa.

CONSELHEIRO — Filho, ferve n'água uma folha de chique-chique, coloca uma toalha branca no papo da mulher, e emborca com vagareza um copo d'água, dizendo por três vezes: Jesus morreu, Jesus ressuscitou. Vai Mancel Quadrado, segue teu caminho, que em três dias o mal está curado...

MANOEL QUADRADO BELJA A MÃO DO CONSELHEIRO, APOIA A CABEÇA EM SEU MANTO. O CONSELHEIRO AFAGA SEUS CABELOS. ISABEL ACALMA TOTALMENTE. UM ROMEIRO LEVA ISABEL DOCEMENTE, ELA SENTA-SE AO LONGE. O PEREGRINO QUE MANDARA OS ROMEIROS FICAREM EM FILA, CHEGA-SE AO CONSELHEIRO.

PEREGRINO — Meu bom Jesus, permiti eu queria ficá, pelos caminhos errante vosmecê acompanhá...

CONSELHEIRO — A estrada é longa, cheia de pedras e entolhos... Ainda assim viríeis?

PEREGRINO — Sigo vosmecê, porque diz do céu e das coisa aqui da terra também, prá melhorá nossa sorte... Tô cansado de falação dos bem só prá depois da morte. Nada mais há que eu queira tanto, que andá na estera do vosso manto.

CONSELHEIRO — Seja pois! Há muito que entre os romeiros te vejo. Forte és, melhor no andejo. Como te chamas?

PEREGRINO — João, senhor; sobrenome

Abade. De profissão: vaqueiro, agora, escudo do Conselheiro!

UM ROMEIRO MAGRO, DE BARBICHA, ENSAIA PASSAR FURTIVAMENTE PELO CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO — Quem és, que há muitas jornadas noto, me seguindo pelos matos. ignoto? E esse olhar? Olhas para mim, como se adorasses a Eucaristia.

3.º ROMEIRO — Por padre fui criado, vivi sempre na sacristia... Vosso xará no nome sou, pois Antônio fui batizado; de Beato" pelo povo sou chamado. Queria a seu rebanho me juntá, prá num vê mais crancinha de fome mirrá. E, de permeio, o Paraíso alcançá.

CONSELHEIRO — Assim seja, filhos. Pois eis que agora, para meu povo, logo quero dar uma nova Jerusalém, onde não haverá choro, nem clamor... não haverá criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus, porque aquê que morrer aos cem anos, morrerá jovem... e o meu povo edificará casas e nelas habitará... e plantará milho e jerimum e comerá o que plantar.

PONTO ... para que... depois na vida eterna...

CONSELHEIRO — Para que... desfrute o meu povo de toda a obra de suas próprias mãos...

PONTO — ... e edificação com o sofrimento o reino dos céus...

CONSELHEIRO — Não edificação para que outros habitem; não plantarão para que outros comam...

O PONTO DESACORÇO. DESISTE.

CONSELHEIRO — Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a calamidade, e não farão mal nem dano algum. (PAUSA) Assim seja, filhos. Em verdade, vos digo: que-reis ser meus seguidores e eu vos farei de homens, pescadores.

O CONSELHEIRO LEVANTA-SE. ABENÇO. TODOS BAIXAM A CABEÇA. O CONSELHEIRO VAI SAINDO LENTAMENTE, OS ROMEIROS O ACOMPANHAM. ISABEL COMEÇA A CANTAR (SEMPRE DANÇANDO).

ISABEL —

Venho de Patamuté,

vestida de maltratos, vestida de

[maltratos...

Do céu, do céu veio uma luz

que Jesus mandou.

Conselheiro Aparecido dos males nos

[livrou

Conselheiro Aparecido dos males nos

[livrou...



ROMEIROS —

Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]

Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]

SAEM TODOS CANTANDO. ISABEL POR
ÚLTIMO, ESCURECE LENTAMENTE.

CENA IV

*Ao longe, luzes de Vila de Natuba. Semi
penumbra.*

*Manoel Quadrado e Pajeú num desafio
com violão. Pajeú é um negro forte. Tem uma
faca de arrasto e uma espingarda. Dois ou três
Tapejaras escutam.*

MANOEL QUADRADO —

A vida de gente pobre
padece, não tem altura;
a vida de gente rica
arregala e tem fartura.

PAJEÚ —

O rico levanta cedo,
toma café com mistura;
o pobre bebe garapa,
quase sempre sem doçura.

MANOEL QUADRADO —

Gente rica fica doente,
vem logo o dotô e cura;
Quando pobre fica doente,
o remédio é sepultura.

PAJEÚ —

Cavalo de gente rica
tem passo, tem andadura;
a égua de gente pobre
é calombo e pisadura.

MANOEL QUADRADO e PAJEÚ —

Quando gente pobre morre
vai gozá lá nas alturas;
O rico vai é prós quinto
fervendo na fervedura.

TAPEJARAS ENSAIAM APLAUSOS. POU-
CO ANTES DO FIM DO DESAFIO, DOIS VUL-
TOS SE ACERCAM: JOÃO ABADE E ANTÔNIO
BEATINHO, DISCÍPULOS DO CONSEL-
HEIRO. APROXIMAM-SE DO JEGUE.
DESAMARRAM-NO.

PAJEÚ — Ei... ó de lá... deixa o jegue...

MANOEL QUADRADO — Mexe não! Prá
que sorta o bichinho? É jegue nunca montado.
mexe não... virge de bunda seja de home ou
de muié...

JOÃO ABADE — Adescurpa, irmão Pajeú:
não se arreceie Mestre Quadrado. Só João
Abade, discípulo do Conselheiro, a vosmecê
mandado.

PAJEÚ — De há muito o pó da sola do

Santo busco... e sua palavra a mim dirigida
será sem tardança obedecida.

ANTÔNIO BEATINHO — Nosso Bom Jesus
está a légua de jornada e logo em Natuba dará
entrada de seu povo seguido. E há pouco o
Mestre Abade falou: "João, o Beato chamaí e
para Natuba rumai..."

PONTO — ... logo às portas...

ANTÔNIO BEATINHO — Logo às portas
da aldeia um jegue estará. Seu dono é moço
Pajeú, que entre os meus quero. Ao seu lado,
Manoel Quadrado, que há muito espero. Se
vos questionarem, dizei: O Bom Jesus do je-
gue uso fará, mas logo o devolverá.

MANOEL QUADRADO — Leva o jegue,
falo por mim e por irmão Pajeú, porque no
burrico tenho meação. Leva e diz ao Santo,
que Manoel Quadrado, do Conselheiro deve-
dor, de hoje prá frente, está com ele e sua
gente.

PAJEÚ (Afagando o jegue) — Vai, bichi-
nho, carrega o Santo com carinho. Traiz ele
com vagareza e cuidado, que nós fais o fato
anunciado.

PAJEÚ TIRA A MANTA DO CORPO E
COLOCA NO BURRICO, BEATINHO E ABADE
SAEM DEVAGAR, LEVANDO O JEGUE.

PONTO — ... irmãos, povo de Natuba...

MANOEL QUADRADO — Irmãos, povo de
Natuba, o Bom Jesus vai chegar. Depressa,
irmãos prá estrada, pro profeta dá entrada.

PAJEÚ (Como um arauto) — Povo de
Natuba, o Bom Jesus vai chegar. Descobri
vossas cabeças, Irmãos. Tá chegando o Bom
Jesus, Antônio, Santo, Pai e Conselheiro.
Aleluia.

SURGEM OS MORADORES DA VILA DE
NATUBA. AO LONGE, OUVI-SE UM CANTO.
É A GENTE DO CONSELHEIRO QUE SE
APROXIMA.

MÚSICA —

Do céu, do céu veio uma luz
Que Jesus mandou...

Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]

Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]

ENTRA O CONSELHEIRO MONTADO NO
JEGUE, COM ELE, ABADE, BEATINHO, RO-
MEIROS. TRAZEM UMA IMAGEM NUM
ORATÓRIO E UMA GRANDE CRUZ.

MÚSICA —

Do céu, do céu veio uma luz
que Jesus mandou...

Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]

Conselheiro Aparecido dos males nos
[livrou...]



O POVO DE NATUBA SAÚDA O CONSELHEIRO COM VIVAS, ESTENDENDO MANTOS, COLOCANDO RAMOS DE ÁRVORES, FLORES, EM SUA PASSAGEM. MISTURAM-SE O POVO DE NATUBA. E A GENTE DO CONSELHEIRO.

VOZES —

Hosana. Hosana.

Bendito o que vem em nome do Senhor.

Aleluia. Aleluia.

Viva o Bom Jesus Conselheiro.

Aleluia.

ENTRA UMA VELHA, CORRENDO (TIA BENTA) PERSEGUIDA POR DOIS COBRADORES MUNICIPAIS DE IMPOSTOS, AGARRA-SE AOS PÉS DO CONSELHEIRO, AJOE-LHA-SE.

TIA BENTA — Meu Pai Santo, agasalho e proteção prá uma velha perseguida pela Lei do cão.

ANTES QUE O CONSELHEIRO RESPONDA, OS COBRADORES AGARRAM A VELHA. MURMÚRIOS DE PROTESTOS ENTRE O POVO.

PRIMEIRO COBRADOR — Num adianta invoca proteção de Santo nenhum, Vosmecê vai com a gente.

O CONSELHEIRO APEIA-SE. OS COBRADORES SOLTAM A VELHA.

CONSELHEIRO — Quem a mim se dirigir, coisa querendo pedir, seja homem, ou fraca mulher, nunca partiu sem dizer o que quer.

ABADE E PAJEÚ DÃO EMPURRÕES NOS COBRADORES.

JOÃO ABADE — Não escutô, cabra safado? Arreda, peste.

1.º COBRADOR — É por ordem do Chico Dantas, o prefeito. Essa velha, por Tia Benta conhecida, imposto num qué pagá de suas estera vendida.

TIA BENTA — Verdade não, Pai. Querê, quero. Posso não, Pai. Estera vendo por quatro vintém, aqui que me desdiga alguém. Se treis pago pelo matériá, que já não é do bom, como posso ao Prefeito dá o último tostão? Do que vô vive? E os neto-órfão vô deixá morrer? Me ajuda eu, Pai. Pelo Jesus menino, pelas estrela do destino, ajuda eu, Pai.

CONSELHEIRO — Mestre Abade procura as tábuas dessa lei. Quero ver.

PAJEÚ — Precisa não, Pai. Tão aqui.

PAJEÚ AO FUNDO ARRANCA UM QUADRO DE MADEIRA. PAJEÚ PASSA O QUADRO A BEATINHO QUE O ENTREGA AO CONSELHEIRO. O CONSELHEIRO LÊ EM SILÊNCIO.

PONTO — ... é desrespeito. Arrancô a lei...

1.º COBRADOR — É desrespeito arranco a Lei da República.

2.º COBRADOR — Fica calmo, é meió.

PAJEÚ — Cala a boca, desgraçado.

MÚSICA —

Garantidos pela lei, aqueles malvados

[estão.

Nós temos a Lei de Deus, eles têm a Lei

[do cão.

Eles tem a lei do cão, nós temos a lei de

[Deus.

Garantidos pela lei, aqueles malvados

[estão".

1.º COBRADOR — É desrespeito, vosmecê. Conselheiro, está indo mui longe. Num arrespeita, nem o Prefeito, nem a República.

2.º — COBRADOR — Calma, num vai mais ofendê o Santo.

1.º COBRADOR — Tem dó do que sua gente vai passá. Então, crê que imposto num é prá pagá?

ABADE AMEAÇA AGREDIR O PRIMEIRO COBRADOR.

CONSELHEIRO — Deixa o homem, João. Eu não disse que a lei é para ser desrespeitada. Eu não vim para abolir as leis, mas para melhorar as leis. Se é uma lei errada, cabe a mim ao meu povo mostrar a norma acertada. (PAUSA) Depois meu filho, vosmecê é cobrador de quem: da República ou do Imperador?

1.º COBRADOR — Trabalho pro município de Natuba, só da República servidô.

CONSELHEIRO — Beato, me dá uma moeda.

BEATO TIRA DO GRANDE SACO DE DINHEIRO, QUE SEMPRE TRAZ CONSIGO, UMA MOEDA.

CONSELHEIRO — Agora, filho, sem tardança, me dá resposta. De quem é esta figura que a moeda mostra?

CONSELHEIRO EXIBE A MOEDA AOS COBRADORES.

1.º COBRADOR — É de Pedro Molenga, o Imperadô. Mas é que o dinheiro da República aqui ainda não chegô.

CONSELHEIRO — Ao Imperador o que deve ser do Imperador; ao Senhor o que é do Senhor, e ao meu povo o que é do meu povo. Essa lei de cobrar imposto de estera pro pobre feita, injustiça é, pra minha gente, não dou nela fé.

PONTO — ... cuidado, Santo, essa prática perigosa...

1.º COBRADOR — Cuidado, Santo. Essa prática perigosa se faiz. Cum governo e solda-



do num é bom se desavim, que isso pode levá a mau fim.

ABADE — Inda fala. Te abro no meio. Cala.

ABADE CORRE SOBRE O PRIMEIRO COBRADOR, SEGUIDO DE PAJEÚ. CONSELHEIRO FAZ UM GESTO DE CALMA. O PRIMEIRO COBRADOR FOGE. O SEGUNDO COBRADOR CAI DE JOELHOS.

2.º COBRADOR — Se perdão ainda tenho, posso me aquentá ao vosso lenho?

CONSELHEIRO — Como a todos, te esperava, te conhecia. Um dos nossos serás a partir deste dia.

BEATINHO — Ele tem uma sacola dos dinheiro robado dos imposto. Vó pegá prá nossa gente distribui com justeza e gosto.

O CONSELHEIRO ASSENTE. BEATO AR-RANCA A SACOLA DO COBRADOR. BEATO SAI. CONSELHEIRO TOMA A TÁBOA DA LEI NAS MÃOS.

CONSELHEIRO — Ao Imperador o que é do Imperador, ao meu povo o que é do meu povo. Eu queimo essa lei e tudo o que de mal aparecer de novo. Queima, mestre Abade, queima.

PASSA A TÁBUA DA LEI A ABADI. PAJEÚ ACENDE UMA TOCHA. INCENDEIAM A TÁBUA DA LEI. CLARÃO CRESCENTE A MEDIDA QUE A CENA SE DESENVOLVE. PEQUENO A PRINCIPIO, ILUMINANDO DEPOIS O PICADEIRO.

CONSELHEIRO (Como num flash, dentro da cena) — Vocês agora vão sofrer com isso, mas eu que cuido de vocês, fico para protegê-los. (PAUSA) A família real foi por Deus constituída para governar o Brasil. Que o presidente se convença disso e a República há de cair por terra.

MÚSICA —

Viva Isabel, a Redentora.

Proclamando com ardor,

Viva o defunto Imperador.

CONSELHEIRO — Quem subiu ao poder pela força das armas praticou uma injustiça contra os mandos reais do nosso trono.

MÚSICA —

Saiu D. Pedro para o reino de Lisboa

Acabou-se a monarquia e o Brasil ficou

Acabou-se a monarquia e o Brasil ficou

Acabou-se a monarquia e o Brasil ficou

CONSELHEIRO — A República é obra da incredulidade e o casamento civil é a lei do escândalo.

MÚSICA —

Casamento vão fazendo

Só pro povo iludir

vão casar o povo todo

no casamento civil

Desgraçado são aqueles

pra fazerem a eleição

abatendo a lei de Deus

suspendendo a lei do cão

CONSELHEIRO — Agora veio a república com toda a ingratidão, mas há de mil rebanhos correr, da praia para o sertão, e haverá muitos chapéus e poucas cabeças, e haverá muito pasto e pouco rastro, e um só pastor e um só rebanho. (PAUSA) E quando as nações brigarem com as nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra e a Prússia com a Prússia, das ondas do mar sairá D. Sebastião, com todo o seu exército, e então o sertão virará praia e a praia vai virar sertão.

MÚSICA —

Num dia de cerração, montado em seu

[cavalo,

quem quiser pode esperá-lo, El Rei

[Sebastião

Sebastião já chegou e traz muito

[regimento

acabando com o civil e fazendo o

[casamento.

O anti-Cristo nasceu e quer no Brasil

[mandar

Mas aí está o Conselheiro para dele nos

[livrar.

Visita nos vem fazer El Rei Sebastião Coitado daquele pobre que estive na lei do

[cão.

PONTO — ... depois da vida cumprida aquele tiver...

CONSELHEIRO — Aquê que não tem uma espada, venda seu hábito e compre um gládio, porque das ondas do mar sairá D. Sebastião.

MÚSICA —

Montado em seu cavalo, num dia de

[cerração,

quem quiser pode esperá-lo, El Rei

[Sebastião.

É tudo será festejo, parece que já o vejo moço-rei a governar, moço-rei a

[governar...

BEATO (Como um arauto) — É preciso uma terra encontrá...

PAJEÚ (Como um arauto) — Pro nosso povo morá...

ABADE (Como um arauto) — E dessa República escapá...

CONSELHEIRO — A caminho, filhos, a caminho.

A MEDIDA QUE O CONSELHEIRO FALA FUNDO MUSICAL EM SURDINA. TODOS CAMINHAM PELO PICADEIRO ATÉ ESTACAREM NUM LUGAR DO OUTRO LADO. É A FAZENDA VELHA, À BEIRA DO RIO VAZABARRIS.

CONSELHEIRO — É aqui, é aqui a terra da promessa. Neste lugar dos Canudos nós vamos abancar. Neste rio Vaza-Barris vai correr leite e de cuscus de milho serão as suas barrancas. E nos outros rios, no Mucum, no Umburanas, vai nascer mel... Nas colinas, nas serras, tudo dará em abundância: cana-de-açúcar de descascar com os dedos, gerimum à farta, e chuva... muita chuva...

Meu povo vai fazer o saco nas vilas por cerca e trazer tudo para cá, e Mestre Abade — comandante do povo — vai distribuir tudo por igual, porque depois da enchente vem a semente. A peste não entra. É aqui que será o Império de Belo Monte.

A MEDIDA QUE A PRÓXIMA MÚSICA FOR CANTADA, HAVERÁ INTENSA MOVIMENTAÇÃO DE POVO, ARRUMANDO O LUGAR ESCOLHIDO. A MOVIMENTAÇÃO É MAIS OU MENOS ASSIM: ABADE E PAJEÚ FINCAM UMA CRUZ. JAGUNÇOS FAZEM TRAÇADO PARA CASA. BEATO RECOLHE DINHEIRO. JAGUNÇOS ARAM A TERRA.

MANOEL QUADRADO DISTRIBUI PÁS, ENXADAS, INSTRUMENTOS DE TRABALHO. ABADE DISTRIBUI ESPINGARDAS.

MÚSICA —

É aqui, é aqui, o Império de Belo Monte
É aqui, é aqui. Canta jagunço, canta

[irmão.

Reza com o Conselheiro, tua libertação.
A sertão todo em flor esplende e cheira;
Jagunço! Chegou a hora da redenção!
Teu braço não mais vai bater o solo
Sob o manto pesado do feitor:

Teus filhos não mais dormirão ao relento
tatuados de bexigas, comidas de úlcera,
castigados de maleita.

Tua mulher não mais irá viver na casa
[dos outros

Como um traste qualquer.

Tu não terás mais ponto nem feitor

Nem zanga do coronel, nem as ordens do
[doutor.

Volta à terra, jagunço,

Larga o rifle, mas deixa perto!

Cava o solo que anseia pela semente.

É aqui, e aqui o Império de Belo Monte;

É aqui, é aqui!

ABADE (Como um arauto) -- Vem, irmão.

SOM DE TROMBETA SERTANEJA.

ABADE — Vem, irmão.

CHEGAM ROMEIROS. A "CANÇÃO DOS JAGUNÇOS" É ENTOADA EM SURDINA, DURANTE A CENA.

VOZ — E o povo chega como uma enchente. Do mar pro sertão, do sertão pro sertão.

VOZES — De Itabaiana. De Queimada.

Da Bahia. Do Piauí.

De Cansangão. De Massacará.

De Jacobina. De Itapicuru.

Lo Cumbe. Do Ceará.

De Pernambuco. De Traipu.

ABADE — Vem, irmão!

TUDO VAI SE TRANSFORMANDO ATÉ ENTRAR NUMA ROTINA DE TRABALHO, AMOR E PAZ.

SUB CENA

Entram dois ou três "Peludos" arrumam o picadeiro para a cena seguinte, espicagados com violência pelo Mestre de Cerimônias e pelo Domador.

CENA V

Surgem, numa elevação do picadeiro, com uma rampa até o rés do chão, Frei Evangelista do Monte Marciano e Frei Caetano Papistão. Descem por entre o povo de Canudos que trabalha e canta. Os frades vem em santa missão para salvar os jagunços...

A medida que descem, passando pelo povo, a música cessa e o povo fica estático, em silêncio.

Frei Marcelino é alto e solene. Frei Papistão é corcunda.

Chegam a porta da igreja nova, em construção. Vê-se um sino, preso a uma coluna e uma velha pia de balismo. Os frades são recebidos pelo Conselheiro, acompanhado de Abade, Pajeú, Beato, Tia Benta e povo.

FREI MARCIANO — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

CONSELHEIRO — Para sempre seja louvado, tão bom senhor!

FREI MARCIANO — Aqui venho em fim de paz, em missão sagrada, falar a essa gente de padre há muito abandonada.

CONSELHEIRO — No que a vossmecê puder ajudar, podeis contar.

PONTO — ... na casa que reservei...

CONSELHEIRO (Com má vontade) — Na casa que reservei para o vigário do Cumbe, logo ali na rua do Campo Alegre, podeis vos alojar. Suprimento de boca mando já providenciar. Nada há de faltar.



FREI MARCIANO — Estamos em missão sagrada, ordenada pelo arcebispo da Bahia, D. Jerônimo Tomé, preocupado por ter o povo de Canudos perdido a fé...

CONSELHEIRO — Assim fato não é! Meu povo é respeitador das coisas da Igreja, e eu de mim nada mais quero do que viver em paz, além de aqui e ali uns açudes d'água arrumar... e o fruto do plantio a cada um assegurar.

FREI MARCIANO. (Cortando) — No entanto, essa não é a notícia que temos. S. Excia., o governador Rodrigues Lima, este caso acompanha porque o governo desrespeitado foi. Sem dizer que nas coisas de Deus, mais aqui se fala no temporal do que no espiritual.

CONSELHEIRO — O governo, do sertão, só se lembra prá buscar soldado em tempo de guerra e imposto no tempo da paz.

FREI PAPTISTÃO (Baixo, a Marciano) — Eis aí. Eis aí a prova. É um revolucionário. Eis aí.

CONSELHEIRO — Se vosmecês quiserem, a igreja vou mostrar... Por favor, queiram me acompanhar.

OS TRÊS ANDAM POR ANDAIME3. EM BAIXO, ABADE, PAJEÛ E O POVO ACOMPANHAM.

CONSELHEIRO (Apontando) — Uma das torres daqui sairá, ali a base da cutra. Mais acima, do outro lado, a nova pia de batizados. E na frente, a nave...

PONTO — ... o altar dourado...

CONSELHEIRO (Com má vontade) — ... o altar dourado, com um Santo Antônio de Portugal mandado. E o povo, na volta do trabalho, todas as noites estará...

FREI MARCIANO (Cortando) — Senhor Antônio Mendes Maciel, como já vos disse, o fim é todo de paz, e por isso extranhar de enxergar tantos homens armados...

CONSELHEIRO — É para minha guarda e da minha gente que o povo está armado. Porque fato conhecido, é, que a polícia atacou-me e quiz matar-me num lugar chamado Masseté, onçe ouve mortos de um e outro lado...

FREI MARCIANO — Caminho legal para isso existe. Uma queixa a justiça podieis apresentar.

RISOS.

TIA BENTA (Imitando) — "Uma queixa à justiça podieis apresentar"... bah!!!

RISOS.

CONSELHEIRO — No tempo da monarquia, deixei-me prender porque reconhecia o Governo. Hoje, não, porque não reconheço a República.

FREI PAPTISTÃO — Eis aí. É um revoltoso, eis aí.

FREI MARCIANO — Vou abrir a Santa Missão, para batizar, confessar e explicar ao povo transviado a pensar na vida eterna...

PONTO — ... e não apenas na felicidade terrena...

FREI MARCIANO — E não apenas na felicidade terrena e vou ainda aconselhar essa gente toda a largar as armas e voltar para seus lares.

TIA BENTA — Não quero o padre hereje.

VOZES — Nois queremos acompanhá o Conselheiro.

O CONSELHEIRO COM UM GESTO SILENCIA O POVO.

CONSELHEIRO — Meu frade, acolhida de irmão vos dei e, além de me agredir, nem seu nome sei.

FREI MARCIANO — O nome numa hora assim pouco importa; o que interessa é saber que Cristo nos exorta!

RUMOR DE DESAPROVAÇÃO DO POVO.

FREI MARCIANO — A Ordem dos Capuchinhos pertencemos, Frei Castano Paptistão, e eu que a Missão Chefia: Frei João Evangelista do Monte Marciano.

CONSELHEIRO — Nada há nos Canudos que assuste um mariano.

FREI MARCIANO — Senhor, se é católico, deve considerar que a igreja condena as revoltas e aceitando todas as formas de governo...

TIA BENTA — As igreja tá sempre cos poderoso...

FREI MARCIANO — ... ensina que os poderes constituídos regem os povos em nome de Deus.

ABADE — Safa, padre maçom.

FREI MARCIANO — É assim em toda a parte: a França que é uma das principais nações da Europa foi monarquia por muitos séculos, mas há mais de vinte anos que é República e todo o povo de lá, sem exceção dos monarquistas, obedece às autoridades.

PAJEÛ — Esse povo tá errado de acitar as coisas má.

TIA BENTA — Nois num tem nada cos francesos, nois qué o nosso Conselheiro aqui no sertão.

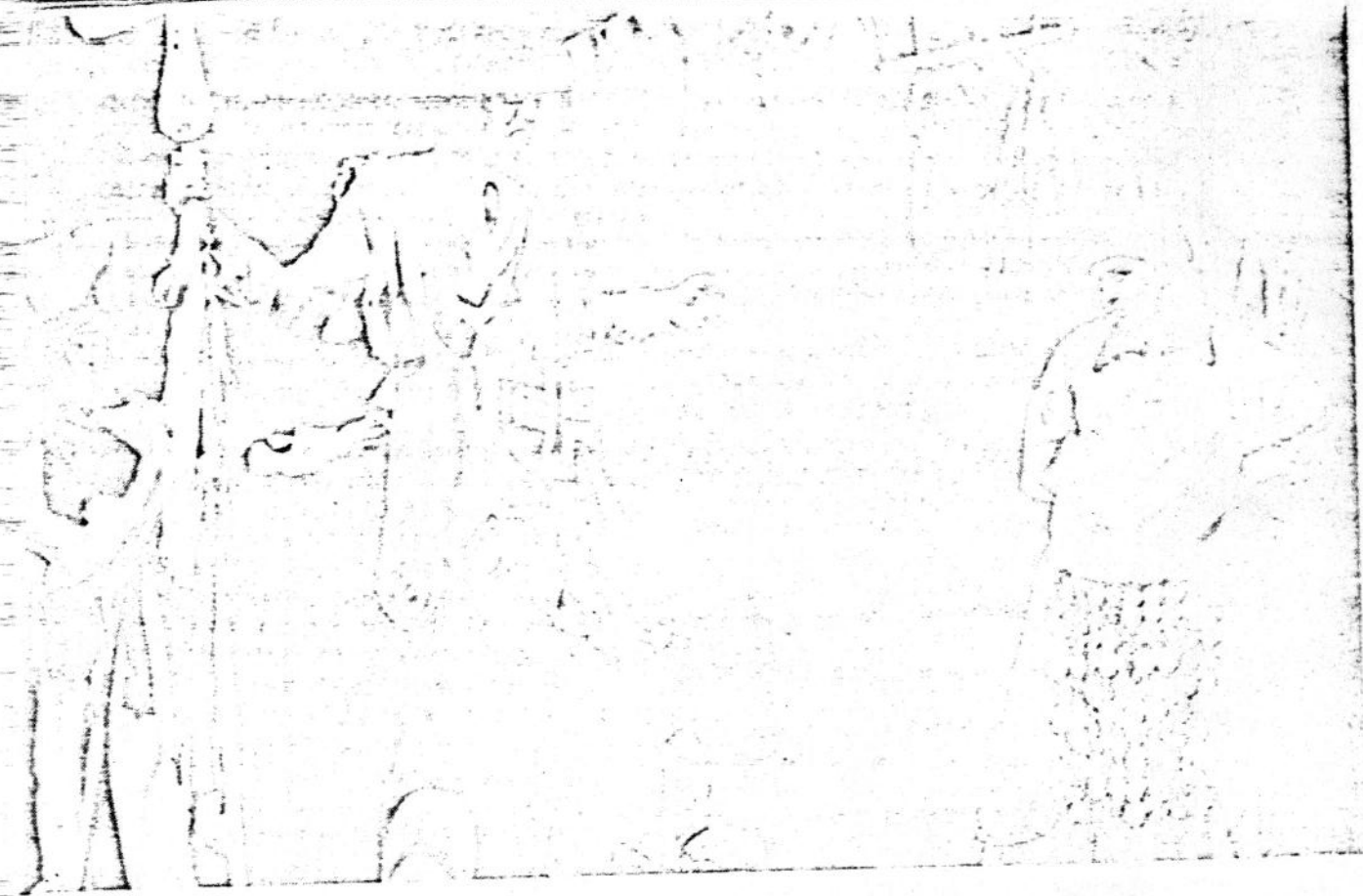
VOZES — Abaixo os padres do governo.

CONSELHEIRO ACALMA O POVO.

CONSELHEIRO — Não sou nenhum vagabundo de Deus. Sei o que é bom para o meu povo. Se a gente da França aceita a república, pior para eles e mais ainda se a Igreja apoia. ...

FREI MARCIANO — Então afirma que a





Antônio Fagundes, Edy Lima e Luiz Serra, numa cena de "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU", de César Vieira, montagem do "Teatro da Cidade"

Igreja da França errou?

FREI PAPTISTÃO — Sacrilego, além de revoltoso, eis aí.

CONSELHEIRO — Não sei se errou ou acertou, das coisas de lá não posso dizer, mas das daqui posso e quero, foi para isso que eu recebi minha embaixada. Comigo os mansos possuirão da terra, mas os que tem fome e sede de justiça também serão saciados.

FREI PAPTISTÃO — Está adulterando as escrituras, sacrilego.

VOZES AGRESSIVAS DE DESAPROVAÇÃO:

ABADE — Cala, urubu de corcova.

TIA BENTA — Queto, corcunda safardana.

CONSELHEIRO — No dia que virá e perto está; que será um grande dia aquele e não há outro semelhante, o Senhor dos Exércitos afastará o jugo do pescoço de seu povo e nunca mais estrangeiros farão escravo este povo.

FREI PAPTISTÃO — Agora adultera Jeremias. Excomunhão. É caso de excomunhão.

CONSELHEIRO — Aqui nos Canudos meu povo vai viver em paz, porque nos outros lugares está tudo contaminado pela República.

Março-Abril, 1975

BEATO — Tem de sê assim. Foi por isso que nós ficamos com o Conselheiro.

PONTO — ... é mau esse pensar...

FREI MARCIANO — É mau esse pensar e doutrina errada é a vossa.

TIA BENTA — O padre é que tem doutrina errada e não o nosso Conselheiro.

VOZES — Abaixo os padre hereje e repulicano. Viva o Bom Jesus.

PAJEÚ — Morra o padre maçon.

TIA BENTA — Viva o Bom Jesus Conselheiro.

FREI CAETANO — Proíbe então a Santa Missão?

PONTO — ... eu não estorvo.

CONSELHEIRO — Eu não estorvo essa Santa Missão, mas também não desarmo minha gente.

CONSELHEIRO SAI.

CENA VI

Mesmo cenário da última cena. Frei Marciano prega. Por perto, Frei Paptistão. Ouvem: Abade, Beato, Pajeú, Tia Benta e povo.



A medida que esta cena se desenvolver, escorregarão do alto da nave grandes faixas negras e roxas, lentamente, até transformar o local que era alegre, em sombrio e triste.

FREI MARCIANO — A bem-aventurança eterna será obtida através de...

JAGUNÇOS ENTREOLHAM-SE SEM ENTENDEREM.

FREI MARCIANO — ... obras pias, desprendimento, sacrifícios e, principalmente...

PONTO — ... aceitação das condições que a divina...

FREI MARCIANO — Aceitação das condições que a divina providência nos impôs... (PAUSA) Pode-se jejuar muitas vezes comendo carne ao jantar e uma chávina...

TIA BENTA — Chávina?

FREI MARCIANO — ... chávina de café pela manhã...

PAJEÚ — Isso não é jejuar. É comer à farta.

RISOS. PAJEÚ E TIA BENTA SAEM.

FREI MARCIANO — ... a cada missa assistida, a cada óbulo...

OLHARES ESPANTADOS.

FREI MARCIANO — ... óbulo doado à Santa Igreja, estareis assegurando uma parcela do Paraíso e livrando-vos dos castigos eternos do inferno.

PONTO — ... o respeito ao sagrado.

FREI MARCIANO — O respeito ao sagrado direito de propriedade...

A MEDIDA QUE MARCIANO PREGA, PAPTISTÃO COLOCA MESINHAS COM IMAGENS DE SANTOS, VELAS, TERÇOS, AGUA BENTA EM VIDROS ANFORADOS DE DIVERSAS CORES, TUDO AMONTOADO, COM PREÇOS ESPETADOS EM CIMA, COMO NUMA FEIRA. DESCEM AS FAIXAS NEGRAS E ROXAS.

FREI MARCIANO — ... a cada oração, a cada prece, ou mesmo a cada terço adquirido ou imagem comprada, uma graça vos será acrescentada.

FREI PAPTISTÃO — Terços de vidro de Espanha por dois tostões, trezentos dias de indulgências acompanham. Madonas dos espinhos, importadas de Paris, dão direito a um Santo colorido de papel e graças mil.

FREI MARCIANO — Devagar, Paptistão, não se exceda.

PAPTISTÃO QUER CONTER-SE MAS SEU TEMPERAMENTO NÃO PERMITE.

FREI PAPTISTÃO — Águas bentas, bentas pelas mãos de D. Tomé, Arcebispo da Bahia, dois tostões também a garrafinha ricamente lapidada, 100 dias de indulgências garantidos!

UM JAGUNÇO APROXIMA-SE E COMPRA. PAGA. BEATO INTERVEM. ARRANCA A GARRAFA, TOMA O DINHEIRO, EMPURRA PAPTISTÃO. QUEBRA A GARRAFA NO CHÃO. O JAGUNÇO FOGE e explica ao

BEATO — Padre sem vergonha!terna...

BEATO SAI.

FREI MARCIANO — Tudo aqui fere a Deus.

PONTO — ... ainda é tempo,conselhe

FREI MARCIANO — ... ainda é tempo de salvar vossas almas; o governo providências logo vai tomar; vocês todos devem dispersar-se, voltar às casas, reconhecer às autoridades, obedecer aos padres, ainda é tempo!

ENTRA O CONSELHEIRO ENFURECIDO, ACOMPANHADO DE MESTRE QUADRADO E OUTROS. VAI DERRUBANDO AS MESAS DE COMERCIO À MEDIDA QUE PASSA. QUADRADO JOGA PAPTISTÃO NO CHÃO.

CONSELHEIRO — Fora! Está é a casa do Senhor e vós fizestes dela um balcão de negócios e um centro de politização. Fora.

FREI MARCIANO — Depois tarde será para o arrependimento. Pensai, dos Capu-

CONSELHEIRO — Fora. Fora. Paptistão,

ABADE — Esse frade Marciano mais o concorda Caetano estão de inteligência com o governo e só querem abrir caminho para a tropa que vem de surpresa prendê o Conselheiro e acabá com a nossa raça. Fora, os padres saíam. Fora.

VOZES — Abaixo os frades republicano. Fora. Fora.

COM UM APITO, JOÃO ABADÉ ORIENTA O POVO QUE EM MOVIMENTOS HARMÔNICOS, VAI EXPULSANDO OS FRADES. FREI MARCIANO SAI TENTANDO MANTER A DIGNIDADE. FREI PAPTISTÃO AGARRA O QUE PODE DE SEUS TRASTES E SAI SOB GRITOS.

SOBEM AS FAIXAS NEGRAS E A NAVE CLAREIA ALEGRE DE NOVO.

LUZ EM RESISTÊNCIA.

ACENDE NOS DOIS PADRES SUBINDO A MESMA RAMPA POR ONDE DESCERAM PARA ENTRAR EM CANUDOS, VERGADOS. SOB O PESO DOS TRASTES E DA HUMILHAÇÃO.

TIA BENTA — Nós num tem nada com eles. CHEGAM AO ALTO DA RAMPA. PAPTISTÃO CAI AO CHÃO, CABEÇA ENFIADA NOS TRASTES. MARCIANO OLHA A VILA AOS PÉS. TIRA A SANDÁLIA, SACODE O PÓ SOBRE CANUDOS E AMALDIÇO A CIDADE.

FREI MARCIANO — Povo maldito! Tapa a boca das desgraçadas.

Da tua arrogância, em breve nada ficará! Antônio Maciel, te amaldiço, a ti e a tua...

FREI MARCIANO — Então afirma que é

REVISTA DE TEATRO

REVISTA DE TEATRO



gente do inferno!

Desses Canudos imundos, nem uma pedra restará!

Delenda est Canudos!

SAEM

VOZES (Com ironia) — Delenda est Canudos.

PANO

Na frente do pano, entra Zeca Tibério. Mestre de Cerimônias.

ZECA TIBÉRIO — Respeitável e seleta público, aqui termina o primeiro ato do belo espetáculo "A Guerra de Canudos". Tudo correu bem... mas uma desculpa apresento pela atuação de Vicente ator convidado, que não conhecendo bem as falas vez por outra descuidou-se. Desculpai. Senhoras e Senhores.

Agora, podeis vos regalar nas barracas de garapa, amendoim e pipoca.

ZECA TIBÉRIO (Continuando) — Enquanto isso, Zebedeu, nosso grande autor, ficará por entre vós, para assinar as músicas do drama que podeis adquirir por preços módicos...

ZEBEDEU DESCE PARA O MEIO DO PÚBLICO, LEVANDO A PLUMA PARA ASSINAR, ACOMPANHADO DE MAGDA, A PRIMEIRA BAILARINA, RICAMENTE VESTIDA, E UM PELUDO. AMBOS CARREGAM FOLHETOS DAS MÚSICAS DO DRAMA, PARA SEREM VENDIDOS AOS ASSISTENTES.

VOZES — Garapa, Amendoim. Tremoços. Pipoca.

VOZ (Alto falante ao fundo) — Amanhã ainda "A Guerra de Canudos", e sábado inicia o sensacional espetáculo "A Morte do Capitão-Mór". Não percam.

MÚSICA DE CIRCO

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Antes de abrir-se o pano.

VOZ (Ao fundo — alto falante) — Distinto, seleta e educado público, com vossa permissão, iniciamos agora o segundo ato da "Guerra dos Canudos".

Pedimos, de novo, que se mantenha o máximo silêncio, a fim de que nada se perca e todos possam aproveitar tudo o que esse formidável drama nos ensina.

CENA I

Ouve-se uma voz, idêntica a de um locutor de futebol ao dar constituição das equipes que vão adentrar o campo para um jogo.

VOZ (Pregão esportivo) — A nova expedição contra Canudos está assim constituída: — Chefe, Coronel Antônio Moreira César; oficiais, Coronel Pedro Nunes Tamarindo, Major Cunha Mattos e Capitão Salomão da Rocha; Capitão Pedreira Franco, Tenente Ávila e outros menos graduados. Ainda 1.300 soldados, estupendamente armados. Briosa cavalaria. Quinze milhões de cartuchos setenta tiros de artilharia.

MOREIRA CÉSAR SURGE AO RES DO PICADEIRO E COMEÇA A SUBIR UMA RAMPA. MOREIRA CÉSAR ESTÁ DE UNIFORME. É UM HOMEM PEQUENO, CALVO, PÁLIDO, SOFRE DE EPILEPSIA.

VOZ (Pregão esportivo) — Acompanhado

da confiança popular, Moreira César partiu do Rio de Janeiro, desembarcou em Salvador, e, como um raio, em 5 dias estava em Queimadas, em mais duas jornadas chega ao alto da favela, pronto para o embate decisivo com os jagunços de Antônio Conselheiro. O país aguarda, com intensa expectativa o início do combate. Os prognósticos favorecem a brava equipe de Moreira César, invicta em todos os encontros nos campos do sul do país.

MOREIRA CÉSAR CHEGA AO MEIO DA RAMPA. ENTRAM OFICIAIS UNIFORMIZADOS CORRENDO. PARAM ENTRE O INÍCIO DA RAMPA E O LUGAR ONDE SE ENCONTRA MOREIRA CÉSAR. SAUDAM O PÚBLICO COMO UM TIME DE FUTEBOL. ESTÃO O CORONEL TAMARINDO E OUTROS OFICIAIS.

OFICIAIS (Coro, saudando) —

Arakan, barambakan,
stumberê, stumberá,
macambê, mecambecá...

Rico reco, rico rá...

rá - rá - rá...

Moreira-Moreira-Moreira-reira-reira...

Moreira César, César, César, César...

MOREIRA CÉSAR SOBE MAIS UNS PASSOS COM SOLENIDADE. A MEDIDA QUE ELE SOBE, A SAUDAÇÃO ESPORTIVA VAI SE TRANSFORMANDO NUMA SAUDAÇÃO DE TRIUNFO ROMANO.



OFICIAIS — Viva Moreira César. Viva César. Ave César. Ave César.

MOREIRA CÉSAR CHEGA AO FIM DA RAMPa, SENTA NUM TRONO ROMANO, EM SEMI-CÍRCULO, COBERTO COM CETIM VERMELHO E PÚRPURA. EM VOLTA, OS OFICIAIS.

ENTRA UMA MULHER SUJA, TERÇO PRESO A ROUPA, CRUZ DE MADEIRA (AGREGADA AS TROPAS). NUM RELANCE, SOBE CORRENDO A RAMPa. JOGA-SE AOS PÉS DE MOREIRA CÉSAR. OS OFICIAIS SALTAM. TEMEM UM ATENTADO. MOREIRA CÉSAR ASSUSTA-SE.

MOREIRA CÉSAR — Arreda, mulher, arreda. Que é? Que é?

A MULHER COLOCA A CRUZ DE MADEIRA NA MÃO DE MOREIRA CÉSAR.

MULHER — É para protegê vosmecê, senhor generá. Vai precisá. É santa cruz protetora.

MOREIRA CÉSAR GARGALHA.

MOREIRA CÉSAR — Deixa prá lá, velha beata.

EMPURRA A MULHER COM O PÉ. JOGA A CRUZ NO CHÃO. PEGA A ESPADA.

MOREIRA CÉSAR — Deixa prá lá, que santa cruz protetora coisa nenhuma. Eu só acredito na força da minha espada.

MOREIRA CÉSAR GARGALHA. A MULHER SAI.

MÚSICA —

Vai, vai, vai, infantaria...

vem, vem, vem, infantaria...

Avante, avante, infantaria...

É o sétimo batalhão de infantaria,

Moreira César, nosso chefe, nosso guia,

vai, vai, vai, infantaria...

ENQUANTO SOA A MÚSICA, MOREIRA CÉSAR, ACOMPANHADO PELOS OFICIAIS, ANDA PELO PICADEIRO, COMO NUMA REVISTA, TODOS TEM UM AR GLORIOSO, MARCIAL, MOREIRA CÉSAR BATE COM O PÉ NUMA GARRAFA. MÚSICA CESSA.

MOREIRA CÉSAR — Que joça é essa?

OFICIAL (Abaixando-se e pegando a garrafa) — Uma garrafa, meu coronel.

MOREIRA CÉSAR — Dê prá cá.

MOREIRA CÉSAR PEGA A GARRAFA.

MOREIRA CÉSAR — Coronel Tamarindo!

MOREIRA CÉSAR FICA ROXO. AMEAÇA UM ATAQUE DE EPILEPSIA. RETORNA AO NORMAL. TAMARINDO ADIANTA-SE E PERFILA-SE.

TAMARINDO — Pronto, meu coronel.

MOREIRA CÉSAR — Já determinei: não quero aguardente em minha tropa...

TAMARINDO — Coronel, não vejo em que...

MOREIRA CÉSAR — Não interrompa. Não quero aguardente em minha tropa nem prá remédio.

TAMARINDO — Não posso ser responsabilizado por...

MOREIRA CÉSAR — Seu ordenança esteve ontem na Fazenda Cachimbé e trouxe para o acampamento mais de dúzia de garrafas de mandureba. Repito: — Não admito álcool em minha tropa e muito menos que meus oficiais façam uso dele.

MOREIRA CÉSAR — O infante é o melhor dos soldados, quando tem um bom chefe. Não se esqueça, Coronel Tamarindo, que se algo me suceder, o senhor é quem assume o comando, deve dar o exemplo.

PONTO — ... a infantaria quer que...

MOREIRA CÉSAR — A infantaria quer que seu chefe a comande em condições de superioridade. O chefe não é um igual. O infante sabe...

TAMARINDO (A parte) — Epilético filho da puta.

MOREIRA CÉSAR — ... reconhecer seu comandante sem precisar olhar-lhe os galões.

PONTO — ... e além disso, coronel, hoje...

MOREIRA CÉSAR — E além disso, coronel, hoje, ao inspecionar o acampamento, encontrei as instalações sanitárias em péssimo estado. E quando visito uma casa e encontro um local desses imundo, firmo logo conceito: é casa mal orientada e mal dirigida.

TAMARINDO — Pois eu, meu coronel, quando vejo uma casa arder, não me preocupo com a latrina.

MOREIRA CÉSAR — Dê sua opinião, Cel. Nunes Tamarindo, quando esta for solicitada, entendido?

TAMARINDO (Mais a parte) — Epilético filho da puta.

MOREIRA CÉSAR — Disse alguma coisa, coronel?

TAMARINDO — Concordava, não há motivo para disputa.

PAUSA.

MOREIRA CÉSAR — Senhores!

MOREIRA CÉSAR SOLENE, OS OFICIAIS PERFILAM-SE.

MOREIRA CÉSAR — Senhores, como todos sabem, estou muito doente. Há dias não me alimento, mas amanhã, vou almoçar em Canudos.

OFICIAIS — Amanhã?!?

MÚSICA "VAI VAI INFANTARIA" COMEÇA.

ÇA A SOAR BAIXINHO:

MOREIRA CÉSAR — Vamos atacar Canudos amanhã, pela madrugada. O plano é este.

MÚSICA MAIS ALTO.

MOREIRA CÉSAR — A cavalaria descerá pelo outeiro da favela, com a cobertura da artilharia, sob o comando do Capitão Salomão e eu mesmo cairei sobre o arraial a frente do sétimo.

PONTO — ... Canudos será...

MOREIRA CÉSAR — Canudos será tomada sem se perder um só homem. Alguma dúvida, Senhores?

SILÊNCIO.

MOREIRA CÉSAR — Então, aos preparativos.

MÚSICA —

Vai, vai, vai, infantaria...

vem, vem, vem, infantaria...

Avante, avante, infantaria...

É o sétimo batalhão de infantaria,

Vai, vai, vai, infantaria...

Moreira César, nosso chefe, nosso guia,

CENA II

Grupo de Jagunços em preparativos para o combate. Estão: o Conselheiro, João Abade, Pajeú, Manoel Quadrado e outros. Pelo chão, sacos e cordas.

CONSELHEIRO — Pega os homens. Irmão Pajeú, espalha por toda a serra, desde o Caypan até o Cambaio.

ABADE — Põe gente nos mutuans, cava buraco fundo e esconde os home ali. Quando os cabra do governo surgi, fogo neles. Vai irmão.

PAJEÚ — Salve o Bom Jesus.

PAJEÚ SAI.

ABADE — Mestre Quadrado, vai com rapidez, de cada cem em cem jarda, faiz um cercado com folha de mandacaru, põe um home dentro com quinhentos cartucho. Derrama dessas armadilha, por toda as marge do Vaza-barris. Um dos nossos vai sempre segurá um batalhão das fraqueza do governo. Os cabra do Moreira César vão corrê que nem animal cabrito desce descendo montanhas, mordidos pelas favela, escorraçado.

MANOEL QUADRADO — Viva o Bom Jesus Conselheiro!

MANOEL QUADRADO SAI.

MÚSICA —

Nuvem do céu há de vir...

Pros inimigos destruir...

ENTRAM TIA BENTA E BEATO, TRAZEM

SACOS E CORDAS. FAZEM REVERÊNCIA PARA O CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO — Quantas colmeias trouxe, tia Benta

BENTA — Trinta e três, meu Santo, com cinco já pèga dantes, trinta e oito são somadas.

PONTO — ... bom, e vosmecê, mestre...

CONSELHEIRO — Muito bom! E vosmecê, mestre Beato?

BEATO — Meu Bom Jesus, arrumei mais de duas dúzias, além das perdidas que se esborrachô no chão na hora de enfiá no saco.

ABADE — Co as cento e pocas que já tinhamo, dão mais de duzentas.

CONSELHEIRO — Alguém ficou ferido?

BEATO — Chegamo de mansinho, como vosmecê falô, na hora de meia noite. Os bichinho tava dormindo... inda sim, tia Benta levô ferroadá na mão.

BENTA — Foi uma das grande, das vermeia. Saiu da cormeia, voô prá cima de mim, carvô o ferrão. Tá inchado que dói.

CONSELHEIRO — Deixa ver.

CONSELHEIRO EXAMINA A MÃO DE BENTA.

PONTO — ...esfrega fumo com força...

CONSELHEIRO — Esfrega fumo com força em cima, depois, derrama um pouco de mandureba... mecho com bicho há mais de dez anos e nunca fui mordido nem picado. Toma tento, irmã: abeia é bicho bom, só pica quando provocado, fora disso é manso como louva-deus. Passeia na mão e perfuma até...

MÚSICA —

Nuvem do céu há de vir...

Pros inimigos destruir...

CONSELHEIRO — Agora, Mestre Abade, vai dizer com fervor e jeito tudo o que deve ser feito.

O CONSELHEIRO SAI.

ABADE — Sei que nois pode contá com a ajuda do céu... mais nos causos de milagre é sempre bom dá uma mãozinha... Agora, irmãos, vão tudo vosmecê se colocá nas altura da serra e fica lá bem caludos até a hora que ouvi o meu apito... Então, pega no saco e gira assim...

ABADE PEGA UMA CORDA COM UM SACO AMARRADO E GIRA SOBRE A CABEÇA.

ABADE — Depois, joga em cima das tropa do ruinoso do Moreira César... Os sacos vão se abri, as colmeia arrebenhá e os bichinho vão caí que nem enxame de Belzebu nos praça... num vai ficá moleque da fraqueza do governo nos Canudos... vão corrê até abancá o mar-oceano... Agora, vão irmãos, com



presteza. Oia, espera o apito. Num vão se agulera. Espera o apito. Vão.

OS JAGUNÇOS SAEM.

MÚSICA —

Nuvem do céu há de vir...

Pros inimigos destruir...

CENA III

Flash — Moreira César espada à mão.

MOREIRA CÉSAR — Avante, sétimo. Avante. Pela Pátria. Não dai quartel. Artilharia, fogo. Avante.

RUIDO DE LUTA, APITOS, TIROS.

VOZES (Jagunços) — Vem, soldado safado. Chega, cachorro da República. Arreda viva o Conselheiro!

TIROS. SINOS.

MOREIRA CÉSAR — Parem, lutem, covardes.

TIROS.

VOZES (Soldados) — Milagre! Milagre! Tá descendo nuvem do céu prá nos matá! Milagre!

BARULHO. TIROS

MOREIRA CÉSAR — Milagre merda nenhuma. É mosquito. Parem, covardes.

MOREIRA CÉSAR CAI FERIDO NA BARRIGA.

ESCURECE.

CHEGAM ATÉ MOREIRA CÉSAR CAÍDO, TAMARINDO E OUTROS OFICIAIS. BARULHO DE COMBATE DECRESCER.

MOREIRA CÉSAR — Me pegaram... mas não é nada... coisa àtoa...

FAZ UM MOVIMENTO. OFICIAL AJOE-LHA-SE, APOIA A CABEÇA DO CHEFE NO PEITO.

MOREIRA CÉSAR — Que lugar é este?

OFICIAL — Acho que é a "Fazenda Velha"... mais cem jardas e estávamos dentro do arraial.

TAMARINDO — É a "Fazenda Velha", no sítio das Umburanas.

OFICIAL — Que ordena agora, meu coronel? Que fazer?

MOREIRA CÉSAR — Que fazer? Continuar a luta. Lutar até o último homem.

TAMARINDO — Não tem mais quase nenhum.

MOREIRA CÉSAR — E o capitão Salomão?

OFICIAL — Morto.

MOREIRA CÉSAR — Morto

PONTO — ... morreu como um herói...

OFICIAL — Morreu como um herói, caiu dizendo: "onde fica a bateria, fica seu capitão".

MOREIRA CÉSAR — Era um homem...

MOREIRA CÉSAR GEME. CONTORCE-SE.

TAMARINDO — Creio, coronel, que devemos recuar...

MOREIRA CÉSAR — Recuar? O sétimo não recua nunca. Mantenha posição, coronel Tamarindo, mantenha posição...

OFICIAL — É difícil, meu coronel, impossível...

MOREIRA CÉSAR — É uma ordem. Mantenha posição... até o último. Reforços vem aí... mantenha posição...

TAMARINDO (A parte para o oficial) — Assumo o comando, o homem não se aguenta mais.

OFICIAL — Como?

TAMARINDO — Mande tocar o "retirar".

UM OFICIAL SAI.

TAMARINDO — Meu coronel, é melhor que...

OUVE-SE O TOQUE DE RECUAR.

MOREIRA CÉSAR — Toque de retirada?! Quem mandou?... ai... covardes... Estou morrendo, mas não compato com essa felonía... ai... é desonrar minha carreira. Mancha meu nome, profana os penachos do sétimo.

TOQUE DE RECUAR MAIS PERTO. AGUDO. MOREIRA CÉSAR CONTRAI-SE.

MOREIRA CÉSAR — Eu... não aceito... comigo... morre a... república...

MOREIRA CÉSAR MORRE. OFICIAL DEIXA O CORPO CAIR. LEVANTA-SE. OS OFICIAIS FICAM DE PÉ. OBSERVAM O CHEFE MORTO.

TAMARINDO (A parte) — Eu sabia que essa bosta ia estourar nas minhas costas.

OFICIAL — Que ordens tem, meu comandante?

TAMARINDO — Debandar! Em tempo de murici, cada um cuide de si!

TODOS SAEM CÉLERES, CADA UM POR UM LADO.

LUZ EM RESISTÊNCIA.

O CORPO DE MOREIRA CÉSAR FICA SÓ. RUIDO DE TIROS DECRESCENDO AO LONGE ATÉ PARAR COMPLETAMENTE.

COMEÇAM A CHEGAR MULHERES JAGUNÇOS. OLHAM O CADÁVER. GIRAM EM TORNO DELE.

COMEÇAM A DANÇAR LENTAMENTE EM VOLTA. APRESSAM DEPOIS EM RITMO DE CIRANDA.

MÚSICA —

Moreira César, olhos de cana caiana, foi ferido nos Canudos, foi morrer nas [Umburana...]



Moreira César, olhos de cana caiana,
foi ferido nos Canudos, foi morrer nas
[Umburana...]

SUB CENA

Ajudantes de circo providenciam a mudança do cenário. Preparam o picadeiro maltratados por ordens violentas do Mestre de Cerimônias e do Domador.

CENA IV

Anoitecer. Badaladas lentas do sino. Sob a latada da igreja nova, uma morena muito bela, ajoelhada, reza. Mais a esquerda, Pajeú, apoiado na latada em silêncio. Ao fundo, som de ladainhas, hinos Religiosos. Fogueiras jogando desmaiando. Entra dansando, Isabel, a doida.

ISABEL (Cantando) —
Venho de Patamutê,
onde a anta caiu n'água
vestida de maltratos...
vestida de maltratos...

PASSA CORRENDO PELA MOÇA AJOE-
LHADA, TIRA O CHALE DOS OMBROS DA
MORENA. CORRE DESVAIRADA, DANSANDO
COM O CHALE.

ISABEL — Eu vim ajudá o Conselheiro...

FAZ PIRUETAS LOUCAS PELO PI-
CADEIRO.

PONTO — ... eu sou Isabel, a Redentora...

ISABEL — Ei sou Isabel, a Redentora,
Imperatriz do Brasil. Tenho um filho meu
Imperador, de barbas brancas, que foi conce-
bido de um facho de luz na hora da estrela
guia, aquela de luz bendita que me fecundou.
Venho com ordens diretas do céu. Trago em-
baixadas de poderes pro meu Santo Conse-
lheiro...

ISABEL VAI ATÉ A MOÇA. EMPURRA-A.
PAJEÚ APROXIMA-SE. A VELHA VOLTEIA,
SEMPRE FAZENDO CIRCULOS COM O
CHALE.

ISABEL — Deixa eu passá, gente. Não
posso ser contrariada na estampa de meu
filho Imperador...

ISABEL FICA SÉRIA. SAI CANTANDO
DOCEMENTE. AO SAIR, JOGA O CHALE
PARA DENTRO.

Venho de Patamutê,
onde a anta caiu n'água

ISABEL (Saindo) —
vestida de maltratos...
vestida de maltratos...

PAJEÚ APANHA O CHALE, LEVA-O ATÉ
A MOÇA.

PAJEÚ (Entregando o chale) — Uma mo-

rena assim bonita num carece de rezar...
Abasta o mínimo que tem pra sua alma salvá...
Ah morena, se eu poderia no mundo formá
altar, nele te poria pro povo te adorá...

A MORENA SE LEVANTA.

MORENA — Não diz assim não, seu mo-
ço... trais desgraça... não quero nem os
ouvido deixá aberto pra essas coisa do cão
escuta...

PAJEÚ — Modo de dizê, irmã... e os mo-
do do dizê, às vezes num concorda com os
modo do senti... num carece de explicação,
foi uma sincera saudação...

PONTO — ... pra falá dos seus olho
grande...

PEJEÚ — Pra falá dos seus olho grande,
dos seus lábio fino... (PAUSA) nunca arre-
paro, pois neste seu irmão mariposando por
cerca de vosmecê?

MORENA — Arrepará, arreparei...

PAJEÚ — E foi bom?

MORENA — Sei, não... nem seu nome
sei...

PAJEÚ PEGA O VIOLÃO:

PAJEÚ — Sou Pajeú, assim me tratam os
que me conhecem. Sou raiz de cajazeira, pau
que amarga, flor que cheira, cravo das me-
nina, suspiro das casada, beijo das solteira.

MORENA — Vosmecê é dos que vive se
adecendo só de vê rabo de saia ondulá...
nem que seja no vará...

PAJEÚ LARGA O VIOLÃO.

PAJEÚ — É minha apresentação, sentido
faz não... Foi Mestre Quadrado que ensinou...
é só falação, conteúdo tem nada não...

MORENA — Assim me sai melho... num
há nesse sertão mulher que goste de home
com fama de pombo arrulhadô...

TOCA O SINO. SINAL DE RECOLHER

MORENA — É o recolhe, vou chegando.
Ecas noite, seu Pajeú.

PAJEÚ — Vai não, moça. Fica um pouco
só... a lua vai despontando... queda aqui...
conversa... quem sabe o pouco que nos resta?

MORENA — Posso não... Mestre Abade,
ordem deu: depois da última badalada, habi-
tante dos Canudos tem que tá recolhido à
morada.

PAJEÚ — João Abade dessas coisa num
entende.

MORENA — Inda onte vi você obedecen-
do a ele, pois não

PAJEÚ — Nas coisa da guerra, obedeço-
obedecendo, nas otra, não. Home que faiz
gosto a macho, só conheço o barbero, que ali-
sa o freguês na cara, passa pente e bota
cheiro. (PAUSA) Escuta irmã olha no mato
os bicho cantando, ouve o batê das asa dos



passaro se aquecendo... as águas do vaza-barris tão murmurando:

... fica irmã, fica... mantém conversa...

PONTO — ... as arage que beija...

PAJEÚ — As arage que beija as pedra do Caypan, que faiz as folha assobiá de manso, triste, no Cambaio, também fala-voando: fica, irmã, fica, mantém conversa... quem sabe o tempo que nos resta?

PAJEÚ PEGA A MÃO DA MOÇA. AMBOS FICAM APOIADOS NA LATADA. PAJEÚ PASSA OS BRAÇOS NOS OMBROS DA MORENA.

MORENA — ... o tempo que nos resta... é pouco, pois então?

PAJEÚ — Sabe, ninguém sabe não...

PONTO — ... mas o presidente da...

PAJEÚ — Mas o presidente da república, força-montão tão armando... Só nas Queimadas tem mais de 5.000 praça, vindo de tudo lado. Do Sergipe, das Alagoas, e muitos estrangeiro das terra grande, tudo gente lá dos baixo... Paulista tem que nem formiga...

MORENA — Essas tropa do governo do diabo não vão vê nem as torre das igreja de Belo-Monte.

PAJEÚ — Tem mais de trinta canhão-matadeira.

MORENA — Prá acabá como bigorna na loja da Chica Ferrera...

PONTO — ... são vinte batalhão...

PAJEÚ — São vinte batalhão do exército e mais cinco das polícia dos estado, diz eles que vem prá acabá com o Conselheiro e arrasa com tudo.

MORENA — O Moreira César tá ali prá acabá com essa presunção, com quatro metro de chita e sete palmo no chão...

MORENA — Na ponta da faca os cinco mir vão acabá. Não vão nem passá a vereda sagrada do Massacará.

PAJEÚ — Se o tempo que nos resta é pouco ou não, ninguém sabe, não... por via das duda, carece de aproveitá. E da devera, pombinha, da faia que toda muié bonita têm: de querê bem a todo mundo ou num gostá de ninguém, prefiro que...

MORENA — Mestre Pajeú, deixa a falação. Das minha faia conhece poco. Das qualidade sabe nenhuma... (PAUSA) Olha os grilo cantando; as flores esparrama perfume na noite; os vaga-lume fais estrela-verde nas marge do Vaza-Barris... vamos até lá, deixa a conversa... quem sabe o tempo que nos resta...

AMBOS SAEM ABRAÇADOS.

CENA V

Luz acende num canto do picadeiro. Trincheira avançada do Exército da República. É uma trincheira natural, constituída de enormes pedras. Há no centro, uma pedra maior, cheia de inscrições patrióticas, pornográficas, corações, etc. No centro, em destaque. A frase "Viva a República". O Praça João, de pé desenha um coração. Ouvem-se ao longe tiros espaçados.

PRIMEIRO PRAÇA — O baile começou.

VOZ — Oh, João, se abaxa, cuidado, rapaz.

PRIMEIRO PRAÇA — Tá querendo levá uma bala na cabeça, seu?

O PRAÇA JOÃO NÃO LIGA PARA OS AVISOS. CONTINUA DESENHANDO. DÁ UM PASSO ATRÁS, OLHA O DESENHO, VOLTA, ESCRIVE UM NOME NO CORAÇÃO: "ANA". PEGA A ESPINGARDA, TOMA POSIÇÃO, OLHANDO A TERRA DE NINGUEM A SUA FRENTE. LUZ EM RESISTÊNCIA NA TRINCHEIRA DOS SOLDADOS. FICA APENAS O TÊNUE FOCO DE UMA PEQUENA FOGUEIRA...

LUZ ACENDE NO CANTO OPOSTO DO PICADEIRO, ENTRE O LUGAR ONDE A LUZ ACENDE E A TRINCHEIRA DO GOVERNO FICA UM VAZIO: A TERRA DE NINGUEM.

NO CANTO ONDE ACENDEU A LUZ ESTÃO QUATRO OU CINCO TRINCHEIRAS CIRCULARES DOS JAGUNÇOS, DE MEIO METRO DE FUNDURA, CAVADAS NA TERRA, ESPAÇADAS UMAS DAS OUTRAS POR ALGUNS PASSOS.

ESTÃO: JOÃO ABADE, PAJEÚ, MANOEL QUADRADO, DOIS OU TRÊS JAGUNÇOS. JOÃO ABADE VAI DE TRINCHEIRA EM TRINCHEIRA, DISTRIBUINDO CARTUCHOS, EXAMINANDO A RMAS, CICIANDO ORDENS. REBATE DE SINOS. LUZ AUMENTA NA TRINCHEIRA DOS SOLDADOS. O ESPAÇO INTERMEDIÁRIO DO PICADEIRO PERMANECE ÀS ESCURAS.

MÚSICA —

Postos estão frente a frente

os dois valorosos campos;

a um lado el-rei maluco, Sebastião do

[outro lado.

Moço-rei Sebastião, valente e determinado

Ai, se como eras valente, fosses bem

[aconselhado.

E os mouros já sem conta — suas hostes

[vão cercando

que por cada um dos seus — são eles

[dezoito tantos.

Manda el-rei que nada teme — da peleja
[deitar bando,
a frente dos seus galopa clamando: —
a eles, [Santiago.

SINOS. TIROS. INICIA O COMBATE.
GRITOS.

JOÃO ABADE — Viva o Bom Jesus Conselheiro!

UM OFICIAL — Viva a República! Avancar!

ABADE — Mais arriba, irmão. Sobe na árvore. Larga fogo. Mete chumbo.

JOÃO ABADE ORDENA OS MOVIMENTOS DOS JAGUNÇOS, SINCRONIZANDO-OS COM APITOS. MOVIMENTAÇÃO DOS JAGUNÇOS E DOS SOLDADOS.

MANOEL QUADRADO — Venham, seu praças veacos. Quanto mais vierem, mais morrem.

PAJEÚ — Eu daqui não saio. Só como prego em pau de ferro. Me arrebento dentro, mas não saio.

ABADE — Fogo neles. Viva o Bom Jesus Conselheiro!

PONTO — ... viva a República!...

OFICIAL — Viva a República!

PAJEÚ — Esta é minha casa. Ninguém vai me tocá... Ceis tem é lambança. Esse troço de canhão é matoeira de merda... o mar também ronca.

PONTO — ... avante... pela Pátria!

OFICIAL — Avante, pela Pátria! Viva Floriano!

ABADE — Chega, seus maçon protestante, chega!

PAJEÚ — Vem, cabrada safada, quero vê essa terra cheia de sangue até nas canela.

MANOEL QUADRADO — Vem, seus porco, o padroeiro d'oceis é fêmea, mas o meu é macho.

FLASH — JOÃO ABADE CANTANDO, ENTREMEADO COM O CORO.

MÚSICA —

Eu sou aquele que disse
e como disse não nego.
Levo faca, levo chumbo.
morro solto e não me entrego.

Diz minha mãe que eu nasci
num dia de quarta féra
quando foram me dá banho,
foi visto pela partera
que eu trazia na cintura
marca de cartuchera...

Meu nome é João Abade,
temido em todo o sertão.
na calma só como ovelha,
na raiva viro leão...

O COMBATE DIMINUIU DE INTENSIDADE. ATÉ CESSAR, COMPLETAMENTE. SILÊNCIO DE NOITE NO CAMPO DE BATALHA. TRINCHEIRA DOS SOLDADOS ILUMINADA APENAS POR UMA FOGUEIRA. DO OUTRO LADO, TRINCHEIRAS DOS JAGUNÇOS ILUMINADAS PELA LUSCO-FUSCO DE DUAS PEQUENAS FOGUEIRAS. MANOEL QUADRADO SOBE NUMA ELEVAÇÃO, MÃO EM CONCHA JUNTO A BOCA, GRITA PARA OS SOLDADOS:

MANOEL QUADRADO — Oh! Severino, Severinoooo...

SILÊNCIO.

MANOEL QUADRADO — José, Joséééé... arresponde, José, arresponde...

SILÊNCIO.

PAJEÚ — Eh! João, sei que ocê tá aí. João, arresponde, tá me iscultando?

PRAÇA JOÃO — Tô ouvindo, sim. Que é que você quer?

PAJEÚ — Grato por atendê. Dondê vomecê é?

JOÃO — Sou lá de baixo, de São Paulo.

MANOEL QUADRADO — É dos paulista, é dos pió. Cautela, Mestre Pajeú.

PAJEÚ — Como é que tá aí do seu lado, irmão? Tem comida a farta?

JOÃO — Mantimento tem a vontade, água é que escaseia um tanto.

ABADE — Esse povaréu que tá tudo aí é macaco ou praça?

PRIMEIRO PRAÇA — Tá querendo sabê o que, jagunço safado?

ABADE — Perguntava por mal perguntá...

PAUSA.

MANOEL QUADRADO — Arresponde, paulista, porque tão aqui mata-matando a gente?

PRAÇA JOÃO — Porque vomecêes querem acabar com a República?

PAJEÚ — Nós quê vivê em paz...

MANOEL QUADRADO — O povo do Conselheiro quê trabalhá em sossêgo.

PRIMEIRO PRAÇA — Então o Conselheiro não quer derubar o presidente?

ABADE — O Bom Jesus só quê que ninguém venha bolir com a gente de Belo Monte.

MANOEL QUADRADO — Oceis tão morrendo à toa... Garanto que nem sabe o que é essa joça de República.

OUVEM-SE VOZES COMO NUM ECO:

VOZES — Que é essa joça de República? Que é essa joça de República?

MANOEL QUADRADO — Arresponde, irmão, que é essa joça de República?

PRAÇA JOÃO — Eu não sei direito o que é essa República.



PRIMEIRO PRAÇA — Eu também não...
VOZES COMO NUM ECO.

VOZES — Nem eu... nem eu...

ABADE — Porque vosmecês num larga
essas gente perversa das terra grande?

PAJEÚ — Deixa esses pessoá ruinosos do
governo. Deixa.

MANOEL QUADRADO — Vem vivê aqui
em Belo Monte com a gente. Larga esses go-
verno do litorá. Vem aqui prá as fartura dos
Canudos.

PRAÇA JOÃO — Tô na dúvida.

PRIMEIRO PRAÇA — Esse convite é prá
valê?

ABADE — De devera, irmão, pode chegá,
palavra de João Abade, comandante do povo,
falando pelo Santo Conselheiro. Pode chegá.

PAJEÚ — Vem aqui, cis será irmão prá
nois, com as mesma benção do santo e morada
ao pé da igreja nova. Chega, irmão.

O PRAÇA JOÃO, ACOMPANHADO DO
PRIMEIRO PRAÇA E OUTROS SOLDADOS
SAI DA TRINCHEIRA. JOGAM ARMAS, EN-
CAMINHAM-SE CAUTELOSOS PARA O LADO
DOS JAGUNÇOS. SURGE UM OFICIAL.

OFICIAL — Vocês aí, acnde vão Parem,
seus desertores. Alto, traidores. Alto, voltem.

OS DOIS SOLDADOS VOLTAM PARA A
TRINCHEIRA. O PRAÇA JOÃO CONTINUA
A AVANÇAR.

OFICIAL — Toma.

O OFICIAL ATIRA. JOÃO CAI, MORTAL-
MENTE FERIDO. ESCURECE. LUZ SÓ SOBRE
JOÃO QUE SE ARRASTA LENTAMENTE
ATÉ ENTRAR NA SUA TRINCHEIRA. PEGA
NO GIZ, AINDA NO CHÃO, E APOIANDO-SE
NA PAREDE, LEVANTA-SE. OSCILANTE, CO-
MEÇA A ESCREVER NA PEDRA: INICIA A
ESCREVER NO CORAÇÃO POR ELE MESMO
HÁ POUCO DESENHADO E VAI COM SUAS
LETRAS COBRINDO O "VIVA A REPÚBLI-
CA". ESCRIVE: — "M-E-R-D-A". NO "A"
FINAL, CAI ESTENDENDO A PERNA DA
LETRA ATÉ O CHÃO. MORRE. RECOMEÇA O
COMBATE. VIOLETO.

OFICIAL — Artilharia, fogo!

TIROS. BARULHO DE COMBATE.

OFICIAL — Infantaria, avançar. Viva
Floriano, pela direita, pela Pátria. Ocupem
o morro. Cavalaria, carga, Viva a República.

ENTRAM MAIS SOLDADOS, CERCAM OS
JAGUNÇOS.

OFICIAL — Eh, jagunços, vocês estão
perdidos. O arraial está cercado.

PCNTO — ... o exército já...

OFICIAL — O exército já tomou a rua
da professora... as casas vermelhas caíram
toda... se entreguem...

PAJEÚ — Ó seu majó, deixa de lambuja...

OFICIAL — Garanto a vida de todos. Se
entreguem. É o meu ultimatum. Vocês não
tem mais comida. Se entreguem.

MANOEL QUADRADO — Aqui ninguém
come ultimatu. Tem passoca de sobra...

OFICIAL — Rendam-se. Dou mais um mi-
nuto. Rendam-se.

ABADE — Larga a falação, inselência.
Aproveita o minuto prá se abancá pro outro
lugá. Fogo nele, irmãos. Viva o Bom Jesus!

RECRUDESCE O COMBATE. OS JAGUN-
ÇOS SAEM DE SUAS COVA-TRINCHEIRAS E
RECUAM SEMPRE LUTANDO. O OFICIAL
ATIRA EM PAJEÚ. MANOEL QUADRADO
SALTA A FRENTE DO CRIULO E RECEBE
NO PEITO A BALA A ELE ENDEREÇADA.
MANOEL QUADRADO CAI. MORRE. PAJEÚ,
AINDA ATIRANDO, AJOELHA-SE, AMPARA O
CORPO DE MANOEL QUADRADO.

MÚSICA —

Ao vê-lo que assim jazia, Sebastião solta
[um brado:

Ai de mim, até que extremo, aqui me vejo
[chegado;

de aceitar com tua morte a vida que já
[desamo.

Mas espera, amigo, espera, não será por
[mais de ano.

Que o rei que sabe morrer, morre ao pé do
[seu vassalo.

Isto dizendo com mágoa, dum salto monta
[o cavalo.

Com fúria se torna aos mouros, onde o
[combate é mais bravo.

Busca morre, dando mortos, busca a
[morte, Sebastião;

E agora a hora, esta morte é salvação!

PAJEÚ ATIRA COM RAIVA, É ATINGI-
DO. CAI. MORRE. ABADE E DOIS JAGUNÇOS
ARRASTAM SEU CORPO. SOLDADOS OCU-
PAM AS TRINCHEIRAS DOS JAGUNÇOS.
LUZ EM RESISTÊNCIA. SILÊNCIO. FLASH.
SILHUETA DO ABADE E DOIS JAGUNÇOS
CONTRA A LUZ DAS FOGUEIRAS, SAINDO
LENTAMENTE, CARREGANDO CORPO DE
PAJEÚ.

MÚSICA —

Me corte, que eu nasço sempre

Sou que nem soca de cana...

Me cortem que eu nasço sempre

Sou que nem soca de cana...

CENA VI

*Primeiros alhores da alvorada. Abade e
Jagunços carregam numa rede o corpo de
Pajeú. Caminham devagar. No outro lado do*

REVISTA DE TEATRO

picadeiro, entra o Conselheiro com Beatinho, a Morena de Pajeú, velha Tia Denta eromeiros. Encontram-se no meio do picadeiro. O Conselheiro ajoelha-se ao lado do corpo de Pajeú. Sofre profundamente. O Conselheiro levanta-se. Sobe numa elevação. Vê-se só a sua silhueta marcada em luz. Alguns jagunços ajoelham-se.

CONSELHEIRO (Música) —

Irmão Pajeú, não sei de que vosmecê
morreria;

uns me alertaram que foi de bala, outros
que não seria;

Das coisas que vosmecê gostava, não
gosta mais;

cavalo galopeiro, lamparina de gás,
falar franco na frente, nunca negacear
por trás;

dá morena de olho grande e lábio fino
que está aqui no fim do seu destino,
de ajudá os pequeninos,
da querença de não ter forte prá bater
no fraco,

da vida vivida sem alarma de sino:
Essas coisas, irmão Pajeú, eu garanto,
vão ter continuação.

MÚSICA —

Me cortem que eu nasço sempre
sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO (Música) — Só sei que de morte degolada não foi que Mestre Pajeú chegou a este fim; por isso, aqui no Império de Belo Monte, ele vai continuar a viver; no jagunço que nasce, no romeiro que reza, no jagunço que luta, no umbuzeiro que cresce, na ave que avoa...

CORO — Me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO — Até a hora do voltar... o irmão Pajeú e todos os que caíram: no Masseté, no Caypan, no Chocorro, no Cambaio, nas bordas do Vaza-Barris, até a hora do voltar...

CORO — Me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO — Aqueles que são os mornos: nem frio, nem quente ou os desgraçados que duvidam do sol e acreditam na tocha, esses eu vomito dotos.

CORO — Sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO — Estava escrito que neste anos, as águas iam ficar em sangue e o sol nalgum lugar se confrontar vai com a terra e há de chover grande chuva de estre-

las... e aí quando verdes os Canudos situados, sabreis que está próxima a devastação. Aí, então, das que estiverem grávidas...

A MORENA DE PAJEÚ PROTEJE A BARRIGA.

CONSELHEIRO — Aí das que amamentam, porque haverá grande aflição na terra e ira contra o meu povo.

CORO — Me cortem que eu nasço sempre, me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO — Muitos cairão ao fio da espada e serão levados cativos por todas as nações.

CORO — Sou que nem soca de cana, sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO — Mas...

PONTO — ...todas essas aflições serão recompensadas na vida eterna...

CONSELHEIRO — ... no ano dos 900...

PONTO — ...essas aflições serão recompensadas na vida eterna...

CONSELHEIRO — ... num dos anos dos 1.900...

UM JAGUNÇO LEVANTA UMA TOSCA CRUZ, ONDE ESTÁ PENDURADO UM COURO A GUIA DE PERGAMINHO.

CONSELHEIRO — ... num dos anos dos 1.900, eu voltarei...

ENQUANTO FALA, O CONSELHEIRO DESENHA NO COURO UMA CRUZ. NA PARTE DE CIMA, DO LADO ESQUERDO, PÔE O NÚMERO "UM", DO OUTRO LADO, O NÚMERO "NOVE". NOS DOIS LADOS DE BAIXO ACRESCENTA DUAS INTERROGAÇÕES, UMA DE CADA LADO.

CONSELHEIRO — Eu voltarei lá pelas bandas das terras baixas, lá pelos lados do sul... voltarei porque sou o alfa e o ômega...

O CONSELHEIRO DESENHA UM ALFA E UM ÔMEGA.

CONSELHEIRO — E então os orgulhosos vão tremer, os poderosos vão ser destronados, os fartos serão despojados e nutridos os esfaimados...

BEATO (Meio a parte) — Num tá interessando essas coisas prá depois...

ABADE — Queto, irmão Beato.

BEATO (Meio a parte) — Bem aventura prá depois num serve... De dantes, isso a igreja já apontava nas falação dos padres...

ABADE — Cala, Beato, aqueta...

BEATO — O Santo prometeu mel e leite prá agora, não prá depois... Do que valeu então essas mortandade toda?

ABADE — Nas hora do combate, vosmecê nunca foi dos primeiro...

Março-Abril, 1975



BEATO — Meu combate é outro, de mais valia...

BEATO SAI

CONSELHEIRO — ... e vou chegar numa nuvem de cerração com poder e grande glória, junto com Pajeú e o Rei D. Sebastião com todo o seu exército...

MÚSICA (Coro) —

Montado no seu cavalo
num dia de cerração,
quem quiser pode esperá-lo
El Rei D. Sebastião

CONSELHEIRO — E então, nesse ano marcado, exultai e erguei vossas cabeças, porque o rei D. Sebastião vai enfiar sua espada encantada na pedra até os copos... (PAUSA)

PONTO — ... e vai garantir com isso a salvação eterna de...

CONSELHEIRO — E vai tirar no fio da espada todos os que estiverem do lado da República...

PAUSA. A AUREOLA DE LUZ QUE ENVOLVE A SILHUETA DO CONSELHEIRO AUMENTA.

CONSELHEIRO — Em verdade vos digo, irmãos, que esta geração não passará sem que isso aconteça. Passarão o céu e a terra, mas o que vos digo hoje, diante do corpo de Mestre Pajeú e na Anunciação da vinda d'El Rei D. Sebastião não passará.

OS JAGUNÇOS LEVANTAM E SAEM LENTAMENTE CARREGANDO O CORPO DE PAJEÚ.

MÚSICA —

Por três noites e três dias
haverá mil agonias
que eu aqui não vos direi.
Andará tudo de luto
Sem os campos darem fruto,
sem se seguir a lei.
Nas profecias
dos modernos Isaías
há uma que diz assim:
com fé espere o povo por mim!

Se alguém duvida do dia
aqui lhe ponho os sinais:
como reza a profecia
como ela reza não mais:
verás no céu um cometa
e do nascente,
segundo crê muita gente,
virá vindo a cerração
e depois dela desfeita

surgirá a boa seita
D'El Rei D. Sebastião.
Montado em seu cavalo
num dia de cerração
quem quiser pode esperá-lo
El Rei D. Sebastião.

SUB CENA

Mudança de cenário feita pelos "Pelu-dos" sob ordens do Mestre de Cerimônias e do Domador.

Vouques, o palhaço, ajuda os peludos. Zéca Tibério, agride Vouques. Vouques avança sobre Zéca. Ponciano, o Domador, intervém em auxílio de Zéca. Vouques e Ponciano medem-se. Vouques volta a arrumar o cenário.

CENA VII RADO.

Os muros da nave da igreja nova em ruínas. Sino dependurado numa coluna semi-destruída pelo fogo. Ao lado, a pia batismal, rachada, com água.

Em continuação a nave, muros destruídos pelos combates, formando um labirinto que se estende da nave até o início da borda do picadeiro de um dos lados. A esquerda da nave, o Conselheiro, João Abade e umromeiro. O Conselheiro está de hábito impecavelmente limpo e tem uma cruz de prata, presa ao cordão da túnica.

O romeiro dorme deitado no chão. Abade cochila apoiado na nave.

O Conselheiro numa réstea de luz vela. Um vento lúgubre, ciciante, agita as vestes. Ao longe, barulho de tiros de artilharia. Entram pelo labirinto de muros, as ocultas, Beatinho, seguido de um oficial e dois praças. Esgueiram-se por entre as paredes.

A entrada da nave, estacam Beato, o oficial e os praças ficam escondidos, observando a nave.

Conselheiro e Beatinho encaram-se. Pausa. Música.

CORO —

Aquele que me falseia
come e bebe na minha mesa...

BEATINHO CAMINHA VAGAROSAMENTE ATÉ O CONSELHEIRO, ABADE TENTA INTERPOR-SE ENTRE ELES. O CONSELHEIRO FAZ UM GESTO. ABADE PARA. BEATO CHEGA ATÉ O CONSELHEIRO BEIJA-O NA FACE. BEATO SAI POR UM LADO. MÚSICA.



REVISTA DE TEATRO

CORO —

Aquele que me falseia
come e bebe na minha mesa...

ENTRAM O OFICIAL E UM PRAÇA.

OFICIAL — Viva a República.

TIROS.

OFICIAL — Morre, traidor.

TIROS.

ROMEIRO FOGE.

SUB-CENA TODA EM SONHO

Tirocio continua. Abade corre para proteger o Conselheiro. O Conselheiro cai vagarosamente, diluindo-se, fluindo para o chão.

CONSELHEIRO — Até quando, Senhor, clamarei e não me escutarás?

O CONSELHEIRO MORRE. ABADE CAI AO SEU LADO DIREITO. O OFICIAL TOMBA AO LADO ESQUERDO. OS TRÊS MORTOS COM OS BRAÇOS ABERTOS. O CONSELHEIRO UM POUCO MAIS ACIMA. O PRAÇA FOGE PARA AS RUÍNAS. RUÍDO DE VENTO AUMENTA. RELÂMPAGOS DE CIRCO. ESTRONDO DE BALA BATENDO EM SINO, COM ECO AGUDO, PROLONGADO.

SILÊNCIO.

ENTRA ISABEL, A DOIDA. TEM DUAS SINETAS NAS MÃOS. DANSA E CANTA APENAS MELODIAS DE QUALQUER DAS MÚSICAS CANTADAS POR ELA ANTERIORMENTE, CIRCUNDA OS CORPOS, TILITANDO AS SINETAS, COMO FAZEM OS COROINHAS. AJOELHA-SE, TOMA O CONSELHEIRO MORTO NOS BRAÇOS. PAUSA. SILÊNCIO.

ISABEL SAI BIMBALHANDO AS SINETAS.

ENTRAM DOIS PRAÇAS. CHEGAM ATÉ OS CORPOS. TIRAM A CRUZ E A CHAVE DE PRATA DO CORPO DO CONSELHEIRO. DISPUTAM OS OBJETOS. TIRAM PAR OU IMPAR. O QUE GANHA AMARRA OS OBJETOS NUM LENÇO E ENFIA NO BOLSO DA FARDA ESTROPIADA. CLARIM DE VITÓRIA.

VOZ — Viva a República.

VCZES — Viva a República.

ACORDES DE HINO MARCIAL.

VOZ — O general em chefe.

VOZES — O general em chefe.

ENTRA O GENERAL EM CHEFE, SEGUIDO DE UM OFICIAL. OS PRAÇAS PERFILAM-SE. O GENERAL EXAMINA OS CORPOS. EMPURRA COM O PÉ O CADAVER DO OFICIAL. OBSERVA ATENTAMENTE O CONSELHEIRO. FAZ UM GESTO. O OFICIAL SAI. PAUSA. RETORNA NUM SEGUNDO; TRAZENDO BEATINHO.

O GENERAL APONTA O CORPO DO CONSELHEIRO. BEATO OLHA COM DESDÉM.

GENERAL — Então?

BEATO — É o Santo, num tem dúvida.

GESTO DO GENERAL. O OFICIAL EMPURRA BEATO. BEATO SAI ESCOLTADO POR UM PRAÇA.

GENERAL — Tirem os outros, tirem os outros, chus, chus, rápido.

AFASTAM OS DOIS OUTROS CORPOS. FICA SÓ O DO CONSELHEIRO.

FLASH DO GENERAL EM CHEFE.

GENERAL — Pelo que ordenei que se passasse a verificar a exata identidade de pessoa...

PONTO — ... tendo-se reconhecido...

GENERAL — ... tendo-se reconhecido ser o corpo do famigerado Antônio Vicente Mendes Maciel, Vulgo Bom Jesus Conselheiro, como consta da ata lavrada. Mandei-o fotografar para terem certeza de ser ele aqueles que o conheceram.

ENTRA UM PRAÇA COM UMA DESPROPORCIONAL MÁQUINA FOTOGRÁFICA TIPO CAIXÃO. PÔE O PANO PRETO SOBRE A CABEÇA, ENFOCA O CADAVER DO CONSELHEIRO. EXPLODE O MAGNÉSIO COM ESTRONDO.

ESCURECE. PAUSA.

SURGE O TRADICIONAL RETRATO DO CONSELHEIRO, EM CONTRASTE NEGATIVO, PRESO POR DUAS CORDAS. COMEÇA A SUBIR LENTAMENTE. MÚSICA.

E cortaram a cabeça do Conselheiro e trouxeram num caixote de sal no selim de um animal.
Examinando o crânio, na Capital, a ciência disse: *normal!*

O RETRATO FINDA A ASCENÇÃO, ESCURECE. SILÊNCIO.

SURGE UM QUADRO RÚSTICO ESCRITO, O QUADRO É ASSIM:

"E SE ALGUÉM FIZER QUALQUER ACRÉSCIMO ÀS VERDADES CONTIDAS NESTE DRAMA, DEUS LHE ACRESCENTARÁ OS FLAGELOS NELE ESCRITOS; E SE ALGUÉM TIRAR QUALQUER COISA, DEUS TIRARÁ DELE E A SUA PARTE NA ÁRVORE DA VIDA".

PANO



CENA FINAL COM OS ARTISTAS DO CIRCO

A frente do pano, surge Zéca Tibério, com a roupa de Mestre de Cerimônias.

ZÉCA TIBÉRIO — Prezado e seleta público. Aqui se encerra a apresentação do maravilhoso drama "A Guerra de Canudos", que o "Gran Circo Irmãos Tibério" espera tenha sido do vosso inteiro agrado.

Repetimos as desculpas pela apresentação de Vicente, artista que estreou nesta noite, garantindo que, nos próximos espetáculos não cometerá as perdoáveis falhas de hoje.

E agora, nossos artistas distribuirão — gratuitamente — suas fotos ao distinto público.

Muito obrigado e muitíssimo boa noite.

AERE-SE O PANO. MESMO CENÁRIO DA CENA DE MORTE DO CONSELHEIRO. NO PICADEIRO, ESTÁTICOS VICENTE NUM PLANO SUPERIOR, LOGO ABAIXO, PEDRAO, E UM POUCO MAIS ABAIXO AINDA: ZEBEDEU.

ZEBEDEU TEM NAS MÃOS A PLUMA DE ESCREVER E SEU INSTRUMENTO DE TRABALHO COM FOGO.

O CARTÃO DISTRIBUIDO AO PÚBLICO É ASSIM:

— NO LADO DA FRENTE, EM CIMA, OS DIZERES: "RETRATO DO ARTISTA VOUQUES". NO MEIO UM CÍRCULO DE PAPEL PRATEADO DE PROTEGER CIGARROS, QUE REFLITA DEFORMANDO O ROSTO DE QUEM OLHAR. FLECHA INDICATIVA COM OS DIZERES: "ISTO É UM ESPELHO".

NO OUTRO LADO DO CARTÃO, ESTARÃO IMPRESSOS OS DIZERES: "VENDO ELE QUE A ESPADA VEM SOBRE A TERRA DEVE TOCAR A TROMBETA E AVISAR O POVO". EZEQUIEL, 33/4.

A distribuição prossegue, com as portas de saída fechadas, até quase todos os assistentes terem recebido os cartões.

Som violento de trombeta ao fundo do picadeiro, os artistas viram-se, e ficam estáticos.

Vouques, uma das bailarinas (a que fez tia Benta, mulher do povo), Zebedeu e Vicente convidam a trupe e o público para saírem com eles...

Violento conflito entre Zéca Tibério, Mestre de Cerimônias e Ponciano, o domador, contra Vicente, Zebedeu e Vouques. Os dois primeiros são dominados. Zebedeu arranca o chicote das mãos de Zéca Tibério, Ponciano cai vencido. Vouques e a bailarina tiram as roupas de circo estão com roupas simples, atuais bem modestas por baixo... Saem os quatro...

Música — Num dia de cerração.

O resto da trupe continua a distribuir os cartões, alegremente, para o público.

VOZ (Alto falante) — Não percam... não percam... Nosso próximo espetáculo: — "A Morte do Capitão-Mór"... Não percam!

ABREM-SE AS PORTAS PARA O PÚBLICO.

F I M

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo for, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIV. PÚBLICAS

PARECER Nº 277/83-SCDP/BA

ASSUNTO : Ensaio Geral

TÍTULO : "O Evangelho Segundo Zebedeu"

AUTOR : César Vieira

CONTEÚDO:

ENREDO : O espetáculo tem início com a presença e a fala de um apresentador dos artistas que irão trabalhar na peça com o título acima. O cenário faz crer que se trata de um pequeno circo desses que perambulam pelo interior dos Estados. Feito isso, passa-se a desenrolar a peça propriamente dita onde os artistas -atores- representam figuras atuantes na chamada "Guerra de Canudos", onde os jagunços de Antônio Conselheiro foram exterminados pelas forças do Exército, no Arraial de Belo Monte, no sertão da Bahia.

MENSAGEM : Positiva: relembra e expõe de maneira dramática fatos pouco conhecidos das páginas de nossa história.

LINGUAGEM: Poética, épica, de cordel, adequada ao tema da peça.

PÚBLICO ALVO: Adulto.

COMPOSIÇÃO CÊNICA : O cenário é idêntico ao picadeiro de um circo. Iluminação, vestuário, músicas, gestos e expressões corporais condizentes com o tema e de acordo com as praxes censórias.

CONTINUA

CONTINUAÇÃO

PERSPECTIVA CENSÓRIA : A presente peça já foi encenada, no ano passado, em Feira de Santana, possuindo Certificado (18 anos), sendo o texto idêntico ao da peça anterior, acima mencionada.

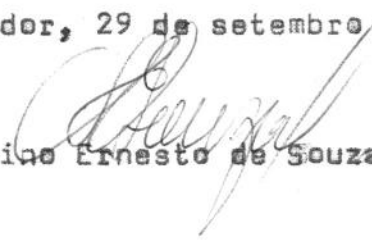
GRAU DE PERSUAÇÃO : Bom; a forma como a peça é apresentada (estilo coral) facilita muito a compreensão do conteúdo e da mensagem da obra.

PARECER : Estando tudo conforme a legislação e as práticas censórias, opinamos pela liberação da presente peça.

CLASSIFICAÇÃO : 18 anos. Por conter fatos e situações com forte teor de violência, revoltas e injustiças sociais, não recomendáveis a menores da faixa acima.

JUSTIFICATIVA : Linguagem livre, crítica social, cenas de violência.

Salvador, 29 de setembro de 1983


Severino Ernesto de Souza-TC.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0340, p. 271

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 056/83

PEÇA "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"

ORIGINAL DE CESAR VIEIRA

APROVADO PELA D.C.D.P.

CLASSIFICAÇÃO

18 ANOS

LINGUAGEM LIVRE

CRÍTICA SOCIAL E

CENAS DE VIOLÊNCIA

VÁLIDO ATÉ 29 de DEZEMBRO de 19 83

Salvador/BA

Brasília, 29 de SETEMBRO de 19 83

[Assinatura]

MARIA HELENA GUERREIRO

Técnica de Censura

Diretor da DCDP



M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU"

Original de CÉSAR VIEIRA

Tradução de • -

Adaptação de • -

Produção de • -

Requerida por ELMO SANTOS FIGUEIREDO

Tendo sido censurada em 29 de SETEMBRO de 19 83 e recebido a seguinte classificação: 18 ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE

CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDA-
MENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/DPF/BA.

Salvador 29 de SETEMBRO de 19 83
 Brasília, _____ de _____ de 19 _____

Amélia M. R. de S. Mascarenhas Pereira
 Chefe do Serviço de Censura

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

ELMO SANTOS FIGUEIREDO

Requerente

BRASILEIRO

Nacionalidade

PROFESSOR

Profissão

Carteira de Identidade

Nº 973.025

S.S.P. B.D.

residente e domiciliado à

LORANDINO - 5º Mº DO PRADO -

Nº e Órgão Expedidor

Lote Quinta do Parque - DPº 1001

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a (s)

TRIP TATRAL

abaixo relacionada (s),

de autoria de:

CÉSAR VIKINA

Espécie

Título (s)

O LUANANDO BRUNO ZEBEDEU

Nestes termos,

Pede deferimento.

Salvador, 02 agosto de 1983

Local e Data

Requerente

Elmo Santos Figueiredo

Anexos:

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: GRUPO NOBEL DE TEATRO CGC: _____
 Sede: RUA LEONIGILDO FIGUEIRAS 45
 CEP: 40200
 Diretor ou Responsável: LEONARDO DE MOTA

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: CESAR VIEIRA
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____
 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
 Estado Civil: _____
 Profissão: _____
 Endereço: _____
 CEP: _____

3 - PARCERIA

Nome: _____
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____
 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
 Estado Civil: _____
 Profissão: _____
 Endereço: _____
 CEP: _____

Nome: _____
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____
 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
 Estado Civil: _____
 Profissão: _____
 Endereço: _____
 CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA:

Salvador, 02 agosto de 1983

Ass.:

João Paulo Augusto



ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMIÇÃO	VALIDADE
457	05 OUTUBRO 1983	05 OUTUBRO 1988

TÍTULO
O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

AUTOR (ES)
CESAR VIEIRA

CLASSIFICAÇÃO
18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE
LINGUAGEM LIVRE/CENAS DE VIOLÊNCIA

Sofange M. F. Hernandez
SOFANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

CERTIFICADO Nº 457

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: ELMO SANTOS FIGUEIREDO

- SALVADOR/BA -

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO /SCRIPT/ DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

BSB , 05 DE OUTUBRO

DE 19 83 .

Nei de Oliveira
NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SC/DCDP
ASSINATURA

06 outubro de 1983

1.810/83-SE/DCDP

BA.

" APARECEU A MARGARIDA ", de Roberto Athayde.

" O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU ", de Cesar Vieira.

Atenciosamente,

Solange M. F. Fernandes
SOLANGE MARI TEIXEIRA HERNANDES

Diretora da DCDP